

BESTSELLER INTERNACIONAL E DO NEW YORK TIMES

«Uma obra-prima do suspense... um prazer único.»

Booklist

POR TRÁS
DOS SEUS
OLHOS

SARAH PINBOROUGH

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER INTERNACIONAL E DO NEW YORK TIMES

«Uma obra-prima do suspense... um prazer único.»

Booklist

POR TRÁS
DOS SEUS
OLHOS

SARAH PINBOROUGH

 EDITORIAL PRESENÇA

S A R A H P I N B O R O U G H

P O R T R Á S
D O S S E U S
O L H O S

Tradução de
Marta Mendonça

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Behind her Eyes*

Autora: *Sarah Pinborough*

Copyright © Sarah Pinborough Ltd., 2017

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Helena Romão/Editorial Presença*

Design da capa: *Claire Ward* © HarperCollins Publishers Ltd 2017

Fotografias: *Olhos* © PlainPicture/Stefanie Link; *Fumo* © Arcangel/Anja Weber
Decker

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, abril, 2018

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Três pessoas conseguem guardar um segredo
se duas delas estiverem mortas.*

BENJAMIN FRANKLIN

Para a Tasha,

As palavras não chegam para o exprimir. A única coisa que posso dizer é obrigada por tudo; as bebidas são por minha conta.

PARTE UM

ANTES

Beliscar-me e dizer ESTOU ACORDADO de hora em hora.

Olhar para as minhas mãos. Contar os dedos.

Olhar para o relógio de parede (ou relógio de pulso), desviar o olhar, voltar a olhar.

Permanecer calmo e concentrado.

Pensar numa porta.

MAIS TARDE

Já era quase manhã quando finalmente ficou resolvido. Uma leve pincelada de cinzento espalhada sobre a tela do céu. Folhas secas e lama colavam-se às suas calças de ganga e o corpo fraco doía-lhe, ao mesmo tempo que a sua transpiração arrefecia no ar frio e húmido. Tinha sido feito algo que não podia ser desfeito. Um ato necessário horrendo. Um fim e um início agora unidos para sempre. Ele esperava que as tonalidades do mundo tivessem mudado para refletir isso mesmo, mas a terra e os céus exibiam os mesmos tons esbatidos, e não se percebia qualquer tremor de raiva por parte das árvores. Nenhum murmúrio choroso por parte do vento. Nenhuma sirene ecoou na distância. O bosque continuava a ser o bosque e a terra continuava a ser a terra. Ele exalou longa e demoradamente, e soube-lhe surpreendentemente bem. Limpo. Uma nova alvorada. Um novo dia.

Caminhou em silêncio em direção ao que restava da casa à distância. Não olhou para trás.

AGORA

ADELE

Ainda tenho lama debaixo das unhas quando o David chega finalmente a casa. Faz-me arder a pele sensível, entranhada bem fundo nas unhas. O meu estômago dá uma volta, torcendo novos nervos ao mesmo tempo que a porta da frente se fecha, e por uns instantes ficamos a entreolhar-nos dos pontos opostos do longo corredor na nossa casa vitoriana nova, uma extensão de madeira impecavelmente encerada entre nós, e depois ele vira-se, cambaleando ligeiramente, em direção à sala de estar. Respiro fundo e vou ter com ele, estremeçando com cada batida dos meus saltos altos nas tábuas do soalho. Não posso ter medo. Preciso de reparar isto. *Precisamos* de reparar isto.

— Fiz o jantar — digo-lhe, tentando não soar demasiado carente. — É só um estrogonofe. Pode ficar para amanhã, caso já tenhas jantado.

Ele está de costas viradas para mim, fitando as nossas estantes que os tipos das mudanças encheram com o conteúdo das caixas. Tento não pensar no quanto tempo estive ausente. Já apanhei os vidros partidos, varri e esfreguei o chão, e tratei do jardim. Todos os vestígios do ataque de fúria anterior foram apagados. Lavei a boca após cada copo de vinho que bebi na sua ausência, pelo que não o perceberá no meu hálito. Não gosta que eu beba. Somente um ou dois copos na companhia de alguém. Nunca sozinha. Mas esta noite não o consegui evitar.

Posso não ter conseguido limpar toda a sujidade por baixo das unhas, mas tomei um duche, pus um vestido azul-pastel com saltos altos a combinar e maquillei-me. Não há vestígios de lágrimas nem de discussão. Quero passar uma esponja sobre o assunto. Este é o nosso reinício. O nosso recomeço. Tem mesmo de ser.

— Não tenho fome. — Ele vira-se para mim nesse instante e percebo uma repugnância silenciosa no seu olhar, pelo que tenho uma vontade súbita de chorar. Sinto que aquele vazio é pior do que a sua fúria. Tudo o que construí com tanto esforço está a desmoronar-se. Não me importa que ele esteja novamente embriagado. Só quero que me ame como dantes. Nem sequer repara no esforço que fiz desde que saiu de casa de rompante. No quão atarefada estive. No meu aspeto físico. No quanto me *esforcei*.

— Vou deitar-me — diz. Nem sequer me olha nos olhos e sei que está a referir-se ao quarto de hóspedes. Decorreram dois dias desde o nosso recomeço e ele não se vai deitar comigo. Sinto as ruturas entre nós aprofundarem-se mais uma vez. Em breve deixaremos de conseguir alcançar-nos um ao outro. Ele passa junto a mim e apetece-me tocar-lhe no braço, mas tenho demasiado receio da sua reação. Parece enojado de mim. Ou talvez esteja a projetar em mim o nojo que sente de si próprio.

— Amo-te — digo-lhe, em surdina. Odeio-me por isso e ele não me responde, em vez disso subindo as escadas com um andar vacilante, como se eu não estivesse presente. O som dos seus passos perde-se na distância e depois uma porta fecha-se.

Após uns segundos a olhar fixamente para o sítio onde ele já não se encontra, ouvindo o meu coração remendado a partir-se, volto para a cozinha e desligo o forno. A comida não aguentará até amanhã. Ficará com o sabor amargo da recordação de hoje. O jantar está arruinado. Nós estamos arruinados. Às vezes interrogo-me se me quererá matar e despachar a coisa de uma vez por todas. Livrar-se do peso que carrega nos ombros. Talvez uma parte de mim o queira matar também.

Sinto-me tentada a beber mais um copo de vinho proibido, mas resisto. Já estou um caco e não suporto a ideia de mais uma discussão. Talvez amanhã de manhã já estejamos novamente bem. Substituirei a garrafa por uma nova e ele jamais saberá que estive a beber.

Fito o jardim lá fora, antes de apagar finalmente as luzes do exterior e encarar o meu reflexo no vidro. Sou uma mulher bonita. Cuido de mim. Porque é que ele não pode continuar a amar-me? Porque é que a nossa vida não tem sido como eu esperava, como eu desejava, depois de tudo o que fiz por ele? Dinheiro não nos falta. Ele tem a carreira com que sempre sonhou. Não fiz outra

coisa exceto tentar ser a esposa perfeita e proporcionar-lhe a vida perfeita. Porque é que ele não pode esquecer o passado?

Permito-me mais uns minutos de autocomiseração, enquanto limpo e puxo o lustro às superfícies de granito, e depois respiro fundo e controlo-me. Preciso de dormir. Mas dormir como deve ser. Vou tomar um comprimido e ficar KO. Amanhã será diferente. Tem mesmo de ser. Irei perdoar-lhe. Faço-o sempre.

Amo o meu marido. Amo-o desde o primeiro momento em que o vi e jamais deixarei de o amar. Jamais desistirei disso. Não posso.

LOUISE

«Sem nomes, está bem? Sem profissões. Sem a entediante conversa de circunstância. Falemos sobre coisas autênticas.»

— Disseste-lhe mesmo isso?

— Sim. Bem, não — respondo-lhe. — Ele é que disse.

Sinto o rosto em brasa. Aquilo soara-me romântico às quatro e meia da tarde, dois dias antes, com o primeiro Negroni ilícito da tarde, mas agora mais parece algo saído de uma comédia romântico-trágica rasca. Mulher de trinta e quatro anos entra num bar e é engatada pelo homem dos seus sonhos, que acaba por se revelar ser o seu novo chefe. Oh, Deus, apetece-me morrer de tão mau que isto é. Que confusão.

— Claro que foi *ele*. — A Sophie dá uma risada e de imediato tenta conter-se. — «Sem a entediante conversa de circunstância.» Como por exemplo, hum, sei lá, o facto de eu ser casado. — Ela apercebe-se da minha expressão. — Desculpa. Eu sei que na verdade não tem graça nenhuma, mas ao mesmo tempo até tem. E também sei que andas destreinada no que diz respeito a homens, mas como é que não percebeste logo com *isso* que ele era casado? Agora essa cena de ser o teu chefe é que é para esquecer. Isso é pura e simplesmente pouca sorte.

— Não tem graça *nenhuma*, não — respondo-lhe, embora esboce um sorriso. — Seja como for, os homens casados são o teu forte, não o meu.

— Lá isso é verdade.

Eu sabia que a Sophie me faria sentir melhor. Divertimo-nos juntas. Rimo-nos muito. Ela é atriz de profissão — embora nunca discutamos o facto de nunca ter representado mais papéis para além de dois cadáveres em televisão — e, não obstante os seus casos amorosos, é casada com um executivo musical desde sempre. Conhecemo-nos nas aulas de NCT (curso de preparação para a parentalidade) e, embora as nossas vidas sejam muito diferentes, simpatizámos uma com a outra. Sete anos depois e

continuamos a beber vinho juntas.

— Mas agora és como eu — diz ela, com um piscar de olhos malandro. — Dormes com homens casados. Até já me sinto menos mal comigo própria.

— Eu *não* dormi com ele. E não sabia que era casado. — Essa última parte não é totalmente verdade. No final da noite já desconfiava. A ânsia com que ele tinha encostado o corpo ao meu quando nos beijámos, as nossas cabeças a rodopiarem do *gin*. A forma súbita como se afastara. O sentimento de culpa no seu olhar. O pedido de desculpa. «Não posso fazer isto.» Todos os sinais estavam lá.

— Muito bem, Branca de Neve. Mas fico contente por quase teres dado uma queca. Quanto tempo é que já passou, afinal?

— *Sinceramente* não quero pensar nisso. Ficar ainda mais deprimida não vai ajudar à situação atual — respondo-lhe, antes de beber mais um trago do meu vinho. Preciso de mais um cigarro. O Adam está enfiado na cama a dormir profundamente e não se irá mexer até ser hora do pequeno-almoço e de ir para a escola. Posso descontraí-lo. Ele não sofre de pesadelos. Não é sonâmbulo. Graças a Deus pelas pequenas bênçãos.

— De qualquer maneira, isto é tudo culpa da Michaela — continuo. — Se ela tivesse cancelado *antes* de eu lá ter chegado, nada disto teria acontecido.

Mas a Sophie até tem a sua razão. Há muito tempo que não namorisco com um homem, quanto mais embebedar-me e beijar um. A vida dela é diferente. Sempre rodeada de gente nova e interessante. Tipos criativos que levam uma vida mais descontraída, que bebem até tarde e vivem como adolescentes. Ser mãe solteira em Londres e ganhar a vida como secretária de um psiquiatra, a tempo parcial, não me proporciona exatamente um vasto leque de oportunidades para arriscar e sair todas as noites na esperança de conhecer seja quem for, quanto mais «O Tal», e não suporto o - *Tinder*, o *Match* ou qualquer um desses *sites*. Já me acostumei a estar sozinha. A pôr tudo isso de parte durante uns tempos. Tempos que estão a transformar-se numa escolha de vida involuntária.

— Isto vai animar-te. — Ela tira um charro do bolso de cima do seu casaco de bombazina vermelho. — Acredita, quando isto bater vais achar graça a tudo. — Apercebe-se da expressão relutante no meu rosto e sorri. — Vá lá, Lou. É uma ocasião especial.

Excedeste-te. Curtiste com o teu chefe casado novo. Isso é de génio. Devia arranjar alguém para escrever esse guião para um filme. E podia fazer de ti.

— Porreiro — respondo-lhe. — O dinheiro vai dar-me jeito quando for despedida. — Não sou capaz de contrariar a Sophie, e também não o quero fazer, pelo que pouco depois estamos sentadas na pequena varanda do meu minúsculo apartamento, com vinho, batatas fritas e cigarros a nossos pés, partilhando um charro de erva e rindo-nos.

Ao contrário da Sophie, que de alguma forma continua meio adolescente, apanhar uma moca não faz parte da minha rotina normal — não há tempo nem dinheiro para isso quando se é mãe solteira —, mas rir é muito melhor do que chorar, pelo que inalo uma golfada do fumo doce e proibido.

— Só tu... — diz ela. — Escondeste-te?

Aceno com a cabeça, sorrindo perante a comicidade da cena vista pelos olhos de outra pessoa.

— Não me ocorreu mais nada. Enfie-me na casa de banho e deixei-me lá ficar. Quando saí, já ele se tinha ido embora. Só começa a trabalhar amanhã. O doutor Sykes estava a fazer-lhe uma visita guiada completa.

— Com a mulher.

— Sim, com a mulher. — Lembro-me do quão bem me pareceram juntos naquele breve e terrível instante em que me apercebi. Um belo casal.

— Quanto tempo é que estiveste na casa de banho?

— Vinte minutos.

— Oh, Lou.

Segue-se uma pausa e depois desatamos a rir, o vinho e a erva a rodopiarem nas nossas cabeças, e durante uns minutos não conseguimos parar.

— Quem me dera ter visto a tua cara — diz a Sophie.

— Pois, mas não estou nada ansiosa para ver a cara *dele* quando vir a minha cara.

A Sophie encolhe os ombros:

— O casado aqui é ele. Ele é que devia ter vergonha. Não tem nada a apontar-te.

Ela absolve-me da minha culpa, mas ainda a sinto agarrada a mim, juntamente com o choque. O soco no estômago quando vi a mulher ao lado dele, antes de me ter ido esconder. A sua bela

esposa. Elegante. Cabelo escuro e pele morena, estilo Angelina Jolie. Com o mesmo tipo de ar misterioso. Exceccionalmente magra. O oposto de mim. A imagem dela está gravada no meu cérebro. Não a estou a ver a entrar em pânico ou a esconder-se *seja de quem for* numa casa de banho. Magoou-me de uma maneira que nunca esperei que magoasse, não depois de uma tarde de bebedeira, e não só pelo facto de a minha autoconfiança estar completamente em baixo.

A questão é que tinha engraçado com ele — engraçado a sério. Não posso contar isso à Sophie. O facto de há muito tempo não conversar daquela maneira com ninguém. A felicidade que sentira por estar a namoriscar com alguém que também estava a namoriscar comigo, e o já quase não me lembrar do fantástico que é a sensação de entusiasmo por algo potencialmente *novo*. A minha vida é, no geral, uma rotina sem fim. Acordo o Adam todas as manhãs e levo-o para a escola. Se for trabalhar e quiser começar cedo, ele toma o pequeno-almoço na escola. Se estiver de folga, talvez perca uma horita a vasculhar lojas de artigos em segunda mão, à procura de peças de roupa de marca que se enquadrem na imagem subtilmente dispendiosa da clínica. Fora isso cozinho, limpo e vou ao supermercado antes de o Adam chegar a casa, e depois é trabalhos de casa, jantar, banho, uma história, cama para ele e vinho e insónias para mim. Quando ele vai passar o fim de semana a casa do pai, sinto-me demasiado cansada para fazer outra coisa senão dormir até tarde e ver programas televisivos da treta. A ideia de que esta poderá ser a minha vida até o Adam ter cerca de quinze anos deixa-me apavorada, pelo que não penso muito nisso. Mas ter conhecido o *tipo-do-bar* fez-me recordar o quão agradável é *sentir* algo. Enquanto mulher. Fez-me sentir cheia de vida. Ainda pus a hipótese de regressar ao bar para ver se ele tinha voltado lá à minha procura. Mas, claro, a vida não é uma comédia romântica. E ele é casado. E eu fui uma idiota. Não estou ressentida, apenas triste. Não posso contar nada disto à Sophie pois ela iria sentir pena de mim e não quero isso, além de que é mais simples ver o lado cómico da situação. E é cómico. Não é como se passasse as noites sentada em casa a lamuriar-me pelo facto de estar solteira, como se uma mulher jamais fosse completa sem um homem. No geral até sou muito feliz. Sou uma adulta. As coisas podiam ser bem piores. Isto foi apenas um erro. Tenho de o assumir.

Sirvo-me de uma mão-cheia de *Doritos* e a Sophie faz o mesmo.

— As curvas são o novo magro — dizemos em uníssono, antes de enfiarmos os salgadinhos na boca e quase nos engasgarmos de tanto rir. Imagino a minha figura escondida dele na casa de banho, cheia de pânico e incredulidade. Tem *realmente* graça. Tudo tem graça. Talvez amanhã de manhã tenha menos graça, quando tiver de confrontar a situação, mas para já posso rir-me. Se não nos rirmos das nossas próprias asneiras, do que é que havemos de rir?

— Porque é que o fazes? — pergunto-lhe mais tarde, quando já esvaziámos a garrafa de vinho e o serão está a chegar ao fim. — Ter amantes, quero eu dizer. Não és feliz com o Jay?

— Claro que sim — responde a Sophie. — Amo-o. Não é como se o fizesse *constantemente*.

Talvez seja verdade. Ela é atriz; às vezes exagera só para ter uma história para contar.

— Mas porquê fazê-lo sequer? — Curiosamente, não é algo sobre o qual tenhamos conversado muito. Ela sabe que não me sinto muito à vontade com o assunto, não por ela o fazer, isso é lá com ela, mas porque conheço e simpatizo com o Jay. Ele é bom para ela. Sem ele, estaria tramada. Por assim dizer.

— O meu apetite sexual é maior do que o dele — responde-me ela, por fim. — Além de que o casamento não tem que ver com sexo. Tem que ver com estar com o nosso melhor amigo. O Jay é o meu melhor amigo. Mas estamos juntos há quinze anos. O desejo tem de ser estimulado. Quer dizer, ainda o fazemos, às vezes, mas já não é como era. E ter um filho muda tudo. Passamos tantos anos a vermo-nos um ao outro como progenitores, em vez de amantes, que é difícil recuperar a paixão.

Recordo o meu próprio casamento de pouca duração. A paixão não morreu. Mas isso não o impediu de se ir embora ao fim de quatro anos para estar com outra pessoa, quando o nosso filho ainda mal tinha feito dois anos. Talvez ela tenha razão. Acho que nunca vi o meu ex-marido, Ian, como o meu melhor amigo.

— Parece-me um pouco triste, é só. — E parece-me, mesmo.

— Isso é porque acreditas no amor verdadeiro e no «felizes para sempre» dos contos de fadas. Mas a vida não é assim.

— Achas que ele alguma vez te traiu? — pergunto-lhe.

— Já teve os seus namoricos — responde ela. — Havia uma

cantora com quem trabalhou há uns anos. Acho que tiveram um caso durante uns tempos. Mas, fosse o que fosse, não nos afetou. De todo.

Ela fá-lo parecer tão aceitável. A única coisa que me vem à cabeça é a dor da traição que senti quando o Ian se foi embora. Como a atitude dele afetou a forma como me via a mim própria. O quão inútil me senti nos primeiros tempos. E feia. O caso amoroso por que ele me deixou também não durou tempo nenhum, mas isso não me fez sentir melhor.

— Não me parece que alguma vez vá compreender — digo eu.

— Toda a gente tem segredos, Lou — diz ela. — Toda a gente tem direito aos seus segredos. É impossível saber-se absolutamente tudo sobre uma pessoa. Darias em doida se tentasses fazê-lo.

Interrogo-me, depois de ela se ter ido embora e enquanto limpo os remanescentes da nossa noitada, se não terá sido o Jay o primeiro a cometer uma traição. Talvez seja esse o segredo da Sophie, intimamente ligado aos seus encontros em quartos de hotel. Talvez o faça para se sentir melhor ou para se vingar sorrateiramente. Quem sabe? Se calhar estou a pensar demasiado no assunto. Pensar demasiado é a minha especialidade. Cada um sabe de si, recordo a mim mesma. Ela parece estar feliz e isso basta-me.

Passam poucos minutos das dez e meia, mas estou exausta, pelo que espreiro o Adam por uns instantes, sentindo-me reconfortada ao vê-lo dormir tranquilamente, enroscado de lado debaixo do seu edredão da *Guerra das Estrelas*, com o Urso Paddington aninhado debaixo de um braço, e depois fecho a porta e deixo-o estar.

Está escuro quando acordo na casa de banho, espedada diante do espelho, e antes mesmo de perceber onde me encontro sinto uma dor lancinante na canela, no sítio onde bati no pequeno cesto de roupa suja no canto. O meu coração bate furiosamente e tenho o cabelo colado por causa da transpiração. Ao mesmo tempo que a realidade se instala à minha volta, o pesadelo noturno quebra-se, deixando apenas fragmentos na minha mente. Mas eu sei do que se tratava. Sempre o mesmo sonho.

Um edifício amplo, estilo hospital ou orfanato antigo.

Abandonado. O Adam está preso algures no interior e eu sei, *tenho a certeza*, que se não o encontrar ele vai morrer. Está a chamar-me, cheio de medo. Algo terrível quer apanhá-lo. Percorro rapidamente os corredores tentando encontrá-lo, e das paredes e tetos as sombras estendem as suas gavinhas, como se fizessem parte de um mal qualquer que habita no edifício, enrolando-as à minha volta, prendendo-me. Apenas se ouve o Adam chorar enquanto tento libertar-me dos fios escuros e pegajosos decididos a afastarem-me dele, a estrangular-me e a arrastar-me para a escuridão infinita. É um sonho horrível. Não me larga, tal como as sombras do próprio pesadelo. Os pormenores podem variar ligeiramente de noite para noite, mas a narrativa é sempre a mesma. Por muitas vezes que o sonhe, jamais me habituarei.

Os pesadelos noturnos não começaram quando o Adam nasceu — sempre os tive, com a diferença de que antes de ele existir eu costumava lutar pela minha própria sobrevivência. Em retrospectiva, era preferível, ainda que não o soubesse na altura. São a minha cruz. Impedem-me de ter uma boa noite de sono, quando ser mãe solteira já me esgota mais do que o suficiente.

Desta vez andei mais do que nas últimas ocasiões. Por norma acordo, desorientada, parada junto à minha cama ou à cama do Adam, muitas vezes a meio de uma frase aterrorizada e sem nexos. Acontece com tanta frequência que ele já nem se incomoda quando o acordo. A sorte é que herdou o sentido prático do pai. Felizmente, de mim herdou o sentido de humor.

Acendo a luz, olho-me no espelho e resmungo. Círculos escuros acentuam a pele sob os meus olhos e sei que a base não os conseguirá disfarçar. Não em plena luz do dia. Que bom. Recordo a mim mesma que não importa o que o *tipo-do-bar*, também conhecido como *oh-porra-é-o-meu-novo-chefe*, pensa de mim. Com sorte, sentir-se-á envergonhado o suficiente para me ignorar o dia todo. Ainda sinto um aperto no estômago, contudo, e a cabeça a martelar de tanto vinho e tantos cigarros. «Aguenta-te à bronca», digo a mim mesma. «Daqui a uns dias tudo terá sido esquecido. Faz o teu trabalho e pronto.»

São só quatro da manhã, pelo que bebo um pouco de água, depois apago a luz e esgueiro-me novamente para a minha cama, na esperança de pelo menos passar pelas brasas até o alarme tocar às seis. Recuso-me a pensar na sensação da boca dele sobre a minha e no quão agradável foi, ainda que breve, aquele fluxo de

desejo. Sentir essa ligação com alguém. Fito a parede e ponho a hipótese de contar carneiros, e entretanto apercebo-me de que sob a camada de nervos que sinto há também um certo entusiasmo por poder voltar a vê-lo. Ranjo os dentes e chamo idiota a mim própria. Não sou esse tipo de mulher.

ADELE

Despeço-me dele com um aceno e um sorriso, quando parte rumo ao seu primeiro dia a sério na clínica, e a idosa da casa do lado observa-nos com um ar de aprovação, ao mesmo tempo que sai de casa para ir passear o cãozinho igualmente frágil. Damos sempre a ideia de sermos um casal perfeito, eu e o David. Isso agrada-me.

Ainda assim, deixo escapar um suspiro de alívio quando fecho a porta e fico com a casa toda para mim, apesar de sentir essa exalação como uma pequena traição. Adoro ter o David aqui comigo, mas ainda não nos encontramos propriamente no terreno neutro que estabelecemos para nós mesmos e o ambiente está carregado de tudo o que ficou por dizer. Felizmente, a casa nova é grande o suficiente para ele se esconder no seu escritório e fingirmos que está tudo bem, enquanto nos movimentamos cautelosamente à volta um do outro.

No entanto, sinto-me *realmente* um pouco melhor do que no dia em que ele chegou a casa bêbedo. Não conversámos sobre o assunto na manhã seguinte; é claro, conversar não é algo que façamos nos dias que correm. Em vez disso, deixei-o entretido com os seus papéis e fui inscrever-nos a ambos no ginásio local, que é dispendioso que baste, e depois dei uma volta pela nossa nova vizinhança chique, interiorizando tudo. Gosto de saber onde fica tudo. De poder *ver* as coisas. Faz-me sentir mais à vontade. Ajuda-me a descontraír.

Caminhei durante quase duas horas, memorizando lojas, bares e restaurantes até ficarem devidamente armazenados na minha cabeça, para poder invocar as imagens sempre que quiser, e depois comprei um pouco de pão na padaria local, assim como azeitonas, fiambre fatiado, húmus e tomates secos na charcutaria — tudo artigos incrivelmente caros que me acabaram com o dinheiro para o governo da casa — e preparei um almoço estilo piquenique interior, apesar de estar calor suficiente para nos

sentarmos lá fora. Não me parece que tão depressa ele queira ir ao jardim.

Ontem fomos à clínica e usei o meu charme para cativar o sócio principal, o Dr. Sykes, assim como os outros médicos e enfermeiras que conhecemos. As pessoas reagem à beleza. Pode soar presunçoso, mas é verdade. Em tempos o David disse-me que os jurados tendem a acreditar mais em pessoas bonitas sentadas no banco dos réus do que em pessoas de aspeto normal ou feias. É tudo uma questão de sorte fisionómica, mas aprendi que isso possui a sua magia. Nem sequer é preciso dizer muita coisa, basta ouvir e sorrir, e as pessoas desfazem-se em amabilidades para connosco. Tenho desfrutado do facto de ser bonita. Se dissesse o contrário estaria a mentir. Esforço-me muito para me manter bonita aos olhos do David. Tudo o que faço é para ele.

Segundo me pareceu, o gabinete novo do David é o segundo maior do edifício, do tipo que eu esperaria que tivesse se alguma vez aceitasse um cargo em Harley Street. A alcatifa é bege e sumptuosa, a secretária imensa é convenientemente ostentosa e no exterior há uma luxuosa zona de receção. A mulher loura e atraente — para quem gosta desse tipo — sentada atrás *dessa* secretária afastou-se rapidamente antes de haver oportunidade para sermos formalmente apresentadas, o que me irritou — mas o Dr. Sykes mal se apercebeu, enquanto falava para mim e corava sempre que me ria das suas péssimas meias piadas. Acho que me saí muito bem, tendo em conta o quanto me doía o coração. O David também deve ter ficado satisfeito, pois ficou ligeiramente mais simpático depois disso.

Esta noite vamos jantar a casa do Dr. Sykes, uma espécie de boas-vindas informal. Já escolhi o vestido que vou usar e sei como é que vou arranjar o cabelo. Tenciono fazer com que o David se sinta orgulhoso de mim. Posso fazer o papel da boa esposa. A mulher do novo sócio. Não obstante as minhas preocupações atuais. É a primeira vez que me sinto mais calma desde que nos mudámos para cá.

Ergo o olhar para o relógio cujo tiquetaque trespassa o silêncio imenso na casa. Ainda são só 8h00. Ele deve estar a chegar ao consultório neste preciso instante. Só fará o seu primeiro telefonema para casa por volta das 11h30. Tenho tempo. Subo ao nosso quarto e deito-me em cima da colcha. Não tenciono dormir. Mas fecho os olhos. Penso na clínica. No gabinete do David.

Naquela sumptuosa alcatifa bebe. No mogno polido da sua secretária. No pequeno risco visível numa das esquinas. Nos dois sofás pequenos. Os assentos firmes. Os pormenores. Respiro fundo.

LOUISE

— Estás muito bonita hoje — diz a Sue, quase em jeito de estranheza, enquanto dispo o casaco e o penduro na sala dos funcionários. O Adam disse a mesma coisa — e no mesmo tom de voz —, o seu pequeno rosto ligeiramente estupefacto com a minha blusa de seda, acabada de comprar na loja de artigos em segunda mão, e o meu cabelo esticado, ao mesmo tempo que eu lhe enfiava uma torrada na mão antes de sairmos para a escola esta manhã. Oh, meu Deus, é por de mais evidente que fiz um esforço, sei-o bem. Mas não foi *por* ele. Quando muito, foi *contra* ele. Uma pintura de guerra. Algo por trás do qual me esconder. Além disso, não consegui voltar a adormecer e precisei de algo com que me entreter.

Por norma, em manhãs como esta, deixo o Adam a tomar o pequeno-almoço na escola e sou a primeira a chegar à clínica, tendo o café pronto antes de todos chegarem. Mas hoje foi, como seria de esperar, um dos dias em que o Adam acordou rabugento e a lamuriar-se por tudo e por nada, entretanto não conseguia encontrar o seu sapato esquerdo, e depois, embora já estivesse mais do que pronta, foi um frenesim enervante para conseguirmos chegar ao portão da escola a tempo e horas.

As palmas das minhas mãos estão transpiradas e sinto-me ligeiramente nauseada, ao mesmo tempo que sorrio. Também fumei três cigarros no caminho entre a escola e a clínica. Por norma tento não fumar antes do intervalo para café. Bem, por norma, digo eu. Na minha cabeça não fumo antes do intervalo para café, quando na realidade já fumei um no caminho para o trabalho.

— Obrigada. O Adam vai passar o fim de semana com o pai, por isso talvez vá tomar um copo depois do trabalho. — Talvez *precise* de um copo depois do trabalho. Faço uma nota mental para enviar uma mensagem à Sophie a convidá-la a encontrar-se comigo. É claro que o fará. Deve estar ansiosa para saber como é que esta comédia de enganos se desenrolará. Tento parecer

descontraída, mas a minha voz soa-me estranha. Tenho de me controlar. Estou a ser parva. Vai ser muito pior para ele do que para mim. A casada aqui não sou eu. As frases de incentivo podem ser verdadeiras, mas em nada alteram o facto de eu *não* ter o hábito de fazer este tipo de coisa. Isto não é normal para mim, como possivelmente será para a Sophie, pelo que me sinto absolutamente agoniada. Toda eu sou um sem-fim de emoções nervosas e não me consigo decidir por uma só. Posso não ter culpa da situação, mas sinto-me reles e estúpida e culpada e zangada. O primeiro instante de potencial romance que tenho no que me parece ser uma eternidade e afinal de contas foi um engano. E, não obstante tudo isso, e a recordação da linda esposa dele, sinto também um certo entusiasmo perante a ideia de o voltar a ver. Pareço uma adolescente nervosa desmiolada.

— Eles vão estar em reunião até às 10h30, pelo menos foi o que me disse a Elaine lá de cima — diz ela. — Podemos estar descansadas. — Ela abre a sua mala. — Não me esqueci de que era a minha vez. — Retira dois sacos de papel gordurosos. — Sandes de *bacon* de sexta-feira.

Sinto-me tão aliviada por ter um intervalo de duas horas que aceito a minha de bom grado, apesar de ser uma indicação do quão monótona é a minha rotina de vida, a ponto de este pequeno-almoço de sexta-feira ser o ponto alto da minha semana. Seja como for, trata-se de *bacon*. Há partes da rotina menos desmoralizantes do que outras. Dou-lhe uma valente dentada, saboreando o pão quente amanteigado e a carne salgada. Sou uma dessas pessoas que come quando está enervada. Aliás, eu como qualquer que seja o meu estado de espírito. Como porque estou nervosa, porque é reconfortante, porque gosto de comer. Vai tudo dar ao mesmo. As outras pessoas divorciam-se e perdem seis quilos. Comigo aconteceu precisamente o oposto.

O nosso trabalho só começa oficialmente daqui a vinte minutos, pelo que nos sentamos à pequena mesa com canecas de chá e a Sue fala-me sobre a artrite do marido e sobre o casal homossexual da casa ao lado, que parece estar sempre a fazer sexo, e eu sorrio e mal presto atenção, tentando não saltar do lugar sempre que vislumbro a sombra de alguém surgir no outro lado do corredor.

Não vejo o *ketchup* cair até ser tarde demais e já ter uma nódoa vermelho-vivo na minha blusa bege, mesmo em cheio no

peito. A Sue entra em ação de imediato, limpando-me com lenços de papel e depois com um pano húmido, mas a única coisa que consegue fazer é tornar uma grande parte do tecido transparente e ainda ser visível uma mancha vermelho-pálido. O meu rosto está ruborizado e a seda cola-se-me às costas. Isto é o prenúncio do resto do meu dia. Tenho quase a certeza.

Esboçando um sorriso, desvalorizo o resultado dos seus esforços bem-intencionados para me limpar e vou à casa de banho tentar pôr a minha blusa debaixo do secador de mãos. Não fica totalmente seca, mas pelo menos a renda do meu sutiã — ligeiramente acinzentado por causa das lavagens — já não é visível. Pequenas bênçãos.

Sou obrigada a rir-me de mim mesma. Mas que ideia é a minha? Não sou capaz de fazer isto. Estou mais à vontade a discutir o enredo de *Rescue Bots* ou de *Henrique, o Terrível* com o Adam do que a tentar fazer-me passar por uma mulher moderna e sofisticada. Já tenho os pés a latejar por causa dos saltos de cinco centímetros. Sempre pensei que fosse uma questão de hábito, a capacidade de caminhar de saltos altos na perfeição e de andar sempre impecavelmente vestida. Afinal de contas — pelo menos no meu caso —, tinha havido uma pequena fase dessas durante os anos de idas a discotecas nos meus vinte anos, mas agora é essencialmente calças de ganga, camisolas de lã, ténis *All Star* e um rabo de cavalo, e como acessório uma inveja imensa por quem ainda se dá ao trabalho de fazer um esforço. Uma inveja imensa por quem tem *motivo* para fazer um esforço.

«Aposto que ela usa saltos altos», penso, enquanto endireito a minha roupa. Sou mesmo parva por não ter optado por calças e sapatos rasos.

Os telefones estão muito silenciosos esta manhã, pelo que me abstraio do tiquetaque do relógio que avança firmemente em direção às 10h30 destacando no sistema as pastas correspondentes às consultas de segunda-feira e fazendo uma lista das consultas existentes para o resto da semana. Para algumas — os casos mais complexos — ele já tem cópias dos apontamentos, mas quero ser vista como uma pessoa eficiente, por isso certifico-me de que recebe a lista completa. Em seguida, imprimo os vários *e-mails* que penso serem relevantes ou importantes ou estarem esquecidos pela direção, e depois imprimo também, e plastifico, uma lista de contactos do hospital, da Polícia e de várias outras

organizações de que ele talvez possa precisar. É um processo curiosamente relaxante. O *tipo-do-bar* começa a desaparecer da minha mente e a dar lugar ao *meu-chefe*, ainda que o seu rosto esteja a misturar-se de uma forma algo alarmante com o do velho Dr. Cadigan, que ele veio substituir.

Às 10h00 deixo as folhas impressas em cima da secretária dele e ligo a máquina de café do canto, para que haja café fresco à sua espera. Certifico-me de que o pessoal da limpeza pôs leite fresco no pequeno frigorífico escondido num armário, estilo minibar de um hotel, e que há açúcar no pote. Depois disso não consigo evitar olhar para as molduras prateadas em cima da sua secretária. Há três. Duas fotografias só da sua esposa e uma fotografia antiga com os dois. Essa última capta a minha atenção e pego nela. Ele parece tão diferente. Tão novo. Não deve ter mais do que vinte e poucos anos, no máximo. Estão sentados a uma enorme mesa de cozinha, abraçados um ao outro e a rirem-se de algo. Parecem tão felizes, ambos tão jovens e descontraídos. Os olhos dele estão fixos nos dela, como se ela fosse a coisa mais importante do mundo. O cabelo dela é comprido, mas não está preso num puxo como nas outras fotografias e mesmo vestida de calças de ganga e *T-shirt* ela consegue ser naturalmente bela. Sinto um nó no estômago. Aposto que ela nunca deixaria cair *ketchup* na blusa.

— Bom dia?

Apanho um susto tão grande quando ouço o leve sotaque escocês que quase deixo cair a moldura e vejo-me aflita para a conseguir pousar direita em cima da secretária, quase batendo na pilha ordenada de papéis e atirando-a ao chão. Ele está parado na entrada e de repente sinto vontade de vomitar o pão com *bacon*. Oh, meu Deus, já me tinha esquecido do quão bem-parecido ele é. O cabelo quase louro com um brilho que eu dava tudo para ter no meu. Comprido o suficiente à frente para ser possível passar os dedos por ele, mas ainda assim com um corte elegante. Uns olhos azuis que nos trespassam. Uma pele que dá vontade de acariciar. Engulo em seco. Ele é um desses homens. Um homem de cortar a respiração. O meu rosto está em brasa.

— A sua reunião era para terminar às 10h30 — digo eu, desejando que um buraco se abrisse na alcatifa e me sugasse para o inferno da vergonha. Estou no gabinete dele a olhar para as fotografias da mulher, como uma perseguidora. Meu Deus.

— Meu Deus — exclama ele, tirando-me as palavras da boca.

O seu rosto fica muito pálido e ele arregala os olhos. Parece chocado, surpreendido e aterrorizado, tudo ao mesmo tempo. — És tu.

— Ouve — respondo-lhe —, aquilo não foi nada, estávamos bêbedos e deixámo-nos levar pelo momento, foi só um beijo, acredita que não tenciono contar a ninguém, e acho que se ambos fizermos um esforço para esquecer o que aconteceu não há razão para não nos entendermos, e nunca ninguém saberá... — As palavras saem-me num chorrilho impercetível, sem que as consiga travar. Sinto a transpiração presa sob a minha base, ao mesmo tempo que me sinto corar e sobreaquecer.

— Mas — a expressão dele exhibe um misto de confusão e receio, enquanto se apressa a fechar a porta atrás de si, o que é perfeitamente normal — o que é que fazes aqui?

— Ah. — Tanto paleio e esqueci-me de dizer o óbvio. — Sou a tua secretária e rececionista. Três dias por semana, pelo menos. Terças, quintas e sextas. Estava a deixar umas coisas em cima da tua secretária e vi... — Aceno com a cabeça na direção das molduras. — Eu, bem... — A frase perde-se no éter. Não é como se pudesse dizer «estava aqui a admirar-te a ti e à tua linda mulher, como se fosse uma maluquinha».

— És a minha secretária? — Ele parece ter acabado de levar um murro no estômago. — *Tu?* — Talvez não no estômago. Talvez um pouco mais abaixo. Sinto uma certa pena dele.

— Pois. — Encolho os ombros e esboço uma careta cómica, que de certeza tem um ar medonho. — Há com cada coincidência, não é?

— Mas estava cá outra mulher quando vim falar com o doutor Cadigan, no mês passado. Não eras tu.

— Mais velha, com um ar ligeiramente empertigado? Essa era a Maria. Ela vem nos outros dois dias. Está parcialmente reformada, mas trabalha cá desde sempre e o doutor Sykes adora-a.

Ele não avançou muito mais do sítio onde se encontrava. Está claramente a ter uma certa dificuldade em interiorizar a situação.

— Sou *mesmo* tua secretária — digo-lhe, falando devagar. Com calma. — Não sou nenhuma perseguidora. Acredita que isto também não é propriamente fantástico para mim. Vi-te ontem quando apareceste cá. Por breves instantes. Depois escondi-me.

— Escondeste-te... — Ele faz uma pausa. O momento parece não ter fim, enquanto ele processa tudo na sua mente.

— Sim — respondo, antes de acrescentar, para meu embaraço —, na casa de banho. — Segue-se uma longa pausa depois disso.

— Para ser sincero — diz ele, por fim —, se calhar eu teria feito o mesmo.

— Não me parece que os dois escondidos na casa de banho fosse ajudar muito à festa.

Ele ri-se, um som breve e inesperado.

— Não, também não me parece. Tu és engraçada. Lembro-me disso. — Acerca-se da sua secretária e baixa o olhar para tudo o que deixei em cima da mesma, e eu recuo num gesto automático.

— Bem, essa folha de cima é uma lista das fichas que tens de analisar para segunda-feira. Há café em...

— Peço imenso desculpa — diz ele, erguendo os seus maravilhosos olhos azuis. — Deves achar que sou um sacana. Eu próprio acho que sou um sacana. Não tenho o hábito de... bem, não estava lá à *procura* de nada e não devia ter feito o que fiz. Sinto-me pessimamente. É difícil de explicar. Não costumo fazer este tipo de coisa, a sério que não, o meu comportamento foi imperdoável.

— Estávamos bêbedos, foi isso. Não fizeste nada de mal. A sério.

«Não posso fazer isto.» Recordo a vergonha na sua voz quando se afastou de mim e desceu a rua desfazendo-se em desculpas. Talvez por essa razão não consiga pensar mal dele. Afinal de contas, foi só um beijo. Só no meu cérebro parvo é que foi mais do que isso.

— Tu paraste e isso conta para alguma coisa. Não é importante. A sério. Vamos esquecer o assunto. A começar a partir de hoje. Também não quero continuar a sentir-me pouco à vontade.

— Escondeste-te na casa de banho. — Os seus olhos azuis são penetrantes e vivazes.

— Sim e uma forma de parar de me fazer sentir pouco à vontade é nunca mais voltares a referir isso. — Sorrio. Continuo a engraçar com ele. Cometeu um erro parvo no calor do momento. Podia ter sido pior. Podia ter ido comigo para casa. Penso nisso por breves instantes. Teria sido fantástico a curto prazo, mas sem dúvida terrível a longo prazo.

— Muito bem. Amigos, então — diz-me ele.

— Amigos, então. — Não damos um aperto de mão. É

demasiado cedo para qualquer tipo de contacto físico. — Sou a Louise.

— David. Prazer em conhecer-te. Agora como deve ser. — Segue-se mais um instante de embaraço e depois ele esfrega as mãos e torna a olhar para a secretária. — Parece que me queres manter ocupado. Por acaso és residente local?

— Sim. Bem, moro aqui há mais de dez anos, se isso conta como ser residente local.

— Achas que me podes falar sobre esta zona? Problemas e pontos nevralgicos? Divisões sociais, esse tipo de coisa. Queria dar um passeio de carro pela área, mas vai ter de ficar para outra altura. Tenho mais uma reunião esta tarde, com alguém do hospital, e um jantar com os outros sócios da clínica logo à noite.

— Posso dar-te um plano geral, sim — respondo-lhe. — Do ponto de vista de uma leiga, por assim dizer.

— Ótimo. É mesmo isso que eu quero. Estou a pensar fazer trabalho voluntário nalguns fins de semana, pelo que seria bom ter a perspetiva de um residente local sobre possíveis causas de dependências específicas desta zona. É a minha especialização.

Sou apanhada de surpresa. Não conheço mais nenhum médico na clínica que faça trabalho voluntário. Esta é uma clínica privada dispendiosa. Quaisquer que sejam os problemas dos nossos pacientes, a verdade é que não costumam ser vítimas de desfavorecimento social e os sócios são todos peritos nas suas áreas de trabalho. Atendem pacientes a quem foram recomendados, claro, mas não saem para a comunidade com o intuito de trabalharem à borla.

— Bem, isto é o norte de Londres, pelo que no geral é uma zona maioritariamente de classe média — respondo-lhe. — Mas a sul do sítio onde moro há uma grande zona de habitações sociais. Lá têm vários problemas. Desemprego entre a população mais jovem. Drogas. Esse tipo de coisas.

Ele enfia a mão por baixo da secretária e retira a sua pasta, abrindo-a e sacando de um mapa local.

— Vai buscar o café enquanto eu arranjo espaço para isto. Podemos assinalar os sítios que preciso de visitar.

Conversamos durante quase uma hora, enquanto lhe assinalo as escolas e os centros de saúde, os *pubs* mais problemáticos e a passagem inferior onde já ocorreram três esfaqueamentos num só ano e onde ninguém deixa os filhos passar por ser o local onde os

drogados compram droga e se injetam. Surpreende-me o quanto sei sobre o sítio onde moro e surpreende-me o quanto da minha vida sai cá para fora enquanto lhe explico tudo. Quando por fim ele olha para o relógio e me interrompe já sabe não só que sou divorciada como também que tenho o Adam e onde é que ele anda na escola, e que a minha amiga Sophie mora numa das zonas residenciais mesmo ao virar da esquina da melhor escola secundária. Ainda estou a falar quando ele olha para o relógio e fica ligeiramente tenso.

— Peço desculpa, vamos ter de ficar por aqui — diz ele. — Mas foi muito interessante. — O mapa está coberto de marcas de esferográfica e ele fez alguns apontamentos numa folha de papel. A sua caligrafia é pavorosa. Verdadeiros gatafunhos de um médico.

— Bem, espero que seja útil. — Pego na minha caneca e afasto-me. Não me tinha apercebido do quão fisicamente próximos estávamos um do outro. O embaraço torna a instalar-se.

— Está ótimo. Obrigado. — Ele torna a olhar de relance para o relógio. — Só que tenho de ligar à minha... — Ele hesita. — Tenho de ligar para casa.

— Podes dizer a palavra «mulher», sabes. — Sorrio-lhe. — Não é como se eu fosse entrar em combustão espontânea.

— Peço desculpa. — Ele está mais embaraçado do que eu. E faz todo o sentido que assim seja. — E obrigado. Por não achares que sou um merdas. Ou pelo menos por não mostrares que achas que sou um merdas.

— Não tens de quê — respondo-lhe.

— Achas que sou um merdas?

Sorrio.

— Se precisares de mim, estarei no meu posto de trabalho.

— Estava mesmo a pedi-las, não estava?

«Por acaso», penso, enquanto regresso à minha secretária e espero que o rubor do meu rosto esmoreça «podia ter sido muito pior.» Além de que só volto ao trabalho na terça-feira. Por essa altura já tudo terá normalizado, o nosso pequeno instante varrido para debaixo do tapete da vida. Faço um acordo com a minha mente para não pensar mais no assunto. Vai ser um fim de semana inteiramente dedicado a *mim*. Vou dormir até tarde. Comer piza e gelado barato, e talvez ver uma série completa de algo na Netflix.

Para a semana é a última semana de escola e depois começam as longas férias de verão, e os meus dias serão passados essencialmente em entediantes encontros de miúdos, a gastar o meu salário para pagar a minha parte das despesas do meu filho e a tentar encontrar novas formas de ocupar o Adam sem ser dar-lhe um *iPod* ou um telemóvel para as mãos, para ele ficar a jogar por tempo indefinido, e sentir-me uma má mãe enquanto ando a tratar do resto das coisas. Pelo menos o Adam é bom miúdo. Faz-me rir todos os dias e mesmo com as suas birras amo-o tanto que até dói no coração.

«O Adam é o único homem da minha vida», penso, erguendo o olhar para a porta do gabinete do David e interrogando-me futilmente sobre que coisas amorosas estará ele a sussurrar à esposa, «não preciso de mais nenhum.»

ANTES

O edifício, em muitos aspetos, lembra a Adele a sua casa. Ou pelo menos a sua casa como ela era *antes*. O modo como se assemelha a uma ilha no meio do oceano de terreno em redor deles. Interroga-se se algum deles terá pensado nisso — os médicos, os advogados dos seus falecidos pais, até mesmo o David — antes de a mandarem para aqui durante um mês, para esta casa longínqua no meio das Terras Altas. Algum deles terá parado para pensar no quanto a faria recordar o lar que ela tinha perdido?

Trata-se de uma casa antiga, ela não tem a certeza do quão antiga, mas foi construída nesse tijolo escocês cinzento muito resistente que desafia todas as tentativas do tempo para o desgastar. Alguém deve tê-la doado à fundação Westland ou talvez pertença a alguém da direção ou algo do género. Ela não perguntou e também não quer saber. Duvida que alguma vez lá tenha morado uma família. Devem ter acabado por utilizar somente algumas divisões, como a sua família fez com a casa deles. Grandes sonhos, vidas pequenas. Ninguém precisa de uma casa enorme. E enche-se com o quê? Uma casa precisa de estar cheia de amor e algumas casas — incluindo a sua própria, como era antes — não possuem calor suficiente no seu amor para as aquecer. Um centro terapêutico pelo menos dava um propósito a estas divisões. Ela afasta as recordações de infância de correr livremente pelos corredores e escadarias, de brincar às escondidas e de se rir descontroladamente, uma criança meio esquecida. É preferível pensar que a sua casa era apenas grande demais. É preferível pensar em verdades imaginadas do que nas recordações reais.

Já se passaram três semanas e ela continua meio atordoada. Todos lhe dizem que precisa de fazer o luto. Mas não é por essa razão que está aqui. Ela precisa de dormir. *Recusa-se* a dormir. Antes de ter sido enviada para cá andou a arrastar-se dias e noites movida a café, *Red Bull* e todos os estimulantes que encontrou para

evitar dormir. Disseram-lhe que não estava a «comportar-se com normalidade» para quem tinha acabado de perder os pais. Não dormir era o menor dos seus males. Ela continua a interrogar-se como é que eles podem ter tanta certeza de qual o «comportamento normal» em situações como esta. O que é que faz deles peritos na matéria? Mas, ainda assim, querem que durma. Mas como é que ela lhes pode explicar?

Dormir é a libertação que se virou contra ela, uma cobra na noite.

Ela está aqui para o seu próprio bem, ao que parece, mas ainda assim sente-o como uma traição. Só veio porque o David assim quis. Detesta vê-lo preocupado e deve-lhe este mês, no mínimo, depois do que ele fez por ela. O seu herói.

Ela não fez qualquer esforço para se integrar, apesar de garantir a David e aos advogados que está a tentar. Utiliza as salas de atividades e fala — ou essencialmente ouve — com os orientadores, embora não esteja muito convencida em relação ao profissionalismo deles. Parece-lhe tudo demasiado *hippie* para o seu gosto. Tudo muito à base de «beijinhos e abraços», como teria dito o seu pai. Ele não tinha gostado dessas coisas na primeira vez que ela fizera terapia, tantos anos antes, pelo que agora ela sente que se alinhar nisso estará a desiludi-lo. Preferia ter ido para um hospital a sério, mas os seus solicitadores tinham achado má ideia e o David também. Westlands pode ser visto como um «retiro», ao passo que enviá-la para uma instituição poderia prejudicar os negócios do pai. Pelo que ela aqui está, quer o seu pai tivesse aprovado quer não.

A seguir ao pequeno-almoço, a maioria dos residentes, ou pacientes ou seja lá o que for, vai fazer uma caminhada. Está um belo dia para isso, nem demasiado quente nem demasiado frio, o céu está limpo e o ar é fresco, e por uns instantes ela sente-se tentada a alinhar, seguindo sozinha atrás deles, mas depois vê os rostos entusiasmados do grupo reunido nos degraus da frente e muda de ideias. Não merece estar feliz. Em que é que deu toda a sua felicidade? Além do mais, tanto exercício iria cansá-la e ela não quer dormir mais do que já é obrigada. O sono já lhe surge com demasiada facilidade.

Fica à espera para ver a expressão desiludida do líder de rabo de cavalo do grupo, o Mark «Aqui tratamo-nos todos pelo nome próprio, Adele», ao mesmo tempo que abana a cabeça e os deixa

entregues à atividade deles, dando meia-volta e caminhando em direção às traseiras da casa, o local onde se situa o lago.

Já percorreu meio circuito de um passeio lento quando o avista, a uns seis metros de distância. Está sentado debaixo de uma árvore, a fazer uma corrente de margaridas. Ela sorri instintivamente perante a estranheza da visão, aquele adolescente desengonçado vestido com uma *T-shirt* à totó e calças de ganga, o cabelo escuro pendendo-lhe sobre o rosto, muito concentrado a fazer algo que só vemos meninas pequenas fazerem, e depois sente-se mal por ter sorrido. Ela nunca devia sorrir. Por uns instantes hesita e pensa em voltar para trás por outro caminho, mas depois ele ergue o olhar e vê-a. Após uma pausa, ele acena-lhe. Ela não tem outro remédio senão ir ter com ele e também não se importa. Ele é o único aqui que lhe interessa. Já o ouviu a meio da noite. Os gritos e as palavras delirantes que basicamente não fazem qualquer sentido. A fazer barulho indo contra as coisas. O corrupio das enfermeiras para o levarem novamente para a cama. Tudo isso lhe é familiar. Ela lembra-se bem. Terrores noturnos.

— Não te apeteceu ir dar abraçinhos em grupo na charneca? — diz ela.

O rosto dele é uma amálgama de ângulos, como se ele ainda se estivesse a desenvolver, mas tem uma idade próxima da sua, talvez um ano mais velho, dezoito ou isso, embora ainda use um aparelho, qual linha férrea, nos dentes.

— Não. E pelos vistos também não é a tua cena, certo? — As suas palavras são acompanhadas de um ligeiro ceceio húmido.

Ela abana a cabeça, num gesto desajeitado. Ainda não iniciou uma conversa com ninguém, só para não estar calada, desde que chegou.

— Não te censuro. Também não quereria estar muito perto do Mark. O rabo de cavalo dele deve estar cheio de piolhos. Na semana passada usou a mesma camisa três dias seguidos. Não é um homem muito dado à higiene.

Ela então sorri e permite que o sorriso permaneça no seu rosto. Não tencionava demorar-se, mas dá por si a sentar-se.

— És a rapariga que pinta incêndios — diz ele. — Já te vi na sala de Arte. — Ele olha para ela e ela pensa que os olhos dele são mais azuis do que os de David, mas talvez seja porque a pele dele é muito pálida e o cabelo é quase preto. Ele prende mais uma margarida na corrente. — Tenho andado a pensar nisso. Se calhar

devias pintar água. Talvez seja mais terapêutico. Podias dizer-lhes que as pinturas do fogo representam a tua dor e o que aconteceu, e que as pinturas da água és tu a deitar tudo cá para fora. A permitir que a água tudo leve. — Ele fala muito depressa. O seu cérebro deve ser muito rápido a pensar. O dela parece melaço.

— Por que razão haveria de fazer isso? — pergunta-lhe ela. Não consegue imaginar-se a deixar que a água tudo leve.

— Para eles pararem de te chatear para te *abrires*. — Ele sorri e pisca-lhe o olho. — Dá-lhes algo e deixar-te-ão em paz.

— Pareces um especialista a falar.

— Já estive em sítios como este antes. Toma, estica o braço.

Ela obedece e ele enfia-lhe a pulseira de margaridas no pulso. Não pesa nada, ao contrário do relógio pesado do David que ela usa no outro pulso. É um pequeno gesto e por um breve segundo ela esquece toda a culpa e medo.

— Obrigada.

Ficam sentados em silêncio durante uns minutos.

— Li sobre ti no jornal — diz ele. — Lamento o que aconteceu aos teus pais.

— Eu também — responde ela e depois apetece-lhe mudar de assunto. — Tu és o rapaz dos terrores noturnos que é sonâmbulo.

Ele dá uma risada:

— Sim. Desculpa lá. Sei que estou sempre a acordar toda a gente.

— É uma coisa recente? — pergunta-lhe ela. Interroga-se se ele será como ela. Gostava de conhecer alguém como ela. Alguém que compreendesse.

— Não, sempre o fiz. Desde que me lembro. Mas não é por isso que estou aqui. — Ele arregaça a manga. Marcas ténues. — Maus hábitos.

Ele deita-se para trás na relva apoiado nos cotovelos, as pernas esticadas à sua frente, e ela faz o mesmo. Sente o sol quente na pele e pela primeira vez isso não a faz pensar em chamuscas.

— Eles acham que as drogas e o meu sono esquisito estão - associados — diz ele. — Estão sempre a perguntar-me sobre os meus sonhos. Que tédio. Vou começar a inventar coisas.

— Um sonho sexual pervertido com o Mark — responde ela. — Talvez com aquela mulher gorda da cantina, a que nunca sorri. — Ele dá uma gargalhada e ela imita-o, e sabe-lhe bem estar

a falar *normalmente* com alguém. Alguém que não esteja a tentar decifrá-la.

— Dizem que não queres dormir — diz ele, olhando-a com os olhos semicerrados. — Porque estavas a dormir quando aconteceu e não acordaste. — O seu tom de voz é leve. Mais parece que estão a conversar sobre outra coisa qualquer. Programas de televisão. Música. Não sobre o incêndio que matou os pais dela. O incêndio que imprimiu finalmente algum calor na casa deles.

— Pensava que eles não estavam autorizados a discutir os pacientes. — Ela contempla a água resplandecente. É lindíssima. Hipnotizante. Fá-la sentir-se ensonada. — Eles não compreendem — diz ela.

Ele torna a dar uma risada, um breve resfolegar:

— Não me surpreende. Parecem-me burros que nem portas; a mesma narrativa aplicada a tudo. Mas o que é que eles não compreendem desta vez?

Um pássaro plana sobre a água, o bico esguio cortando a superfície. Ela interroga-se sobre o que ele tanto quer apanhar.

— O sono funciona de maneira diferente no meu caso — responde, por fim.

— Como assim?

Ela senta-se nesse instante e olha para ele. Sente que gosta dele. Talvez haja uma forma diferente de lidar com esta treita toda. Uma forma que o ajudará a ele também. Ela não o diz, mas também não é a primeira vez que está num sítio como este. As questões do sono obrigam-na a regressar constantemente à terapia. Primeiro foi o sonambulismo e os terrores noturnos aos oito anos, e agora é o facto de não querer dormir de todo.

O sono, sempre o sono. Sono falso, sono a sério. A aparência do sono.

E no centro de tudo está a coisa que ela jamais poderá contar-lhes. Trancá-la-iam para todo o sempre se alguma vez o fizesse. Quanto a isso está mais do que certa.

— Tu inventas umas coisas para eles ficarem todos contentes. E eu ajudo-te com os terrores noturnos. Posso ajudar-te muito mais do que eles.

— Está bem — replica ele. Está intrigado. — Mas em troca tens de fazer umas pinturas de água que não te digam nada. Vai ser giro vê-los ficarem todos efusivos por te terem *salvado*.

— Combinado — responde-lhe ela.

— Combinado.

Dão um aperto de mão e, sob a luz do Sol, os centros das margaridas exibem um brilho dourado. Ela recosta-se na relva, apreciando a sensação da pulseira roçando-lhe no braço, e ficam deitados lado a lado em silêncio durante uns minutos, desfrutando simplesmente do dia sem ninguém a julgá-los.

Ela fez um amigo. Mal pode esperar para contar ao David.

ADELE

Estou acordada desde madrugada, mas ainda não me mexi do lugar. Estamos ambos deitados de lado e ele tem o braço por cima de mim, e, não obstante a minha dor de cabeça, é uma sensação agradável. O peso dele é protetor. Faz-me lembrar os velhos tempos. A sua pele é lustrosamente macia e desprovida de pelos nos sítios onde as cicatrizes lhe sobem pelo braço. Ele esconde-as, mas eu gosto de as ver. Recordam-me quem ele é realmente, por baixo de tudo. O homem que fez frente ao fogo para salvar a rapariga que amava.

Por entre as frestas das persianas o Sol tem estado a projetar linhas irregulares sobre o chão de madeira desde antes das seis da manhã e eu já sei que vai estar mais um belo dia. Lá fora, pelo menos. Sob o peso do braço do David reflito sobre o dia anterior. O jantar de ontem na casa do Dr. Sykes foi um sucesso. No geral acho os psiquiatras enfadonhos e previsíveis, mas fui encantadora e espirituosa e sei que todos gostaram de mim. Inclusivamente as esposas disseram a David que ele era um sortudo por me ter ao seu lado.

Estou orgulhosa de mim mesma. Apesar de ter sido complicado de conseguir — vi-me obrigada a correr oito quilómetros na passadeira do ginásio, na parte da tarde, e depois a fazer uma sessão intensa de pesos para me conseguir acalmar —, estava visivelmente bem-disposta quando o David chegou a casa do trabalho, e o exercício físico contribuiu para esse entusiasmo. O serão em público correu triunfantemente sem um único percalço e a nossa fachada de felicidade gloriosa levou-nos a acreditar novamente na mesma, ainda que por breves instantes. Ontem à noite fizemos sexo pela primeira vez em cinco meses e, embora não tivesse corrido exatamente como eu gostaria, emiti todos os sons certos e fiz os possíveis por ser carinhosa e dócil. Soube-me tão bem tê-lo tão perto, tê-lo dentro de mim, ainda que não me

tivesse olhado nos olhos uma única vez e estivesse muito embriagado.

Eu mantive-me fiel à regra de um ou dois copos, mas o David não, apesar de se ter mantido aceitavelmente alegre até termos chegado a casa, altura em que se serviu de um copo grande de conhaque e o bebeu em três tempos, provavelmente na esperança de que eu não reparasse. Reparei, mas é claro que não disse nada, embora tivesse todo o direito de o fazer.

Ele tinha ficado de reduzir na bebida como parte do nosso «recomeço». Tem a perfeita noção de que um psiquiatra especializado em vícios e obsessões não pode ter um problema com a bebida. Mas, pelos vistos, somente um de nós estava a fazer realmente um esforço no que diz respeito ao nosso recomeço.

O David controla o nosso casamento. Cuida de mim. Quem estiver mais atento poderá dizer que ele me sufoca e terá toda a razão para isso, mas há alturas em que penso que talvez seja mais esperta do que ele. Sinto-o duro nas minhas costas e mexo-me com cuidado, roçando-me nele, provocando-me a mim própria, quase o enfiando entre as minhas nádegas, prendendo-o aí e instigando-o em direção ao sítio ilícito onde mais gosto de o receber. Talvez por estar a dormir esteja mais recetivo. Mas não vai acontecer, e ele vira-se de costas, levando metade das mantas com ele. Murmura algo, numa voz baixa e doce, os resquícios do seu sonho enquanto regressa ao mundo dos acordados, e eu resisto ao impulso de me posicionar em cima dele, beijá-lo, deitar cá para fora toda a minha paixão e exigir que me ame de novo.

Em vez disso, fecho os olhos e finjo estar a dormir até ele se levantar e sair para o corredor em direção à casa de banho. Decorridos uns segundos a caldeira ganha vida e o duche começa a correr. Isso magoa-me um pouco. Temos uma casa de banho privativa equipada com um *power shower*, mas ele escolheu estar afastado de mim, e eu faço uma pequena ideia porquê. É por causa do que está a fazer lá dentro. Acordei-o com a minha provocação e agora, em vez de fazer sexo comigo, está «a fazer o servicinho ele mesmo». É uma expressão parva, mas nunca gostei da palavra masturbação. É demasiado clínica. Bater uma é melhor, mas ao que parece não me fica nada bem empregar linguagem deste calibre, pelo que há muito que me desabitei de usar palavreado grosseiro e agora soa-me estranho.

Quando por fim ele desce ao piso inferior, já fiz uma cafeteira de café e estou a aquecer *croissants*. Oprimimo-nos um ao outro, cada um à sua maneira, e eu sei que ele vai precisar de algo para aliviar a ressaca com que está. Viro-me de costas e entretenho-me com algo no lava-louças, para ele poder ir buscar ibuprofeno ao armário sem julgamentos silenciosos.

— Pus a mesa lá fora — digo-lhe, num tom jovial e ligeiro, transferindo os *croissants* para um prato. — Pareceu-me um disparate desperdiçar uma manhã tão bonita. — A porta das traseiras encontra-se aberta e o ar está quente, apesar de ainda só passarem poucos minutos das nove e meia.

Ele olha cautelosamente pela janela e percebo que está a tentar ver o sítio no canteiro de flores onde enterrei o gato depois de ele me ter deixado a braços com o assunto e ter saído para se embebedar e fazer sei lá mais o quê. Ainda está a pensar no sucedido. Eu estou a tentar pôr esse assunto para trás das costas. Ele agarra-se às coisas que não pode mudar, mas o que está feito, feito está, quer queiramos quer não.

— Está bem — responde-me e depois esboça um meio-sorriso. — O ar fresco vai ajudar-me a acordar. — Está a fazer uma concessão, talvez como recompensa por me ter saído tão bem ontem à noite.

Não dizemos muita coisa, mas aprecio o nosso silêncio, afetuoso por uma vez que seja. Deixo que o meu roupão de seda se abra ligeiramente, de modo a que o sol incida sobre uma perna desnuda, ao mesmo tempo que bebo o café e como os *croissants*, e depois inclino a cabeça para trás. Em alguns momentos sinto-o a olhar para mim e sei que ainda se sente atraído pela minha beleza. Neste momento estamos quase satisfeitos. Não vai durar — não *pode* durar —, mas por ora desfruto-o. Talvez ainda mais por causa do que poderá estar para vir.

Quando terminamos vou tomar um duche, demorando-me e deleitando-me na água cálida. O dia é um vazio, mas tem as suas rotinas implícitas. O David trabalhará durante umas horas e depois talvez vamos juntos ao ginásio — uma atividade que podemos fingir ser algo que fazemos juntos, mas que obviamente é levada a cabo separadamente — antes do jantar, e depois televisão e provavelmente deitar cedo.

Quando desço ao piso inferior ele já se encontra no consultório e chama-me. É uma surpresa. Por norma, gosta de estar sozinho

enquanto trabalha e isso não me incomoda. Tem lá informação sobre pacientes e embora talvez beba em demasia, em todos os outros aspetos é extremamente profissional.

— Tenho umas coisas para ti — diz-me.

— Ah. — Aquilo é uma alteração à nossa rotina instituída, pelo que sou apanhada de surpresa. O coração cai-me aos pés e endurece quando a primeira coisa que ele me estende é uma embalagem de comprimidos.

— Para a tua ansiedade — explica-me. — Penso que serão melhores do que os outros. Um, três vezes ao dia. Não tem efeitos secundários preocupantes.

Aceito-os. O nome na embalagem não me diz nada, é apenas mais uma palavra que não consigo pronunciar.

— Certo — replico, desanimada. Mais comprimidos. Sempre os comprimidos.

— Mas também te arranjei isto. — A sua voz soa otimista e eu ergo o olhar.

Um cartão de crédito e um telemóvel.

— O cartão está associado ao meu, mas achei que estava na altura de voltares a ter um. E o mesmo em relação ao telemóvel.

Trata-se de um modelo antigo, calculo que sem Internet e apenas com as funções básicas, mas o meu coração dá um salto. Já não preciso de depender do David para me dar uma mesada para as despesas da casa. Já não tenho de ficar sentada à espera dos telefonemas combinados. O meu sorriso é cem por cento sincero.

— Tens a certeza? — respondo-lhe, incapaz de acreditar na minha sorte. Quase consigo esquecer o choque inicial da medicação.

— Tenho. — Ele sorri, para já satisfeito por me ter feito feliz. — O tal recomeço, lembras-te?

— O recomeço — repito e antes de sequer dar por isso, já corri para o outro lado da secretária e lancei os braços, com as mãos ainda cheias com as coisas, à volta do pescoço dele. Talvez esteja realmente a ser sincero. Talvez vá esforçar-se mais daqui em diante.

— Obrigada, David — sussurro. Inalo o seu odor enquanto ele me abraça. O seu calor. A sensação dos seus braços à minha volta. A envergadura do seu peito magro sob a camisola fina e macia. O meu coração está capaz de explodir perante esta proximidade.

Quando nos afastamos, vejo o mapa escrevinhado para onde ele tem estado a olhar e as folhas de apontamentos ao lado.

— O que é isso? — pergunto-lhe, fingindo interesse. Continuando a ser uma boa esposa nesse momento maravilhoso.

— Oh, estou a pensar fazer trabalho de apoio social. Voluntariado. Com uma instituição ou algo semelhante. Ainda não tenho a certeza. Em parte foi por isso que achei que irias precisar do telemóvel. — Lança-me rapidamente um olhar de esguelha, mas eu esboço um sorriso.

— Que bela ideia — respondo-lhe. — A sério.

— Significa que talvez passe mais tempo fora de casa. Aos fins de semana e à noite. Vou tentar ausentar-me o mínimo possível.

Ele fala com frases curtas e isso diz-me que se sente pouco à vontade. Num casamento duradouro aprendem-se esses pormenores.

— Tudo bem — replico. — Parece-me uma atitude muito generosa.

— Estás a ser sincera?

Agora é a sua vez de ficar surpreendido. Sempre quis que ele trabalhasse o máximo possível no setor privado. Há uma certa sofisticação serena nisso, longe da imundice e das chatices da vida dura. Pressionei-o a arranjar trabalho numa clínica na Harley Street, que é onde ele pertence. Onde haverá mais tempo para nós. Ele é muito inteligente. Toda a gente o diz. Sempre foi, pelo que devia estar no topo. Mas isto por mim está bem. Estará bem para ambos.

— Seja como for, estava a pensar redecorar a casa. Será mais fácil sem ti aqui a atrapalhar-me. — Sorrio, certificando-me de que ele percebe que estou a brincar. Não sugiro arranjar um emprego. Por onde iria começar? Há anos que não tenho um e com toda a certeza não conseguiria uma referência.

— Tu és boa pessoa, David — digo-lhe, embora me custe e me soe falso. — A sério que sim.

O silêncio instala-se, uma opressão momentânea pairando na divisão, e ambos sentimos o passado cimentando-se novamente entre nós.

— Vou então tomar um destes — digo-lhe. — Para te deixar sossegado. — Mantenho o sorriso enquanto saio, fingindo não me aperceber do embaraço súbito, mas mesmo com os comprimidos que não faço tenção nenhuma de tomar na mão tenho um vigor diferente no passo. Um telemóvel e um cartão de crédito. Hoje

parece Natal.

LOUISE

Por volta de domingo à tarde já perdi toda a esperança do tal «fim de semana libertador inteiramente dedicado à minha pessoa» e estou a olhar para o relógio à espera de que o Adam regresse a casa. Na sexta-feira fui beber um copo com a Sophie depois do trabalho e fi-la rir-se mais um pouco por causa do *bossgate*, como ela lhe chama, embora tivesse percebido que ela ficou aliviada por não ter acontecido mais nada. «Não cagues à porta da tua própria casa», disse-me. Quase a lembrei de que ela andava sempre a dormir com amigos ou clientes do Jay, mas depois optei por não o fazer. De qualquer modo não se podia demorar muito tempo e após dois copos de vinho despedi-me de bom grado. O seu divertimento face à minha situação começava a cansar-me.

A questão com os casais é que mesmo que não sejam tão presunçosos como os solteiros julgam que eles são, a verdade é que acabam por cair nessa prática de vida de só fazerem coisas com outros casais. Ninguém quer andar com um pneu sobressalente atrás, a dar cabo dos números pares. Lembro-me bem disso. Eu e o Ian costumávamos ser assim. E à medida que vamos ficando mais velhos também já toda a gente está casada, e os que não estão andam atarefadíssimos com encontros amorosos com o intuito de voltarem a pertencer a esse nicho. Às vezes parece que toda a gente *menos* eu está emparelhada.

No sábado limpei a casa, com o rádio a tocar em alto e bom som, na tentativa de a fazer parecer uma atividade divertida em vez de penosa, e depois vi televisão, mandei vir uma piza, bebi vinho e fumei em demasia, e depois odiei-me pelos meus excessos. O que me tinha soado tão decadente quando planeado pareceu-me ridículo depois de posto em prática.

A minha decisão de não pensar no David também tinha ido por água abaixo. O que teriam eles feito este fim de semana? Teriam ido jogar ténis? Ter-se-iam sentado no seu jardim decerto perfeito, beberricando *cocktails* e rindo juntos? Teria ele pensado em mim?

Haveria alguma razão para o fazer? Talvez estivesse a ter problemas no casamento. Esses pensamentos tinham-me inundado a mente enquanto via distraidamente televisão e bebia demasiado vinho. Precisava de o esquecer, mas é muito fácil falar. Sonambulei nas duas noites, dando por mim especada na cozinha com a torneira da água fria a correr no lava-louças, assustadoramente perto da porta da varanda, às quatro da madrugada de domingo. Acabei por me deixar ficar na cama até às dez, comendo os restos de piza ao pequeno-almoço, e depois forcei-me a ir ao Morrison's para fazer as compras da semana, antes de me sentar à espera de que o Adam voltasse para casa e enchesse o apartamento de vida.

O Adam chega finalmente a casa pouco depois das sete. Tenho de me conter para não correr a abrir a porta e quando ele passa por mim a toda a velocidade, qual furacão, o meu coração salta de alegria perante o ruído e a energia. Ele às vezes esgota-me, mas é o meu menino perfeito.

— Nada de brincadeiras — digo-lhe, ao mesmo tempo que ele se enrola à volta das minhas pernas. — Vai pôr o banho a correr, está quase na hora de ires para a cama. — Ele revira os olhos e resmunga, mas lá segue vagarosamente em direção à casa de banho.

— Adeus, filho.

— Obrigado, pai — grita o Adam em resposta, a sua mochila quase a escorregar-lhe dos ombros ao mesmo tempo que ergue um dinossauro de plástico no ar —, até para a semana!

— Até para a semana? — Fico confusa e o Ian baixa o olhar para o chão, o que me permite vislumbrar a sua careca cada vez mais evidente. Ele espera até o nosso filho já não nos poder ouvir.

— Sim, queria falar contigo sobre isso. É que ofereceram à Lisa a utilização de uma casa no Sul da França durante um mês. Seria um disparate não aproveitar.

— Então e o trabalho? — Sinto-me como se tivesse levado um estalo na cara.

— Posso trabalhar a partir de lá durante duas semanas e depois tiro o resto de tempo de férias. — O seu rosto fica ruborizado, tal como quando me disse que se ia embora. — A Lisa está grávida — desembucha ele. — Ela... nós achamos que seria uma boa oportunidade para ela criar uma relação mais forte com o Adam antes de o bebé nascer. Não consegue conhecê-lo a fundo

quando só o vê um ou outro fim de semana. É por ele também. Ela não quer que ele se sinta posto de parte. Nem eu.

Não ouvi nada exceto ruído branco depois da palavra «grávida». A Lisa é relativamente nova, um nome vago na minha cabeça em vez de uma pessoa de carne e osso destinada a fazer parte da minha vida para sempre. Só está presente na vida dele há uns nove meses. Eu presumira, a julgar pelo historial do Ian desde o nosso divórcio, que o tempo dela estava prestes a esgotar-se. Lembro-me vagamente de ele me dizer que esta era diferente, mas não o levei a sério. Estava errada. É diferente.

«Vão ser uma família como deve ser.»

Essa percepção é uma faca no meu coração subitamente amargo e negro. Irão morar numa casa como deve ser. A Lisa colherá os frutos da ascensão do Ian na escada empresarial. O meu pequeno apartamento parece sufocar-me. Estou a ser injusta, eu sei. O Ian paga a minha mensalidade ao banco e nunca discutiu por causa de dinheiro, nem uma única vez. Ainda assim, a dor é avassaladora para o meu cérebro racional e a ideia de eles levarem o Adam para longe de mim durante o verão, para acrescentarem à sua imagem de perfeição, faz-me ver tudo vermelho, como se o meu coração tivesse explodido e o sangue me tivesse subido aos olhos.

— Não — respondo, cuspido a palavra. — Ele não vai. — Não o felicito. Não me interessa o seu novo bebé. Só me interessa o meu, que já está a crescer.

— Ó Lou, tu não costumas ser assim. — Ele apoia-se na ombreira da porta e tudo o que vejo por breves instantes é a sua barriga de cerveja. Como é que ele pode ter encontrado outra pessoa, alguém completamente novo, e eu não? Porque é que sou a única que resta, passando os meus dias numa espécie de nova versão entediante de *O Feitiço do Tempo*? — Ele vai divertir-se imenso — continua o Ian. — Sabes que sim. E tu terás algum tempo só para ti.

Relembro as minhas últimas quarenta e oito horas. Tempo para mim não é o que preciso neste momento.

— Não. E devias ter falado comigo primeiro. — Estou quase a bater o pé no chão e pareço uma criança a falar, mas não o consigo evitar.

— Eu sei, peço desculpa, mas saiu-me. Pelo menos pensa no assunto, está bem? — Ele parece angustiado. — São as férias

escolares. Sei que é uma altura complicada para ti. Não terás de te preocupar onde o deixar enquanto estiveres a trabalhar e poderás fazer uma pausa. Poderás sair sempre que quiseses. E conhecer novas pessoas.

Ele refere-se a um homem. Que bom. Exatamente o que estava a faltar no meu fim de semana. Compaixão por parte do traidor do meu ex-marido. É a gota de água. Nem sequer volto a dizer que não, limitando-me a fechar a porta com força na sua cara, fazendo-o dar um salto para trás para que esta não lhe acerte.

Ele toca duas vezes à campainha depois disso, mas ignoro-o. Sinto-me nauseada. Sinto-me zangada. Sinto-me perdida. E o pior de tudo é a sensação de que não tenho esse direito. A Lisa até deve ser uma pessoa simpática. O Ian não merece ser infeliz. Eu não achava que era infeliz até à porcaria daquele beijo embriagado. Encosto a cabeça à porta, resistindo à tentação de a bater com toda a força na madeira para ver se ganho algum juízo.

— Mamã? — Viro-me. O Adam espreita-me da sala de estar, com uma expressão embaraçada. — Quer dizer que posso ir a França?

— Eu disse-te para ires pôr a água do banho a correr — ralho, a minha raiva reaparecendo. O Ian não tinha o direito de falar sobre as férias ao Adam antes de falar comigo. Porque é que tenho sempre de fazer a figura do progenitor mau?

— Mas...

— Banho. E não, não podes ir a França, e não se fala mais nisso.

Ele olha-me com uma expressão furiosa, uma pequena bola de raiva, as minhas palavras rebentando a bolha do seu entusiasmo.

— Porquê?

— Porque não.

— Isso não é uma razão. Eu quero ir!

— Eu é que sei se é razão ou não. E não quero discussões.

— Isso é uma razão parva! Tu és parva!

— Não me fales assim, Adam. Vai correr a água do banho ou esta noite não há história para ninguém. — Não gosto nada dele quando se comporta desta maneira. Não gosto nada de mim quando me comporto desta maneira.

— Não quero história nenhuma! Quero ir a França! O papá quer que eu vá! Tu és má! Não gosto de ti!

Ele tem na mão um dinossauro de plástico e atira-mo antes de

sair de rompante em direção à casa de banho. Ouço a porta a bater com força. Não sou só eu que consigo fazer aquilo na perfeição. Pego no brinquedo e vejo o autocolante do Museu de História Natural no pé.

Isso só me faz sentir pior. Tenho andado a prometer-lhe ir há uma eternidade e ainda não consegui. Quando se é mãe a tempo inteiro há muita coisa que não se consegue fazer.

O banho dele é de curta duração e nada divertido para nenhum de nós. Ignora a minha tentativa de explicar por que motivo não me parece que a viagem seja boa ideia, lançando-me olhares furiosos sob o cabelo molhado. É como se, não obstante os seus seis anos, eu lhe parecesse um livro aberto. Não que ele nunca tenha estado fora durante um mês inteiro. Não que eu ache que uma semana talvez fosse melhor, para o caso de ele ficar com saudades de casa. Não que o pai dele e a Lisa precisem de espaço agora que vem aí um bebé — a questão é que não quero perder a única coisa que me resta. *Ele*. O Ian não me pode levar o Adam também.

— Tu odeias o pai e a Lisa — resmunga ele, enquanto embrulho o seu corpo pequeno perfeito numa toalha grande. — E queres que eu os odeie também. — Ele afasta-se bruscamente em direção ao seu quarto, deixando-me de joelhos na casa de banho, com a roupa molhada e ainda a olhar para ele, chocada. É isso que ele pensa realmente? Quem me dera que tivesse ataques de fúria a sério com mais frequência. Quem me dera que chorasse e berrasse e tivesse fúrias, em vez de amarrar o burro e depois mandar cá para fora estas verdades mordazes. «É da boca das crianças que...»

— Queres o Harry Potter? — pergunto-lhe depois de ele já ter vestido o pijama e a toalha estar pendurada na casa de banho para secar.

— Não.

— Tens a certeza?

Ele não olha para mim, mas agarra o seu Urso Paddington com força. Demasiada força. Toda aquela raiva e mágoa contida. O seu rosto continua com um ar ameaçador. Mais valia fazer beicinho de uma vez.

— Quero ir a França com o papá. Quero comer caracóis. E nadar no mar. Não quero ficar aqui e ir para o campo de férias enquanto tu estás sempre no trabalho.

— Eu não estou sempre no trabalho. — A sua raiva magoa-me,

assim como as suas palavras por conterem alguma verdade. Não posso tirar uns dias para estar com ele como outras mães fazem.

— A maior parte do tempo estás, sim. — Ele bufa ligeiramente e vira-se de lado, de costas para mim. O Paddington, ainda agarrado com força, espreita-me por cima do pequeno ombro dele, com uma expressão quase apologética. — Não queres que eu vá porque és má.

Olho-o fixamente por uns instantes, o meu coração de repente pesado. É verdade. É tudo verdade. O Adam iria divertir-se imenso em França. E seriam apenas quatro semanas, e em vários aspetos isso facilitar-me-ia muito a vida. Mas a mera ideia continua a parecer uma faca espetada nas minhas entranhas. Está mais fácil de interiorizar, sim, mas também me provoca um maior *vazio*.

Não obstante a frieza da sua posição de costas voltadas para mim, debruço-me sobre ele e beijo-o na cabeça, ignorando a sua tensão enquanto o faço. Inalo o maravilhoso odor a lavado tão distintamente dele. Serei sempre a sua mãe, recordo a mim mesma. A Lisa jamais me poderá substituir.

— Vou pensar no assunto — digo-lhe em surdina já na entrada do quarto, antes de apagar a luz. Deixá-lo ir seria o mais correto. Sei que sim, mas ainda assim apetece-me chorar enquanto me sirvo de um copo de vinho e me deixo cair no sofá. Um mês inteiro. Tanta coisa pode mudar nesse espaço de tempo. O Adam estará mais alto com toda a certeza. Haverá menos desta fase maravilhosa em que ele ainda me quer abraçar, dar a mão e gostar de ser o meu bebé. Num piscar de olhos já será um adolescente, o comportamento desta noite prenúncio disso mesmo. Depois será um adulto e sairá de casa para viver a sua própria vida, e o mais certo será eu ainda estar neste apartamento merdoso a viver mal e porcamente numa cidade demasiado cara para mim, com menos de uma mão-cheia de amigos a tempo parcial. Sei que estou a exagerar tudo neste meu momento de autocomiseração e que na verdade ainda estou a tentar processar a palavra «grávida» e o efeito que isso vai ter na minha vida. Nunca pensei que o Ian fosse ter mais filhos. Nunca me pareceu particularmente interessado da primeira vez.

«Eu fui a sua mulher cobaia», apercebo-me. «Eu e o Adam fomos a sua família cobaia. Quando o quadro da história da sua vida for pintado, seremos apenas as primeiras pinceladas. Não seremos a cor.»

É um pensamento estranho e triste, e eu não gosto nada de pensamentos estranhos e tristes pelo que bebo mais vinho, e depois traço planos para preencher essas semanas com atividades divertidas. Podia ir passar um fim de semana fora. Podia começar a correr. Perder estes três quilos que se instalaram na minha barriga e coxas. Usar saltos altos. Tornar-me uma pessoa nova. É muita coisa para encaixar num mês, mas estou decidida a tentá-lo. Ou pelo menos estou decidida a fazê-lo enquanto tenho meia garrafa de *Sauvignon Blanc* dentro de mim. Antes que mude de ideias, envio uma mensagem ao Ian a dizer-lhe que pode avançar com as férias. Que o Adam pode ir. Arrependo-me quase de imediato, mas a verdade é que não tenho alternativa. O Adam ficará aborrecido comigo se o recusar e também não o posso impedir de fazer parte daquela família. Tentar guardá-lo para mim só irá afastá-lo. Sinto-me mais forte quando estou meio alegre. Neste momento tudo me parece boa ideia.

Mais tarde, acordo em plena escuridão ao lado da cama do Adam. A minha respiração está ofegante enquanto o mundo acalma em meu redor. Ele está a dormir profundamente, um braço ainda à volta do seu Urso Paddington gasto. Observo-o por uns instantes, deixando-me contagiar pela sua calma. Como é que parecerei aos seus olhos nas vezes em que ele acaba por acordar? Uma louca estranha parecida com a sua mãe? Para um rapaz que nunca teve pesadelos deve ser algo inquietante, por mais que ele o negue.

Talvez devesse fazer terapia a sério por causa dos meus pesadelos. Um dia, talvez. «Deito-me no sofá, doutor? Não me quer vir fazer companhia? Ah, claro que não, você é casado. Se calhar devíamos conversar sobre os *seus* problemas.»

Já nem me consigo fazer sorrir. O Adam vai estar fora um mês. A Lisa está grávida. O mundo está a deixar-me para trás. Enfio-me debaixo dos lençóis ligeiramente húmidos da transpiração e digo a mim mesma que tenho de começar a ganhar juízo. Há situações muito mais complicadas do que a minha. Pelo menos o que aconteceu com o David prova que ainda há homens que considero atraentes. E, mais importante ainda, homens que *me* consideram atraente. Um raio de esperança e tudo o mais.

Não obstante a minha conversa motivacional a meio da noite, e a alegria e o amor visíveis no rosto do Adam quando lhe digo que

afinal sempre vai fazer a viagem a França, ainda me sinto triste quando o vejo atravessar a correr a confusão de gente diante do portão da escola sem sequer olhar para trás. Por norma, isso deixa-me feliz. Gosto que ele seja uma criança confiante. Mas hoje esse esquecer-se de mim imediato parece-me simbólico, representando todo o meu futuro. Toda a gente a correr em frente e eu do outro lado do portão, acenando para pessoas que já não olham para trás, deixada para trás sozinha. Penso nisso por breves instantes e é tão pretensioso que não consigo conter uma risada. O Adam foi para a escola, tal como faz todos os dias da semana. Que mal tem que o Ian esteja feliz? O facto de o Ian estar feliz não implica que eu tenha de estar infeliz. Ainda assim, a palavra «grávida» paira como um pedaço de chumbo que não consigo remover no meu coração e os olhos ardem-me de cansaço. Não tinha conseguido voltar a adormecer.

Rodeada de guinchos e risos de criança, e da conversa das mães típicas do Norte de Londres, desejo que, não obstante o «incidente David», hoje fosse dia de trabalho. Passo mentalmente em revista a lista de coisas mundanas que tenho de fazer antes do fim das aulas e não fico propriamente admirada pelo facto de a ideia de ter de esfregar a banheira não me animar por aí além. Talvez devesse comprar ao Adam uns calções de banho novos e roupa de verão para ele levar. Estou certa de que o Ian está a contar fazê-lo, mas quero acrescentar alguma coisa a essa família da qual não faço parte.

Penso em comprar roupa de bebé para oferecer à Lisa, mas a verdade é que é um gesto exagerado. O bebé novo deles nada tem que ver comigo. Por que razão haveria ela de querer fosse o que fosse da ex-mulher? A mãe do primeiro filho? A relação imperfeita. O que lhe terá dito o Ian sobre mim? Quanta culpa me terá atribuído?

Assim que o Adam desaparece no interior do edifício, afasto-me de cabeça baixa para não ser arrastada para nenhuma conversa sobre as férias de verão com as outras mães, além de que estou ansiosa para fumar um cigarro e quero dobrar rapidamente a esquina para o acender. A minha roupa deve cheirar a fumo, de qualquer maneira, mas prefiro não ser alvo de juízos de valor feitos no portão da escola.

Sinto o impacto antes mesmo de ter consciência dele. Um safanão súbito na cabeça, o embater de um corpo contra o meu, um

grito chocado e depois cambaleio para trás. Mantenho-me de pé, ao contrário da outra mulher. Vejo-lhe os sapatos primeiro, os pés cruzados no chão. Uns delicados sapatos de salto *kitten* de cor bege. Não são sapatos gastos. Entro em piloto automático e agarro-a, tentando ajudá-la a levantar-se.

— Peço imensa desculpa, não estava a olhar para onde ia — justifico-me.

— Não, a culpa é minha — murmura ela, a sua voz soando como algodão-doce no ar. — Também não ia a prestar atenção.

— Bem, então somos as duas parvas — digo, com um sorriso. Só quando ela está de pé, a sua figura alta e esguia, é que me apercebo, horrorizada, de quem se trata. É *ela*.

— É você — digo. As palavras saem-me antes de as poder conter. A minha manhã passou drasticamente de má a péssima e sinto o rosto em brasa. Ela olha para mim com uma expressão confusa.

— Peço desculpa, mas conheço-a de algum lado?

Aproveito o pequeno rebanho de carrinhos de bebé proveniente da escola para encobrir o meu embaraço e depois de eles passarem consigo esboçar o que espero ser um sorriso genuíno.

— Não, não nos conhecemos. Mas eu trabalho para o seu marido. Pelo menos a tempo parcial. Vi o seu retrato em cima da secretária dele.

— Trabalha com o David?

Aceno com a cabeça. Gosto da maneira como ela diz «com» em vez de «para».

— Acabei de o deixar no trabalho. Estava a apetecer-me dar um passeio matinal — diz ela. — O mundo é mesmo pequeno.

Ela sorri nesse momento, e é de facto deslumbrante. O pouco que vi dela não lhe tinha feito jus — embora na altura eu estivesse a correr em direção à casa de banho completamente em pânico —, e tinha esperança de que ela apenas ficasse bem nas fotografias. Mas não. Sinto-me um autêntico monte de banhas ao seu lado e prendo um caracol de cabelo atrás da orelha, como se esse gesto me fosse tornar subitamente mais apresentável.

Envergo umas calças de ganga velhas e uma camisola com capuz com uma nódoa de chá na manga, e nem sequer pus um pouco de rímel antes de sair do apartamento. Ela parece naturalmente elegante, com o seu puxo meio solto e a camisola

verde fina por cima das calças de linho em tons verde-pálido. Uma visão em tons pastel que deveria parecer agonizante, mas não é o caso. Ela parece pertencer ao Sul de França, algures a bordo de um iate. É mais nova do que eu, se calhar ainda nem fez os trinta, mas tem ar de adulta. Eu tenho ar de desleixada. Ela e o David devem fazer um lindo casal.

— Sou a Adele — diz ela. Até o seu nome é exótico.

— Louise. Peça desculpa por este meu aspeto. As manhãs são sempre a correr e quando não estou a trabalhar gosto de ficar mais meia hora na cama.

— Que disparate — responde-me ela. — Está mais do que bem. — Hesita por um segundo e eu estou prestes a antecipar-me ao que me parece ser a sua tentativa de se despedir e ir à sua vida, quando ela acrescenta: — Ouça, não quer ir beber um cafezinho? Acho que vi um café naquela esquina ali.

Isto não é boa ideia. Tenho perfeita noção disso. Mas ela está a olhar-me com um ar tão esperançoso que a minha curiosidade se sobrepõe. Esta é a esposa do *tipo-do-bar*. O David é casado com esta criatura lindíssima e no entanto beijou-me. O meu cérebro sensato diz-me para dar uma desculpa e ir-me embora, mas é claro que não o faço.

— Um café parece-me bem. Mas ali não. Daqui a dez minutos estará cheio de mães da escola e não estou para aí virada. A não ser que lhe agrade um coro de bebés a chorar e leite materno no seu café.

— Não me parece — ri-se ela. — Escolha então você.

Acabamos por ir parar à esplanada do Costa Coffee, com *cappuccinos* e fatias de bolo de cenoura que a Adele insistiu em pagar. A brisa matinal começa a desaparecer agora que são quase 10h00, e o sol está quente: semicerro ligeiramente os olhos por causa do sol baixo e luminoso acima do ombro dela. Acendo um cigarro e ofereço-lhe um, mas ela não fuma. É claro que não. Porque haveria de o fazer? Não parece importar-se com o facto de eu fumar e fazemos conversa de circunstância, em que lhe pergunto como é que está a adaptar-se. Ela responde-me que a casa nova deles é linda, mas que anda a pensar redecorar algumas das divisões, para as alegrar, e que tencionava ir buscar amostras de tinta esta manhã. Conta-me que a gata deles morreu, o que não foi propriamente um bom começo, mas que agora que o David está no trabalho já se adaptaram a uma rotina. Diz que ainda anda a

conhecer os sítios. A habituar-se a uma zona nova. Tudo o que ela diz é encantador, com uma pontada de timidez desarmante. Ela é adorável. Queria tanto que fosse horrorosa ou arrogante, mas não é o caso. Sinto um pavor imenso por causa do David e deveria querer pôr-me a milhas dela, mas a verdade é que ela é fascinante. O tipo de pessoa de quem é impossível desviar os olhos. Um pouco à semelhança do David.

— Tem amigos em Londres? — pergunto-lhe. Parece-me ser uma aposta segura. Quase toda a gente tem amigos antigos algures na capital; malta da escola ou da faculdade que nos adiciona no *Facebook*. Mesmo que não seja a nossa cidade natal, é um sítio onde as pessoas acabam sempre por ir parar.

— Não. — Ela abana a cabeça e encolhe ligeiramente os ombros, mordendo por breves instantes o lábio inferior, ao mesmo tempo que desvia o olhar. — Nunca tive muitos amigos. Em tempos tive um melhor amigo... — A sua voz perde-se no ar e por momentos tenho a sensação de que já nem se lembra da minha presença, mas depois os seus olhos voltam a fitar os meus e ela continua, deixando essa história por contar: — Sabe como é. Coisas da vida. — Encolhe os ombros. Penso nas minhas próprias amizades e compreendo o que ela quer dizer. Os círculos de amigos vão-se reduzindo à medida que vamos ficando mais velhos.

— Conheci as mulheres dos outros sócios e parecem-me muito simpáticas — continua ela —, mas a maioria é muito mais velha do que eu. Já me fizeram imensos convites para colaborar nas suas obras de beneficência.

— Sou toda a favor das obras de beneficência — respondo-lhe —, mas não é propriamente a mesma coisa que uma bela noite no *pub*. — Falo como se a minha vida estivesse repleta de noites em vez de noites passadas sozinha em casa e tento não pensar na última vez que fiz uma noite. «Beijaste o marido dela», recordo a mim mesma. «Não podes ser sua amiga.»

— Graças a Deus que a conheci a si — diz-me ela com um sorriso, antes de dar uma dentada no seu bolo. Come-o com prazer e sinto-me menos mal por começar a comer o meu.

— Está a pensar em arranjar trabalho? — pergunto-lhe. É uma pergunta em parte algo egoísta. Se ela quiser trabalhar com o marido estou tramada.

Ela abana a cabeça.

— À exceção de umas semanas de trabalho numa florista aqui

há uns anos e que correu pessimamente, nunca tive um emprego. O que provavelmente deve parecer-lhe um tanto ou quanto disparatado, e *de facto* é estranho e embaraçoso, mas, quer dizer... — Ela hesita por uns instantes. — Tive uns problemas em miúda, aconteceram coisas que tive de ultrapassar e isso levou algum tempo, e agora nem saberia por onde começar em termos de carreira. O David cuidou sempre de mim. Temos dinheiro e mesmo que arranjasse trabalho iria sentir-me mal por estar a roubar trabalho a alguém que *realmente* necessitasse dele e que muito provavelmente o faria melhor do que eu. Pensava que talvez tivéssemos filhos, mas isso não aconteceu. Pelo menos por enquanto.

É estranho ouvir o nome dele proferido pelos lábios dela. Não deveria ser, mas é. Espero que não esteja prestes a contar-me o quanto se têm esforçado para constituir família pois isso talvez me fizesse saltar a tampa, em vez disso ela muda de assunto, perguntando-me sobre a minha vida e sobre o Adam e, aliviada por estar a falar sobre algo não relacionado com o David, não relacionado com gravidezes, pouco depois já lhe estou a contar a minha história de uma forma resumida e não tão resumida, como é meu hábito — abrindo-me imenso, demasiado cedo —, fazendo as partes más soarem engraçadas e as boas ainda mais, e a Adele ri-se enquanto eu fumo mais, e gesticulo ao mesmo tempo que passo rapidamente em revista o meu casamento, o meu divórcio, o meu sonambulismo e terrores noturnos, e o divertido que é ser mãe solteira, tudo contado por meio de piadas.

Às 11h30, tendo decorrido quase duas horas sem que déssemos por isso, somos interrompidas pelo som de um velho toque *Nokia* e a Adele apressa-se a tirar o telemóvel da mala.

— Olá — diz ela, pedindo-me desculpa em surdina. — Sim, estou bem. Vim à rua procurar umas amostras de tintas. Aproveitei e vim tomar um cafezinho rápido. Sim, posso ir buscar isso também. Sim, por essa altura já estarei em casa.

É o David, só pode. Com quem mais poderia ela estar a falar? Não se adianta muito na conversa, a sua cabeça baixa enquanto fala em surdina ao telemóvel, como se estivesse num comboio e toda a gente a pudesse ouvir. Só quando acaba de falar é que me apercebo de que não fez qualquer referência a mim, o que me parece um pouco estranho.

— Isso não é um telefone — digo-lhe, olhando para o pequeno

tijolo preto. — É uma relíquia de museu. Quantos anos é que já tem?

A Adele fica muito ruborizada, mas ao contrário de mim não fica com a pele às manchas, exibindo apenas um tom rosado na tez morena.

— Para o que é basta. Ei, devíamos trocar números de telemóvel. Seria agradável voltarmos a encontrar-nos para um cafezinho.

Ela está a ser simpática, é claro, pelo que lhe dito o meu número e ela digita-o cuidadosamente no telemóvel. Jamais voltaremos a tomar café juntas. Somos demasiado diferentes. Depois do telefonema ela está mais calada e começamos a reunir as nossas coisas para nos irmos embora. Não consigo parar de olhar para ela. Parece uma criatura etérea e frágil. Os seus movimentos são delicados e precisos. Mesmo depois de ter caído na rua continua com um ar impecável.

— Bem, foi um prazer conhecê-la — digo-lhe. — Para a próxima vou tentar não a atirar ao chão. Boa sorte com a decoração. — O nosso momento de proximidade já passou e agora somos quase estranhas quase embaraçadas.

— Foi realmente muito agradável — responde-me ela, uma mão tocando subitamente na minha. — A sério que sim. — Um arquejo de hesitação. — E isto vai parecer-lhe disparatado... — Ela parece nervosa, um pássaro magoado agitado. — Mas preferia que não comentasse nada com o David acerca disto. Sobre termos vindo tomar café juntas. Aliás, é melhor nem sequer lhe dizer que nos encontrámos. Ele é muito esquisito no que toca a misturar trabalho com a vida pessoal. Ele... — ela procura a palavra certa — ... *compartimentaliza* as coisas. Não quero que ele... bem, seria mais simples se não lhe dissesse nada.

— Com certeza — replico, embora esteja surpreendida. Ela tem razão, parece um pouco disparatado; aliás, não é tanto uma questão de ser disparatado, é mais peculiar. O David é tão descontraído e encantador. Por que razão haveria de se importar? E se realmente se importa, então mas que tipo de casamento é o deles? Seria de esperar que ficasse contente por ela ter feito uma amiga. De certo modo, contudo, sinto-me aliviada. Provavelmente é melhor para mim também que ele não tenha conhecimento. Ainda vai pensar que sou uma perseguidora maluca se aparecer no trabalho amanhã a dizer que fui tomar café com a mulher dele. Eu

pelo menos pensaria isso.

Ela sorri e vejo o alívio invadi-la, ao mesmo tempo que os ombros se descontraem e descem ligeiramente, frouxos de novo.

Depois de ela se ter ido embora e eu estar a regressar ao apartamento para ir esfregar a banheira, ocorre-me que foi bom tê-la conhecido. *Simpatizo* com ela. Estou mesmo convencida de que sim. Ela é simpática sem ser fastidiosa. Parece-me muito natural. Em nada a pessoa altiva que eu julgava depois de ter visto as suas fotografias. Talvez agora que a conheço já não ache o seu marido tão giro. Talvez consiga parar de pensar naquele beijo. Sinto-me novamente culpada. Ela é uma mulher simpática. Mas não é como se lhe pudesse ter contado, certo? O casamento deles não é da minha conta. O mais certo é nunca mais ter notícias dela.

¹ *Groundhog Day*, filme norte-americano protagonizado por Bill Murray. (NT)

ADELE

Já me tinha esquecido do que é sentir felicidade. Durante tanto tempo tem tudo girado em torno da felicidade do David — como acabar com os seus estados de espírito mais obscuros, como evitar que beba, como fazê-lo amar-me — e algures pelo meio a minha própria felicidade ficou adormecida. Nem mesmo o facto de o David me ter feito feliz. E isso é algo que nunca pensei ser possível.

Mas agora sinto um fogo de artifício dentro de mim. Explosões de alegria colorida. Agora tenho a Louise. Um novo segredo. Ela é divertida e inteligente. Uma lufada de ar fresco depois dos ventos áridos da companhia limitada de intermináveis esposas de médicos. É mais bonita do que pensa e com menos uns seis quilos teria um corpo fantástico. Não é magra e arrapazada como eu, é feminina e cheia de curvas. E também é forte, rindo-se de situações na sua vida para as quais outras pessoas procurariam compreensão ou pena. Ela é realmente maravilhosa.

Olho distraidamente para as barras de cores pintadas na parede do quarto — vários tons de verde com nomes adequadamente dispendiosos. *Pale Eau de Nil, Vert de Terre, Verde Tunsgate, Azeitona Esfumada*. Nada que nos permita reconhecer a cor apenas pelo nome. Gosto de todas. Juntas em fila parecem as folhas de árvores de uma floresta. No entanto não consigo escolher uma, o meu cérebro está demasiado ocupado a pensar em todas as coisas que eu e a Louise podemos fazer juntas para me concentrar em questões de decoração.

A Louise só trabalha três dias por semana. Isso dá-nos imenso tempo para fazermos coisas de mulheres. O ginásio, talvez. Absolutamente. Posso ajudá-la a perder aquele ligeiro excesso de carne e a tonificar o corpo. E talvez consiga fazê-la deixar de fumar. Isso seria bom, não posso ter o cabelo e a roupa a cheirar a fumo de cigarro. Isso iria denunciar-nos. O David saberia que tenho uma amiga nova e não ficaria nada satisfeito.

Podemos beber vinho no jardim juntas ou talvez na esplanada

de um dos pequenos bares na Broadway, e conversar e rir tal como fizemos hoje. Quero saber tudo sobre ela. Já me sinto fascinada por ela. Estou completamente absorta no quanto imagino que nos iremos divertir.

Deixo as minhas minúsculas latas de tinta e vou fazer um bule de chá de hortelã-pimenta. Deito um dos comprimidos do David pelo ralo do lava-louça abaixo e abro a torneira para me certificar de que desaparece por completo.

Levo o meu chá lá para fora, para o jardim e para o sol. Não passa muito da hora do almoço. Ainda tenho algum tempo antes do próximo telefonema do David e quero aproveitar o facto de não ter nada para fazer exceto saborear esta sensação maravilhosa, pensar e traçar planos. Sei que a Louise nada dirá ao David em relação ao nosso encontro. Ela não é dessas. E sabe que não seria positivo para nenhuma de nós.

Foi tão fácil encontrá-la, graças ao mapa que o David trouxe do trabalho, claramente assinalado com a ajuda e o conhecimento local dela. Assumi o papel de copiloto enquanto passeávamos de carro pela zona, no domingo à tarde, visitando cada uma das localizações assinaladas, vendo como as lojas de roupa tinham dado lugar a lojas de produtos a um euro e a montras entaipadas, ao fim de meia dúzia de ruas. As passagens subterrâneas que ninguém à exceção dos drogados se atrevia a atravessar. A amálgama de bairros sociais em mau estado a escassos dois ou três quilómetros da nossa casa maravilhosa. Vi também a escola primária, com as flores de cores alegres pintadas nas paredes. Li o rabisco do David ao lado dessa localização.

Depois disso, foi muito simples.

Duas estranhas a chocarem.

Ela não desconfiou de nada.

ANTES

O David estava à espera do outro lado da linha há pelo menos dez minutos quando finalmente a encontram, no cimo da árvore junto ao lago, a rir-se com o Rob. O rosto gorducho da enfermeira Marjorie exhibe uma expressão chocada perante o balançar descontraído deles entre os ramos, ao mesmo tempo que lhes grita para descerem *de imediato*. A Adele não precisa de encorajamento — o coração salta-lhe de alegria só de pensar em falar com o David — e o Rob resmunga algo irónico sobre seguros e clientes que caem e morrem, antes de fingir escorregar do tronco espesso e áspero, fazendo a Marjorie dar um guincho que vai totalmente contra a calma do espírito de Westlands.

Eles riem-se dela como dois miúdos traquinas, mas a Adele já está a descer cheia de pressa, sem se importar com o facto de o seu estômago raspar na árvore no sítio onde a *T-shirt* lhe subiu. Atravessa o relvado a correr e entra na casa, sem abrandar o passo nos corredores. O seu rosto está ruborizado e os olhos brilham-lhe. O David está à espera. Parece que passou uma eternidade desde o seu último telefonema.

Não são permitidos telemóveis no centro, o contacto com o mundo exterior tem de ser controlado, e também não deve haver sinal, mas o David não se esquece de telefonar com regularidade. Esta semana, porém, foi novamente ao hospital por causa do braço. Quando ela entra no pequeno escritório e agarra o velho auscultador fixado na parede, o relógio que ele não pode usar pende-lhe no pulso, qual pulseira grossa. É demasiado grande e masculino, mas ela não quer saber. Usar o relógio dele fá-la sentir que ele está perto de si.

— Olá! — exclama ela sem fôlego, afastando o cabelo revoltado do rosto.

— Onde é que estavas? — pergunta-lhe ele. A ligação é péssima e ele soa muito distante. — Já estava a ficar com medo

que tivesses fugido ou algo do género. — Ele fala em jeito de piada, mas percebe-se a preocupação subjacente às suas palavras. Ela ri-se e ouve a surpresa sussurrada dele no outro lado da linha. Ela não se ria com ele desde o sucedido.

— Não sejas tonto — responde ela. — Para onde é que eu iria fugir? Isto aqui é só pântanos. E não te esqueças de que vimos *O Lobisomem Americano em Londres*. Não vou atravessar aquela charneca interminável sozinha. Pode lá haver tudo e mais alguma coisa. Como é que correu no hospital? — pergunta-lhe. — Sempre te vão fazer o enxerto de pele?

— Dizem que sim. Seja como for, já não me dói. Era pior nas extremidades e isso já acalmou imenso. Não te preocupes comigo. Concentra-te em ficares melhor e em voltares para casa. Tenho saudades tuas. Podemos começar de novo. Longe de tudo, se quiseres.

— E casados — diz ela, com um sorriso. — Vamos casar assim que pudermos. — Como diz o Rob, porque é que ela não há de ser feliz? Porque é que se há de sentir mal por estar feliz? «Não podes ficar noiva aos dezassete anos», dissera-lhe o pai. «Sabes lá o que queres da vida aos dezassete anos. Além de que ele é demasiado velho. Que rapaz de vinte e dois anos é que quer andar com uma adolescente?»

O pai dela estava enganado, contudo. Ela desejava o David desde que se lembrava. Estivera lá tudo nos olhos azuis dele na primeira vez que ela os contemplou. A sua mãe nunca dissera muita coisa, apenas comentando que a quinta dele estava «prestes a ser-lhe tirada por causa do bêbedo do pai, que tinha conseguido dar cabo de tudo, e também da mãe ausente, e que ele não herdaria nem um tostão. Ele vinha de famílias que não interessavam a ninguém». Havia tantas maneiras de dizer «não é adequado para a nossa menina perfeita» sem as dizer de facto. Talvez tudo o que a sua mãe tinha dito fosse verdade, mas a Adele sabe que nada tinha que ver com a pessoa que o David era realmente. Nunca teve.

Ela amava-o desde quando era uma menina de oito anos a brincar nos campos e a vê-lo trabalhar, e ama-o ainda. Ele vai ser médico. Já não precisa de se preocupar mais com as dívidas de estudante. Vai ser marido dela e ela herdou tudo. A reprovação dos seus pais já não importa e ela recusa-se a sentir-se culpada. Os seus pais morreram e, tal como diz o Rob, desejar ter morrido com eles não vai mudar nada. O único caminho a seguir é em

frente.

— Pareces-me bem. Melhor. — Ele soa confuso. Ligeiramente desconfiado, como se não confiasse plenamente nesta aparente melhoria do estado de espírito dela, o que não é de admirar. Ela mal falou da última vez que ele ligou, mas isso foi há dez dias e muita coisa mudou desde então.

— E sinto-me *realmente* melhor — replica ela. — Acho que tinhas razão. Este sítio faz-me bem. Ah, e — acrescenta, quase como se lhe tivesse ocorrido nesse instante — fiz um amigo. Chama-se Rob. É da minha idade. É muito divertido, está sempre a fazer-me rir das pessoas daqui. Acho que nos estamos a ajudar um ao outro. — Ela está muito efusiva, não o consegue evitar. Está também um pouco nervosa. Como se, depois de tudo o que aconteceu, o Rob fosse uma espécie de traição ao David. O que é um disparate, pois são coisas completamente distintas. O facto de ela amar o David não significa que não possa gostar do Rob. — Um dia tens de o conhecer. Acho que também vais gostar imenso dele.

ADELE

Sinto-me com mais energia depois do telefonema desta tarde. Ele diz que vai chegar tarde a casa. Ao que parece vai encontrar-se com duas instituições de beneficência, através das quais poderá ajudar alguns pacientes em recuperação na comunidade.

Murmuro-lhe as coisas certas em resposta às suas desajeitadas frases fragmentadas, mas por dentro estou a pensar sobre o que é que aqueles drogados pobres em habitações sociais repletas de merda irão pensar exatamente quando o David — o exterior de classe média falso para o qual ele tanto trabalhou durante a sua formação médica agora entranhado na sua pele, qual nódoa no melhor pano — lhes aparecer à frente para discutir os problemas deles. Imagino as gargalhadas que darão à sua custa depois de ele se ir embora. Seja como for, essa autoflagelação pertence-lhe e facilita-me os planos. Agora tenho planos. Essa constatação provoca-me um arrepio no estômago.

Por uns instantes quase sinto pena dele, mas depois ocorre-me que poderá nem sequer ser verdade. Pode ir embebedar-se, ou encontrar-se com alguém, ou qualquer outra coisa. Não seria a primeira vez, com recomeços ou sem recomeços. Ele já teve os seus segredos. Não tenho tempo para ver o que anda a fazer. Não hoje, pelo menos. A minha mente está demasiado entusiasmada, demasiado concentrada noutras coisas.

Digo-lhe que escolhi umas cores para o quarto e que acho que ele vai gostar. Finge interessar-se. Digo-lhe que tomei os comprimidos para o poupar a ter de mo perguntar. Estou convencida de que, caso pudesse, viria a casa para me ver engoli-los, mas em vez disso é obrigado a aceitar a minha mentira como sendo verdade. Quer-me domável. Gostei muito dos nossos poucos dias de quase contentamento, mas não podem durar. Não sei se quero salvar o nosso amor. Mas para já, alinho no jogo. Estou a tratar das coisas. Só preciso de ser corajosa. Já o fiz antes. Posso fazê-lo de novo.

Assim que o telefonema termina, torno a subir e pinto as faixas de cor mais grossas e mais compridas na parede do quarto. A luz do sol espalha-se sobre elas e, do outro lado do quarto, faz lembrar todas as cores de uma floresta. Folhas, sem sombra de dúvida. Se calhar devia ter comprado uns castanhos-claros também, e amarelos, mas agora já é tarde. Os verdes bastarão. Olho para a parede e penso em folhas e árvores, e o mesmo acontecerá com ele. Acho que não pensa noutra coisa. «Olhar para a árvore e não ver a floresta.»

Lavo as mãos, limpando uns pingos secos irritantes que se agarram à minha pele, e depois desço à cave. Os homens da empresa de mudanças, sob a orientação do David, trouxeram várias caixas diretamente aqui para baixo. Ele não me perguntou onde é que as queria, mas também sabe que me seria indiferente. A sério. O passado ficou para trás. Porquê estar sempre a desenterrar sepulturas? Não mexo nestas caixas há anos.

Está frio aqui, abaixo do solo, longe das janelas e da luz solar, e uma única lâmpada amarela brilha por cima de mim enquanto espreito as caixas, tentando encontrar a caixa certa. Ninguém se importa com o aspeto das caves. A imundice das paredes expostas é, de certo modo, mais sincera no que diz respeito à alma de uma casa.

Avanço com cuidado, sem querer sujar a roupa com pó. Uma mancha de tinta não faz mal, mas pó seria questionável. O David sabe que não gosto de uma casa suja. Não quero que me pergunte de onde veio o pó. Não quero mentir-lhe mais do que o necessário. Amo-o.

Encontro o que procuro junto à parede húmida mais afastada, onde a luz pálida mal consegue chegar. Uma pilha de quatro caixas de cartão, mais desgastadas do que as caixas num tom castanho-vivo que armazenámos aqui em baixo — livros a mais, pastas antigas, esse tipo de coisas — e com muitos mais anos visíveis nas suas laterais vincadas e moles. Estas caixas são antigas, nada do que contêm alguma vez foi desembalado, e o cartão é mais grosso e robusto. Caixas sólidas para esconder o que resta de vidas. Tudo o que foi resgatado da ala queimada de uma casa.

Desloco a caixa de cima com cuidado para o chão e espreito para o interior. Castiçais de prata, parece-me. Alguma faiança. Uma delicada caixa de joias. Passo à caixa seguinte. Demoro algum tempo a encontrar o que procuro. Está escondido entre fotografias

soltas e álbuns, e de livros que escaparam às chamas mas que ainda cheiram a chamuscado. Não cheiram a fumo. O fumo é um odor agradável. Estes cheiram a algo destruído, enegrecido e amargo. Vasculho entre as fotografias soltas que se agitam entre as minhas mãos, mas numa delas vislumbro o meu rosto; mais cheio, reluzindo de juventude e a sorrir. Quinze anos, talvez. É o rosto de uma estranha. Ignoro-a e concentro-me na minha busca. Está aqui algures. Escondi-o onde sabia que o David não procuraria, entre estas relíquias que ele sabe serem só minhas.

Está mesmo no fundo, debaixo da tralha toda, mas intacto. O caderno antigo. Os truques do ofício, por assim dizer. É fino — rasguei as últimas páginas há muitos anos pois algumas coisas tinham de permanecer secretas —, mas está intacto. Sustenho a respiração ao abri-lo, e as páginas que restam estão frias e ligeiramente deformadas de tantos anos na humidade e escuridão, conferindo-lhes uma textura estaladiça de folha de outono. A caligrafia na primeira página é cuidada — direita e sublinhada. Instruções de uma outra vida.

«Beliscar-me e dizer ESTOU ACORDADO de hora em hora.»

Enquanto as contemplo, tenho a sensação de que aquelas palavras foram escritas há escassos momentos e vejo-nos sentados debaixo da árvore, e a brisa é maravilhosa e a superfície do lago ondeia. É uma imagem vívida e *presente*, não uma recordação de há uma década, e sinto uma pontada forte e estranha no estômago. Respiro fundo e suprimo-a.

Volto a pôr as caixas exatamente como estavam e levo o caderno para o piso de cima, segurando-o como se fosse um texto antigo frágil que pudesse desfazer-se nas minhas mãos assim que a luz incidir sobre ele, em vez de um caderno barato resgatado de - Westlands há tantos anos. Escondo-o no bolso exterior com fecho do meu saco do ginásio, onde não será encontrado.

É disto que a Louise precisa. Mal posso esperar para o partilhar com ela. Ela é o meu segredo e em breve teremos o nosso segredo.

Afinal de contas ele não chega tarde a casa, entrando pela porta às sete e cinco da tarde. Com a cozinha repleta de odores culinários — enquanto esperava por ele preparei um delicioso caril tailandês —, arrasto-o para o piso de cima para lhe mostrar as cores no quarto.

— O que é que achas? — pergunto-lhe. — Não consigo decidir entre o Verde Folha de Verão, à esquerda, ou o Neblina da Floresta, à direita. — Nenhum deles é o nome correto, mas ele nunca o saberá. Inventei-os no momento. Talvez seja exagero ou excitação em demasia. Nem sequer tenho a certeza de que ele me ouve. Está a olhar fixamente para as faixas que brilham sob a luz solar que desvanece. Vê nelas tudo o que eu também vi.

— Porquê estas cores? — pergunta-me. A sua voz soa monótona. Regular. Morta. Ele vira-se para olhar para mim e vejo tudo nos seus olhos frios. Tudo o que existe a separar-nos.

«Ótimo», penso, preparando-me para a fúria ou o silêncio que aí vem, aprontando as farpas de ressentimento com as quais lutar.

«E vai começar.»

LOUISE

O David já está no seu gabinete antes sequer de eu chegar ao trabalho, e quando vou pendurar o casaco a Sue arqueia as sobancelhas e abana a cabeça.

— Alguém acordou com os pés de fora. — Por uns instantes penso que está a referir-se a mim, pois devo ter um ar cansado e resmungão. Acordei por causa dos meus terrores noturnos e depois deixei-me ficar deitada na cama a pensar na gravidez da Lisa — ainda não consigo pensar nele como sendo o bebé novo do Ian — e no mês de ausência do Adam, e quando eram sete da manhã já tinha bebido três cafés e fumado dois cigarros, e estava com um humor de cão. Por alguma razão a gravidez da Lisa trouxe-me à memória todas aquelas emoções terríveis por que passei quando o Ian me deixou e sinto a felicidade dele como uma nova traição, o que sei que é um disparate, mas ainda assim sinto-o. No entanto, a Sue não se refere a mim, mas ao David.

— Nem sequer disse bom dia — continua ela, servindo-me uma chávena de chá. — Até agora pensava que era muito simpático.

— Todos nós temos dias maus — respondo-lhe. — Talvez ele não seja uma pessoa matinal.

— Então não devia vir tão cedo. Parece ter-te roubado o cargo de primeira a chegar.

Ela tem a sua razão. Encolho os ombros e sorrio, mas o meu coração bate furiosamente. Ter-lhe-á a Adele contado sobre o nosso café? Estará ele sentado lá dentro a diagnosticar-me como uma perseguidora obsessiva qualquer e a preparar-se para me despedir? Estou quase a contorcer-me de culpa. Quer *ela* lhe tenha contado quer não, eu devia fazê-lo. Tenho demasiada merda a acontecer na minha vida para estar a guardar segredinhos à mulher dele. Não é como se a conhecesse realmente e ele é meu chefe. Além de que não tive outro remédio senão ir tomar café com ela. Foi ela que me *convidou*. Que outra coisa poderia ter-lhe

respondido? Recordo o rosto dela, preocupado e embaraçado, pedindo-me para não dizer nada sobre o nosso encontro e tenho um momento de hesitação. Ela estava tão *vulnerável*. Mas tenho de lhe contar. Tenho *mesmo*. Ele irá compreender. É claro que sim.

Preciso de enfrentar a situação e deitar tudo cá para fora, pelo que em vez de perscrutar os apontamentos da Maria deixados no dia anterior, impecavelmente digitados e imprimidos como de costume, vou bater à porta dele, com o coração na boca. Abro-a sem esperar pela resposta e entro à vontade. Com confiança. É assim que se tem de lidar com isto.

— Preciso de...

— Merda! — grita ele, interrompendo-me. Está a retirar a grossa tampa de alumínio de uma lata de café caro, não o fornecido pela clínica mas algo que trouxe de casa, e, ao virar-se, um jato de castanho atinge a superfície do armário do café.

— Mas que merda, não sabes bater?!

Não sei se alguma vez terei visto alguém olhar-me de forma ameaçadora, mas agora já vi. É como se tivesse levado um estalo, tal é a agressividade e a raiva na sua voz.

— Eu bati — murmuro. — Peço desculpa. Vou buscar um pano.

— Eu trato disto — responde-me ele com rispidez, tirando uns lenços de papel de uma caixa em cima da secretária. — Um pano molhado só vai fazer pior.

— Pelo menos não foi para a alcatifa. — Tento soar encorajadora. — Não vale a pena chorar sobre o café derramado.

— Precisas de alguma coisa? — Ele fita-me então e mais parece um estranho. Frio. Distante. Nada do encanto natural e carinho de antes. Fico com os nervos em franja e a garganta fecha-se-me. Nem pensar em contar-lhe sobre o café com a Adele. Não enquanto ele estiver com este humor. Não me recordo da última vez que irritei tanto alguém sem ter feito absolutamente nada para isso. Será este outro lado dele? Um pensamento começa a ganhar forma na minha mente. Será por esta razão que a Adele esconde as amigas dele?

— Vinha saber se querias que pusesse o café a fazer — replico, tentando manter-me firme. — Mas já vi que tens tudo controlado. — Dou meia-volta e saio muito direita, fechando silenciosamente a porta atrás de mim. É a única maneira de lhe virar as costas sem perder o emprego, mas quando me sento estou

toda a tremer de raiva. Não fiz nada de mal. Como é que se atreve a falar-me daquela maneira? A intimidar-me daquela maneira?

Toda e qualquer culpa que sentia por ter tomado café com a Adele desvanece-se como fumo. Mas o que se passou entre mim e o David afinal o que foi? Um beijo parvo. Nada mais do que isso, e a cada dia que passa mais se assemelha a um sonho de algo que nunca aconteceu. Uma fantasia. Além de que o mais certo era eu e a Adele acabarmos por nos encontrar. Na festa de Natal ou algo do género. Por isso qual é o problema de já me ter encontrado com ela por acaso?

— Eu avisei-te — diz a Sue, passando pela minha secretária e pousando ali o meu chá esquecido. — Não o leves a peito. Sabes como são os homens. No fundo não passam de uns bebês resmungões. — Ela inclina-se na minha direção. — Em especial os snobes mimados. — Dou uma risada, apesar de ainda estar magoada com a forma como ele me tratou.

«Não faças ondas, Louise», recorro a mim mesma, ao mesmo tempo que ligo o computador para começar o dia. «Concentra-te no teu trabalho. Nunca mais vais ter notícias da Adele, de qualquer maneira, e o David é só o teu chefe.»

A família Hawkins chega na parte da tarde e é óbvio que o paciente, Anthony Hawkins, de vinte e um anos, não quer estar aqui. Os seus pais são estoicamente de classe média alta, na casa dos cinquenta, uma nuvem de odores acompanhando-os assim que entram; pó-de-arroz, água-de-colónia e perfume caros. Vestem bem; ele enverga fato e gravata e ela usa um colar de pérolas combinado com uma blusa e saia de marca, mas apercebo-me do cansaço em redor dos seus olhos. Levo-os para a sala de espera, que mais parece a sala de estar de um clube privado, e ela instala-se numa poltrona de orelhas, sentando-se na beira. O marido fica de pé, as mãos enfiadas nos bolsos, e agradece-me em voz alta. Não obstante a sua jovialidade excessivamente confiante, quer tanto estar ali como o filho.

O Anthony Hawkins é magro, demasiado magro, mexe-se muito e tem imensos tiques, e os seus olhos, cheios de uma raiva defensiva primária qualquer, não param na sua cabeça. Fazem lembrar os olhos soltos de alguns brinquedos de criança, mexendo-se ligeiramente mas sem se focarem, pelo menos em nada que as outras pessoas vejam também. Ele não olha para mim, de todo. Mesmo que não soubesse que é viciado em heroína não seria

preciso um génio para o adivinhar. O Anthony Hawkins podia muito bem ser o rosto da toxicodependência. Parece prestes a explodir, mas dá para perceber que se trata essencialmente de medo. De qualquer modo, mantenho alguma distância. O medo não impede a violência e desconfio sempre de pacientes enviados pelo tribunal.

— Não quero fazer isto — murmura ele quando o David vem chamá-lo para o seu gabinete. — Não tenho merda de problema nenhum. — A pronúncia do Anthony Hawkins é típica de escola privada.

— Os teus pais podem esperar aqui fora — diz o David. É afetuoso, mas firme. Não deteto sinal da má disposição anterior, mas ainda assim não olha para mim. — É só uma hora. Não te vou fazer mal. — Encolhe ligeiramente os ombros e presenteia o Anthony com o seu sorriso encantador e desarmante. — E, com um pouco de sorte, conseguimos evitar que vás preso. — O Anthony olha para ele nesse instante, os seus olhos trémulos de drogado exibindo uma expressão desconfiada mas, qual condenado à forca, segue-o.

Quando a porta se fecha atrás deles vejo os ombros da Sra. Hawkins descaírem ao mesmo tempo que a sua fachada de força desaparece, e sinto pena dela. O que quer que o Anthony tenha feito, ou não, afetou imenso os pais e não há muito tempo ele era um miúdo pequeno como o Adam. Aos olhos da mãe provavelmente ainda é. Preparo-lhes um chá — na porcelana reservada aos clientes, não nas canecas dos empregados — e digo-lhes que o Dr. Martin é muito respeitado. Não vou ao ponto de lhes dizer que irá ajudar o filho deles — não fazemos promessas —, mas apetecia-me dizer alguma coisa e percebo a gratidão no olhar da mulher, como se levasse as minhas palavras ao peito para se tranquilizar.

A incerteza do mundo faz-me pensar no Adam e num momento de paranoia maternal, receando de repente que tenha havido um problema qualquer na escola ou nos Tempos Livres e que os telefones da clínica estivessem todos impedidos, vasculho a minha mala para verificar o meu telemóvel, mas não tenho chamadas perdidas — está tudo, como é evidente, dentro da normalidade —, mas tenho realmente uma mensagem. Da Adele. Que merda. Mas porque é que eu não lhe disse?

Se amanhã não trabalhares, queres ir sair? Talvez

podéssemos ir ao ginásio. Têm sauna e piscina, por isso deve ser bom para descontraír. Posso arranjar-te um passe diário. Seria bom ter companhia! Bjs, Adele.

Olho fixamente para a mensagem. Merda. O que faço agora, porra? Não estava nada à espera de que ela me voltasse a contactar. Os meus dedos pairam sobre as teclas. Talvez devesse ignorá-la. O melhor é ignorá-la *mesmo*. Mas isso seria falta de educação e depois iria sentir-me pouco à vontade perto dos *dois*. Merda, merda, merda. Quase envio uma mensagem à Sophie para lhe pedir conselhos, mas depois não o faço. Sei o que irá dizer, além de que se lhe contar que sou amiga da Adele depois não posso voltar atrás e ela vai querer saber o que acontece a seguir. Não quero que a minha vida lhe sirva de entretenimento.

Torno a ler a mensagem. Devia responder. Devia dizer que sim. Quer dizer, a cena com o David foi só uma trapalhice típica de bebedeira, não significa nada. Um erro parvo dos dois. A Adele talvez possa ser uma amiga nova. Sinto que *precisa* de mim. Sente-se claramente sozinha. Isso foi mais do que perceptível no dia anterior. E não é a única, por mais que me custe a admiti-lo. Eu também me sinto sozinha — e cheia de medo de que isto vá ser assim para o resto da minha vida. As semanas fundindo-se numa só.

Eu e a Adele sentimo-nos sozinhas e, por mais glamorosa e carismática que ela seja, só Deus sabe como será o casamento deles, se ele sai sozinho, embebede-se e beija outras mulheres. Ele disse que não o costumava fazer, mas todos dizem o mesmo, não é verdade? Que outra coisa poderia ter dito? Temos de trabalhar juntos, algo que nenhum de nós esperava na altura. E sim, ele foi muito simpático no outro dia, mas hoje foi horrível. Talvez tivesse sido simpático antes para evitar que eu contasse alguma coisa ao Dr. Sykes? Pensando bem, eu devia estar do lado da Adele. Sei como é viver com um homem que nos trai. Sei como essa revelação deu cabo de mim e detesto agora ser eu a possível causa de uma dor semelhante.

Posso não a conhecer muito bem, mas a Adele é simpática. Gosto dela. E é bom ter alguém a enviar-me mensagens a convidar-me para fazer algo, em vez de ser sempre ao contrário. Devia encontrar-me com ela. É uma questão de educação. E se nos dermos bem, então nesse caso contarei ao David. Dir-lhe-ei que

tencionava contar-lhe que nos tínhamos conhecido, mas que ele estava tão maldisposto que acabei por não o fazer. É uma boa solução. Já me sinto melhor e tudo.

Só vejo um senão. Porque é que ela não sugeriu um almoço e um copo de vinho algures? A ideia do ginásio dá-me vontade de me esconder. Não faço exercício há imenso tempo, a não ser andar a correr atrás do Adam, e ele já tem seis anos, portanto já nem isso faço. A Adele está claramente em forma, vou passar uma vergonha. Acho que nem sequer tenho roupa decente para ginásio. Pelo menos nada que me sirva.

Estou prestes a inventar uma desculpa esfarrapada e safar-me, mas depois detenho-me. Recordo a minha decisão meio embriagada e cheia de autocomiseração no fim de semana anterior, de perder os quilos a mais na ausência do Adam. De ter uma vida. Já estou a enviar a mensagem antes sequer de ter tempo de me impedir.

Claro, mas não estou nada em forma, por isso não te rias de mim!

Sinto-me muito satisfeita comigo própria. Que se lixe o David. Não estou a fazer nada de mal. A resposta chega de imediato.

Ótimo! Dá-me a tua morada que eu vou buscar-te. Por volta do meio-dia?

A ideia da bela Adele no meu apartamento causa-me um aperto no estômago ainda maior do que a ideia do ginásio.

Posso ir lá ter contigo, respondo.

Que disparate! Eu tenho carro.

Sem outro remédio, digito penosamente a minha morada e faço uma nota mental para arrumar e aspirar logo à noite. É uma parvoíce, claro. Sou uma mãe solteira a morar em Londres — a Adele deve saber que não moro numa mansão —, mas sei que vou sentir-me envergonhada. Provavelmente não tão envergonhada como no ginásio, mas enfim, será um teste para ver se esta nova amizade tem pernas para andar e servirá também como prego final no caixão desta *não-coisa* entre mim e o David. É só um dia. Vai correr tudo bem, digo a mim própria. O que poderá correr mal?

A consulta Hawkins estende-se por mais meia hora, mas quando o Anthony sai finalmente do consultório está mais calmo. Ainda se mexe muito, mas percebe-se uma certa *descontração* nele. Enquanto o David fala com a família do rapaz e os acompanha à porta, o Anthony lança-lhe alguns olhares de relance. Uma admiração embaraçada emana do seu rosto, embora o tente esconder dos pais. Interrogo-me sobre o que o David lhe terá dito para o fazer abrir-se tão rapidamente. Mas depois recorro, com um ligeiro arrepio, o que senti naquele bar. Ele faz a pessoa sentir-se especial. Já passei por essa experiência. Compreendo-o bem. Eu e o Anthony cáímos que nem uns patinhos, pelos vistos.

Finjo estar a digitar uma carta quando ele se aproxima da secretária e embora me pareça mais calmo também, como se um dia a lidar com os problemas de outras pessoas tivesse eliminado os seus, mantenho uma expressão desinteressada. Não sei porque é que me deixei irritar por ele. E quem me dera que não continuasse a deixar-me nervosa e arrepiada. Fico tão desastrada quando ele está perto de mim.

— Marquei o Anthony Hawkins para mais uma sessão na sexta-feira — informa-me ele. — À mesma hora, 15h45. Está no sistema.

Aceno com a cabeça:

— Cobro a meia hora a mais de hoje?

— Não. A culpa foi minha. Não quis interrompê-lo a partir do momento em que começou a falar.

O que é que o Dr. Sykes pensaria disto? O David pode querer fazer trabalho voluntário, mas esta não é uma instituição de caridade, de todo. Esqueço o assunto. Foi um gesto simpático da parte dele e isso deixa-me ligeiramente confusa. É um homem de contradições.

Ele afasta-se em direção ao seu gabinete, mas depois vira-se e volta rapidamente atrás.

— Ouve, Louise, peço desculpa por ter sido tão grosseiro esta manhã — diz-me ele. — Estava maldispuesto e não devia ter descarregado em cima de ti.

Ele está com um ar muito sério. Tento manter a distância.

— Pois não, não devias — respondo-lhe. — Mas sou só tua secretária, por isso não faz mal.

As palavras saem-me mais frias do que o tencionado e ele contrai-se ligeiramente. Baixo o olhar para o meu trabalho, ao mesmo

tempo que o coração bate furiosamente dentro do meu peito. As minhas mãos estão desconfortavelmente cobertas de - transpiração.

— Bem, mas queria pedir desculpa na mesma. — A brandura na sua voz desapareceu e ele vai-se embora. Quase o chamo de volta, arrependendo-me de imediato da minha rispidez, e achando que aquilo é um disparate pois deveríamos ser amigos, mas depois lembro-me de que vou ter com a Adele no dia seguinte e fico presa a esse segredo que ainda não lhe contei. Deverei contar-lho agora? Olho fixamente para a sua porta fechada. Não, penso. Vou manter-me fiel ao meu plano. Se a amizade com a Adele se transformar em algo mais regular, então aí conto-lhe tudo.

Preciso de um café. *Preciso* de algo mais forte, mas um café terá de bastar para já. Como é que a minha vida ficou tão complicada?

ADELE

— Oh, meu Deus, isto sabe tão bem. Era capaz de ficar aqui para sempre. — Ao meu lado, a Louise encosta a cabeça à madeira e deixa escapar um suspiro de contentamento. Estamos sentadas no degrau superior da sauna, envoltas numa névoa perfumada, a nossa pele cintilando com gotas de água e de transpiração.

— Nunca aguento mais do que dez minutos ou isso — digo-lhe. — Deves gostar mesmo do calor. — Mas é agradável, toda a tensão a dissipar-se ao mesmo tempo que o meu corpo não tem outro remédio senão descontraír-se. Foram duas horas muito bem passadas. A Louise ficou adoravelmente atrapalhada quando cheguei ao seu apartamento, e deu para perceber que não queria nada que eu entrasse — tinha o saco pronto junto à porta —, mas insisti numa visita guiada. Ela não tinha como recusar e pode ser muitas coisas, mas mal-educada não é uma delas. O que é bom, porque eu queria ver o interior.

— Isto é o mais próximo de férias que vou ter este ano — murmura ela com uma meia risada.

Tenho os olhos fechados também, passando em revista o meu catálogo das divisões na sua casa. A sala de estar: um televisor, um sofá bege com uma manta bege a cobrir as almofadas velhas, uma pequena queimadela de cigarro no braço esquerdo. Alcatifa azul. Muito gasta. À prova de crianças. O quarto principal: pequeno, mas espaço suficiente para uma cama de casal. Papel de parede atrás da cama. Roupeiro branco embutido. Cómoda branca com a superfície coberta de produtos de maquilhagem. Um emaranhado de bijuteria barata a transbordar de um pequeno saco — do tipo que vem de oferta com um creme facial ou num *coffret*. Um roupão pendurado na parte de trás da porta — em tempos branco e felpudo, agora áspero e desgastado por demasiadas lavagens, e com nódoas de café nas mangas.

Aprendi a reter os pormenores. São importantes quando precisamos de *ver* um espaço. Trata-se de um apartamento

compacto. O quarto do Adam — esse não examinei tão bem — é mais pequeno e mais cheio de cores, mas é sem dúvida acolhedor. Tem um ar habitado.

— Além do mais — continua a Louise e eu presto atenção, agora que tenho a certeza de que tenho tudo devidamente - registado na minha mente —, esta coisa de estarmos sentadas é sempre preferível ao ginásio. Amanhã vou estar dorida.

— Mas vais sentir-te melhor — acrescento.

— Acho que já sinto — responde-me ela. — Obrigada por me teres ajudado. E por não te teres rido. — Sinto um fluxo de afeto por ela. Portou-se muito bem, tendo em conta a situação. Pelo menos esforçou-se. Não corri tão depressa como é habitual, mas também não a queria desanimar. O objetivo de hoje era habituar a Louise à ideia do ginásio e não concentrar-me no meu próprio exercício físico, e depois de ter passado toda a manhã de ontem deitada na cama, as minhas articulações estavam perras e soube-me bem mexer-me, mesmo que não tenha sido particularmente árduo. Tínhamos feito um pouco de exercício cardiovascular e depois eu mostrei-lhe as várias máquinas de pesos, e ela experimentou-as todas corajosamente enquanto eu criava alguns circuitos para lhe manter os músculos interessados.

— Sabes, gostava imenso de ter uma companhia regular para o ginásio — digo-lhe, como se fosse a primeira vez que o pensamento me ocorria. — Porque é que não vens comigo nos dias em que não trabalhas? — Faço uma pausa, e baixo a cabeça e a voz. — E ao fim de semana também, se eu vier sozinha. Sem o David, quero eu dizer.

Ela olha-me de relance nesse instante, a sua expressão um misto de preocupação e curiosidade, mas não me pergunta o porquê do secretismo. Sei que não o fará. Não somos próximas o suficiente para tal.

— Seria agradável — replica, após uns segundos. — Vai ser um mês comprido. O Adam vai para França com o pai. Sei que será fantástico para ele e tudo o mais, e se calhar soa um pouco disparatado pois ele deixa-me de rastos a maior parte do tempo e eu devia dar graças pela oportunidade de um mês inteiro só para mim, mas a verdade é que já me sinto um pouco perdida. — As palavras saem-lhe em catadupa. — A escola termina amanhã à hora do almoço e o pai dele vai buscá-lo às cinco e meia. Foi tudo organizado tão depressa que ainda nem tive tempo para pensar

muito bem no assunto. — Ela senta-se subitamente, os olhos arregalados ao aperceber-se de algo. — Oh, porra. Esqueci-me de pedir o dia de folga. Vou ter de ligar a suplicar-lhes.

— Tem calma — respondo-lhe. É claro que se esqueceu. Tem tido outras coisas em que pensar. — Liga a dizer que estás doente. Porquê perder um dia de ordenado?

O rosto dela fica sombrio.

— Não sei. — Olha de relance para mim. — O teu marido estava muito maldisposto ontem, não quero piorar a situação.

Baixo o olhar para os meus joelhos.

— Ele às vezes é assim — digo, quase embaraçada, antes de erguer a cabeça e esboçar um pequeno sorriso. — Mas o facto de ligares a dizer que estás doente não vai mudar nada. E é só um dia. É muito importante para ti e para eles não tem importância nenhuma.

— Lá isso é verdade — replica ela. — Talvez o faça.

Ficamos sentadas em silêncio durante algum tempo e depois ela pergunta:

— Há quanto tempo é que são casados?

É uma pergunta inofensiva. No contexto de uma amizade vulgar já mo teria perguntado há mais tempo, mas é claro que o que existe entre mim e a Louise não é vulgar.

— Dez anos — respondo-lhe. — Desde os meus dezoito anos. Apaixonei-me por ele assim que lhe pus os olhos em cima. Ele era o tal. Soube-o logo.

— Isso é muito novo — responde ela.

— Talvez. É possível que sim. Sabes que ele me salvou a vida?

— Ele o quê? — Não obstante o calor inebriante, ela agora está completamente atenta. — Estás a falar literal ou metaforicamente?

— Literalmente. Foi a noite em que os meus pais morreram.

— Oh, meu Deus. Lamento imenso. — Ela parece muito jovem, os seus caracóis louros molhados afastados do rosto e a pingarem-lhe nos ombros, e acho que quando tiver perdido três quilinhos a sua estrutura óssea vai ficar linda de morrer.

— Tudo bem; foi há muito tempo.

— O que é que aconteceu?

— Não me lembro de nada sobre essa noite. Tinha dezassete anos, quase dezoito. Estava a dormir na casa dos meus pais, na

herdade deles em Perthshire.

— Os teus pais tinham uma herdade? Uma herdade no campo daquelas a sério?

— Sim. Chamava-se Fairdale House. — Sinto-me a ficar ainda mais fascinante aos olhos da Louise: uma linda princesa cheia de traumas. — Eu disse-te que não tinha necessidade de arranjar emprego. Bem — encolho os ombros, como se estivesse envergonhada —, o meu quarto não era muito perto do deles. Nós gostávamos do nosso espaço próprio. Ou, pelo menos *eles* gostavam. Amavam-me, mas não eram propriamente carinhosos, se é que me entendes. E assim que fiquei mais crescida esse distanciamento era até agradável. Significava que podia pôr música tão alto quanto me apetecesse e que o David podia entrar às escondidas à noite sem que eles se apercebessem, por isso estava mais do que bom.

— E? — Ela está à escuta, absorta, mas sei que quer que eu chegue à parte mais interessante, o *David*. Por mim tudo bem. Não sei quaisquer pormenores sobre o incêndio em si. Só o que me foi contado.

— Resumindo, os meus pais tinham recebido visitas e os investigadores acham que estavam ambos muito embriagados quando os convidados saíram. A dada altura da noite deu-se um incêndio que alastrou em força. Quando por fim o David entrou na casa às duas da manhã, me tirou da cama e me arrastou para a rua, já o fogo tinha tomado conta de metade do edifício. A metade mais habitada por nós. Eu estava inconsciente. Os meus pulmões estavam danificados pelo fumo e o David tinha queimaduras de terceiro grau no braço e no ombro. Teve de fazer enxertos de pele. Acho que em parte foi por isso que ele enveredou pela psiquiatria em vez da cirurgia. Ficou com os nervos danificados. Não obstante as queimaduras, ainda tentou ir buscar os meus pais, mas era impossível. Se não fosse ele, também estaria morta.

— Uau — exclama ela. — Incrível. Quero dizer, é uma coisa terrível, claro, mas também é incrível. — Faz uma pausa. — O que é que ele lá estava a fazer a meio da noite?

— Não conseguia dormir e queria ver-me. Ia regressar à faculdade dali a uns dias. Foi uma sorte. Seja como for, tento não pensar muito sobre esse assunto.

Ela ainda está perdida na história e acho que deve custar-lhe um pouco. Fá-la sentir-se em segundo lugar. Se calhar está

habituada a sentir-se em segundo lugar. Mesmo que não o saiba, tem um brilho natural e as pessoas gostam sempre de desvalorizar isso nos outros. Eu tenciono poli-lo ao máximo.

— Vou arrefecer um pouco na piscina — digo-lhe. A conversa sobre fogo fez com que o vapor me parecesse insuportável. — E se depois fôssemos comer uma salada no restaurante? São ótimas. Saudáveis e saborosas.

— Claro — responde-me ela. — A este ritmo vais conseguir fazer-me voltar a vestir as minhas calças de ganga tamanho 36.

— E porque não?

— Exato, e porque não?

Ela esboça um sorriso entusiasmado enquanto saio para o ar ditosamente fresco, e sinto-me feliz. Gosto dela. Gosto mesmo.

Mexo-me de forma vigorosa na água que sinto deliciosamente fria na minha pele, e à medida que as minhas braçadas avançam longas e perfeitas, obtenho algum do exercício físico por que tanto ansiava. Preciso da adrenalina associada a ele. Adoro esta adrenalina.

Estamos a caminho do café, de rosto fresco e cabelo seco, quando ergo o olhar para o relógio na parede. São duas da tarde.

— Já é tão tarde? Espera aí — digo-lhe num pânico súbito, agachando-me para vasculhar na minha mala.

— Está tudo bem? — pergunta-me a Louise. — Deixaste alguma coisa no balneário?

— Não, não é isso. — FRANZO o sobrolho, distraída. — O meu telemóvel. Esqueci-me do meu telemóvel. Não estou habituada a ter um, percebes, mas já são duas da tarde e se não atender... — É a minha vez de as palavras saírem em catadupa. Ergo o olhar e forço um sorriso. Não é muito convincente. — Ouve, porque é que não almoçamos em minha casa? As saladas aqui são ótimas, mas tenho uns artigos de mercearia fantásticos no frigorífico e podemos sentar-nos no jardim.

— Bem, eu não... — começa ela por dizer, claramente sem vontade de ir a minha casa, à casa do David, mas eu interrompo-a.

— Eu depois deixo-te em casa. — Torno a sorrir-lhe, tentando ser encantadora e fantástica e linda. — Vai ser divertido.

— Está bem — responde-me ela após uns instantes, apesar de ainda exibir uma expressão perplexa. — Pode ser. Mas não me posso demorar.

Gosto mesmo dela. Forte, afetuosa, divertida.
E também fácil de convencer.

LOUISE

Tento fazer conversa no carro, dizendo-lhe que só posso ficar cerca de uma hora pois vão deixar-me o Adam em casa às cinco, a seguir às atividades desportivas, por isso tenho de estar de volta às quatro e meia no máximo, mas ela não me está a ouvir. Murmura os sons certos, mas não para de olhar para o relógio no painel de instrumentos ao mesmo tempo que conduz depressa demais pelas ruas apertadas de Londres. Porque é que está com tanta pressa? Que telefonema importante é que vai perder? O seu sobrolho está franzido numa expressão preocupada. Só quando transpomos a porta da entrada é que ela se descontraí. O que é irónico, pois o ato de transpor a entrada deixa-me ligeiramente angustiada. Não devia estar aqui. De todo.

— Ainda tenho dez minutos — diz ela, com um sorriso.
— Entra.

É uma casa lindíssima. Absolutamente maravilhosa. Pisos de madeira — tábuas de carvalho grossas e sumptuosas, nada de laminados baratos — estendem-se a todo o comprimento do átrio e as escadas elevam-se elegantemente numa das extremidades. É uma casa onde se pode respirar. O ar é fresco, as paredes de tijolo antigas e robustas. Esta casa existe há mais de um século e facilmente durará outro tanto.

Espreito uma divisão e constato tratar-se de um escritório. Uma secretária junto à janela. Um arquivo. Uma poltrona de orelhas. Livros dispostos nas estantes, todos de capa dura, nada de leituras típicas de férias. Depois há uma maravilhosa sala de estar, cheia de estilo mas não com demasiadas coisas. Leve e arejada. E tudo num estado impecável. O meu coração bate com tanta força que me faz latejar a cabeça. Sinto-me como uma intrusa. O que pensaria o David se soubesse que eu tinha estado aqui? Uma coisa é tomar café com a mulher dele, outra coisa é estar em sua casa. Talvez considerasse ambas um perfeito disparate. A Adele também, se soubesse o que aconteceu com o David. Odiar-

se-ia a si própria por me ter convidado para sua casa. Odiar-me-ia. O pior de tudo é que aqui, no sítio onde me sinto mais deslocada, continuo com um fraquinho pelo *tipo-do-bar*. Não quero que ele me odeie. Vou ter de lhe dizer. Vou ter de ser sincera.

Meu Deus, sou mesmo parva. Nunca devia ter deixado as coisas chegarem a este ponto com a Adele. Mas o que posso fazer agora? Não me posso simplesmente ir embora. Tenho de ficar para almoçar, como combinado. E eu gosto dela. É simpática. Não é nada distante ou convencida.

— Aqui está ele!

Sigo-a até à cozinha, que é tão grande como o meu apartamento inteiro e provavelmente deve ter custado o mesmo. As bancadas de granito possuem um brilho polido e não se vê uma única marca de caneca ou um único pingo de café. A Adele tem o seu pequeno *Nokia* na mão. Destoa imenso nesta casa tão luxuosa. Porque é que tem um telemóvel antigo tão foleiro? E porquê o pânico de ter de vir rapidamente para casa?

— Está tudo bem? — pergunto-lhe. — Qual é o problema de perder a chamada? É alguma coisa importante?

— Oh, vai parecer-te um absurdo. — Ela deixa descair ligeiramente os ombros e concentra-se em encher a chaleira com a água filtrada do jarro, para evitar olhar para mim. — É o David. Fica preocupado se não atendo quando ele liga.

Fico confusa.

— Como é que sabes que ele te vai ligar?

— Porque liga todos os dias à mesma hora. Preocupa-se comigo, é só.

O meu desconforto por estar em casa deles, bem como o meu fraquinho pelo David, evapora-se ao mesmo tempo que a olho fixamente. Esta linda e elegante jovem mulher a correr para casa em pânico para atender uma chamada do marido?

— Tens de estar em casa quando ele liga? Quantas vezes é que isso acontece?

— Não é o que parece — diz ela, uma expressão suplicante no olhar. — São só duas vezes por dia. E tenho o telemóvel, por isso agora já não preciso de estar em casa. — Será pânico ou medo que ela sente? Sinto que levei um estalo na cara. Mas o que é que eu sei realmente sobre o David? Uma noite de bebedeira e a partir daí construí uma personagem na minha mente. Uma fantasia. Recordo o seu mau humor de ontem. Não faz parte do que eu tinha

imaginado. Mas o ser casado também não.

— Ainda bem — respondo-lhe, cruzando os braços sobre o peito. — Porque isso soa-me muito pouco normal e algo controlador.

Ela fica muito corada e põe uns sacos de chá de hortelã-pimenta dentro de um bule de porcelana.

— Ele gosta de saber que estou bem, é só.

— Mas porquê? — pergunto-lhe. — És uma adulta. — O telemóvel soa e ambas damos um ligeiro salto. — Se calhar devias ignorá-lo. Ligar-lhe mais tarde.

Ela olha para mim nesse instante, a sua expressão incrivelmente nervosa, e eu sinto-me mal. Não tenho nada que ver com o assunto. Sorrio.

— Estava a brincar. Não faço barulho.

Ela sai disparada em direção ao corredor, o telemóvel já encostado ao ouvido, e quando a chaleira acaba de ferver despejo a água para o bule. Não distingo todas as palavras, mas se fizer um esforço consigo ouvir uma parte. Agora sim, sinto-me mesmo uma intrusa, mas não o consigo evitar. Estou demasiado curiosa. É tudo muito estranho. O David pode ser uns anos mais velho do que ela, mas não o suficiente para fazer dele uma espécie de figura paternal. A voz dela chega-me vinda do corredor.

— Não me esqueci. Vou tomá-lo agora. Acabei de chegar do ginásio, foi só isso. Não, está tudo bem. Estou a fazer chá. Amo-te.

Que voz é aquela? Estará com medo? Estará bem? Estará atrapalhada? É tão difícil de precisar. Talvez seja assim que eles costumam falar um com o outro. Estou a ponderar abrir a porta das traseiras e ir fumar rapidamente um cigarro quando ela regressa. Não ouvi uma única risada enquanto ela esteve ao telemóvel, mas parece-me mais descontraída.

— Enchi o bule — digo-lhe.

— Ótimo. — Ela não vai falar mais sobre o telefonema e eu também não lhe pergunto nada. — Tira pratos daquele armário ali, e há húmus, carnes frias e uns pimentos recheados fantásticos no frigorífico.

Enquanto estou distraída com a abundância de iguarias armazenadas no enorme *Smeg* de inox deles, ela vai buscar pães *pitta* à caixa do pão e depois abre de forma disfarçada o armário de comprimidos imediatamente por cima. Espreito por sobre o ombro e paro o que estou a fazer.

— Ena, isso é um armário de medicamentos e peras.

— Oh, tenho problemas de ansiedade. — Ela apressa-se a fechá-lo. — Acho que sou naturalmente nervosa. Por isso é que gosto tanto de ir ao ginásio. Ajuda-me a gastar energia.

— Quantos é que tomas por dia? — Havia imensas embalagens de comprimidos empilhadas e não consigo evitar pensar que demasiada medicação não faz bem a ninguém.

— Só um ou dois. O que o David me receitar. Vou tomá-los mais tarde. Depois de ter comido alguma coisa.

Estou a fazê-la sentir-se pouco à vontade, mas o meu rosto foi sempre um livro aberto. Ela parece-me perfeitamente normal. O que não me parece nada normal são os telefonemas e os comprimidos. E receitados pelo marido? Nem sequer sei muito bem qual é a ética a seguir em situações destas. De repente não quero nada estar aqui. Nada disto foi boa ideia. Tinha imaginado que eles tinham um casamento perfeito, mas agora, mesmo depois de ver esta casa fantástica, não sinto inveja nenhuma deles. Nem sequer sinto inveja da Adele, com a sua beleza e elegância. De todo. A casa parece uma jaula dourada. O que é que ela fará o dia inteiro? A minha vida pode ser um sem-fim de rotinas estafantes, mas pelo menos estou ocupada.

— Vamos levar isto tudo lá para fora e aproveitar o sol — diz-me ela e calculo que, para já, o assunto esteja encerrado.

A comida é deliciosa e eu sinto-me esfaimada depois do ginásio, e o melhor de tudo é constatar que a Adele não come como eu tinha imaginado. Julgava que ela fosse uma daquelas mulheres tipo «Oh, estou cheia» após três garfadas de salada, mas em vez disso ela come com a mesma vontade que eu. Não demoramos muito a despachar a maior parte da comida que trouxemos cá para fora e a Adele tem de ir lá dentro buscar mais pão.

— Porque é que não têm filhos? — Lanço a pergunta cá para fora. Não percebo porque é que não têm. São abastados, ela não trabalha e estão juntos há imenso tempo.

A Adele bebe um trago do seu chá antes de me responder:

— Não os quisemos na mesma altura, penso eu. O David queria, logo no início, mas eu não estava preparada. Agora é precisamente o contrário.

— O relógio biológico começou a funcionar? — pergunto-lhe.

— Talvez. Foi um pouco isso. — Ela encolhe os ombros. —

Mas estamos muito concentrados na carreira dele.

— Ele pode estar, mas tu deves ficar saturada. — Não sei porque é que estou a fazer estas perguntas todas. Não sei porque é que a quero ajudar, mas quero. Ela tem algo de vulnerável.

— Cozinho. Limpo a casa eu mesma. Detesto a ideia de vir cá alguém fazer isso. Acho que gosto de ser uma esposa tradicional. Gosto de o fazer feliz.

Sinceramente não sei o que dizer em relação a isso e sinto a transpiração a escorrer-me por baixo das coxas. Enquanto ela está em casa a cozinhar, a limpar e a ir ao ginásio para se manter perfeita, ele anda a sair e a embebedar-se, beijando mães solteiras gorduchas com montes de problemas.

— Oh, meu Deus, esqueci-me! — Ela põe-se de pé de um salto e corre para o interior da casa, rápida qual gazela, e eu penso: «O que terá sido agora?» Mais algum regime imposto pelo David que ela falhou? Mas que raio é que se passa nesta casa? Mas depois ela regressa ao jardim, sorrindo e segurando um caderno antigo. — Era para to ter dado no ginásio, mas por causa da coisa do telefonema passou-me completamente. É para te ajudar com os terrores noturnos.

Como raio é que ela se lembra disso? Mencionei-o enquanto bebíamos café, é um facto, mas só de passagem.

— Também os costumava ter. Eram terríveis. O David tentou ajudar-me à sua maneira, deu-me um livro que comprou numa loja de artigos em segunda mão sobre o poder dos sonhos, mas acabei por ter de fazer terapia e tudo.

— Quando os teus pais faleceram? — Sou acometida por um imenso calafrio de compreensão.

— Não, antes disso. Quando era muito nova. Depois de os meus pais terem morrido tive outros distúrbios do sono, mas isso é uma história completamente diferente. Há quanto tempo é que sofres disso? Já falaste com alguém sobre isso?

Sinto-me como se tivesse levado um murro no estômago. Meu Deus, vejam bem, eu e a Adele. Os mesmos terrores noturnos. O mesmo péssimo gosto em homens.

— Desde pequena — replico, forçando-me a soar despreocupada. — Como tu, penso eu. A minha mãe levou-me ao médico, mas pelos vistos era algo que acabaria por passar. Em vez disso, habituei-me a eles. Era um sucesso com os namorados. Andava de um lado para o outro de olhos abertos, qual tresloucada de um filme

de terror, e quando me tentavam acordar batia-lhes e depois irrompia num pranto. — Sorrio, apesar de as recordações não serem nada divertidas. O Ian achava-o muito cansativo. Ainda estou convencida de que em parte foi por isso que acabámos. — Voltei a ir a um médico, mas ele disse que não podiam ser realmente terrores noturnos porque me lembrava deles, e acabei por ter de seguir em frente. Os comprimidos para dormir ajudam um pouco, mas fazem-me sentir mal como a merda no dia seguinte e não gosto de os tomar quando bebo vinho.

Não acrescento «e bebo um pouco de vinho todas as noites». Ela não precisa de saber isso. Não é como se me *embebedasse* todas as noites. Não tem mal nenhum beber um ou dois copos, digam o que disserem. Para os franceses é na boa. Não quero pensar na França. «Grávida.»

— Esse médico estava enganado — diz-me a Adele. — Há pessoas que se lembram dos terrores noturnos. Pessoas como nós. Fazes ideia do quão raras somos?

Nunca a tinha visto tão animada. Está concentrada em mim. Atenta. De costas direitas. Abano a cabeça. Nunca tinha pensado muito sobre o assunto. Faz simplesmente parte de quem eu sou.

— Menos de um por cento dos adultos sofre de terrores noturnos e só uma pequena percentagem consegue recordá-los. Pessoas como nós. — Ela sorri de pura felicidade. — É incrível que duas pessoas dessa percentagem tão ínfima se tenham - encontrado!

Ela está com um ar tão feliz que sinto nova vaga de culpa. Devia ir para casa. De volta para a minha vida e para longe da vida dela. Não quero a sua ajuda. Mas estou curiosa. Ela disse que tinha problemas de ansiedade, não de sono. Se é como eu, então seria de esperar que o sono estivesse no topo da lista. Olho para o caderno fino em cima da mesa posicionada entre nós.

— Então e como é que isto me vai ajudar?

— Tens de aprender a controlar os teus sonhos.

Dou uma risada, num gesto automático. Aquilo soa-me a merdas de meditação *new age* e eu sou cética de nascença.

— Controlá-los?

— Foi o que eu fiz. Sei que soa a palermice, mas mudou a minha vida. Leva o caderno. Lê-o. Acredita no que te digo, se fizeres o esforço acabam-se os terrores noturnos e passam a ser

sonhos incrivelmente vívidos à tua escolha. Sonhos lúcidos.

Pego no livro e espreito a primeira página. As palavras estão ordenadamente escritas e sublinhadas.

Beliscar-me e dizer ESTOU ACORDADO de hora em hora.

Olhar para as minhas mãos. Contar os dedos.

Olhar para o despertador (ou relógio de pulso), desviar o olhar, voltar a olhar.

Permanecer calmo e concentrado.

Pensar numa porta.

— Isto é teu? — folheio-o. Há algumas páginas escritas à mão, a caligrafia cuidada perdendo-se claramente após a primeira página, e depois, mais para o fim, várias folhas foram arrancadas. Não está propriamente em boas condições.

— Não — responde-me ela. — Pertencia a uma pessoa minha conhecida. Mas uma parte desse livro sou eu também. Estava presente quando ele aprendeu a fazê-lo.

ANTES

— Beliscar-me e dizer que estou acordado? De hora em hora? Queres que ande por aí a fazer *isso*? Como se não houvesse já tanta gente convencida de que somos loucos.

— Mais uma razão para não haver problema nenhum.

— Se tu o dizes.

— E o que é esta coisa dos dedos?

O sítio debaixo da árvore junto ao rio passou a ser deles e, enquanto o bom tempo se aguenta, passam todo o seu tempo livre nesse lugar, alegremente estendidos sob os ramos ao calor.

— As nossas mãos parecem diferentes quando estamos a sonhar. Aprendi isso num livro que o David me deu quando era miúda. Os meus pais tiraram-mo, disseram que era uma fantochada e acho que, de certa maneira, o David achava o mesmo, mas não era. Ensinou-me tudo o que te vou ensinar também. — Ela está quase satisfeita, e apesar de momentos como este serem raros e ela ainda ter uma série de sentimentos de perda e de culpa com os quais ainda não lidou são cada vez mais frequentes. Ter-se tornado amiga do Rob salvou-a dela própria. Ele está a dar-lhe novamente vida.

— Eles estão certos em relação a ti — diz o Rob. — És doida.

Ela dá-lhe uma palmada divertida e ri-se:

— É verdade. Vais ver. A mesma coisa com o tempo. O tempo nunca é consistente num sonho. Os relógios andam mais depressa.

— Estou acordado. — Ele sorri para ela. — Estás a ver? Estou a fazê-lo. — Ele agita os dedos e fita-os.

— Não precisas de fazer tudo ao mesmo tempo.

— Já que vou parecer um maluco — diz o Rob —, que seja um maluco a sério.

A Adele olha para as próprias mãos, tinta azul seca debaixo das unhas, o mostrador do relógio do David cintilando sob a luz solar. O Rob tinha razão e as enfermeiras estão satisfeitas com a

sua nova arte aquática — se é que lhe podemos chamar isso —, mas não está a ajudá-la a interiorizar o que aconteceu aos pais. Em vez disso, descobriu que visualiza o velho poço abandonado na floresta nas traseiras da casa dos seus pais. Vê-se a si mesma parada ao lado dele e a despejar o passado para o seu interior. Talvez um dia o descubra metaforicamente cheio e depois o possa tapar e seguir em frente. Talvez então consiga dormir. Como dantes. Sente falta desse tempo por trás dos seus próprios olhos. É uma parte dela e o sentimento de culpa não é suficiente para o apagar por completo.

— Faz só o que te digo, Rob — diz ela. — Mais tarde irás agradecer-me.

— Está bem, está bem. Mas só porque és tu. — Ele pisca-lhe o olho e ambos sorriem um para o outro, e o calor que se sente não vem só do sol, por uns momentos vem dela também.

LOUISE

O meu sentimento de culpa por ter fingido estar doente para faltar ao trabalho é totalmente erradicado pela onda de tristeza que me acomete quando o Adam parte para ir passar o mês fora, saindo a correr do apartamento e deixando esse sofrimento negligente que somente as crianças conseguem incutir com o seu entusiasmo. Assim que a porta se fecha atrás dele, o nosso minúsculo apartamento parece-me demasiado grande e vazio. Como se toda a gente se tivesse ido embora, deixando-me para trás. Não sei o que fazer com o meu tempo. Deambulo pelo apartamento até já não conseguir ignorar a tentação da garrafa de vinho. Quando vou buscar o saca-rolhas, vejo o caderno que a Adele me deu e que atirei para o interior da gaveta. Fito-o demoradamente antes de pegar nele.

Na parte de dentro da capa do livro, no canto superior, vê-se um nome cuidadosamente escrito. ROBERT DOMINIC HOYLE, e essas palavras interessam-me mais do que a lista de instruções na página oposta. «Beliscar-me e dizer ESTOU ACORDADO de hora em hora.» Ignoro-as para já — mas ao menos são coisas que posso fazer em casa — e fito o nome do estranho. Sempre gostei de livros com os nomes dos proprietários escritos à mão, como os que encontramos nas lojas de artigos em segunda mão, que em tempos foram presentes e que possuem dedicatórias escrivinhadas no interior, histórias inteiras escondidas atrás de meia dúzia de palavras, e este livro não é diferente. Quem será este rapaz? Será que a Adele e o David ainda se dão com ele? Terá ele achado tudo isto um grande disparate, tal como eu, quando a Adele tentou ajudá-lo pela primeira vez?

Viro a página à espera de encontrar mais instruções, mas os gatafunhos, uma letra apertada e pontiaguda escrita a esferográfica e que não se limita às linhas existentes, são mais do que isso. Um registo de tentativas, parece-me. Abro o vinho, sirvo-me de um copo grande e recosto-me, curiosa em relação àquela cápsula do

tempo da escrita, esse fragmento do passado da Adele, começando a ler:

Se continuar a beliscar-me como um parvo, os meus braços vão ficar tão cheios de nódoas negras que as enfermeiras vão pensar que ando a usar outra vez (quem me dera), mas pelo menos sempre ajuda a passar o tempo neste sítio de merda. Dois dias a contar os dedos e a olhar para relógios e a beliscar-me a torto e a direito e nada. A Adele diz que tenho de ser paciente. Pelo menos fá-lo com um sorriso. Não sou muito bom nessa coisa da paciência. Mas sou bom a fazê-la rir. E ela também me faz rir. Ainda bem que a Adele está cá, porra. Sem ela este sítio cheio de almas caridosas da treta seria mais do que suficiente para me fazer atirar ao lago, de tédio. Já estive na merda do centro de reabilitação. Não percebo porque é que tinham de me mandar para aqui também, castigando-me a dobrar. É mesmo típico da merda da Ailsa. Como é de borla... Tenho a certeza de que convenceu o médico a mandar-me para cá, para eu não ficar lá no apartamento e ela poder andar às cambalhotas com quem quiser e sempre que quiser.

A Adele é diferente. Só estou a experimentar esta merda por ela. Os sonhos não me incomodam, às vezes até me agradam, de uma forma algo perversa. Fazem-me sentir mais vivo do que me sinto na vida real. Às vezes isso é como se caminhasse sobre água. Toda a gente é desinteressante. Toda a gente é previsível. Toda a gente está preocupada apenas consigo própria. Incluindo eu, mas o que é que as pessoas esperam afinal? Já viram onde é que eu moro, porra? As pessoas são inevitavelmente uma merda e merecem ser tratadas como tal. À exceção da Adele. Ela é linda por dentro e por fora. É claro que agora que escrevi isto ela jamais poderá ver este caderno. Não quero que se ria de mim. Posso ser divertido e inteligente, mas sei que também sou magricelas e borbulhento, e que tenho este aparelho ridículo nos dentes. Ela jamais entenderia. Iria pensar que lhe queria saltar para cima (o que não é o caso, de maneira nenhuma). Acho que no fundo não gosto da maioria das pessoas. É como se elas nem sequer existissem para mim, não de uma forma real, mas gosto da Adele. Gosto da sua companhia. Sinto-me feliz perto dela e não

tenho tanta vontade de ficar pedrado quando estou com ela. Somos amigos. Acho que somos melhores amigos. Não me lembro da última vez que tive um melhor amigo. A Adele Rutherford-Campbell é a minha primeira melhor amiga. Para dizer a verdade, e por mais estranho que pareça, é uma sensação muito agradável.

Quando a campainha soa, levanto-me tão depressa que quase entorno o que resta da garrafa de vinho junto aos meus pés. O caderno é esquecido de imediato ao mesmo tempo que saio a correr da sala de estar. É o Adam, só pode. Mudou de ideias. - Afinal já não quer ir para fora um mês inteiro e, a chorar e a esperar, exigiu ao Ian que o trouxesse para casa. Para mim. A sua mãe. A mamã. O centro do seu universo. Não obstante os seus guinchos superexcitados quando saiu daqui às cinco e meia, o Paddington enfiado debaixo do seu braço, convenci o meu cérebro embriagado de que é ele, de tal maneira que quando abro a porta fico especada a olhar, desorientada.

— Oh — exclamo. — És tu.

— Olá.

Não é o Adam. É o David. O David está à porta da minha casa, encostado na ombreira como se esta o estivesse a aguentar de pé. Os meus olhos estão a vê-lo, mas o meu cérebro está a ter dificuldade em acreditar. O David está aqui.

— Ligaste a dizer que estavas doente. Lembrei-me de vir ver como estavas. — Ele parece embaraçado, mas por alguma razão isso fá-lo parecer ainda mais atraente, e de repente estou muito consciente do copo de vinho que seguro na mão. O que raio estará aqui a fazer? Por que motivo veio aqui? Porque é que não pus maquilhagem? Porque é que tenho o cabelo despenteado? E por que razão, idiota que sou, é que isso me interessa?

— Foi uma dor de cabeça. Agora já me sinto melhor.

— Posso entrar?

O meu coração acelera e sinto-me a corar. Estou com um aspeto terrível. Não que isso devesse ter alguma importância. Não tem importância. Também sinto que fui apanhada numa mentira no trabalho e subjacente a tudo isso há ainda o segredo no qual me encontro envolvida. «Ei, sou amiga da tua mulher!»

— Claro. — Afasto-me para o lado e só então me apercebo de que ele também não está propriamente sóbrio. Não está

embriagado, mas percebe-se um vazio no seu olhar e não caminha tão a direito como devia. Demora-se na cozinha e mando-o ir sentar-se na sala de estar, enquanto vou buscar mais um copo e outra garrafa de vinho ao frigorífico, e depois vou ter com ele. O caderno que a Adele me deu ontem está em cima da mesa de apoio junto ao sofá e quando me sento atiro-o rapidamente para o chão, onde ele não o poderá ver. Sinto-me ligeiramente nauseada. Mas que raio é que ele está aqui a fazer? Será que me veio despedir? Qual será o seu estado de espírito?

Ele está sentado na beira do sofá, completamente deslocado na confusão que é a minha vida, e quando recorro o espaço e a elegância da sua casa encolho-me levemente. O televisor está cheio de pó pois não o limpo há uma eternidade e o furacão permanente que é o Adam ainda é visível nos brinquedos abandonados e no emaranhado de fios da consola num dos cantos. Estendo-lho o copo e a nova garrafa de vinho, e depois encho o meu copo com o resto do vinho que já quase acabei. Amanhã vou trabalhar com uma ressaca, mas desconfio de que não serei a única. Será sexta-feira e pelo menos tão terei de me preocupar em despachar o Adam para a escola. Isso faz-me sentir vazia, pelo que bebo mais um pouco.

— Como é que sabias onde é que eu morava? — Sinto-me estranha assim sentada ao seu lado. O meu corpo está elétrico, traindo-me enquanto tento aparentar descontração.

— Estava com receio de que não tivesses ido trabalhar por minha causa. — Ele não olha para mim. — Por ter sido tão grosseiro contigo. Disseram-me que nunca tinhas faltado ao trabalho por estares doente.

Essa parte é verdade. É um bom emprego e fica perto de casa. Prefiro arrastar-me para lá cheia de gripe do que arriscar ficar sem ele, além de que é um excelente descanso das mães da escola e dos miúdos. Companhia adulta três dias por semana. Sinto-me culpada por ter faltado. Devia ter sido honesta, mas a Adele fê-lo parecer tão aceitável e, para ser sincera, não é como se as outras pessoas também não o fizessem às vezes.

— Fui buscar a tua morada e o teu contacto à tua pasta, mas achei que se te ligasse irias desligar-me o telefone na cara. — Ele olha-me de soslaio; defensivo, triste e bêbedo. *Lindo*. O tipo de homem que apetece curar. O tipo de homem que queremos que nos cure. Mas quem é ele, afinal? Porque é que está preocupado

por eu ter faltado um dia? E por que motivo haveria eu de desligar o telefone na cara do meu chefe? Recordo o armário dos comprimidos, os telefonemas e o rosto doce da Adele. Estará a tentar controlar-me também? Ou será apenas a minha mente a ver comportamentos suspeitos em todos os homens, porque estou zangada com o Ian por ele ser feliz com outra pessoa? Ufa, detesto pensar demasiado.

— É melhor ires para casa — digo-lhe.

Ele franze o sobrolho e olha em redor, como se de repente se tivesse apercebido de que falta alguma coisa.

— O teu filho está na cama?

— Não. Foi passar um mês fora com o pai. Partiram hoje. — Bebo mais um longo trago de vinho, apesar de a minha cabeça já estar ligeiramente à roda, não obstante o fluxo de adrenalina causado pela chegada do David.

— Ah — exclama ele. Pode estar um pouco embriagado, mas não é parvo, e vejo que já percebeu o que se passou com a minha falta ao trabalho. Ainda assim, não há muito que possa fazer agora, a não ser que queira dizer ao Dr. Sykes que estive no meu apartamento e a beber, e isso soaria certamente estranho.

— Deve ser agradável ter uma família.

— Eu *tive* uma família — respondo e a minha voz soa mais ressentida do que o tencionado. «A Lisa está grávida.» — Agora sou uma mãe solteira em Londres, onde é sempre *tão* fácil fazer novos amigos quando estamos na casa dos trinta. Ou não. — Ergo o meu copo no ar. — A viver uma vida típica de *rock and roll*. Seja como for — acrescento — tu podias ter filhos. Vocês são ambos suficientemente jovens. — Digo-o num tom quase agressivo, um lembrete firme de que ele é casado. Um lembrete tanto para mim como também para ele. Para o meu corpo que não se consegue acalmar assim tão próximo dele.

Ele esvazia rapidamente o copo de vinho e serve-se de mais, e mesmo no meu estado muito pouco sóbrio sinto que ele o faz com mestria. Será isto parte dos seus problemas? O facto de beber? Com que frequência ficará neste estado?

— Interrogo-me se não terá sido o destino — diz ele. — O termo-nos encontrado naquele bar.

Quase dou uma gargalhada sonora, mas em vez disso sai-me um risinho enfadado.

— Eu acho que foi apenas azar.

Ele olha para mim nesse instante, fitando-me como deve ser, mesmo nos olhos, e não parece notar que o meu cabelo está uma desgraça e que não estou a usar maquilhagem e que basicamente estou com um aspeto merdoso.

— É isso que pensas?

Sinto um arrepio no estômago. Não o consigo evitar. Ele *mexe* comigo. É como se o meu cérebro estivesse fechado numa caixa e o meu corpo assumisse o controlo.

— Se virmos bem, as coisas não correram muito bem para os meus lados. Conheço finalmente um homem com quem engrajo e é casado. — É uma provocação. Um ligeiro abrir da porta ligeiramente embriagada. Podia ter dito que tinha sido um erro e que jamais voltaria a acontecer. Devia tê-lo feito. Mas não o fiz.

— Há muito tempo que não me sentia tão descontraído com ninguém — diz-me ele. — Fartámo-nos de rir, não foi? As pessoas deviam conseguir fazer-se rir umas às outras. Isso é uma coisa que deveria existir sempre, aconteça o que acontecer.

Isso lembra-me o que a Sophie disse sobre ser a melhor amiga do marido e eu sinto-me triste e perdida. O que é que ele quer de mim?

— Este apartamento é muito acolhedor. Tem um ar vivido. — Ele apercebe-se do meu embaraço. — Tu sabes o que quero dizer. Vive aqui uma família.

— Acho que a palavra que procuras é desarrumado.

— Não paro de pensar em ti.

Ele profere-o num tom de arrependimento, mas mesmo assim o meu coração dá um salto. Ele pensa em mim. De imediato, interrogo-me quantas vezes e quando e em que é que ele pensa concretamente, ao mesmo tempo que a minha consciência sussurra: «Tu conheces a mulher dele, simpatizas com a mulher dele» e «Ele tem umas mudanças de humor estranhas e um casamento esquisito.» Mas ainda assim o meu estômago aperta-se, e sinto um calafrio de calor e desejo.

— Não sou nada de especial — respondo-lhe, enquanto cada nervo no meu corpo vibra e me sinto pouco à vontade ao lado dele. — A tua mulher é muito bonita.

— Sim — replica. — Pois é. — Ele bebe mais vinho e eu imito-o. Onde é que isto vai parar? Irá parar onde eu penso que vai parar? Devia mandá-lo embora, sei que sim, mas em vez disso deixo-me ficar sentada e engulo em seco, o meu corpo um frenesim

de nervos. — Mas tu és... — Ele olha para mim então e sinto-me a derreter. — Mas tu és *adorável*.

— Há quanto tempo estão juntos? — Preciso de acalmar isto. Preciso de *me* acalmar. Devia dizer-lhe que a conheço. Devia, mas não o faço. Isso seria o fim disto, seja lá o que isto for, pelo que ainda não o posso fazer. Não é como se estivesse a *acontecer* alguma coisa.

— Há muito tempo — responde-me ele, fitando os pés. — Desde sempre, na verdade.

Recordo a história deles, contada por ela. O facto de a ter salvado do incêndio. Porque é que não estou a ver esse seu amor por ela? Mas, por outro lado, por que motivo haveria de mo mostrar a mim?

— Ela também é médica? — pergunto. Mentiras e verdades e testes.

— Não. Não, não é. Não sei bem o que é que ela é. Mas não trabalha. — Continua a não olhar para mim, girando o seu vinho dentro do copo antes de beber um longo trago. — E há muito tempo que não me faz rir. — Ele olha para mim então, e o seu rosto está tão perto do meu que penso que o coração vai rebentar-me do peito.

— Então porque é que continuas lá? — As palavras são uma grande traição à Adele, mas quero pressioná-lo. Para ver se me responde com rispidez ou se fica cheio de remorsos e se vai embora ou algo do género. Toda a minha determinação começa a dissipar-se. Se ele continuar aqui por muito mais tempo vou voltar a fazer figura de parva. — Se não são felizes, então se calhar deviam separar-se — digo. — Só custa tomar a decisão.

Ele dá uma pequena gargalhada, como se fosse a ideia mais louca que ouviu o dia inteiro, num dia passado a escutar pensamentos loucos, e depois fica em silêncio por uns instantes, olhando fixamente para o seu copo. Quem é este homem que ele esconde sob a simpatia e a vivacidade de espírito? Porquê esta melancolia embriagada?

— Não quero falar sobre o meu casamento — diz-me ele, por fim. — Não quero pensar no meu casamento. — Toca-me no cabelo, um fio solto enrolando-se à volta do seu dedo, e eu tenho a sensação de que alguém me ateou fogo. O vinho, a ausência do Adam, a solidão e a terrível sensação de vitória pelo facto de ele estar na minha casa são tudo rastilhos para a minha luxúria.

Desejo-o. Não o consigo evitar. E ele deseja-me também. Inclina-se para a frente e depois os seus lábios deslizam sobre os meus, leves como borboletas na sua provocação delicada, e eu já não consigo respirar.

— Preciso de... — Aceno com a cabeça, embaraçada, em direção ao corredor e depois levanto-me e vou à casa de banho.

Utilizo a sanita e depois lavo o rosto. Não posso fazer isto. Não posso. Ao mesmo tempo que o penso, lavo-me rapidamente e dou graças a Deus por ter rapado os pelos das pernas e das virilhas antes de ter ido ao ginásio com a Adele. Estou embriagada. Não estou a pensar como deve ser. Vou odiar-me a mim própria amanhã de manhã. Estou a pensar todas estas coisas, mas há um fluxo de ruído branco e de desejo embriagado a abafá-las. O Adam vai estar fora um mês. A Lisa está grávida. Porque é que não posso ter só esta coisa? O meu rosto está ruborizado no espelho.

Só esta noite, digo para mim mesma. Nunca mais voltará a acontecer. Ele pode já ter ido para casa e tudo. Apercebendo-se do erro que foi vir aqui e regressando à sua casa perfeita e para a sua esposa perfeita. «Isso seria bom», penso, ao mesmo tempo que o meu corpo denuncia essas palavras como mentiras. «Não posso fazer isto. Não devia fazer isto.»

Quando abro a porta ele está parado à minha espera, e antes de eu ter tempo para dizer seja o que for, puxa-me para si, a sua boca cobrindo a minha, e eletricidade percorre-me o corpo da cabeça aos pés. Acho que murmuro que devíamos parar, mas ao mesmo tempo estou a puxar-lhe a roupa e cambaleamos, embriagados, em direção ao quarto. Preciso de fazer isto uma vez. E depois nunca mais penso no assunto. Tem de ser.

Mais tarde, quando já recuperámos o fôlego e não sabemos muito bem como comportar-nos perto um do outro, ele vai tomar um duche rápido enquanto eu visto o meu roupão coçado e vou apanhar os copos e as garrafas na sala de estar. Não sei como me devo sentir. Dói-me a cabeça, e a combinação do sexo com o vinho deixou-me mais embriagada do que devia. «Ele está a lavar-me do seu corpo.»

Tento não pensar na Adele à espera dele em casa, com uma refeição caseira qualquer no forno. Ainda o sinto na minha pele, com um arrepio, apesar de experimentar um vazio no coração. Não

fazia sexo há tanto tempo que é como se o meu corpo tivesse acabado de despertar. Não foi fantástico — mas foi íntimo e afetuoso, e ele observou-me enquanto o fazíamos, olhou mesmo para mim, e foi o *tipo-do-bar* em vez de o *meu-chefe-e-marido-da-Adele*, e eu não deixei os olhos nem as mãos demorarem-se nas suas cicatrizes por ter resgatado a mulher de um incêndio.

Quando ele entra na cozinha já está vestido e não consegue olhar-me nos olhos. Sinto-me uma mulher fácil. É uma sensação merecida. Ele tomou duche sem molhar o cabelo, o preservativo foi despejado pela minha sanita abaixo, todas as provas de infidelidade desaparecidas.

— É melhor ir andando — diz-me. Aceno com a cabeça e tento esboçar um sorriso, mas é mais um esgar.

— Vemo-nos amanhã, no trabalho. — Estou à espera de que ele abra a porta e saia a correr, e por uns instantes parece que o vai fazer, mas depois volta atrás e beija-me.

— Desculpa — diz-me. — Sei que isto é uma merda.

Vem-me à mente o sorriso doce da Adele e apetece-me dizer-lhe que sou tão culpada como ele de traição, mas não sou capaz.

— Esquece. Está feito. Não há como voltar atrás.

— Não quero voltar atrás. Mas as coisas são... — Ele hesita. — Complicadas. Não consigo explicar.

Não é assim tão complicado, apetece-me responder-lhe. As pessoas traem-se umas às outras constantemente. Os motivos são sempre egoístas e desprezíveis, as desculpas que arranjos é que são complicadas. Mas fico calada. A cabeça estala-me e os sentimentos estão ao rubro.

— É melhor ires — digo, dando-lhe um pequeno empurrão na direção da porta. Não quero que diga mais nada que me faça sentir pior do que já me sinto. — E não te preocupes, isto não vai afetar o meu trabalho.

Ele parece ficar aliviado.

— Ótimo. Às vezes ela... Não sei como... — Ele não está a fazer sentido nenhum, mas deixo-o continuar. — Não gosto de... Não se devem misturar as coisas.

Ele *compartmentaliza*. Foi o que a Adele me disse. Mal ela sabe o quanto...

— Vai — repito e dessa vez ele obedece.

«Bem», penso quando a porta se fecha, deixando-me de repente sozinha e terrivelmente só, «e é assim.» Consegui descer

ainda mais baixo. Nem a Sophie teria feito uma coisa destas. Depois de tanta preocupação com a forma como ele trata a Adele, mesmo assim fiz sexo com ele na primeira oportunidade.

Sirvo-me de um copo de água, vou buscar ibuprofeno e arrasto-me de volta para a cama. Não quero pensar no assunto. Não quero pensar neles. Não quero pensar em *min*. Só quero ir dormir.

Acordo na cozinha com a torneira a correr e a agitar os braços perto do rosto para afastar os sonhos. Estou esbaforida, a cabeça completamente em brasa. Já amanheceu, pelo que pisco os olhos e respiro ofegantemente, por uns instantes convencida de que a corrente de luz matinal são chamadas à minha volta, e depois acalmo-me aos poucos, mas o sonho continua vívido. O mesmo do costume. O Adam está perdido. A escuridão a ganhar vida para me aprisionar. Mas desta vez foi ligeiramente diferente. Sempre que me aproximava da voz do Adam e abria uma porta no edifício abandonado, deparava-me com a Adele ou o David numa divisão em chamas, ambos gritando algo que eu não conseguia compreender.

São seis da manhã e sinto-me pessimamente, com o estômago às voltas por causa da ressaca, do sentimento de culpa e das brasas do sonho, e sinto-me exausta. É demasiado tarde para voltar para a cama e por breves instantes penso em faltar ao trabalho um segundo dia, mas não quero ser esse tipo de pessoa. A Sue já deve ter reparado que não vou tão cedo como costumava e mais um dia só a irá preocupar. Além disso, quero que as coisas regressem à normalidade. Fingir que a noite de ontem nunca aconteceu. Sou uma pessoa merdosa, mas mesmo ao pensá-lo sinto arrepios de prazer ao recordar o sexo. Não me vim — nunca acontece na primeira vez —, mas ele despertou o meu corpo e vai demorar algum tempo para que este regresse novamente à rotina da minha vida sem sexo.

Faço café, entro na sala e vejo o caderno no chão. Isso faz-me sentir novamente culpada. A Adele está a tentar ajudar-me e eu fui para a cama com o marido dela. Como é que permiti que isto acontecesse?

Preciso de guardar o que aconteceu com o David numa caixa na minha mente, separado da Adele, caso contrário ainda faço um disparate como por exemplo contar-lhe só para me sentir melhor. E

eu não me sentirei melhor, ela é que se sentirá pior. Penso na Sophie e nos seus casos amorosos, em como nunca ninguém conta à esposa e como a vida de toda a gente se deve resumir a uma confusão de segredos e mentiras. Nunca sabemos quem as pessoas são realmente sob a pele. Numa espécie de gesto de solidariedade para com a Adele, belisco-me.

— Estou acordada — digo, e sinto-me parva ao ouvir as minhas palavras proferidas em voz alta num apartamento vazio. Isto não passa de um disparate, mas continuo. Olho para as minhas mãos e conto os dedos. Não estou para me levantar e ir à cozinha olhar para o relógio de parede. Julgo poder fazer essa parte quando estiver no trabalho. Mas isto não é propriamente um castigo. Não para o que eu fiz. Ser boa aluna não apaga esta traição, de modo algum. Meu Deus, dói-me a cabeça. O David e a Adele — não sei bem o que é que cada um deles significa para mim. Um amante, agora? Uma amiga nova? Nem uma coisa nem outra? Sinto-me fascinada por ambos — individualmente e na qualidade de casal, mas talvez não passe disso mesmo. Para além de ser também uma grande confusão prestes a acontecer. Não posso ficar com os dois. Não posso. Tenho de escolher.

O meu telemóvel, ainda no quarto, começa a tocar e o meu coração dispara.

— *Bonjour Maman* — diz o Adam e depois dá uma risada. — Olá, mamã! Estou em França e ainda não comi caracóis, mas o pai disse-me para te ligar antes de ires para o trabalho...

Neste momento, ao ouvir a tagarelice matinal entusiasmada e ofegante dele que me enche os olhos fatigados de lágrimas, estava capaz de beijar o Ian. Ele sabe, bem no fundo, o quanto isto me custou, deixar o meu bebé ir com eles, especialmente agora, especialmente quando existe uma *gravidez* pelo meio. Ele sabe o quão importante é para mim ter notícias dele sem ser preciso ser eu a ligar. Sabe que não me quero sentir carente, apesar de o Adam ser o bebé, hoje e sempre. Sabe que sou orgulhosa e que quando me magoam sou capaz de me prejudicar a mim mesma para me vingar. Ele conhece-me. Posso detestar a forma como me tratou, e posso detestar o facto de ele estar feliz, mas ele *conhece-me*. Depois da noite passada com o David isso é estranhamente reconfortante

Rio-me com o meu menino durante uns minutos e depois ele desaparece não sei para onde, e o Ian diz-me que está tudo bem,

que o tempo está ótimo e que não houve atrasos. É a conversa de cortesia do costume, mas faz-me sentir melhor em relação à situação. Esta é a minha vida real, ainda que agora me sinta insegura quanto a ela. Esta é a vida com a qual tenho de me reconciliar.

Se, e quando, esta enorme confusão explodir, pelo menos terei o Adam, e o Ian em certa medida. Estamos ligados através do nosso filho.

Quando por fim terminamos a chamada já me sinto melhor e o duche lava o pior da minha ressaca. Baixo o olhar para as mãos debaixo do jato de água e conto os dedos. Belisco-me e digo que estou acordada. Tento não pensar sobre o sexo que fiz com o David, mesmo enquanto o lavo do corpo. Hoje vou vestir calças e o mínimo de maquilhagem possível. O que aconteceu na noite anterior não poderá repetir-se. De maneira nenhuma. Preciso de fazer o que é correto. E isso implica não escolher o David.

ADELE

Comprei-o com o cartão de crédito, misturado entre as compras do supermercado. Por norma guardo todos os recibos das compras, para o caso de ele mos pedir, mas há uns dois anos que não o faz e mesmo que comece a fazê-lo agora, fingirei ter perdido esse em particular. Não vou conseguir comprar tudo o que preciso dessa maneira, mas para já o cartão de crédito tem as suas vantagens. Não posso reduzir mais no dinheiro para as pequenas despesas da casa, pois utilizei uma boa parte disso para comprar o passe mensal do ginásio à Louise, pelo que terei de ajustar os meus gastos em conformidade com isso mesmo — parafraseando a expressão favorita do David.

Ainda assim, apenas significa que terei de fazer alguns sacrifícios no que diz respeito aos meus gostos alimentares. Um frango de supermercado alimentado a milho para domingo, em vez do frango do talho orgânico. De qualquer modo o David não irá perceber a diferença, apesar de ainda ser um rapaz do campo no seu íntimo, por baixo de todas aquelas camadas sob as quais se esconde. É capaz de distinguir um ovo fresco de quinta de um ovo de galinhas criadas ao ar livre de supermercado, mas mais do que isso já não. Eu é que gosto do lado decadente da comida e ele permite-me isso.

Olho para o cigarro eletrónico, a pilha extra e as recargas. Ela agora não deve estar num estado emocional que lhe permita deixar de repente, mas vai experimentar isto. Sei que sim. Ela é uma pessoa que gosta de agradar aos outros. Sinto nova vaga de ressentimento. Uma pessoa *gorda* que gosta de agradar aos outros. Combato a vontade que tenho de atirar o aparelho dispendioso contra a parede.

Pensar nela faz-me chorar outra vez, aqui sentada na cozinha, a luz do sol entrando pela porta das traseiras e o ranho escorrendo-me do nariz. Hoje ainda nem sequer me olhei ao espelho. Não quero ver o rosto belo que me deixou ficar mal. O meu café

está pousado em cima da mesa, frio e intacto, e baixo o olhar desfocado para o telemóvel que seguro nas mãos. Respiro fundo e controlo-me, antes de digitar rapidamente a mensagem que compus na minha mente.

*Espero que estejas bem e a aguentar-te sem o Adam :-(
Tenho um presente para ti, para te animar! Vamos ao ginásio na segunda-feira? E depois almoçamos juntas? Vamos preparar o corpinho para usar biquíni, mesmo que não tenhamos férias! Beijo, Adele.*

Não faço referência à discussão que tive com o David ontem à noite, nem ao facto de ele ter saído de casa furioso e de eu ter fingido estar a dormir quando regressou finalmente e foi deitar-se no quarto dos hóspedes. Não lhe digo que a meio da noite veio ao meu quarto e ficou parado ao meu lado, fitando-me em silêncio, e que enquanto estava deitada, com os olhos cerrados, senti todo o ódio e raiva irradiando do seu corpo tenso e fechado, e que mal consegui respirar até ele se ter ido embora. Não lhe digo que nem sequer me levantei para me despedir antes de ele sair para o trabalho e que em vez disso deixei-me ficar a chorar na almofada e a tentar não vomitar, e que ainda estou a tentar não vomitar.

Não lhe digo nenhuma destas coisas porque, por mais zangada que esteja, não quero que ela se sinta pior do que já se sente. Não quero perder a minha nova amiga mesmo que ela me tenha traído e que eu esteja tão cheia de raiva e de inveja dela. Preciso de suprimir esses sentimentos. Não me farão nada bem e também não farão com que o David me ame.

Foi realmente uma surpresa. Não esperava que a relação deles evoluísse tão depressa. Eu tinha forçado a discussão ontem à noite, mas não fora difícil. Temos demasiadas coisas à flor da pele; as paredes do quarto em tons verde-floresta, a gata, a coisa que aconteceu antes de nos termos mudado, e sempre, sempre, o segredo no nosso passado que nos une demasiado. Calculei que ele saísse e se fosse embebedar algures, mas não esperava que passasse do bar diretamente para a porta da casa da Louise. Não para já. Não ontem à noite.

As lágrimas tornam a cair. Um poço sem fundo delas dentro de mim, pelo que tento respirar fundo para as controlar. Eu tinha noção de que seria difícil. Preciso de pôr o pensamento de lado. Pelo

menos a Louise tentou recusar. Ela tem bom coração. É boa pessoa. Falou em mim e tentou mandá-lo para casa. E ela própria também estava embriagada. É fácil perdermos o controlo quando estamos embriagados; já todos o fizemos. Chateia-me que ela tenha ido para a cama com ele e chateia-me que me custe tanto, mas não a posso censurar. Conheceu-o antes de me conhecer a mim e o seu desejo já tinha sido despertado. Pelo menos não tentou estender a coisa ao trabalho, apesar de aquela primeira vez no bar certamente a ter feito sentir-se especial, tendo em conta a sua vidinha miserável. Gosto dela por isso. É claro que está encantada com ele. Como é que posso ficar zangada por ela o achar fascinante, quando eu própria o amo tanto?

Foi mais rápido do que eu estava à espera. Ele gosta mais dela do que eu julgava e isso apanhou-me completamente de surpresa.

Preciso de ser forte. Ao longo dos anos fui-me deixando enfraquecer. A Louise faz o David feliz e é isso que interessa, apesar de me apetecer ir à clínica e arrastá-la pelos cabelos até à rua, ralhando com ela por ser tão fraca — por abrir as pernas com tanta facilidade para o meu marido desleal. Recordo a mim mesma que *preciso* que ela o faça feliz, preciso de me controlar e de traçar um plano.

Bebo o meu café frio e forço-me a sair para a luz do dia. O ar fresco tem um efeito calmante no meu rosto em brasa. Ainda é cedo e o frio matinal demora-se sob a luz solar. Espero não me ter enganado. Espero que a minha fé na Louise não seja mal empregada. Espero que ela seja tudo o que eu penso que é. Caso contrário, isto pode tornar-se muito complicado. Não perco mais tempo com esse pensamento. Tenho de ser positiva.

Antes de mais nada, preciso de dormir. Dormir como deve ser. Estou cansada, emocional e fisicamente, mas sempre que fecho os olhos só os vejo a eles. A tristeza patética dele, sentado no sofá gasto dela. A queca embriagada. As lágrimas de autocomiseração no duche depois de ter deitado o preservativo sanita abaixo. O modo como esfregou a pele com a saqueta de viagem de gel de banho que tinha no bolso do casaco, igual à marca que usa em casa para o caso de eu poder sentir algum odor dela do outro lado do corredor. O sentimento de culpa e a saudade dela. Tenho vontade de vomitar outra vez.

PARTE DOIS

LOUISE

— Porque é que te tornaste psiquiatra? — pergunto-lhe. Mal posso acreditar que estou deitada entre os seus braços. Esta é a primeira vez que ficou a conversar comigo, em vez de ir a correr lavar o seu sentimento de culpa no duche e depois ir-se embora. Esta noite conversámos a sério, sobre o meu divórcio, os meus terrores noturnos, os encontros ridículos que a Sophie me tentou impingir ao longo dos anos. Rimo-nos e foi bom ouvir esse som vindo dele.

— Queres mesmo saber? — pergunta-me.

— Sim. — Aceno com a cabeça, encostada ao calor do seu peito. É claro que quero saber. Quero saber tudo sobre ele. Não obstante ter jurado que isto jamais voltaria a repetir-se, é a terceira vez em dez dias que ele aparece no meu apartamento. Uma das vezes aconteceu durante o fim de semana — e apesar de lhe dizer sempre para voltar para casa porque não podemos continuar a fazer isto, ainda assim deixo-o entrar pela porta da entrada em direção à minha cama, e não sou capaz de o evitar. É como se toda a minha determinação se derretesse quando o vejo. Pior do que isso, anseio vê-lo. Bebemos, damos uma queca e ele olha-me com um desejo tal que se me parte o coração. É estúpido. É de loucos. Mas põe-me o coração a cem à hora. Faz-me pulsar. Permite-me escapar de mim mesma por uns instantes. Tento fingir que ele é o *tipo-do-bar* para não me sentir tão mal, mas sei que estou a enganar-me a mim própria. Há qualquer coisa que me atrai em ambos.

Devia ter dito ao David que conheço a Adele, mas a altura para o fazer já passou há muito e se lho revelasse agora iria parecer uma louca. Mas também não consigo pôr cobro à minha amizade com a Adele. Ela é tão vulnerável. E mostra-me um outro lado do David que me intriga quase tanto como ela própria. Todos os dias decido que vou abdicar de um ou de outro, e todos os dias evito tomar a decisão.

Já me sinto um pouco apaixonada pela Adele de uma forma estranha; ela é tão bonita, trágica, fascinante e simpática para mim. E depois há o David; um mistério obscuro. É carinhoso e intenso na cama, mas nunca fala sobre o seu casamento, que eu sei que é um tanto ou quanto tóxico. Sei que devia desistir de um deles, mas não tenho coragem para o fazer. Sinto-me como se fizesse parte de ambos e eles fizessem parte de mim. Quanto mais apaixonada me sinto pelo David, mais fascinada me sinto pela Adele. É um círculo vicioso.

Comecei a tentar compartimentalizar, como ele faz. Separei-os. A Adele é minha amiga e o David é meu amante, *não* o marido controlador dela. Não é uma situação perfeita, mas para já quase que resulta. Há dias Adele e noites David. É possível que eu o veja mais do que ela. Não gosto nada do que isso me faz sentir. Quase vitoriosa.

— Quando era adolescente e trabalhava na nossa quinta havia uma miúda pequena que andava sempre atrás de mim. Sentia-se sozinha. Os pais eram ricos, eram proprietários de uma herdade enorme, e estragavam-na com mimos, mas também a ignoravam, estás a ver o género... Eram pessoas ocupadas. Às vezes demasiado ocupadas para passarem algum tempo com ela. Bem, ela costumava falar pelos cotovelos enquanto eu trabalhava, contando-me sobre os seus terrores noturnos que acordavam toda a gente — explica-me o David. — Quando percebi que andava muito preocupada com a situação, encontrei um livro sobre o sono e os sonhos numa loja de coisas em segunda mão e ofereci-lho. — Fico ligeiramente tensa, recordando a referência da Adele a esse mesmo livro, e é por de mais evidente que ela é a miúda de quem ele está a falar. Sinto-me momentaneamente culpada e ao mesmo tempo cheia de curiosidade. Porque é que não diz que a sua mulher costumava ter pesadelos? Não é como se eu não soubesse que é casado. Porque é que *nunca* a menciona?

— E ajudou-a?

— Não me parece. Se bem me recordo era muito *new age* e estava cheio de coisas malucas. Além disso era também demasiado antigo para ela o compreender. Acho que os pais acabaram por lho tirar e mandaram-na para um sítio qualquer, para fazer terapia. Tinha apenas oito ou nove anos na altura. O meu pai era agricultor. Bem, tinha mais jeito para beber do que para a lavoura, e sempre que tinha um acidente com a maquinaria quem tratava dele era eu.

Sabia que queria ser médico, embora na altura me parecesse um sonho impossível de concretizar, mas dar aquele livro dos sonhos à miúda foi a primeira vez que me apeteceu ajudar o interior da cabeça de alguém. Os sítios onde o bisturi não chega.

Ele abraça-me com força e embora não me tenha dito grande coisa sobre si, sinto que não foi fácil para ele partilhar.

— Além de que é um trabalho interessante — continua. — Entrar na cabeça das pessoas e perceber o que as faz funcionar. — Ele baixa o olhar para mim. — Porque é que estás a franzir as sobrelanceiras?

— Não estou nada — respondo.

— Estás, sim. Ou isso ou a tua testa envelheceu de repente. — Ele franze o seu próprio sobrolho num gesto cómico, aliviando o momento que não devia ser pesado mas que por alguma razão o é.

— Sei lá — replico. — Acho que, no geral, a cabeça das pessoas devia ser deixada em paz. Não me agrada nada a ideia de alguém mexer com a minha mente. — É realmente o que penso, mas também estou a franzir o sobrolho por causa da Adele. Pelo facto de ele estar a contar a história dela sob outro prisma. Uma miúda que ele costumava conhecer. Não é mentira, mas também não é exactamente a verdade.

Ele sorri-me e não consigo evitar desfrutar do vigor do seu peito largo debaixo da minha cabeça, ao mesmo tempo que ergo o olhar. O filho de um agricultor. Talvez evite falar nela para me poupar, mas não é como se eu fosse alguma ingénua que não *entende* a situação.

— Tens a certeza de que estás a trabalhar no sítio certo? — pergunta-me ele. — Mexer com as mentes é precisamente o que nós fazemos.

— Por isso é que fico sentadinha à minha secretária e não me deito no sofá.

— Aposto que te convencia a deitares-te no meu sofá.

— Não sejas pretensioso, não faz o teu género. — Espeto-lhe o dedo nas costelas e ambos damos uma gargalhada.

— Agora a sério — diz ele, passados uns segundos —, se quiseres ajuda com os teus terrores noturnos prometo que não te ofereço nenhum livro duvidoso e depois mando-te passear. Agora sei um pouco mais do que isso.

— Que alívio — respondo-lhe, tentando parecer descontraída,

mas ao mesmo tempo a pensar no caderno que a Adele me deu e no que o David pensaria se soubesse. Quase desejo que se tivesse levantado e ido embora.

— Se calhar devias ir à procura dessa tal miúda — murmuro.

— Para ver se ela ainda precisa da tua ajuda.

Ele não diz mais nada depois disso.

ANTES

A chuva que bate nas vidraças está a deixar a Adele ensonada, deitada em cima da cama com o Rob após a sessão de terapia dele. Devia estar na sala de arte, mas está farta de pintar. Foi à aula de ioga para calar as enfermeiras — pelos vistos ajudá-la-ia a sentir-se mais descontraída, e assim fez, essencialmente por ser tão entediante —, mas a verdade é que lhe apetece estar ao ar livre com o Rob. Talvez nas charnecas, para variar do lago. Apesar de não poderem sair dos terrenos sem um «líder de grupo», talvez pudessem escapulir-se sem que ninguém desse por isso. Esse é o problema dos *hippies*, como diz o Rob. Confiam demasiado. Nem sequer trancam os portões durante o dia.

— Estou acordado — diz o Rob ao lado dela, beliscando-se.
— Mas por pouco. Isto é tudo tão aborrecido.

Ela dá uma risada e suspira. Esperara que a tempestade limpasse o ar por completo, mas em vez disso diminuiu de intensidade e deu lugar a este aguaceiro cinzento constante, e ele tem razão, aborrecido é dizer pouco.

— Quando é que vai começar a funcionar? — pergunta-lhe ele. — Estou tão farto de contar os dedos. Um dia destes ainda vejo onze.

— Ótimo — responde ela. — Se isso acontecer saberás que estás a sonhar. E depois podes imaginar a porta e abri-la, para ires dar onde quer que imagines. Seja como for, ainda só passaram uns dias. Paciência, meu jovem Jedi.

— Se isto for no gozo, a minha vingança será agradável e terrível.

— Aonde é que irás nos teus sonhos? — pergunta-lhe ela.
— Quando consegues criar a tal porta? — É confortável estar ali sentada ao lado dele. Não é como com o David, não existe o calor dessa paixão, não há um bater furioso do seu coração, é algo diferente disso. Algo calmo e reconfortante. — Irás para casa?

Ele dá uma risada. Não a gargalhada afetuosa e contagiante, mas a espécie de latido breve reservado à ironia. Ela consegue distinguir essas coisas agora.

— Nem pensar, porra. Embora talvez sonhe com comida decente. Este sítio precisa mesmo de aprender a acrescentar sabor aos almoços. Hum.

Ele está a tentar mudar de conversa e ela percebe-o. Sempre achou que ele não fala sobre a família por causa dela, por já não ter uma. De repente, sente-se uma má amiga. Tanta coisa tem sido sobre ela, sobre a perda dela, sobre como ultrapassar a situação, sobre como seguir em frente, que se apercebe de que ele nunca se abriu realmente em relação ao mundo dele. *Entreteve-a* com histórias sobre o consumo de droga, mas nada mais. Nada autêntico. Nada emocional.

— É assim tão mau? — Eles têm estado deitados de costas a fitar o teto, mas agora ela vira-se de lado e soergue-se apoiada num braço. — Era por isso que consumias heroína?

— Não. — Ele esboça um sorriso. — Consumia heroína porque me faz sentir bem. Quanto à família, bem, moro essencialmente com a minha irmã, a Ailsa. Tem trinta anos. — Ele repara na reação dela à diferença de idade. — Sim, eu fui uma surpresa, que é uma maneira simpática de dizer que fui um descuido. Seja como for, agora moro com ela. E ela é uma fracassada, só que de maneira diferente de mim, embora se julgue o máximo. É uma situação um pouco merdosa; não queiras saber.

— És meu amigo — diz-lhe ela, espetando-lhe com o dedo as costelas magricelas. — Provavelmente o meu único amigo para além do David. É claro que quero saber.

— Pois tu, minha trágica princesa Bela Adormecida, és muito mais fascinante do que eu.

— Como é óbvio. — Ela cora ligeiramente. Gosta quando ele a trata assim, embora não devesse, pois como os pais dela morreram é como se gozasse com eles.

Ele dá um suspiro dramático:

— Apetece-me tanto apanhar uma moca.

— Eu nunca experimentei drogas — diz ela. — Nem sequer erva.

É a vez de ele ficar surpreendido:

— Não me digas.

— Digo, sim. Moramos, morávamos, no meio de nenhures.

Do autocarro para a escola, da escola para o autocarro, e depois quando tive os meus problemas, tive aulas em casa durante uns tempos.

— És cada vez mais interessante. Aulas em casa? Meu Deus, não admira que te tenhas apaixonado pelo campónio.

Ela finge não ouvir a boca dele. Sabe que ele pensa que ela é demasiado dependente do David. Percebe-o tanto nas coisas que ele não diz como nas que diz.

— Se calhar vamos ter de corrigir essa lacuna — diz ele. — Irias adorar.

Ela dá uma gargalhada. O Rob faz as drogas parecerem a coisa mais normal do mundo. Para ele, calcula ela, é como se fosse. E ele não é má pessoa.

— Pelo menos um pouco de erva.

— Está bem — responde-lhe ela, alinhando na conversa. — Por mim pode ser. — E nesse momento está a ser sincera, mas também sabe que não é algo provável de acontecer em Westlands. Pode sentir-se livre e selvagem como o Rob sem ter de o fazer. Mas talvez devesse fazê-lo, pensa ela, de forma rebelde. Talvez devesse comportar-se como uma adolescente normal por uns tempos.

«O que pensaria o David?» Ela tenta esquecer a pergunta. Já conhece a resposta. O David não ficaria contente. Mas será que o primeiro pensamento dela sobre qualquer decisão tem de ser sempre interrogar-se sobre o que o David queria que ela fizesse? Isso não pode ser normal. Talvez ela devesse ser um pouco mais como o Rob. Irreverente. Independente. O mero facto de o pensar já lhe parece ser uma traição. O David ama-a e ela ama-o. O David salvou-lhe a vida.

«Enfim», pensa ela. Talvez pudesse fazê-lo sem lhe contar. Não seria um grande segredo. Seria apenas um momento de diversão que ela guardaria para si. Talvez nem sequer gostasse. Baixa o olhar para o relógio do David que lhe pende no pulso. Já passa das duas da tarde.

— Olha que eu não me esqueço — diz o Rob. — Vamos apanhar uma moca juntos. Vai ser o máximo. — Ela já está a ver a mente dele a trabalhar, pensando em como tornar isso uma realidade. Interroga-se sobre como seria ele se tivesse tido a vida dela. Talvez estivesse agora numa universidade importante, com uma bolsa de estudos. Talvez tivesse sido o filho que os pais dela

tanto queriam.

— Tenho de ir — diz ela e ele ergue o olhar, surpreso.

— Mais uma sessão?

Ela abana a cabeça, embaraçada. Não lhe contou sobre isto.

— Não, são os meus advogados. Vêm cá. Quero falar com eles sobre umas coisas. As cenas da herança e isso. — Ela não sabe por que razão está tão ruborizada, mas está. — Para saber quais foram os estragos na casa. Arranjar pessoal de uma empresa de segurança para montar alarmes e cenas na herdade.

— Eles vêm cá por causa disso? — Ela quase consegue ouvir o cérebro dele a trabalhar.

Deixa o cabelo pender-lhe sobre o rosto, enquanto se põe de pé.

— Sim. É complicado. — Por fim, esboça-lhe um sorriso deslumbrante. Um sorriso de derreter o coração. Um que indica que tudo está bem. — Concentra-te em beliscares-te. Se não aprenderes isto em breve, vou começar a achar que andas a fingir os pesadelos.

Ele retribui o sorriso:

— Está bem, Yoda. Mas só porque és tu. Mas se calhar primeiro vou bater uma.

— Que nojo.

Ambos estão a sorrir quando ela se vai embora e isso deixa-a contente. Sabe que o Rob se preocupa. Sabe que ele pensa que o David exerce demasiado controlo sobre ela. E sabe que ele não iria gostar nada do que ela está prestes a fazer.

LOUISE

Já passaram dez dias desde que a Adele me deu o *kit* de cigarro eletrónico para principiantes, e uma semana desde que fumei um cigarro a sério pela última vez, e não consigo evitar sentir um certo orgulho presunçoso enquanto o enfio dentro da mala e caminho rumo ao meu trabalho. Já o devia ter experimentado há mais tempo. Vejo-os em todo o lado mas, tal como tudo o resto que consta na minha lista pessoal de coisas para fazer, deixar de fumar acabou sempre por ser adiado para o dia seguinte. Não tinha como não experimentar depois de a Adele ter gasto dinheiro nele, em especial tendo em conta tudo o resto. Não esperava gostar e também não esperava que resultasse, mas é agradável acordar e não ter o cabelo a tresandar a fumo. O mesmo se aplica à minha roupa. O Adam também ficará contente, assim como o Ian, não que ele interesse para alguma coisa, mas ao mesmo tempo não quero ser o tipo de mãe que a segunda mulher pode julgar por fumar tendo um filho pequeno. E agora já não sou. É um facto que talvez o utilize em demasia — é tão prático de utilizar no apartamento —, mas prometi a mim mesma que assim que o Adam voltar irei tratá-lo como se fosse um cigarro normal e ir para a varanda sempre que me apetecer fumar.

O meu passo é ligeiro, enquanto inalo o ar matinal de verão, e sinto-me feliz. Não devia. Em muitos aspetos as coisas estão um autêntico caos e é tudo por minha culpa, mas por algum motivo estou a conseguir ignorar a situação. Até me sinto culpada por estar a gostar da ausência do Adam. Sinto falta dele a toda a hora, mas agora tenho mais liberdade. Posso ser uma mulher independente, em vez de ser apenas «a mãe do Adam».

Esta manhã a balança tinha baixado mais de um quilo. Não só é o décimo dia do cigarro eletrónico como também é o décimo dia sem massas, batatas ou pão, e mal consigo acreditar no quão melhor já me sinto. A Adele tinha razão. Os hidratos de carbono são obra do Diabo. Devem guardar-se para o dia da asneira. É também

muito mais fácil seguir uma dieta à risca com o Adam fora de casa. Muitos bifes e peixe e saladas. Ovos ao pequeno-almoço. Nem sequer sinto muita fome, mas isso também se prende em parte com o facto de ter o estômago embrulhado de desejo e culpa durante a maior parte do tempo. Talvez consiga mesmo perder os tais três quilos. Cortei inclusivamente no vinho e aquele que bebo incluo na minha contagem de calorias diárias. Agora preciso que a cena dos sonhos comece a funcionar, para poder ter uma noite de sono decente. Preciso de levar a cabo as rotinas de hora em hora, em vez de começar bem e depois desleixar-me. Estou decidida a esforçar-me mais. Sinto que, depois de tudo com o que a Adele me está a ajudar, é como se a estivesse a desiludir. E também sei o quão disparatado isso soa.

Chego cedo — pela primeira vez nos últimos tempos — e, em vez de entrar diretamente, decido dar um passeio pelo quarteirão e desfrutar da bela manhã. Também acrescentará à minha contagem de passos, a nova aplicação no meu telemóvel que insiste discretamente que eu chegue aos dez mil. Outra ideia da Adele. Ela é uma boa amiga. E o pior de tudo é que, se isto alguma vez fosse parar a um programa de televisão, eu seria vista como uma grande cabra. E talvez o seja. A verdade é que me estou a comportar como tal. Sei disso. Mas as coisas nunca são preto no branco, pois não? Simpatizo mesmo com a Adele. É a melhor amiga que tenho em muitos anos e é muito diferente das outras pessoas. É tão elegante e simpática e interessada em *mim*. Com a Sophie sinto que tenho de suplicar para ela me incluir na sua agenda social. Com a Adele não é assim. Quase não tenho trocado mensagens com a Sophie desde que a Adele apareceu na minha vida. A sua amizade devia bastar-me, eu sei. Mas não tem bastado. Posso não andar a comer muito nos últimos tempos, mas continuo uma gulosa. A Adele e o David. Quero-os aos dois. Mais um motivo para não ter falado com a Sophie. Dar-me-ia um belo raspanete. Saco do cigarro eletrónico e dou umas passas enquanto caminho.

Seja como for, digo para mim mesma quando a clínica surge novamente no meu ângulo de visão, o sexo não vai durar. O Adam só vai estar fora mais duas semanas e depois disso não vou voltar a deixar o David entrar lá em casa à noite. E se o Adam alguma vez conhecer a Adele? E se lhe falar sobre o David? E que tipo de mãe é que quer dar esse exemplo ao filho? Dizer-lhe que não há problema um homem casado fazer uma visita, dar uma queca e

depois ir-se embora? Tento dizer a mim mesma que essa é a minha maior preocupação, mas não é verdade. A minha maior preocupação é o facto de o Adam ser demasiado pequeno para guardar segredos e se alguma vez for deixado na clínica depois da escola, seja por que motivo for, a última coisa que quero é que reconheça o homem que às vezes visita a mãe à noite. É tudo demasiado sórdido. Pior do que isso, é uma coisa estúpida e egoísta para se fazer. Mas quando o David me toca, ganho vida. Adoro o cheiro dele em mim. Adoro o toque da sua pele. Adoro o seu sorriso. Sou como uma adolescente quando ele está por perto. E depois quando estou com a Adele sinto-me *valorizada*. Sou importante para ela.

Sinto a cintura das minhas calças a mexer-se ligeiramente quando enfio a mão no bolso para tirar as chaves do consultório. Estou sem dúvida a ficar mais magra. Se calhar entre os dois, o David e a Adele, estão a dar-me vida.

— Não tinha a certeza se querias uma. — A Sue tem a água a ferver na chaleira e ergue uma sandes de *bacon*. Vislumbro a gordura do *ketchup* através do papel. — Não há problema se não quiseses, posso sempre arranjar quem queira. — Ela sorri. — Ou, como é óbvio, comê-la eu.

— Não, obrigada — respondo-lhe, satisfeita por quebrar mais uma rotina. — Amanhã é o dia da asneira. — Estou esfomeada depois do sexo de ontem à noite, mas trouxe dois ovos cozidos num *Tupperware*, portanto vou comê-los. A preparação é o mais importante de uma dieta, a Adele ensinou-me isso também, pelo que cozo seis ovos de cada vez e guardo-os no frigorífico. O *bacon* cheira bem, mas sinto um estranho prazer em recusá-lo. É como se estivesse em controlo, pelo menos de *alguma coisa*. O *bacon* não é o prazer que eu deveria estar a recusar, mas é um princípio. — Desculpa — digo-lhe. — Devia ter-te enviado uma mensagem a avisar. Eu pago-ta na mesma.

— Nem penses nisso. — A Sue pousa o meu chá à minha frente. — Estás com ótimo ar. Quase radiante. — Ela olha para mim com uma expressão curiosa.

— Não estou grávida, se é isso que me estás a perguntar! — Não obstante o meu bom humor recente, a palavra «grávida» está sempre presente na minha mente.

— Por acaso ia perguntar-te se anda aí passarinho novo.

— Era bom, era. — Dou uma risada e concentro-me em

descascar o meu ovo.

— A continuares assim vais ter de os enxotar como moscas — diz ela. — Uma mulher bonita como tu não devia ser solteira. Está na altura de voltares a namorar.

— Talvez — respondo-lhe. — Mas neste momento estou concentrada em mim. — Continuo a sorrir, embora me sinta ligeiramente nauseada ao imaginar tentar explicar tudo à Sue, com o seu casamento de longa data e hábitos instituídos. Iria achar que sou maluca e que o que estou a fazer não é correto, o que é verdade. Mas também me sinto feliz pela primeira vez em muito tempo e será isso assim tão terrível? Desde que ninguém se magoe? Todos nós guardamos segredos. Eu, a Adele e o David. Desde que continue assim, será que não posso desfrutar disto? Não posso tê-los aos dois?

A Sue continua a olhar para mim com cara de que sabe que estou a esconder algo, e não a censuro. Sei que os meus olhos estão a brilhar e há uma ligeireza no meu passo que há muito me faltava.

Acabo de comer os ovos e baixo o olhar para as mãos, contando os dedos. Espero que a Adele esteja bem. Terão eles discutido ontem à noite? Teria sido por isso que ele aparecera lá em casa? Ou ter-lhe-ia ele dito que estava no programa de apoio, para poder sair de casa? Esteve a beber, mas não estava bêbedo quando saiu. Podia tê-lo disfarçado perfeitamente. Começo a achar que ele tem muito jeito para disfarçar o facto de beber. Talvez devesse tentar falar com ele em relação a isso. A bebida. Talvez seja esse o problema que afeta o casamento deles? A Adele praticamente não bebe. Quando almoçamos juntas às vezes bebo um copo de vinho, mas ela não. Preciso de cortar nisso também. Menos vinho irá com certeza ajudar-me a perder peso mais depressa.

Deixo a Sue entregue à sua segunda sandes de *bacon* e vou ao gabinete do David ligar a máquina do café. De uma maneira algo palerma estou a brincar às casinhas com ele. Sinto arrepios no estômago e não consigo conter o entusiasmo. Sempre gostei do meu trabalho, mas agora há toda uma emoção associada a ele. Dou por mim a olhar para as suas mãos enquanto assina receitas e cartas, e recorro a maneira como me tocam. Os sítios onde - estiveram.

Às vezes ainda penso no pânico da Adele quando julgava ter

perdido a chamada, e em todos aqueles comprimidos no armário, mas talvez não haja nada de sinistro nisso! Talvez ela *seja* uma pessoa nervosa. Inclusivamente admitiu ter tido problemas no passado. Talvez o comportamento do David seja de proteção e não de controlo! Quem sabe o que realmente se passa na casa de cada um? Seja como for não lhe posso perguntar, não sem revelar que conheço a Adele, e aí sim, ele iria pensar que sou uma perseguidora louca e eu iria trair a confiança da Adele. É tudo uma grande confusão. Tenho perfeita noção disso mesmo, o que não impede o meu coração de bater furiosamente dentro do peito quando ele aparece na entrada.

— Bom dia — digo-lhe.

— Ora bom dia para ti também. — Ele parece cansado, mas o seu sorriso é afetuoso e genuíno, e os seus olhos azuis brilham só para mim e um rubor assume-me às faces. É ridículo. Trabalhamos juntos todos os dias. Já devia estar acostumada a vê-lo, mas esta manhã é diferente. Deu-se uma mudança ontem à noite, quando estávamos a conversar deitados na cama. É claro que não durou muito tempo — o familiar sentimento de culpa instalou-se entre os nossos corpos que arrefeciam. Os homens são estranhos. Como se a traição estivesse no riso e na proximidade, não no sexo em si. Mas se calhar até é o caso. Essa percepção magoou-me imenso quando o Ian me traiu, assim que deixei de me concentrar apenas no sexo. Talvez porque o riso é mais difícil de compartimentalizar.

É *tudo* uma enorme traição, foi o que me apeteceu dizer-lhe quando ele se foi embora. Toda a situação. Mas não fui capaz de dizer nada. Como poderia fazê-lo? Não quero que isto acabe. Essa é a verdade, pura e dura. Quero o melhor dos dois mundos. Quero o meu amante e também minha nova melhor amiga.

— Estás muito bem-disposto — digo-lhe.

Ele está prestes a responder-me, um meio-sorriso na sua boca aberta, as mãos enfiadas nos bolsos das calças de uma maneira que me derrete o coração por algum motivo, quando o Dr. Sykes entra.

— David? Posso dar-lhe uma palavrinha?

Sorrio e desapareço de volta para a minha secretária, fechando a porta atrás de mim. O pequeno quase momento entre nós desapareceu e se calhar é melhor assim. Preciso de me controlar. Seja lá o que isto for, não tem como durar e eu não me posso prender emocionalmente. É apenas desejo. Acabará por passar.

Não pode evoluir para nada mais e também não deixarei que isso aconteça. Mas as palavras parecem-me vazias. O meu coração bate depressa demais para elas serem verdadeiras.

Por volta da hora de almoço já vou no sexto telefonema do Anthony Hawkins, que se revela mais agitado a cada telefonema, e estou a fazer o possível para permanecer calma ao mesmo tempo que tento pôr termo à chamada.

— Como já lhe disse, senhor Hawkins, transmitirei os seus recados ao doutor Martin assim que ele estiver livre. Se se tratar de uma emergência, permita-me recomendar-lhe que...

— Quero falar com o David. Preciso de falar com ele.

— Nesse caso, irei certificar-me de que ele lhe liga assim que puder. — Ouço a respiração ofegante dele no meu ouvido.

— E de certeza que tem o meu telemóvel? Não quero que ele ligue para o número errado.

Repito o número que me aparece no monitor e por fim ele desliga. Acrescento este último telefonema à minha lista de recados para o David e desejo que ele termine a reunião no seu gabinete para me tirar o Anthony das mãos. Estou um pouco preocupada, para ser sincera. Tanto quanto sei as sessões deles têm estado a correr bem e o Anthony tem mais uma sessão agendada para segunda-feira. Está a ter três ou mais por semana, por sua própria insistência, e espero que não tenha sofrido nenhuma recaída que esteja a motivar esta necessidade súbita de falar com o David antes do fim de semana.

Por fim, os médicos emergem e eu passo a lista de telefonemas ao David.

— Sei que é hora de almoço, mas acho que devia ligar-lhe. Soou-me muito agitado.

— Estava a arrastar a voz? — O David examina as horas das chamadas.

— Não. Não me pareceu.

— Vou ligar-lhe já. Pode arranjar-me o contacto dos pais dele e do advogado? E também do médico de família?

Aceno com a cabeça. Voltámos a ser chefe e secretária, o que não é nada sensual não obstante todos os clichês.

— Vou enviar-lhos por *e-mail*.

— Obrigado.

Ele ainda está a olhar para o recado quando entra no gabinete.

Estou quase à espera de que olhe para trás e me sorria ou algo, mas não o faz. A sua mente está focada no Anthony. Gosto disso nele. Há médicos que — apesar de serem excelentes profissionais — conseguem desassociar-se por completo dos seus pacientes. Talvez essa seja a postura mais profissional a ter, mas não me parece que o David seja assim. Mas também duvido que esses outros médicos bebam todas as noites. Ele é estranho. Interrogo-me, como de costume, sobre que demónios interiores o impelirão. Como é que alguém com tanto jeito para ouvir os outros, e para ganhar a confiança deles, pode ter tanta dificuldade em falar.

Como a minha salada sentada à secretária e depois deixo que a tarde de sexta-feira decorra com tranquilidade. O Anthony liga mais duas vezes, apesar de confirmar que acabou de falar com o David. Diz que se esqueceu de algo e que precisa de falar novamente com ele. Interrompo-o educadamente, sem querer ser arrastada para uma conversa para a qual não estou qualificada.

Às duas e meia vejo a luz da Linha 1 do telefone do David a acender-se. A chamada dura apenas um minuto e sei que é para a Adele. Tentei não controlar as suas chamadas desta maneira, mas não o consigo evitar. 11h30 e 14h30 todos os dias. Chamadas curtas. Não duram o suficiente para a educação de uma conversa de trabalho. Todos os dias me lembra o pânico da Adele para sair rapidamente do ginásio e também já passei tempo suficiente com ela para ter assistido a essas chamadas do outro lado, apesar de ela as atender sempre noutra divisão ou no corredor. De todas as coisas erradas com a minha situação, de todas as maneiras que me devia sentir terrível, estas chamadas são o que mais me transtorna. Mas o que se passará com estes dois? Que tipo de amor será o deles? Será amor sequer? Sinto uma pontada de inveja no estômago.

No final do dia, depois dos últimos pacientes se terem ido embora e o fim de semana estar à nossa espera, o David sai do gabinete com o casaco e a pasta na mão. Não esperava que se demorasse pelo consultório — nunca o fez e se o fizesse seria estranho —, mas ainda assim fico ligeiramente desiludida.

— O Anthony está bem? — pergunto-lhe, em parte por preocupação, em parte para meter conversa com ele. Não me pode dar pormenores, sei-o bem, mas mesmo assim pergunto-lhe.

— Não lhe dê muita conversa quando ele ligar — responde-me ele. — Dei-lhe um número direto para onde me poderá ligar, mas se

não me conseguir apanhar é possível que ligue para si. Não entre em conversas pessoais com ele.

Aceno com a cabeça, algo confusa. Que raio se terá passado?

— Está bem. — O meu rosto é um sem-fim de interrogações e ele apercebe-se.

— Ele é obsessivo. Calculo que o uso de heroína tenha aliviado isso, mas tornou-se uma obsessão só por si. Esperava que não se agarrasse a mim tão depressa, mas enganei-me.

Penso nos telefonemas:

— Está obcecado por si?

— Possivelmente. Mas não quero que transfira essa obsessão para si por não conseguir contactar-me. Não é que ele pense que sou particularmente especial, pois já tem um historial de se agarrar a pessoas novas. Eu faço parte desse padrão.

— Eu trato das chamadas — digo. Quero lembrar-lhe que sou uma boa profissional, mas também me agrada o facto de estar preocupado comigo. No entanto, eu estou mais preocupada com ele. — Ele é perigoso?

— Não me parece — responde-me, com um sorriso. — Está só perturbado. Mas não faz parte do seu trabalho correr esses riscos.

A Sue está na cozinha e consegue ver-nos do sítio onde se encontra a passar as canecas por água para as pôr na máquina da louça, pelo que não lhe posso perguntar sobre os seus planos para o fim de semana — embora no fundo não queira saber; a Adele está sempre presente entre nós, mesmo que não seja mencionada — e agora que a conversa sobre coisas de trabalho chegou ao fim, ele deseja-me acanhadamente um bom fim de semana e dirige-se para a porta.

Olha para trás ao sair, um rápido espreitar por cima do ombro. Um último olhar. Isso provoca-me um arrepio de felicidade no estômago, que depois se transforma em ciúme. Ele vai para casa para a mulher, de fim de semana. Será que pensa em mim durante esses dias? Sei que deve pensar às vezes, pois já me apareceu à porta de casa a um sábado, mas em que sentido é que pensará em mim? Porá a hipótese de a deixar por minha causa? Quem me dera saber o que represento para ele. Em que é que isto vai dar, se é que vai dar em alguma coisa. Ele já deveria ter começado a falar sobre esse assunto. Não é como se fôssemos miúdos. Sinto-me miserável outra vez e recosto-me na minha cadeira. Eu devia acabar com isto. Sei que sim.

Olho para o relógio. São quase 17h00. Desvio os olhos e depois volto a olhar, e o tempo é o mesmo. Tenho de lavar a máquina do café e acabar uns trabalhos administrativos para deixar para segunda-feira, e depois é hora de eu própria ir para casa.

Penso em ir fazer uma corrida no final do dia, mas estou tão cansada por não ter dormido nada de jeito que sei que isso não vai acontecer. Belisco-me a mim própria.

— Estou acordada — murmuro.

ADELE

Apesar de termos passado o serão em casa como outro casal qualquer — jantar, televisão, pouquíssima conversa —, ainda assim o David dormiu no quarto de hóspedes ontem à noite. Atribuiu o facto ao tempo quente, mas esta é uma casa grande e antiga e as paredes grossas mantêm os quartos espaçosos relativamente frescos. Não olhou para mim quando subiu para se ir deitar. Não foi propriamente inesperado, mas mesmo assim foi como se tivesse levado uma facada no estômago com um estilhaço do meu próprio coração despedaçado.

Quando o ouvi de um lado para o outro esta manhã, levantei-me e fui ao ginásio para evitar ter de o encarar do outro lado da implacável separação invisível que existe no nosso casamento. Precisava de libertar algumas das minhas emoções acumuladas, pelo que corri arduamente na passadeira e depois fiz rotinas mais pesadas do que nunca nas máquinas de pesos, mas não tirei prazer nenhum nisso. Tudo me parece uma perda de tempo. O que é que importa? O que é que *eu* importo agora?

Cheguei a casa a tempo de preparar um almoço ligeiro para ambos e depois ele foi-se embora. Para o seu trabalho de apoio social. Um gorducho malvestido qualquer veio buscá-lo num carro velho. São todos iguais, os beneméritos. Isso é algo que não mudou desde os tempos de Westlands. Como se vestir mal fizesse deles mais honrados. Pelo menos o trabalho de apoio social não foi uma mentira completa, apesar de saber que já o usou como desculpa para ir ver a Louise, pelo menos uma vez.

Depois de ele se ter ido embora pensei em enviar-lhe uma mensagem para ver se ela queria ir beber um café a algum lado — de repente senti-me sozinha em casa —, mas depois pensei melhor. Não sei por onde é que ele anda e, embora moremos numa zona movimentada, as coincidências acontecem. Não posso correr o risco de ele nos ver de um carro só porque me sinto em baixo.

Em vez disso, limpei a casa durante uma ou duas horas,

esfregando as casas de banho até ficarem a brilhar e eu ficar sem fôlego, e depois fui interrompida pela correspondência de sábado — tarde como de costume — a ser empurrada pela caixa.

Quando vi o envelope, o familiar selo da firma no canto e a morada elegantemente escrita à mão, fiquei aliviada por não ter começado uma discussão hoje. Teria sido demasiado e não há necessidade. Isto será o suficiente para o perturbar. Na minha mente o passado é como areia movediça e o David está preso nela, afundando-se muito lentamente. Isso entristece-me de novo.

Abro o envelope e olho fixamente para as colunas de descrição e despesa, e dou uma vista de olhos à carta. Não há lá nada de invulgar ou surpreendente, mas a verdade é que nunca há. Não regressamos a Fairdale House e não vive lá ninguém desde que a ala ardeu. Torno a ler a carta. Algumas reparações feitas no edifício principal. Manutenção das vedações. Todas as câmaras de segurança a funcionar. Nada de novos danos na propriedade. O gás e a luz continuam ligados, e as contas estão a ser pagas. Os esgotos estão a funcionar como deve ser. As rendas estão a ser pagas nos campos periféricos. O relatório de verão é sempre mais barato do que o de inverno. Não há necessidade de acender o aquecimento por causa do frio escocês. Para ser sincera, acho que a maioria das pessoas se esqueceu de que a herdade existe: o castelo da Bela Adormecida por trás das sebes.

Pouso a carta e a conta num sítio na cozinha onde o David as veja. Posiciono-as de maneira a parecer que as larguei ao acaso. Isso irá irritá-lo também. Não a devia ter aberto. Devia tê-la deixado na sua secretária assim que vi o selo da firma. Vem dirigida a ambos, mas toda a gente sabe que é ele que controla o dinheiro. Eu sou apenas o bonito fantoche: a esposa trágica que precisa que cuidem dela.

Os solicitadores deixaram de nos perguntar se tencionamos vender a herdade. Jamais a poderíamos vender. Embora, quem sabe, no futuro... o meu estômago dá uma volta só de pensar no potencial de tudo. Na possibilidade de o nosso segredo ser revelado publicamente e deixado a desfazer-se em pó, e depois nada. Ficar livre disso. Esse pensamento é vertiginoso, mas também me fortalece.

Olho para o relógio. São 20h00. Lá fora o dia de verão começa a dissipar-se. O David estará fora até às 22h00. Não quis que eu tivesse o jantar à sua espera, pelo que não tenho de me preocupar

com isso. Mas tenho onde ir, contudo, e de nada serve estar a adiá-lo por mais tempo. Preciso de estar preparada. Preciso de estar pronta. De certa forma estou ansiosa por isso.

Mas tenho de ser muito, muito cautelosa.

LOUISE

— Oh, pá! Mas estás pedrada ou quê?! Quer dizer, meteste-te cá num imbróglio... Até eu vejo isso, e sabes como gosto de imbróglis. — A desaprovação da Sophie soa em alto e bom som através do telefone, e arrependo-me de lhe ter contado.

— Mas que ideia foi a tua? E porque é que ainda não me tinhas contado nada?

— Tenho andado ocupada — murmuro. O que é que lhe dá o direito de me julgar? Não é como se estivesse em posição de o fazer.

— Não me digas. Mesmo esquecendo a cena do chefe, isto não é nada bom. Por muito que tenha ficado contente por ti, por teres voltado a namorar, não era bem isto que tinha em mente. — Ela está a tentar moderar a sua opinião sendo engraçada, mas mesmo assim estou muito corada enquanto ando de um lado para outro na casa. Ela só me ligou porque os seus planos para a noite caíram por terra e ficou pendurada em casa com a Ella. Nem sequer deve ter reparado que não lhe tenho enviado mensagens.

— Eu sei, eu sei — respondo-lhe. — E vou pôr termo a isto.

— Termo a quê? A ela ou a ele? A sensação é que andas enrolada com os dois. — Ela faz uma pausa. — *Andas* enrolada com os dois?

Esboço um leve sorriso perante isso, apesar de me sentir irritada com ela.

— Não, é claro que não. É só que... sei lá. Sempre que tento acabar, seja com um seja com o outro, não sou capaz.

— Queres um conselho? — pergunta-me a Sophie, antes de ser interrompida por uma vozinha. — Espera só um segundo, Louise. — A sua voz diminui quando ela desvia o rosto do telefone. — O que é? — pergunta, irritada. — Já te disse, Ella, a mãe está ao telefone. Vai perguntar ao pai. Então pergunta-lhe outra vez. — Ela regressa ao meu ouvido. — Desculpa, Lou. Miúdos do caraças...

Sinto um aperto na garganta. Não sei se quero o conselho

dela. O que quero realmente é que se ria e me diga que não há problema nenhum, que é entusiasmante. Tenho a sensação de que não é isso que vem aí. E tenho razão.

— Se queres o meu conselho, querida — continua ela —, larga os dois. Não podes ser amiga dela porque não podes apagar o facto de teres dado uma queca com o marido e isso é uma merda, e não podes ser amante dele porque é casado com uma mulher de quem és amiga, e isso também é uma merda. Ter um caso amoroso é um segredo e peras e não me parece que estejas preparada para o que implica, digo-te isto como um elogio. És melhor do que isto, Lou. Inscreve-te no *Tinder* ou algo do género. O que não falta para aí são homens giros, acredita em mim. Solteiros e tudo. Juro por Deus que se ainda não tiveres criado um perfil quando voltarmos a falar, vai haver chatice. Combinado?

— Combinado — respondo-lhe, mentindo com todos os dentes só para lhe agradar e a despachar.

— Tenho de ir, Lou; a Ella está prestes a passar-se. Mas vai-me mantendo a par. Estou aqui, se precisares de mim.

Ela desliga, mas ainda ouço as suas palavras ecoando na minha cabeça. «Larga os dois.» É fácil para ela falar, com a sua vida agitada, a sua família e os seus casos amorosos. A Sophie nunca tem falta de atenção ou de companhia.

O mais certo é não a ver antes de o Adam regressar e por essa altura terei de largar o David, por isso tudo ficará resolvido. Não que precise de fazer seja o que for para agradar à Sophie. Quando ela me conta sobre os seus casos, ouço e aceno com a cabeça, guardando os juízos de valor para mim. Porque é que ela não pode fazer o mesmo? Pensa que sabe mais, mas não sabe. Não imagino a Adele alguma vez a dizer-me o que fazer. A Adele ouvir-me-ia e apoiar-me-ia; como uma amiga a sério.

Apercebo-me do quão absurdo isto soa, tendo em conta a situação, por isso afasto firmemente a Sophie da minha cabeça e sirvo-me de um segundo copo de vinho, acrescentando um pouco de gelo para o fazer durar mais tempo. Não me sinto muito mal porque já estava a contar com as calorias extra, e para ser sincera hoje podia ter-me portado muito pior. Os fins de semana são complicados para manter a dieta, mas agora que começo a sentir a diferença começa a ser mais fácil. Não fui correr porque o sono deu cabo de mim e não me sentia capaz, mas fui dar um longo passeio e, embora estivesse cheia de vontade de comer pão, comi apenas

peixe e legumes ao jantar, antes de ligar ao Adam e ao Ian e ouvir falar sobre as coisas deliciosas que eles têm comido, o que fez o meu estômago emitir ainda mais ruídos.

Portanto, não me vou massacrar por causa do vinho. Também temos de nos divertir e não é como se ficar alegre me fosse fazer voltar a comer em excesso. Os armários estão vazios e estou demasiado preguiçosa para sair de casa a esta hora da noite. Seja como for, preciso do vinho para adormecer. Tenho a certeza de que os meus terrores noturnos pioraram, mas também não me surpreende uma vez que ando a dormir com o marido da minha nova amiga. Pronuncio duramente a palavra na minha mente de propósito para me fazer estremecer. Sim, não admira que o meu sono ande tão perturbado.

Passo em revista os canais de televisão, à procura de alguma distração. Está a dar um programa de talentos pavoroso, mas mais nada. Um episódio antigo de *A Touch of Frost*. Nada que me interesse. Bebo mais vinho e a minha mente regressa ao David e à Adele. Há sempre uma parte do meu cérebro a pensar no David e na Adele. Estará ele a pensar em mim? Estará *ela* a pensar em mim? Quase dou uma gargalhada. Que doideira a minha. Devia ir deitar-me cedo. Pelo menos amanhã posso dormir até tarde se o meu sono for uma merda.

Vou à cozinha e encho o copo. Já só resta pouco menos de meia garrafa se parar de beber agora, o que ainda assim é melhor do que o habitual. Estará o David a beber em casa? Terão eles ido jantar fora? Estarão a fazer sexo depois de terem feito as pazes? Fará ele comparações entre os nossos corpos? Meu Deus, espero bem que não. As perguntas zunem na minha mente e desisto de as combater.

Tiro o caderno da gaveta da cozinha. É a minha ligação a eles e já que vão estar na minha mente, então mais vale espreitar o passado da Adele, mesmo que me veja aflita para perceber a confusão de gatafunhos. Além disso, melhorei imenso a rotina nos últimos dias. Talvez isto me ajude a dominá-la de vez.

Desligo o televisor e levo o meu vinho para o quarto. Sinto um torpor descontraído e ensonado, apesar de nem ter bebido muito. A dieta está a transformar-me numa oferecida. Tento não pensar no quão oferecida sou de facto, atendendo à situação.

Fico de *T-shirt* vestida, mas atiro o resto da roupa para o chão e enfio-me na cama. Já sinto os olhos pesados e bebo um grande

trago de vinho. Não lavei os dentes. Fá-lo-ei assim que terminar de beber — mentol e vinho não são uma boa combinação —, embora o mais certo seja adormecer primeiro e depois ir fazê-lo quando os meus pesadelos me acordarem daqui a umas horas. «Sou tão *rock and roll*», penso, ao mesmo tempo que sorrio por não ser nada *rock and roll*, na cama antes das 22h00, e depois acendo a luz do candeeiro e abro o caderno. A caligrafia pequena e pontiaguda magoa-me os olhos a princípio, mas aos poucos aprendo a decifrá-la. O passado da Adele e do David. O teu sono, diz-me a minha voz interior. Estás a ler isto para te ajudar a dormir. Sim, sim, respondo a mim mesma. Ambas sabemos que isso é mentira.

...Começa como de costume. Estou a correr e eles vêm todos atrás de mim. Os traficantes do bairro social, a desprezível da minha mãe há muito desaparecida, a Ailsa, o rapaz a quem dei uma tareia no bico por nenhuma razão em especial a não ser porque estava a ressacar, porque não estava pedrado, porque estava cheio de raiva. São eles, sei que sim, mas ao mesmo tempo também não são eles. São versões monstruosas deles, como os vejo de facto: olhos encovados, pele flácida, os dentes afiados cheios de sangue por me sugarem por completo com a sua existência constante. Tenho marcas nos braços, nos sítios onde a minha mãe e a Ailsa me apanharam e morderam antes de eu me ter conseguido libertar. Não preciso que nenhum médico da cabeça me diga o que é que isso significa. Chamar-lhe-iam culpa. Culpa por causa da minha dependência e pelo facto de afetar a minha família. Não fazem ideia nenhuma do que me vai na cabeça. As marcas, as dentadas e o sugar do meu sangue têm que ver com eles terem-me mandado para um centro de reabilitação, obrigando-me a desistir da única coisa de que gosto nesta vida da treta.

Estou a correr pelo prédio. Não aquele onde moro com a Ailsa, mas aquele que a minha mãe e o «Shanks», o seu namorado pedófilo, de seu nome verdadeiro Terry, partilhavam antes de ele ter desaparecido. É velho e cheira tanto a mijo nos elevadores que mesmo quando estão a funcionar pensamos «que se lixe» e subimos pelas escadas. Estou nas escadas no meu sonho e ouço-os atrás de mim, a chamarem-me, a insultarem-me. «Sabemos o que fizeste! Não penses que

não!», grita a minha mãe. As vozes deles soam húmidas, demasiados dentes aguçados dentro das suas bocas. Ouço metal a bater nos degraus de cimento e as minhas pernas parecem estar a caminhar em melaço. Não consigo ganhar velocidade. Alcanço um patamar e olho para baixo.

Eles estão a dois pisos de distância, mas avançam rapidamente numa tresloucada matilha meio humana meio animal. As suas mãos têm lâminas afiadas e compridas em vez de dedos e arrastam-nas atrás deles. Vêm cortar-me aos bocadinhos e depois comer-me. Estou demasiado cansado para continuar a subir as escadas a correr, pelo que olho na direção da porta que vai do poço à fileira de apartamentos merdosos. Música hip hop ecoa vinda de algures. A porta tem uma vidraça cheia de gordura e através dela vislumbro o Shanks, que nunca gostou de ficar para trás. Ele lança-me um olhar furioso do outro lado do vidro sujo, ergue o dedo-lâmina no ar e agita-o como se estivesse a ralhar comigo.

Estou encurralado. Vão apanhar-me, sei que sim. Os seus dedos vão dilacerar-me. É normalmente aqui que fico paralisado no sonho e só quando a Ailsa me alcança é que acordo. Mas desta vez não aconteceu. Desta vez, o eu do sonho tem um momento.

Portas.

Dedos.

Baixo o olhar para as minhas mãos. Vejo um dedo mindinho a mais na mão direita. Paro no patamar e quase dou uma gargalhada. Estou a sonhar e tenho perfeita noção disso. O som do metal a arranhar dissipa-se ao mesmo tempo que me concentro. Olho para a porta do patamar, mas sei que não é a porta que procuro. Viro-me para a parede onde umas tags de grafítis amadoras horrorosas foram preguiçosamente pintadas a spray. Com a mente reorganizo as linhas de forma a criar uma pequena porta com a maçaneta redonda, como num desenho - infantil.

Os monstros atrás de mim estão cada vez mais perto, mas ignoro-os e estendo a mão para abrir a minha porta nova. Penso numa praia. Não na praia das férias da treta que passámos em Blackpool, onde choveu quase todos os dias e a Ailsa tinha birras típicas de adolescente a toda a hora porque não tinha podido levar o parvo do borbulhento do namorado,

mas uma praia chique como as que se veem nas montras das agências de viagem.

Rodo a maçaneta e avanço.

Os meus terrores noturnos desaparecem e encontro-me numa praia branca, o ar quente a soprar-me o cabelo, a areia quente entre os meus dedos dos pés, ao mesmo tempo que a água passa por cima deles. Estou vestido com calções e T-shirt. Sinto-me calmo. Apetece-me rir. Quero que a Adele veja isto e de repente ela aparece — uma Adele em sonho. A água exhibe uma tonalidade azul pouco natural, mas é como sempre imaginei que o oceano fosse. Acrescento golfinhos. Acrescento um empregado a caminhar na nossa direção com cocktails em copos altos. Têm um aspeto estranho. Nunca bebi um cocktail, mas sabe a granizado de morango, tal como eu achava que iria saber. Quase acrescento uma agulha e uma pedrada, mas não o faço. No sonho rio-me, a Adele do sonho ri-se e depois não consigo aguentá-lo mais e acordo.

MAS CONSEGUI. Nem acredito que consegui, porra. Consegui, porra! Posso ser o rei dos meus próprios sonhos. Na próxima vez será melhor. Sei que sim. Estou demasiado entusiasmado para voltar a adormecer. São quatro da manhã e toda a gente está a dormir, mas tenho o coração a cem à hora. Há muito tempo que não me sentia tão bem em relação a alguma coisa. Parecia magia. Magia a sério, não a pedrada da droga. Estou ansioso para ir contar à Adele, mas as raparigas estão na outra metade da casa e não posso arriscar ser apanhado lá. Expulsar-me-iam. Quando aqui cheguei teria corrido esse risco de bom grado, mas agora não. Estou mesmo nas nuvens. Estou a sorrir como um parvo enquanto escrevo isto. Não lhe vou contar que a imaginei na praia comigo, que ela apareceu de imediato como se estivesse destinado a acontecer. Como se não conseguisse imaginar-me a ser feliz sem ela. Isso assusta-me imenso, nem imagino o que ela sentiria se soubesse.

Estamos quase a meio da nossa estadia aqui. O que é que acontecerá quando nos formos embora? Não estou a ver o Dr. David a querer-me por perto. A Adele diz que ele vai adorar-me, mas ela não conhece as pessoas como eu conheço e ele parece ser um controlador.

Ainda me estou a interrogar sobre o que terá sido aquela

merda sobre o solicitador. Não insisti, mas ela ficou meio esquisita depois disso. Há de acabar por me dizer. Tenho jeito para fazer as pessoas abrirem-se comigo. Agora ouço mais do que falo durante as sessões. Toda a gente quer falar sobre si próprio. Básico. Se calhar devia arranjar emprego aqui. (PIADA)

Lá fora os pássaros começam a acordar. Ainda me custa a acreditar que o fiz. Todos aqueles beliscões e contagens de dedos compensaram. Controlei a porra do meu sonho. O David não consegue fazer isso. Isto é algo só meu e dela...

Os meus olhos estão desfocados e dou por mim a ler a última frase duas vezes, visto o vinho estar a deixar-me meio zozza. Fecho os olhos. Somente por um segundo. O caderno escorrega-me da mão. Tenho de ir lavar os dentes, penso, vagamente, e depois estou a dormir.

ADELE

É terrível. Terrível. Não há outras palavras para descrever esta manhã. Os gritos cessaram, mas este silêncio sepulcral é ainda pior. Sinto-me agoniada. Estou a tremer. Não sei o que dizer, ou se haverá alguma coisa que deva dizer. Ou que possa dizer. Isto é tudo minha culpa.

— Vou mudar-me para o quarto de hóspedes. Para já. Durante uns tempos. Acho que é o melhor. Até decidirmos o que é que vamos fazer. — A sua voz soa profissionalmente calma, mas ele está lívido. Eu conheço-o. Só me apetece chorar, mas não o faço. Mantenho uma expressão arrogantemente impassível. Não quero que ele saiba o quanto me está a magoar.

— Onde é que está o cartão de crédito? — pergunta-me ele, o olhar frio.

As coisas que encomendei no canal de compras começaram a chegar às 8h00 da manhã e já cá estavam todas por volta das 9h00. Cronometrei tudo na perfeição, pagando extra por um prazo específico. As compras só demoraram uma hora e pouco de esforço dedicado, mas a conta *American Express* do David está agora a hiperventilar perante o custo das minhas aquisições aleatórias. Uma nova máquina de café — o melhor modelo. Uma nova máquina de fazer pão — *idem*. Algumas peças de joalharia. Uma máquina fotográfica muito cara. Uma máquina que fatia, corta e cozinha a vapor, com os respetivos acessórios. E a *pièce de résistance*, uma passadeira topo de gama. Milhares de libras gastas.

Qual criança, vou buscar a minha mala a uma das cadeiras da cozinha e estendo-lha, e depois fico a vê-lo retirar o precioso cartão da minha carteira e a cortá-lo ao meio.

— Pensava que a ideia era recomoçarmos — diz ele, atirando os pedaços de plástico para o caixote do lixo. A sua expressão é incrivelmente fria. Quero dizer-lhe que vai correr tudo bem e pedir-lhe para confiar em mim, mas não posso. Iniciei este caminho,

fazendo coisas para o afastar de mim e o aproximar dela, e tenho de me manter fiel a isso. Não posso fraquejar. Tenho de acreditar que a Louise, eu e o David conseguiremos fazer com que isto resulte.

— Pensava que isto já tinha acabado há muito tempo — murmura ele, olhando para o corredor onde parece que acabámos de nos mudar outra vez, com caixas por todo o lado. — Vou tratar da devolução das coisas. — Ele faz uma pausa. — Podes ficar com a passadeira, se quiseres.

Sei bem qual é a sua ideia. Dessa maneira garante que passo mais tempo em casa.

— Podes devolvê-la também — respondo-lhe. Seja como for, não pode cancelar a minha inscrição no ginásio. Já pagámos o ano inteiro. Saía-nos mais barato e na altura eu estava a tentar agradar-lhe. Era o nosso *recomeço*.

Olho-o fixamente. Será que ainda sente um bocadinho de amor por mim? Deve sentir. Só pode. Ele volta a vasculhar a minha mala e tira-me as chaves de casa.

— Tenho de ir ao centro de apoio social. Não tenho como não ir. Montaram lá um consultório, mas só vou demorar cerca de duas horas.

É claro que tem de sair. O trabalho vem primeiro. Está sempre pronto a ajudar os outros. À exceção de nós. De mim. Já desistiu disso. Para mim são só comprimidos, comprimidos e mais comprimidos. Só percebo por que razão levou as minhas chaves quando se dirige para a porta da cozinha, a tranca e depois guarda a chave no bolso, e deixo escapar uma meia gargalhada de desdém. É mais forte do que eu.

— Vais trancar-me aqui dentro? — Estou incrédula. Há muito tempo que o nosso casamento mais parece uma prisão, ambos o sentimos, mas ele agora vai passar a ser o meu carcereiro também?

— É para o teu próprio bem. — Pelo menos teve a decência de corar e não me olhar nos olhos. — É só por causa do que aconteceu esta manhã. Não posso... não posso... — ele está com dificuldade em encontrar as palavras certas — ... não posso distrair-me. — Faz um gesto fraco na direção do corredor e depois para a minha cara. — Com tudo isto. — Desvia o olhar. Não suporta olhar para mim. — Tenta descansar. Talvez seja preciso mudar novamente a tua medicação. Amanhã trato disso.

Fico presa a essa palavra, *distrair*. O que ele quer dizer é que não quer ter a distração de não saber onde é que ando, nem o que ando a fazer. A nossa pequena rotina telefónica não é suficiente para ele.

«Se calhar evitavas distrações se não fosses para a cama com a gorda da tua rececionista», é o que me apetece gritar-lhe, mas não o faço. Os comprimidos que me obrigou a tomar à sua frente estão a fazer efeito e começo a sentir-me um pouco zozna. Não me importo. Vai fazer-me bem dormir um pouco.

O telemóvel dele emite um som, o que significa que chegou a sua boleia. Não me tira o *meu* telemóvel — quer seja de propósito, quer seja porque ainda está estupefacto com tudo o resto e passou-lhe por completo —, o que me deixa aliviada. Escondi-o, pelo sim pelo não, mas já estou a correr riscos mais do que suficientes e provavelmente prematuros também. O telemóvel é para outra altura.

— Falamos melhor mais logo — diz-me ele, dirigindo-se para a porta. As suas palavras são em vão. Falar é algo que nós não fazemos, de todo. Não conversamos sobre nós e não conversamos sobre *aquilo*. Ele para e olha para trás, e tenho a sensação de que vai dizer mais qualquer coisa, mas depois não o faz.

Olhamo-nos fixamente durante um longo momento, em tempos amantes e agora combatentes silenciosos, e depois ele vai-se embora.

Ouçó a chave a rodar na fechadura inferior e sinto-me sepultada na nossa casa. É muito estranho saber que não posso sair. Não me sentia assim indefesa há muito tempo. E se houver um incêndio? E se a casa começar a arder enquanto estou a dormir? Estou grogue da medicação. Terá ele pensado em todos esses fatores? Não é como se não tivesse havido já um incêndio. Talvez ele julgue que agora sou desembaraçada o suficiente para me conseguir safar sozinha. E, para ser sincera, as janelas seriam fáceis de partir se me decidisse a fazê-lo.

Fico parada em silêncio a olhar fixamente para o vidro e a pensar em chamas, e a minha mente passa lentamente em revista algumas ideias, mas depois o latejar no meu rosto traz-me de volta ao presente. Tomei todos os comprimidos que *ele* me deu, mas do que preciso realmente é de ibuprofeno.

Tomo dois com um pouco de água e depois vou à casa de banho do piso de baixo e acendo a luz, debruçando-me sobre o

lavatório para examinar o meu rosto no espelho. O hematoma é enorme, escarrapachado na minha maçã do rosto. A pele inchou muito e estremeço quando lhe toco ao de leve. Ontem à noite era só uma mancha vermelha. Hoje está a tomar conta do meu rosto. Mas o meu olho não está a fechar-se, o que é um alívio. O hematoma desaparecerá dentro de uma semana, estou certa.

Detesto isto. A preocupação dele esta manhã com o hematoma em crescimento dissipou-se assim que as minhas compras começaram a chegar, e nessa altura acabou-se. Mais raiva e as mesmas perguntas difíceis de ontem à noite que eu continuava a recusar-me a responder. Ele queria saber onde é que eu tinha estado. Porque é que estava fora quando ele chegara a casa. O que é que andara a fazer.

É evidente que não lhe posso dizer onde é que estava realmente — planeara chegar a casa antes dele, mas o meu péssimo *timing* foi só mais um dos erros do fiasco de ontem à noite —, mas talvez lhe devesse dar alguma coisa. Ou não. Estou a gostar deste momento de poder silencioso sobre ele. Posso estar trancada em casa, mas o que ele quer saber está trancado na minha cabeça. Por mim tudo bem. Ainda assim, sinto-me exausta agora que estou sozinha.

Não é só o facto de me doer a face. Os braços e as pernas também me doem. Os meus músculos parecem gritar de tão tensos. Até as costelas me doem ligeiramente.

Preciso de um banho. Preciso de me pôr de molho e pensar. Subo as escadas devagar, carregada com o peso da minha autodepreciação e autocomiseração, e enquanto ponho a água a correr, mudo as suas camisas do nosso roupeiro para o roupeiro mais pequeno no quarto de hóspedes. Penduro-as por cores, tal como ele gosta. Acaricio-as com a mesma delicadeza com que já não o posso acariciar a ele. Um sentimento de insegurança invade-me e sinto-me muito, muito só.

Tiro o meu telemóvel da caixa de sapatos na parte de trás do roupeiro, escondido debaixo de um par de *Jimmy Choos* de cetim, e depois dispo a roupa e entro na água quente e espumosa. - Mantenho o telemóvel perto de mim, em cima do tampo da sanita. Talvez ele tente ligar-me. Talvez se sinta arrependido. Talvez me diga que quer melhorar a situação. São pensamentos inúteis. Já percorremos demasiado este percurso para isso.

Fecho os olhos e deixo que a água me acalme os músculos.

Sinto o batimento cardíaco a pulsar-me na face; um ritmo regular aplacado pelo medicamento que me obrigou a tomar, seja ele qual for. A sensação é muito agradável, por estranho que pareça. Estou prestes a dormir quando o zunido alto de vibração me desperta. É uma mensagem. Da Louise. Fito o ecrã. Ela nunca me manda mensagens ao fim de semana.

Conseguiiii!

Olho fixamente para as palavras e depois sorrio, não obstante a dor na minha face. Ela conseguiu. Ela conseguiu mesmo. O meu coração bate a cem à hora, martelando a sua batida no meu peito e na minha maçã do rosto. Adoro a Louise. A sério. Estou capaz de rebentar de alegria.

De repente, já não tenho sono nenhum.

ANTES

O fumo é forte e adocicado, e quando lhe chega aos pulmões o choque é tal que ela tosse-o novamente para fora, até os seus olhos se encherem de lágrimas, e depois ambos desatam a rir-se, apesar de a sensação no peito dela ser semelhante à dos dias a seguir ao incêndio.

O Rob recebe o charro e inala calmamente, enchendo os pulmões. Em seguida, sopra argolas de fumo.

— É assim que se faz — diz-lhe ele, imitando uma pronúncia chique —, minha cara amiga.

— Onde é que arranjaste esta merda? — Ela experimenta de novo e dessa vez consegue combater a vontade de se engasgar. A pedrada é praticamente instantânea. Uma sensação de cabeça leve, quente e tipo formigueiro. Agrada-lhe.

Ele arqueia uma sobrancelha:

— Eu cá tenho os meus métodos irresistíveis.

— Agora a sério. Onde? — Aos olhos dela o Rob é pura energia. Ela ama-o um bocadinho, tem noção disso. Ele é tão *diferente*. Ela nunca conheceu ninguém que se borrifasse tanto como ele para as coisas que dizem que devemos considerar importantes. Todas as coisas que os pais dela consideravam importantes. As coisas que o David considera importantes. Ter planos. Uma carreira. O Rob é como o vento. Aqui, ali, em todo o lado. Destino desconhecido. Deve ser fantástico ser-se assim.

— Foi um dos enfermeiros. Convenci-o a arranjar-ma.

— Qual deles? — Ela fita-o. Não imagina como procederia para conseguir tal feito.

— Isso interessa para alguma coisa? São todos igualmente burros — responde ele, contemplando a noite. — Foi um deles e pronto. — Estão fechados numa das casas de banho. A janela de guilhotina está completamente levantada para cima e eles estão posicionados lado a lado na abertura, debruçados a fumar. Ela fora

à ala dos rapazes, apesar de o Rob se ter oferecido para ir ter com ela. Quisera fazê-lo. Quisera correr o risco. Sentir alguma coisa. Esgueirar-se pelos corredores até à escadaria central, passando dissimuladamente pelo candeeiro solitário no posto da enfermeira de serviço lá em baixo, e depois tornar a subir até à outra ala ilícita de Westlands fora algo entusiasmante. Ficara sem fôlego e tivera um ataque de riso ao chegar, e agora com a erva a arder-lhe nos pulmões sente-se fantástica.

Interroga-se sobre qual dos enfermeiros terá ele conseguido subornar e por que motivo não lhe dirá de quem se trata. Será por ela não lhe ter contado o que é que o solicitador veio cá fazer? Ele não lhe perguntou, mas ela conhece-o bem o suficiente para saber que não foi por falta de curiosidade. É a pessoa mais inteligente que ela conhece, à exceção talvez do David. Ela tira-lhe o charro da mão e inala. A brisa fresca sopra-lhe o cabelo e ela tem a sensação de que está a voar. Dá uma pequena gargalhada, do nada. A voar. Talvez conte ao Rob sobre o solicitador. Agora também já têm um segredo deles. Como se lhe lesse a mente, o Rob fala:

— Para onde é que vais quando sonhas? Tu sabes... o que é que existe do outro lado da porta, para ti?

— Sítios diferentes — responde-lhe ela. Trata-se de uma deflexão. É complicado para ela explicar-lhe. A primeira porta foi há muito tempo. Agora é diferente e há uns anos que assim é. Isto para ele é novidade. — Depende do meu estado de espírito.

— É tão estranho — diz ele. — Estranho, mas fantástico.

Já decorreram cinco noites desde que o Rob conseguiu pela primeira vez, e desde então tem sido um processo natural para ele. Ela sabe que não está a mentir — não que pense que o faria — porque todos os terapeutas estão a dizer que fez progressos. Estão todos contentes com eles próprios. Ele é o menino de ouro de Westlands, agora que dorme sem gritar — estão convencidos de que o curaram. E acham que a ajudaram a ela também. Se lhes passasse pela cabeça que não tiveram nada que ver com o assunto... Há portas na mente à espera de serem abertas, mas não da maneira que eles julgam. De todo. Como é que reagiriam se soubessem a verdade? O mais certo seria precisarem de fazer terapia. Ela dá uma risada em voz alta perante esse pensamento. Começa a pensar como o Rob.

— É como ter o mundo à mão de semear — diz ele.

— Sim — ela acena com a cabeça. — E acabaram-se os - pesadelos.

— Ámen — exclama ele, passando-lhe o charro. Já quase o terminaram, mas ela não se importa. A sua cabeça está meio zonha e ela acha que se fumar mais ficará agoniada, mas está a adorar a forma como a sua pele lhe parece estranha e só lhe apetece rir-se. Tudo tem piada. Sorri para o Rob e ele retribuiu o sorriso, e não precisam de dizer nada. Após uns segundos, ela pousa a cabeça no braço dele. É magro e rijo, tão diferente do ombro largo e do bíceps fortalecido pelo trabalho rural do David. O relógio dele ficaria tão largo no pulso do Rob como fica no dela. Mas sabe-lhe bem estar encostada ao Rob. Sente-se segura.

Jamais poderia partilhar um momento como este com o David e esse pensamento entristece-a. O David raramente sonha e muito menos sofre de terrores noturnos. Não lhe deu ouvidos quando ela tentou contar-lhe. O David jamais seria capaz de fazer o que o Rob fez e isso é um facto puro e simples. O que não impede que ela se sinta encantada com o facto de existir alguém capaz. Um amigo capaz. Alguém com quem ela o pode partilhar. Uma parte, pelo menos.

ADELE

Ele cumpre com a sua palavra e só se ausenta durante duas horas, e eu estou submissa quando ele chega a casa. Apesar de a mensagem da Louise me ter deixado animada, ainda me sinto afetada pelos acontecimentos de ontem à noite e pelo meu fracasso abismal. Estava tão segura de mim que agora a minha autoconfiança foi deitada abaixo por completo e sinto-me terrivelmente sozinha.

— Mudei a tua roupa para o quarto de hóspedes — digo-lhe em voz baixa, quando me encontra na cozinha, devidamente dócil.

Ele torna a pôr a chave da porta da cozinha na fechadura e pelo menos tem a decência de aparentar algum desconforto por me ter fechado aqui. Fica parado de costas voltadas para mim por uns instantes e depois vira-se. Já nenhum de nós tem forças para lutar. Os seus ombros estão tão descaídos como os meus.

— Porque é que pintaste o nosso quarto e o corredor daquelas cores? — Ele já me fez essa pergunta tantas vezes, mas adoro o facto de dizer «nosso», como se ainda existisse um «nós».

— São apenas cores, David — respondo-lhe, repetindo a mesma resposta que lhe dei de todas as outras vezes. — Gosto delas.

Ele lança-me o mesmo olhar de sempre, como se eu fosse uma estranha vinda de um planeta alienígena e que ele jamais irá compreender. Encolho os ombros. É tudo o que me resta.

— Não pintes o quarto de hóspedes.

Aceno com a cabeça:

— Espero que o dormires lá seja temporário.

Isto somos nós a *conversar*. Esta total não comunicação. Talvez seja ele quem precisa de medicação, em vez de passar os dias a beber para adormecer o cérebro. Não é bom para ele. Não é bom para o futuro. Tem de parar, mas eu não estou propriamente em posição de bater o pé agora. Talvez ele pare quando tudo isto terminar. Talvez então me deixe ajudá-lo.

Ele vai esconder-se no escritório, murmurando qualquer coisa sobre trabalho, a conversa terminada por agora. Imagino que o ter olhado para mim lhe deu vontade de beber um conhaque e não me apetece analisar os motivos para tal.

Deixo-o ir e não o confronto com o facto de saber que tem várias garrafas de bebida no escritório e que talvez eu não seja a única pessoa com segredos neste casamento, por muito que ele julgue que as escondeu bem de mim. Em vez disso, dedico-me ao que faço melhor, começando a preparar o borrego assado para o jantar. Há algo de reconfortante num assado e ambos estamos a precisar disso.

Tempero a carne com rosmaninho e anchovas enfiadas na pele gordurosa, e depois, enquanto corto e salteio e cozinho as minhas batatas e os meus vegetais de acompanhamento, o vapor faz latejar o meu hematoma. Cobri-o com maquilhagem e o David deve estar convencido de que é para o esconder dele, mas está enganado. É para o esconder de mim. Sinto uma vergonha imensa perante a minha própria fraqueza.

Ponho a mesa da sala de jantar, usando o nosso melhor serviço, e tenho velas acesas e todos os pratos dispostos entre os nossos lugares antes de o chamar. Servi-lhe um copo de vinho, apesar de o meu copo ter apenas *San Pellegrino*. Não tenho bem a certeza se fiz tudo isto para lhe agradar ou para me reconfortar a mim mesma, depois do incidente feio de ontem à noite. Procuro um sinal de aprovação, mas ele mal se apercebe dos meus esforços.

Os nossos pratos estão cheios, mas nenhum de nós come grande coisa. Tento fazer conversa de circunstância sobre o seu trabalho de apoio social — como se isso me interessasse —, mas ele interrompe-me:

— O que é que se passa, Adele?

Ergo o olhar para ele, o meu estômago cheio de nós. Ele não soa preocupado, soa indiferente. Faz tudo parte do meu plano, mas não é o que quero. E com certeza não o quero para já. Tento pensar em algo para dizer, mas já não tenho mais palavras. Só espero parecer-lhe bela à luz das velas, mesmo com a nódoa negra sarapintada que ele está a tentar não ver. Ele pousa os talheres.

— O que aconteceu antes de nos mudarmos, aquilo foi...

— Foi culpa tua. — Encontro a minha voz agora, apesar de ser quase um guincho, como unhas raspando num quadro de giz.
— Sabes que sim. Tu próprio o disseste.

— Disse-o para te acalmar. Não estava a ser sincero. Querias um recomeço e eu tentei dar-to.

Custa-me a acreditar que ele tenha lata para dizer aquilo. Anda a dormir com a rececionista. Belo recomeço este. Pouso os meus talheres, apoiando-os cuidadosamente no rebordo do prato. Os meus esforços ao jantar estão a ir por água abaixo.

— Admito que cometi alguns erros — replico. — E lamento imenso. Sabes que tenho problemas. Acho que a mudança me perturbou.

Ele abana a cabeça:

— Já não consigo contro... já não consigo cuidar de ti. Vou perguntar-te mais uma vez: aonde é que foste ontem à noite?

Controlar. Era isso que ele queria dizer. Já não me consegue controlar.

— Fui dar um passeio — respondo-lhe. — Perdi a noção do tempo.

Olhamo-nos fixamente e eu tento aparentar uma expressão inocente, mas ele não vai na conversa.

— A sério — acrescento, arrependendo-me de imediato. É a expressão que toda a gente emprega quando está a mentir. «Ela é só uma amiga, a sério.» Foi o que o David disse quando morávamos em Blackheath. E tudo bem, talvez não tenha fornicado com ela, mas era mais do que «só uma amiga».

— Isto não pode continuar — diz ele.

Estará a referir-se a nós ou a mim? Será que me quer ver trancada algures? Outra instituição onde as pessoas possam «ajudar-me», mas dessa vez a longo prazo? Enquanto ele se pavoneia com o meu dinheiro e a sua liberdade?

— Acho que me esqueci de tomar alguns comprimidos — digo-lhe. É um risco. Não o quero a vir do trabalho para se certificar de que os tomo. Preciso da mente liberta, além de que a minha cabeça está a funcionar mais do que bem. — Vou acabar por estabilizar. Sabes que sim.

Isto é uma espécie de repetição dos nossos primeiros tempos juntos, com a diferença de que agora ele não sente a abundância de amor por mim que o sustentava antes de eu ter conseguido ficar bem. Esse poço secou.

— Sabes que nunca me podes deixar, David — digo-lhe. É agradável proferir o seu nome em voz alta. — Sabes isso. — É uma ameaça. Foi sempre uma ameaça.

E lá está ele, o passado escarrapachado entre nós, juntamente com o assado intacto, o alho-francês cremoso, as cenouras caramelizadas e os três tipos de batatas, e sei que, não obstante tudo, estou a fazer o mais acertado para salvar o meu casamento.

— Eu sei — responde-me ele, afastando a cadeira para trás. — Eu sei. — Não olha para mim enquanto se dirige para a porta. — Vou tomar um duche e deitar-me cedo.

— Eu volto a pintar o quarto — digo-lhe, para atenuar as minhas últimas palavras. — Se voltares para lá.

Ele olha de relance para trás nesse instante e acena com a cabeça num gesto quase impercetível, mas a mentira é visível nos seus olhos. Há só uma cama que ele deseja partilhar e não é a minha. Interrogo-me sobre o que a Louise estará a fazer neste momento. Interrogo-me se todo o meu planeamento não irá por água abaixo.

O jantar, ao que parece, terminou. Vejo-o ir-se embora e depois, assim que ouço os passos pesados nas escadas, levanto-me e bebo o seu vinho de um trago. Olho para a louça de porcelana. Para a comida que sobrou. Para a vida por que tanto lutei. O meu hematoma pulsa com força, ao mesmo tempo que tento conter as lágrimas. Respiro fundo e tremulamente. Dantes nunca chorava. Não sei o que é que me aconteceu. Mudei. Quase deixo escapar uma gargalhada chorosa perante essa constatação. Pelo menos mantenho o meu sentido de humor.

Tenho o tabuleiro de molho quando se ouve a campainha da porta. Um som breve e estridente. Saio para o corredor e olho de relance para o cimo das escadas, mas o duche está a correr e o David não ouviu nada. Sinto-me sem fôlego. Quem poderá ser? Não costumamos ter visitas. Não temos amigos. Somente a Louise. Ela não viria aqui. Ou viria? Este não é o momento para ela se confessar. Isso só iria complicar a situação.

Abro ligeiramente a porta e espreito pela abertura. Um jovem rapaz encontra-se parado, muito nervoso, no segundo degrau da porta da frente, como se receasse vir cá acima.

— Posso ajudá-lo? — pergunto-lhe em voz baixa, abrindo mais a porta.

— O doutor Martin está? — responde ele. — Sou o Anthony. Diga-lhe que é o Anthony. Sou paciente dele. — Tem estado a falar com os olhos postos no chão, mas depois ergue o olhar para mim e nesse instante vejo-me tal como ele me deve ver. Uma beleza frágil

com um olho negro. De repente, encontro algum uso para a noite de ontem. Olho por cima do ombro, como se estivesse nervosa, antes de lhe responder.

— Ele foi-se deitar, estava com dor de cabeça. Lamento. — Mantenho a minha voz baixa. Ainda bem que não me vesti a rigor esta noite. Mesmo com a nódoa negra teria ficado com um ar demasiado distante, inatingível. Envergo um vestido comprido de verão com alças finas e tenho o cabelo solto. Os seus olhos estão fixos em mim, e conheço bem aquela expressão. Já a vi em muitos homens antes. Surpresa e ânsia e desejo. Surto esse efeito neles. Acho que ele já se esqueceu do David e tudo.

— Sou a mulher dele — digo, e depois, para jogar pelo seguro, acrescento: — Não posso falar consigo.

O rapaz moreno e magro contorce as mãos e bate o pé no degrau, num gesto inconsciente. Enverga uma *T-shirt* preta e vejo-lhe as marcas de seringa nos braços. Reconheço o que ele é.

— Tem de se ir embora — inclino-me para fora e sussurro, sabendo bem que ao inclinar-me levemente para a frente lhe estou a dar uma amostra provocadora dos meus seios. — Por favor. — Ergo uma mão quase ao rosto, ao sítio onde o hematoma marca a minha pele. — Agora não é boa altura.

— Está tudo bem consigo? — pergunta-me ele. A sua pronúncia é tão classe média, completamente antagónica ao seu aspeto.

— Vá-se embora, por favor — repito —, acho que ele vem aí. — Certifico-me de que a minha voz está carregada de um maravilhoso toque de urgência e depois fecho a porta. Através do vidro vejo que ele se demora uns instantes e depois a sua forma escura desaparece.

Encosto-me à madeira. Anthony. O nome dele é como néctar para mim. Os meus ombros descontraem-se, ao mesmo tempo que a minha vergonha perante o fracasso de ontem à noite se dissipa. Talvez vá tudo resultar, sim.

LOUISE

— Mas que raio aconteceu? — pergunto-lhe, chocada. É quarta-feira e é a primeira vez que vejo a Adele esta semana. E agora já sei porquê. Estava convencida de que teria notícias dela na segunda-feira de manhã, não só porque o ginásio se tinha tornado uma rotina, como também porque estivera tão empolgada por conseguir controlar os meus sonhos. Mais do que isso, julgava que ela também fosse ficar. Calculava que quisesse ouvir todos os pormenores. Mas não dissera nada. Pensei em enviar-lhe outra mensagem, mas não queria ser pedinchona e, como tenho uma filiação paga por ela no ginásio, não queria parecer estar a tomar as coisas como certas.

A princípio fiquei apenas um pouco aborrecida, mas por volta de segunda-feira à noite, sentada sozinha em casa e sem que o David tivesse aparecido também, a minha mágoa deu lugar à preocupação. Talvez tivesse causado chatices à Adele por causa da minha mensagem durante o fim de semana? Talvez o David a tivesse visto? Mas se a tivesse visto com certeza teria aparecido cá em casa, para tentar saber o que é que se passava. Era possível que ela tivesse o meu número registado sob um nome falso. E talvez fosse o caso com ele também. Mas se assim fosse, então porque é que não tinha tido notícias dela? Ter-lhe-ia ele tirado o telemóvel?

No dia anterior o David esteve muito calado no trabalho, nada dos sorrisos e rubores que temos partilhado nos últimos tempos, e quando me fui deitar à noite, depois de uma segunda noite sozinha, senti-me abandonada pelos dois, e foi preciso muito autocontrolo para não lhe enviar uma mensagem a ele para saber se estava tudo bem. Era estranho o quão vazia a minha vida parecia sem nenhum deles e isso fez-me ficar ainda mais preocupada. Eu *precisava* deles. Custava-me muito ver o David a evitar-me. Não ter notícias da Adele punha a minha imaginação a

trabalhar desenfreadamente. Teriam conversado um com o outro sobre mim? Eles e eu. Sempre eles e eu, por muito que me sentisse inserida entre ambos. Inserida ou presa. Ou uma coisa ou outra.

Mas agora, com a Adele diante de mim, vejo por que motivo não se quis encontrar comigo antes. Sinto-me nauseada. Ela tentou encobrir a nódoa negra com maquilhagem, mas ainda é visível. Uns roxos e verdes profundos na sua maçã do rosto perfeita. Em certos aspetos, a base quase a torna mais evidente, empapada e escamada por cima da cor.

— Não, não é nada — diz-me ela, concentrando-se na condução; ou fingindo concentrar-se para não ter de olhar para mim. — Um acidente parvo. Levei com a porta do armário na cara. Sou mesmo parva.

Ela está a tentar soar descontraída, mas não vou na sua conversa e as minhas pernas começam a transpirar no assento aquecido do carro. Aconteceu alguma coisa. Observo-a com atenção enquanto ela liga o pisca e vira. Parece meio contraída, assustada até. O seu cabelo perdeu o brilho. Pela primeira vez sinto-me como se eu é que fosse a pessoa radiante e não ela. Umas boas noites de sono mudaram-me por completo. Sinto-me reanimada e revigorada. Há muitos anos que não me sentia tão bem, se é que alguma vez senti. Sinto-me uma pessoa nova e quero comemorar com a minha amiga, mas agora, ao vê-la tão *pequena*, sinto-me mal por estar feliz.

— Achei que podíamos faltar ao ginásio hoje — continua ela. — Não estou com muita vontade de ir. E está um dia tão agradável. Vamos almoçar no jardim, assim podes contar-me tudo sobre os teus sonhos. — Ela sorri e vejo-a contrair-se ligeiramente. Um tremor, mas o suficiente para eu perceber que a nódoa negra ainda lhe dói.

— Pode ser — respondo-lhe. A minha mente está a trabalhar a cem à hora. Quem é que abre a porta do armário e leva com ela na cara? E com uma força daquelas? Será possível sequer? «Telefonemas. Comprimidos. Nódoas negras.» Tudo isso provoca-me um aperto no estômago. Tudo indícios, que eu estou a tentar desesperadamente ignorar, de que poderá haver algo de muito errado em relação ao David. A Adele adora o ginásio. Porque é que não lhe apetece ir? Terá mais nódoas negras no corpo e tem medo que eu as veja no balneário?

Apetece-me dizer algo, certificar-me de que ela está bem,

e nesse instante o seu telemóvel, pousado no sítio das chaves, toca. Não preciso de perguntar quem é.

— Vim só ao ginásio — diz ela, depois de atender. Soa quase apologética. — Sim, exato. Não, vou logo para casa. Prometo. Está bem, falamos nessa altura. Adeus.

— Bem, que romântico — digo num tom seco, ao mesmo tempo que abro a janela. O interior do carro está quente, e sinto-me ligeiramente maldisposta depois de ter visto a nódoa negra e ter ouvido a conversa deles. Sinto-me pessimamente. Zangada. Perturbada. Confusa. O David não tem evitado a minha cama por andar a reacender a chama do seu casamento, quanto a isso estou certa.

— Vocês discutiram? — Não emprego a palavra brigar. Não quero que ela pense que estou a perguntar se o David lhe bateu, apesar de ser *exatamente* isso que estou a perguntar-lhe, embora me custe a acreditar. Não o *meu* David, pelo menos. O David da Adele é um estranho.

— Oh, não — responde ela, mas sem olhar para mim enquanto estaciona o carro. — Não, nada disso. É só, tu sabes, coisas típicas de um casamento.

Não sei, apercebo-me. Não sei nada sobre o casamento deles, mas parece-me muito diferente da maioria dos casamentos, do casamento que eu e o Ian tínhamos. Eu e o Ian entendíamo-nos, antes de ele ter tido o caso amoroso, como toda a gente. Uma discussão aqui e ali, mas nunca tive medo dele. O David e a Adele não são nada assim. Os telefonemas, o nervosismo dela, as mudanças de humor dele, os comprimidos e agora isto. Até quando é que vou continuar a ignorar só porque ele parece ser diferente comigo? Eu adoro a Adele. Ela proporcionou-me a possibilidade de dormir como deve ser à noite, a melhor coisa do mundo. Não quero que seja infeliz nem que a magoem. Mas os meus sentimentos para com o David também são reais. Estarei a ser uma parva? Será ele um agressor? Serei eu a ter um olho negro daqui a uns tempos? Tudo me parece tão surreal.

«Será possível que ele lhe tenha batido?», penso, enquanto saio do carro. «A sério?» Com certeza que não. Talvez a Adele esteja a contar a verdade e tenha sido apenas um acidente doméstico parvo. Talvez seja por isso que ele ainda não me apareceu à porta. Tem estado a cuidar dela. A sentir-se culpado? A tensão começa a abandonar o meu estômago, ao mesmo tempo

que me agarro a essa explicação e sigo a Adele até à porta da entrada. Um acidente, nada mais.

Há uma passadeira ainda na embalagem no átrio e a Adele ri-se quando a vejo, um som semelhante ao estilhaçar de vidro. Diz que o David lha comprou como presente, mas que a vão devolver. Ela não queria deixar de ir ao ginásio.

A minha boa disposição esmorece novamente quando a minha mente acrescenta as novas peças ao quebra-cabeças. Tratar-se-ia apenas de um presente simpático ou haveria um motivo mais sinistro subjacente? Estaria o David a tentar prendê-la ainda mais em casa? O facto de ela não ir ao ginásio seria menos uma razão para sair e conhecer pessoas novas sozinha? Talvez tivesse sido esse o motivo da discussão. Teria ela tentado defender os seus direitos e ele dera-lhe um murro? E agora, sentindo-se culpado por causa do seu próprio comportamento, acabara por ceder e ia devolvê-la? Mas se ele fosse assim tão ciumento em relação à forma como ela passa o tempo enquanto ele está a trabalhar, então por que razão anda a dormir comigo? Porque é que não está com ela em casa? E porque é que não sente ciúmes em relação a mim, quando não estou com ele? Talvez a nossa relação seja demasiado recente para isso. Já vi filmes em que os homens são encantadores de início e depois começa a violência. É estranho juntar o David e a violência no mesmo pensamento. Talvez ele não se interesse suficientemente por mim para querer saber tudo o que faço. «Talvez», tento convencer-me, «ele não lhe tenha batido de todo.»

— Qual é que foi o armário? — pergunto-lhe, quando estamos na cozinha. Uma parte do meu cérebro diz-me para me calar e esquecer o assunto, mas estou demasiado curiosa. É mais forte do que eu. Ela olha para mim, confusa, ao mesmo tempo que vai buscar os pratos e, sem grande esforço, começa a preparar um almoço estilo *tapas*, que jamais passa por deixar a *coleslaw* ou o húmus nas respetivas embalagens e pousá-los assim em cima da mesa como toda a gente.

— Qual é que foi o armário. Aquele em que... — Aceno com uma mão para a minha própria face.

— Ah! — exclama ela. — Ah, isso. — Os seus olhos - perscrutam nervosamente a fileira de armários. — Aquele ali. Por cima da chaleira. Foi um disparate. Precisava de ibuprofeno e a chaleira estava a ferver e fiquei com os olhos cheios de vapor, por isso não vi o que estava a fazer. Um disparate.

Aceno com a cabeça e sorrio, mas o meu coração bate com força e sei que ela está a mentir. Escolheu um à sorte e do sítio onde me encontro vejo que teria de estar ligeiramente agachada para a esquina da porta lhe acertar na maçã do rosto. Não vejo como pode tê-la atingido diretamente no rosto se ela mesma a estava a abrir. Não com força suficiente para causar um traumatismo. A nódoa negra está menos nítida, pelo que já a deve ter há uns dias.

Quase coloco a questão que paira entre nós — *Foi o David que fez isso?* —, mas depois não tenho coragem. Não me parece que queira saber, não aqui e não agora. Não onde a minha própria reação não poderá ser atenuada. O meu sentimento de culpa seria por de mais evidente. Acabaria por lhe contar o que tenho andado a fazer com ele e não posso fazer isso. Não posso. Iria perder ambos. E, seja como for, ela está demasiado frágil neste momento. Com certeza isso daria cabo dela.

Em vez disso, ainda a sentir-me agoniada, pego na garrafa de água com gás e sabor a flor-de-sabugueiro e em dois copos e levo-os lá para fora, para o ar fresco. É a primeira vez em imenso tempo que me apetece um cigarro a sério e apresso-me a tirar o cigarro eletrónico da mala.

— Então conta-me lá! — diz ela assim que se junta a mim com dois pratos, que têm um aspeto ótimo apesar de eu não ter muito apetite. — Conseguiu mesmo?

— Sim. — Sopro um longo fio de vapor, deixando que a nicotina me acalme ligeiramente. Pela primeira vez nesse dia vejo felicidade a sério no rosto dela e ela une as mãos num gesto de alegria, qual criança.

— Eu sabia que serias capaz. Eu sabia.

Sorrio. Não o consigo evitar, pelo que afasto o David dos meus pensamentos, para já. *Compartimentalizo*. Isto sou eu e a Adele. O casamento dela não me diz respeito. Além disso, de forma algo egoísta, tenho andado ansiosa para lhe contar desde que acordei no domingo de manhã.

— Sinto-me tão bem — digo-lhe. — Nunca pensei que umas boas noites de sono fizessem tanta diferença na minha vida. Sinto-me com muito mais energia.

— Então conta lá! Como é que fizeste?

— Pura e simplesmente aconteceu — replico, encolhendo os ombros. — Foi muito fácil. Adormeci a ler o caderno que me deste e

nele o Rob tinha encontrado a sua porta no sonho, e deve ter ficado no meu subconsciente. Portanto, estava a ter o meu pesadelo habitual, com o Adam perdido numa casa antiga abandonada e umas gavinhas negras a desprenderem-se das paredes para tentarem agarrar-me pelo pescoço — sinto-me parva ao contá-lo porque soa tão ridículo, mas a Adele está completamente atenta — e depois parei de correr e pensei: «Não sou obrigada a estar aqui. Isto é um sonho.» E depois lá estava ela, no chão à minha frente.

— Uma porta? — pergunta-me.

Aceno com a cabeça. — A porta da minha antiga casa em Wendy, quando era miúda. Cor-de-rosa e com borboletas pintadas. Mas era maior, como se tivesse crescido comigo. E apareceu assim, do nada. Vê-la fez-me pensar na casa onde cresci antes de os meus pais se terem pirado para a Austrália para tentarem salvar o seu casamento merdoso, e depois agachei-me, abri a porta e deixei-me cair lá para dentro. Estava lá. De volta a essa casa. Exatamente como era quando eu era criança.

— O que é que aconteceu à porta?

— Olhei para cima e já não estava lá. Foi então que percebi que tinha conseguido.

— E não acordaste? Quando te apercebeste de que estavas a controlar tudo? O Rob demorou algumas vezes até conseguir permanecer no sonho, acho eu.

— Não, estava na boa. — O meu estômago começa a libertar-se do nó que sentia e como um pimento recheado com queijo ricota antes de continuar, satisfeita por poder partilhar a experiência. — Passeei pela casa, comi um pouco da tarte de maçã que a minha mãe tinha no frigorífico e depois subi ao meu quarto antigo, enfiei-me na cama e adormeci.

— Foste deitar-te? — Ela olha-me com uma expressão que é um misto de incredulidade e contentamento. — Podias ter inventado um sítio qualquer para ires e foste deitar-te? Oh, Louise... — Ela abana a cabeça e ri-se, e dessa vez não estremece. Fi-la sentir-se melhor também.

— Mas olha que dormi tão bem — respondo-lhe. — As últimas noites têm sido fantásticas. Acho que posso dizer com toda a sinceridade que mudaste a minha vida. Nem fazia ideia do quão cansada andava sempre.

Ela enfia um pequeno pedaço de pão *pitta* e húmus na boca, e abana a cabeça ao mesmo tempo que mastiga, ainda divertida.

— Foste deitar-te.

— Pois. — É a minha vez de dar uma risada.

— Vais sentir-se descansada faças o que fizeres — diz ela.
— Acredita no que te digo. Podes ir aonde quiseres e com quem quiseres. O sonho é teu. Tu é que mandas.

— Hum, aonde eu quiser e com quem quiser, dizes tu? —
Arqueio uma sobrancelha. — O Robert Downey Jr. veio-me à cabeça, assim de repente. Mas para isso ia ser preciso uma cama na mesma. — Ambas nos rimos e sinto um certo carinho por ela. É minha amiga. Sou uma cabra. Ela não tem muitos amigos e a que ela está a ajudar tem andado a dormir com o seu marido, que já de si a trata mal. Fantástico. O facto de ela estar a ajudar-me faz-me pensar no Rob, o dono do caderno.

— O Rob foi à praia no sonho dele — digo-lhe. — E imaginou-te lá. — Fico um pouco apreensiva por referir o caderno, para o caso de ela se lembrar da quantidade de pormenores que este contém e o querer de volta, mas já estou a fazer tanta coisa errada que ao menos quero fazer *uma* coisa certa. Não quero continuar a ler sem que ela concorde. — Tens a certeza de que não te importas que o leia? Parece ser muito pessoal. É um pouco estranho saber do teu passado por outra pessoa.

— Foi há muito tempo — diz-me ela em voz baixa e por breves instantes uma nuvem passa por cima de nós, projetando uma sombra escura de tristeza no seu rosto belo, mas ela recupera rapidamente. — Sabia que leres sobre outra pessoa a fazê-lo seria melhor do que se fosse eu a explicar-to. Sou terrível a explicar seja o que for.

Recordo a primeira vez que a vi antes de ter corrido a esconder-me na casa de banho, em que a achei tão elegante e em controlo, tão diferente desta mulher tão nervosa e crítica de si própria. É estranho como aparentamos ser tão diferentes do que somos realmente. Como é que ela me verá? Serei uma loura gorducha e mal-arranjada aos seus olhos, ou serei outra coisa qualquer?

— Quer dizer que não te importas?

— Não. — Ela abana a cabeça. — Aliás, podes ficar com ele. Devia tê-lo deitado fora há muitos anos. É uma época em que preferimos não pensar muito.

Compreendo-a perfeitamente. Ela tinha acabado de perder os pais num incêndio e deve ter sido terrível. Mas ainda assim, tenho curiosidade em relação à vida contida naquelas páginas.

— Continuas a ser amiga do Rob? — pergunto-lhe. Ela nunca fala nele, o que parece estranho tendo em conta o quão próximos eram em Westlands.

— Não — replica ela, baixando o olhar para o prato, sem ser necessário uma nuvem sombrear-lhe o rosto dessa vez. — Não. O David não gostava muito dele. Não faço ideia de onde é que ele está agora.

No interior da casa ouve-se o som da campainha e a Adele desculpa-se e corre a ver quem é, pelo que o momento se perde. «O David não gostava muito dele.» Mais um sinal do comportamento controlador do David que eu tenho de arranjar maneira de o meu cérebro conseguir ignorar. Por outro lado, talvez não precise de me preocupar mais com esse assunto. Não é como se ele me tivesse procurado esta semana ou me tivesse dado alguma atenção no trabalho. Talvez tenha acabado. Detesto o quanto essa ideia me magoa.

A Adele regressa, murmurando algo sobre um vendedor de panos de cozinha e «andam por todo o lado agora, com o estado desta economia» e eu não insisto no assunto do Rob. Não quero dizer nada que a faça pedir-me o caderno de volta. Já compreendo tão pouco estas duas pessoas que se tornaram tão importantes na minha vida que não posso também perder este vislumbre ao seu passado. E se a Adele não se importa, então não haverá mal nenhum nisso, certo?

ADELE

— Oh, não me diga — exclamo. — A sério? Mas está a perguntar-me isso a sério? — O meu riso é um trinado encantador ao telefone e quase ouço o Dr. Sykes a descontrair-se ligeiramente do outro lado da linha. — Peço desculpa — continuo. — Eu sei que é um assunto sério e não me estou a rir disso, mas o David? Olhe que tem a sua piada. Sim, é verdade que tenho uma nódoa negra na cara, mas por minha própria culpa. Um acidente disparatado na cozinha. Com certeza que o David lhe disse?

Para ser sincera até estou a achar uma certa piada à situação, enquanto o Dr. Sykes palra ao meu ouvido. É típico um drogado exagerar e, claro, o Anthony quer *salvar-me*, por isso acrescentou uns pormenores ao que viu. É maravilhosamente perfeito. Contei ao David que ele tinha batido à nossa porta no domingo à noite — é claro que sim. Acabaria por descobrir quando o rapaz fosse à sessão. Mas não lhe disse que lhe dei a impressão de estar com medo. E também não lhe disse que o Anthony voltou cá a casa, quase provocando um momento embaraçoso quando a Louise cá estava. Despachei-o rapidamente, mas não sem lhe dar a entender que estava contente por o ver. Ele estava preocupado comigo, ao que parece. Que amoroso.

Se calhar devia começar a almoçar com a Louise na cidade, em vez de aqui em casa, para o caso de ele andar a rondar à nossa porta e a Louise o ver.

O David foi trabalhar na segunda-feira e de imediato recomendou um novo terapeuta ao Anthony, muito incomodado com o facto de este o ter seguido até casa para descobrir onde é que ele morava. Talvez mais do que uma vez. Se calhar tinha passado várias noites a estudar a nossa casa do fundo da rua, tentando ganhar coragem para se aproximar. Segundo o David, o Anthony é um drogado somente porque é obsessivo e desenvolveu uma fixação por ele. Não que eu critique o rapaz por isso. Eu própria amo loucamente o David, desde o primeiro instante em que

o vi, mas ao que parece as obsessões do Anthony são mais inconstantes. Bastou-lhe olhar para o meu rosto belo e magoado e a sua fixação passou a ser sobre mim. E agora aqui estou ao telefone, a defender o coitado do meu marido de alegações de violência doméstica.

O Dr. Sykes, verdade seja dita, parece incrivelmente incomodado por me estar a falar neste assunto. Pôs-me em alta voz; ouço o ligeiro eco na qualidade da chamada. Será que o David está a ouvir-nos? Imagino a cara dele quando decidiram ligar-me. Pânico total. Jamais quereria que acontecesse uma coisa destas. Não saberia o que eu poderia dizer. Isso deixa-me ligeiramente irritada. Ele devia confiar mais em mim. Jamais prejudicaria a sua carreira. Porque haveria de o fazer? Quero que seja bem-sucedido. Sei o quão importante é para ele.

— Para que fique bem claro — digo-lhe —, não houve discussão nenhuma. Além de que jamais trocaríamos palavras duras diante de um estranho. E muito menos de um *paciente*. — «Trocar palavras duras.» Soo indignada q.b. Somos todos classe média, afinal de contas, e o Dr. Sykes mais ainda. Deve estar absolutamente horrorizado. — O jovem apareceu-me à porta, a perguntar pelo David, estava eu a arrumar a cozinha depois do jantar, e disse-lhe que o David se tinha ido deitar com uma dor de cabeça, e foi isso. Ele deve ter visto a minha nódoa negra e criou uma história à volta da mesma. Se calhar sentiu-se rejeitado pelo meu marido e quis castigá-lo de alguma maneira? — Sei exatamente o que isso é. É algo que eu e o jovem Anthony Hawkins temos em comum.

— Foi o que eu pensei — responde-me o Dr. Sykes. — Mas, claro, quando ele contou aos pais o que tinha visto... bem, o que ele *disse* que tinha visto, eles sentiram a obrigação moral de ver do que se tratava.

Ele soa aliviado. Talvez tivesse algumas dúvidas. Não me admiraria nada. É tão fácil plantar esse tipo de semente nas pessoas. Ninguém conhece totalmente ninguém, ao fim e ao cabo.

— Com certeza — respondo-lhe. — E por favor agradeça-lhes a atenção, mas na verdade não há qualquer motivo para preocupação. À exceção talvez do facto de eu ser uma desastrada. — Dou uma pequena risada, como se ainda achasse imensa piada a tudo aquilo. — Pobre David — digo. — Deve ser o último homem no mundo que alguma vez bateria numa mulher. Por favor diga à

família do rapaz que espero que ele receba a ajuda de que necessita.

«Isto pode funcionar a meu favor», penso, enquanto nos despedimos e eu desligo. O David ficará aliviado pela forma como lidei com o assunto e, com sorte, dar-me-á mais espaço e voltará aos seus serões indecentes com a traidora da Louise. Se continuar a sufocar-me, posso sempre ameaçar dizer ao Dr. Sykes que estava a mentir e que ele me bateu *de facto*. Seria uma ameaça em vão — comparada com outras que posso fazer —, ainda que o David não tivesse consciência disso. Porque haveria de o destruir? Sim, somos ricos, mas o David sempre precisou de mais do que isso e eu não lhe posso tirar a carreira. De todas as coisas, isso destruí-lo-ia.

Mais importante, contudo, posso usar isto com o Anthony. Ele vai sentir-se pessimamente por os pais terem ido à clínica fazer queixa. O seu sentimento de culpa por me ter colocado em risco perante o meu marido violento é algo que posso usar para o fazer arranjar-me o que quero e a cereja no topo do bolo é que mesmo que conte a alguém será desvalorizado como mais uma fantasia dele, ninguém lhe dará ouvidos.

Envio rapidamente uma mensagem ao David.

Está tudo bem? Aquele rapaz precisa seriamente de ajuda!
Beijos

Sei que ainda devem estar todos na mesma divisão, pelo que é provável que o Sykes a veja. Mais uma prova de inocência, caso seja necessária. E é também um lembrete para o meu marido de que quando há merda somos uma equipa e sempre seremos. Não vai resolver os problemas do nosso casamento — até eu sei que ele já foi longe demais para isso —, mas fá-lo-á ficar mais carinhoso comigo.

A campanha soa, três toques agudos. Desesperados. O pobre rapaz veio prostrar-se a meus pés, imagino.

Está tudo a correr às mil maravilhas.

LOUISE

Já me servi de um copo de vinho antes mesmo de pousar a mala. Estou uma pilha de nervos e sinto-me como se tivesse formigas encurraladas dentro da cabeça. Não sei o que pensar.

Tinha saído durante a hora de almoço para dar um passeio e esticar as pernas doridas da corrida de ontem à noite, e para aclarar um pouco as ideias, cansada de olhar fixamente para a porta do David e desejar que ele me chamasse para explicar o que raio se passava. Tenho andado uma pilha de nervos o dia todo. Ele tem estado a ignorar-me como se fôssemos adolescentes em vez de adultos e não compreendo porque é que não mo *diz* diretamente, se não quer continuar a encontrar-se comigo. Ele é que começou tudo isto, afinal de contas. Não fui eu. Porque é que não pode simplesmente *falar* comigo? Sinto tantos nós no estômago que mesmo que quisesse comer não conseguiria.

Decidi que depois do meu passeio iria confrontá-lo — fosse profissional da minha parte ou não —, mas quando regresssei ele não estava no seu gabinete e a Sue, a reluzir de entusiasmo, contou-me que os pais do Anthony Hawkins tinham aparecido e que estavam reunidos com o David e o Dr. Sykes.

— O Anthony diz que viu o doutor Martin bater na esposa. Em cheio na cara! — A Sue disse-o com uma satisfação sussurrada tal que foi como se eu própria tivesse levado um soco. Para ela eram coscuvilhices, para mim eram mais merdas para me - massacrar. Não vi o David depois disso. Sentei-me à minha secretária, a cabeça uma confusão de pensamentos e preocupações meio formadas, cheia de vontade de desaparecer dali, o que fiz assim que deram as 17h00. Queria um copo de vinho. Queria pensar.

E no entanto não sei *o que* pensar. O vinho é fresco e revigorante, e pego no meu cigarro eletrónico e vou sentar-me na varanda, deixando o ar fresco entrar no apartamento abafado. A Adele diz que bateu num armário, mas o Anthony diz que o David

lhe bateu. Por que motivo haveria o Anthony de mentir? Se for verdade, como é que o Anthony assistiu a tudo? Estaria a espreitar por uma das janelas? O David mandou o Anthony para outro médico na segunda-feira, e eu calculei que fosse porque o miúdo se tinha apegado demasiado a ele. Mas talvez tivesse sido porque o Anthony vira algo que o David não queria que ele tivesse visto.

Sinto-me nauseada e bebo mais vinho, a minha cabeça já a rodar ligeiramente. Não comi grande coisa durante o dia e agora estou completamente sem apetite.

A campainha soa duas vezes antes de eu a ouvir, de tão perdida que estou nos meus pensamentos, e corro para o interior do apartamento.

— Ei.

É ele. Ainda nem são seis da tarde e já se encontra à porta da minha casa, pela primeira vez esta semana. Estava convencida de que já não voltaria e estou demasiado surpresa para dizer seja o que for enquanto o deixo entrar. Trouxe vinho e abre-o de imediato, indo buscar mais um copo ao armário.

— Faz como se estivesses em casa — murmuro, sentindo um turbilhão de emoções contraditórias.

— Quem me dera — responde-me, com uma meia gargalhada pesarosa; ou autodepreciativa, não sei precisar qual. Bebe o copo de um trago e depois torna a enchê-lo. — Que merda de dia — exclama, inclinando a cabeça para trás e deixando escapar um suspiro. — Que merda de vida.

Ele bebe muito; apercebo-me agora que reduzi imenso. Será um bêbedo agressivo? Será isso que acontece? Olho para ele. Uma briga, um punho, um rosto.

— Não me posso demorar — diz-me ao mesmo tempo que me puxa para si, para junto do seu peito. — Mas precisava de te ver. Estou sempre a dizer para mim mesmo que vou parar, a *prometer* a mim mesmo que vou parar, mas não sou capaz.

— Vês-me o dia inteiro. — Estou tensa entre os seus braços. Será conhaque o odor que sinto no seu hálito? Sou acometida por um pensamento terrível. Será que bebe no consultório? Beija-me o topo da cabeça e por entre o cheiro a álcool e a *aftershave* capto o seu odor natural, e não consigo evitar que isso me agrade. Anseio por ele, para ser sincera, quando estou sozinha à noite. Mas se pensa que vamos diretamente para a cama agora, agora ou noutra altura qualquer, está enganado. Mal olhou para mim durante dias e

agora aparece aqui como se nada fosse. Afasto-me e pego na minha bebida. Ele que se lixe. Olho para a sua mão, segurando o copo de vinho. Forte. Grande. Vejo a marca no rosto da Adele. Por uma vez que seja, vou ser a amiga que ela pensa que sou.

— Mas não desta maneira — diz ele. — Não quando podemos ser nós.

— Nós. — A palavra soa fraca quando a repito. — Não há propriamente um «nós», não te parece? — Encosto-me à bancada da cozinha, em vez de o conduzir para a sala de estar ou para o quarto, como de costume. Não falei com o Adam o dia inteiro e de modo algum vou perder isso, não por um *homem-traidor-que-talvez-bata-na-mulher*. De repente sinto-me cansada. O Adam regressa a casa daqui a uma semana, portanto toda esta loucura vai ter de acabar de qualquer maneira. Talvez até seja um alívio.

Ele franze ligeiramente o sobrolho, apercebendo-se do meu mau humor:

— Estás bem?

Encolho os ombros. O meu coração bate furiosamente. Detesto conflitos. Não tenho jeito nenhum para eles. Tenho tendência para me tornar uma adolescente calada e carrancuda, em vez de deitar cá para fora o que sinto. Emborco o vinho e depois respiro fundo. Que se lixe. Esta é a minha única oportunidade para falar sobre o casamento deles. Isto é algo que posso *ficar a saber*.

— A Sue contou-me o que aconteceu. Com os pais do Anthony Hawkins. E aquilo que eles disseram.

— Graças a Deus que ficou tudo esclarecido — responde-me. — Era só o que me faltava hoje. — Ele olha para mim nesse momento e, apercebendo-se do meu olhar de interrogação, a sua expressão cai.

— Caramba, Louise...

— O que foi? — Soo defensiva e sinto-me defensiva também. Agora que ele está aqui à minha frente, sinto-me parva por ter acreditado que poderia ter feito uma coisa dessas. A própria Adele disse que ele não lhe tinha batido. Mas há tanta coisa a acontecer que não faz sentido nenhum e eu não percebo nada.

— Não estás a pensar que bati na minha mulher, ou estás?

— Não sei o que pensar — replico. — Nunca falas sobre o teu casamento. Sobre a tua mulher. E andas a fazer *isto* — faço sinal com a mão para o meu minúsculo e ridículo apartamento, como se ele o andasse a fornicar em vez de a mim. — Quando te apetece,

pelo menos. Conversamos, mas nunca falas sobre o teu casamento. Fechas-te em copas sempre que te pergunto alguma coisa e pareces sempre tão infeliz que não percebo porque é que continuas lá. Com *ela*. Divorcia-te, porra!

Está a jorrar de dentro de mim, toda a minha confusão e mágoa acumuladas, raiva pura a ferver nos meus lábios. Eu vi a nódoa negra da Adele. Sei o quão frágil ela é. Estou a par dos telefonemas. Mas não posso dizer nada disso, por muito que queira que mos explique, apenas posso concentrar-me na confusão que é a nossa relação. Na confusão da qual ele apenas tem conhecimento de metade.

Está a olhar-me fixamente, como se lhe tivesse cravado uma faca no peito, mas eu continuo a falar.

— Quer dizer, isto não é propriamente justo para ela, pois não? O que tu andas a fazer.

— Precisas mesmo de me perguntar se lhe bati? — Ele corta a direito o meu discurso. — Mas será que não me conheces?

Quase dou uma gargalhada perante essas palavras:

— Conhecer-te? Como é que posso conhecer-te? Tu conheces-me a mim, sou um livro aberto. Conversamos sobre *mim*. Mas sobre ti? Nem sequer sei o que devo pensar sobre ti.

— É claro que não lhe bati, raios. — Ele esmorece, completamente desanimado. — Ela diz que bateu com a porta do armário na cara. Nem sequer sei se é verdade ou não, mas sei que não lhe bati.

Sinto um tremor de alívio. Pelo menos estão ambos a dar a mesma explicação.

— O Anthony apareceu lá em casa no domingo à noite — continua ele —, mas eu estava a tomar duche. Deve ter visto a cara dela e inventou a história para chamar a minha atenção, ou magoar-me ou seja lá o que for.

Talvez seja verdade. Parece ser verdade. E agora sinto-me pessimamente por ter duvidado dele, por ter duvidado dela, mas o que é que hei de fazer, com tantas perguntas presas dentro de mim? Acerca deles, acerca de nós, acerca do rumo que tudo isto está a tomar?

— Porque é que nunca conversas comigo? — pergunto-lhe. — Conversar a sério. Sobre a tua vida.

Ele fita o seu copo de vinho.

— Porque nem saberia por onde começar — responde. —

E não tem nada que ver contigo. Não quero que tenha nada que ver contigo. Não quero que... — Ele hesita, à procura da palavra certa. — Não te quero *conspurar* com nada daquilo.

— Mas o que é que isso *significa* sequer? — pergunto-lhe. — Ouve, não estou à espera de que a deixes por minha causa. Sei que não sou importante para ti...

— Não és importante para mim? — Ele interrompe-me. — És a única coisa que tenho. *Por isso* é que tenho de ter tanto cuidado. Por isso é que não te quero falar sobre o meu casamento ou sobre a minha vida. Não quero nada disso *dentro* de nós.

Ele bebe o resto do vinho, com vários goles demorados. Como é que alguém consegue beber daquela maneira e não sentir vontade de vomitar? Copo atrás de copo, a um ritmo incrível. A sua autocomiseração não é bonita de se ver, mas o meu lado dependente adora o facto de me considerar importante. Dá-me força.

— Esquece que eu existo por um momento — digo-lhe. — É óbvio que és infeliz em casa. Então sai de lá. Foi o que o meu marido fez e não morri por causa disso. Magoa, mas acabei por o ultrapassar. A vida continua. — «E agora o Ian vai ter um bebé com a minha substituta e eu sinto-me como um fantasma na minha própria vida.» Guardo esse pensamento para mim. — Não estou a ver qual é o problema.

— É impossível conseguires ver qual é o problema. Para isso terias de nos conhecer. E conhecer-nos a fundo. Acho que já nem nós nos conhecemos. — Ele soa amargo. As suas palavras estão carregadas de azedume enquanto fita o copo. — Mas alguma coisa tem de mudar — diz, por fim. Arrasta ligeiramente as palavras. — Só preciso de descobrir como o fazer. Livrar-me dela de uma forma *segura*.

— Talvez se conversasses com ela — replico, tentando permanecer o mais leal possível à Adele neste momento completamente desleal. — É tua mulher. Deve amar-te.

Ele dá uma risada, a princípio com um humor súbito, mas depois com amargura:

— Ama-me, sim. Mas isso vale o que vale.

Penso na minha amiga frágil, a correr para atender telefonemas, a tomar comprimidos e a cozinhar jantares, e sinto-me zangada. Como é que ele a pode tratar desta maneira? Com tanto *desdém*? Se não a ama, então devia libertá-la para que ela possa

amar outra pessoa. Alguém que a trate tão bem como ela merece.

— Vai para casa — digo-lhe, com frieza. — Vai para casa e resolve as tuas merdas com a tua mulher. Não posso estar a levar com isso agora. — Ele não diz uma única palavra, mas olha-me fixamente, os seus olhos começando a ficar vidrados por causa do álcool. Irá conduzir? Não quero saber, decido. Isso é um problema dele. Neste momento, só quero é que se vá embora. — Vai — repito. — E para de beber. Estás uma lástima. — Apetece-me chorar, por ele, pela Adele e por mim. Essencialmente por mim. Não quero discutir com ele. Quero compreendê-lo.

Não olho para ele quando sai e não retribuo o aperto que dá à minha mão ao passar por mim.

— Eu hei de resolver isto — murmura, da entrada. — De alguma maneira. Prometo.

Não ergo o olhar para ele. Não lhe dou nada. Posso ser uma cabra e uma traidora, mas já chega. Quero-o, mas não desta maneira. Não posso continuar assim. A sério que não. Ele e a Adele estão a dividir-me em duas.

Depois de ele se ir embora sirvo-me de mais um copo de vinho e combato a vontade estúpida de chorar telefonando ao Adam. Nem mesmo a sua alegria radiante me consegue animar e enquanto me conta sobre o dia que passaram no parque aquático e os escorregas em que andou com o Ian, uma parte da minha mente está a rever a conversa com o David. Emito os sons certos e é maravilhoso ouvir o meu menino, mas também fico aliviada quando me diz que tem de desligar. Preciso do silêncio. Sinto-me vazia, exausta e triste, bem como um monte de outras coisas que prefiro nem contemplar. É a nossa primeira discussão e talvez a última. Apercebo-me também, tarde demais, que duvido que tenha batido na Adele. No fundo não acredito. Já não.

Embora ainda nem sejam 21h00, pego no meu vinho e enfio-me debaixo do edredão. Quero esquecer tudo por uns momentos. Dormir. Talvez amanhã de manhã tudo esteja melhor, de alguma maneira. Sinto-me dormente, mas ainda assim uma parte de mim odeia-se a si própria por o ter mandado embora quando podíamos estar juntos na cama. Na cama com o *meu* David, não o da Adele. Estou sempre a ver a sua expressão quando percebeu que me estava a questionar se teria batido na mulher. A desilusão terrível. Mas, por outro lado, também estou sempre a ver a nódoa negra no

rosto da Adele. Todo o seu receio e secretismo visíveis naqueles verdes e azuis repugnantes. Quer ele lhe tenha batido quer não, o casamento deles não é normal. Mas a verdade é que nada disto é normal e se calhar eu sou a pior dos três.

Sinto-me encurralada. Não sei o que fazer. Faço a única coisa que posso e esvazio o meu copo de vinho, a cabeça zunindo do álcool, e depois fecho os olhos. O Adam regressará a casa em breve e depois posso aninhar-me junto dele, na segurança de nós. Concentro-me nos pensamentos sobre o meu menino. A única pessoa que posso amar sem sentimentos de culpa ou recriminações. Adormeço.

Desta vez, enquanto as gavinhas escuras e pegajosas tentam alcançar-me e eu abro a porta da casa Wendy, não vou para a minha casa de infância, mas para a casa onde eu e o Ian morávamos quando nos casámos. Quando ainda éramos felizes. Estou no jardim e está um dia de sol perfeito — não demasiado quente, mas maravilhosamente caloroso, e estou a brincar com o Adam. Só que ele tem seis anos, é o meu Adam tal como ele é agora, não o bebé pequeno que era quando morávamos aqui, e estamos junto ao lago a tentar apanhar girinos. Temos os pés encharcados de lama, mas rimo-nos enquanto mergulhamos as redes e os frascos de doce na superfície lodosa da água.

O cheiro de carne a assar num churrasco paira no ar e mesmo antes de pensar conscientemente nele ouço o David a chamar-nos, dizendo que os hambúrgueres estão prontos. Viramo-nos e sorrimos, e o Adam corre para ele. Estou prestes a ir atrás deles quando, pelo canto do olho, vislumbro algo a cintilar no lago. Uma forma por baixo da superfície. Os seus contornos cintilam enquanto se forma, quase prateada sob a água escura. Franzo o sobrolho, confusa. Este é o meu sonho — estou a controlá-lo — e no entanto não sei o que é aquilo. Avanço até à superfície do lago e caminho sobre a água como Jesus — quase me rindo perante esse facto, sou o Deus dos meus sonhos —, até poder agachar-me ao lado da coisa. Enfio a mão no líquido, provocando uma pequena ondulação na água, mas a forma brilhante por baixo permanece no mesmo lugar. Trata-se de outra porta, constato, e os rebordos brilham ainda mais, como que para confirmar os meus pensamentos. Procuro a maçaneta, mas não existe. Uma porta sem maçaneta que não foi propositamente imaginada por mim. Não sei por que razão está aqui.

Fito-a durante uns instantes e depois o David torna a chamar-me, e o Adam também. Estão à minha espera para começarem a comer e eu quero estar com eles. A porta cintilante desaparece e depois não há nada exceto o lago por baixo de mim.

Acordo cedo, pouco depois das 5h00, desidratada por causa do vinho e desiludida comigo mesma. O sonho que criei fora tão perfeito, os três brincando às famílias felizes, e não obstante a sede, sinto-me repousada, tal como a Adele disse que aconteceria. A repugnância que sinto por mim própria incomoda-me. Devia ter imaginado a Adele no meu sonho. A minha lealdade devia ser para com ela. Tem sido extremamente generosa para comigo, ao passo que o David é um bêbedo traidor e instável, e sabe Deus que mais, mas ainda assim, a julgar pelo meu sonho, desejo-o loucamente. Posso não o ter deixado fornicar-me na cama, mas a verdade é que o deixei lixar-me a cabeça. E não só lixar-me. No meu sonho fi-lo amar-me e eu amava-o e éramos uma família, sem sinal da Adele. Eliminei-a por completo da nossa existência.

Resmungo e depois vou beber água e ligar a chaleira. Estou completamente desperta depois de me ter deitado cedo e de nada serve tentar voltar a adormecer por mais uma hora ou isso. Enquanto a água na chaleira ferve e eu tento esquecer a clareza do meu sonho, espreito o quarto do Adam e sinto uma pontada de entusiasmo pelo facto de ele estar quase de regresso, após o qual talvez devesse aligeirar um pouco a minha amizade com a Adele. Seguir o conselho da Sophie. Libertar-me tanto da Adele como também do David e desta estúpida confusão em que me meti.

Tomo um duche para eliminar os vestígios da minha leve ressaca, e depois visto-me e preparo-me para ir trabalhar, mas quando me sento para tomar uma segunda chávena de chá ainda são só 7h00. A luz solar brilha no ecrã de televisão coberto de pó e vem-me à cabeça a segunda porta no meu sonho, a que vi a cintilar no lago. Vou buscar o caderno à gaveta da cozinha. Talvez o Rob tenha visto uma também. O meu coração palpita. Depois do que aconteceu ontem à noite não devia continuar a ler. Já estou a causar estragos suficientes sem precisar de espreitar o passado deles também. Mas não o consigo evitar. Quero saber sobre eles. E a segunda porta é a minha desculpa.

É tão fácil. Posso ir onde quiser. Regra geral vou para lugares imaginados porque nunca fui à porra de lugar nenhum

e de modo algum escolheria ir para a merda da minha casa. Mas onde quer que esteja, a Adele está sempre presente. Nem sequer a imagino lá, ela aparece simplesmente. Talvez seja porque estou sempre a pensar nela. Não no sentido de a querer fornicar, algo muito melhor do que isso. Algo mais puro. Apanhamos grandes mocas nos meus sonhos. É a parte de que gosto mais. Posso apanhar grandes pedradas sem as ressacas e as discussões.

A Adele voltou a dormir como deve ser. Toda a gente em Westlands nos adora agora, como se tivessem tido alguma coisa que ver com as nossas recuperações — somos os seus pacientes de sonho. Mas estou contente por isso. Por ela conseguir dormir. Sei que não está a mentir porque entro às escondidas no seu quarto e observo-a durante uns minutos a maior parte das noites. Bolas, isto assim escrito soa um bocado sinistro. Mas ela é como a Bela Adormecida e eu estou a zelar por ela. É uma cena tranquila e não preciso de dormir tanto agora que estou livre das drogas, além de que quando durmo já não tenho terrores noturnos. Só no início, antes de os controlar. Às vezes opto por me deixar ficar um pouco, só pela emoção forte. É como andar na montanha-russa. Sei que não me podem afetar porque estou em controlo da situação.

Sim, é bom que ela ande a dormir como deve ser. Tem imenso que recuperar depois de várias semanas a tentar permanecer acordada e precisa de pôr todas essas merdas para trás das costas. É estranho preocupar-me com outra pessoa. Preocupo-me com a Adele e nunca me tinha preocupado com ninguém antes. Não com a minha família merdosa, e muito menos comigo. Toda a gente era irrelevante antes de a Adele aparecer. Ninguém tinha importância para mim. Nunca pensei que fosse possível alguém ser importante para mim. Será isto amor? Talvez eu ame realmente a Adele, à minha maneira.

Será que me imagina a mim nos seus sonhos ou será sempre o eterno chato do David? Preocupo-me mais por causa do David. Não sei porque é que ela é tão apanhadinha por ele. Não me parece que veja como ele é realmente. CONFIA nele, diz ela. Sim, sim. Aposto que ele adora isso. Ela confia tanto nele que assinou um documento a ceder-lhe o controlo do seu dinheiro e bens. Uma fortuna da porra e ele é que controla

tudo. Foi isso que o solicitador dela veio cá fazer. Ela acabou por me contar. Eu sabia que o faria. Ela não gosta de segredos. Mas que porra?! Ou seja, o David está na merda da universidade a tirar as suas licenciaturas intermináveis e a viver à grande, enquanto ela está enfiada neste hospício, e ela cedeu-lhe o controlo da herdade, do dinheiro e de tudo o resto.

Custa-me a acreditar. Quase gritei com ela, mas estava com um ar tão constrangido que não fui capaz. E agora está feito. Ela disse que era temporário porque não queria ter de pensar sobre essas coisas e, fosse como fosse, eles vão casar-se, mas quem é que entrega todo o seu dinheiro a outra pessoa, raios? Mesmo que por um curto espaço de tempo. Quer dizer, porque é que ela faria uma coisa dessas? Uma coisa é amor, outra coisa é estupidez. Ela não topa as pessoas como eu as topo. Foi protegida toda a vida. Ainda não percebeu que isto é cada um por si. Nem sequer censuro o David por ter aceitado o dinheiro — pelo menos fez algo não ENFADONHO na vida, mas custa-me que ela o tenha deixado fazê-lo. O dinheiro mexe com as pessoas e o David é daquelas pessoas que esteve prestes a herdar muito dinheiro por causa da quinta — mas depois o pai deu cabo de tudo. É engraçado como conseguiu ficar com muito dinheiro na mesma. Graças à Adele.

Aposto que não lhe vai devolver o controlo sobre o dinheiro quando ela sair daqui. Aposto que vai inventar desculpas. David, o pobre filho de um agricultor que agora tem uma fortuna à mão de semear. Até me dá vontade de rir, de tão absurdo que é. Irrita-me tanto que me impede de voltar a adormecer quando acordo a meio da noite. E pôs-me a pensar também — o que terá realmente acontecido aos pais da Adele? Quer dizer, como é que ele ia a passar de carro mesmo a tempo de a salvar, a meio da noite? Teria também passado de carro mesmo a tempo de começar o incêndio?

Tanto quanto me parece, as coisas resultaram muito bem para o lado dele. O nosso tempo aqui está prestes a terminar, mas se a Adele pensa que me vou esquecer dela e de tudo isto, está muito enganada. Vou zelar por ela. Porque não me parece, nem pela merda de um segundo, que o David seja...

— Peço desculpa — diz ele. Estamos no seu gabinete,

separados pela secretária. Estou a tremer. Tenho estado a tremer desde que pousei o caderno esta manhã.

— Sei que tinha estado a beber, mas estava a ser sincero quando disse que hei de resolver a situação — continua ele. Está muito calado. Pensativo. Provavelmente de ressaca. — Sei que o meu casamento é uma treta. Sei-o bem. E não devia andar a brincar contigo desta maneira. O que tu me disseste ontem à noite...

— Não vim aqui para falar sobre ontem à noite. — Trato-o com frieza, interrompendo-o. Sinto-me como se tivesse sido mergulhada em água gelada. Estou ansiosa para ver a Adele e descobrir se as minhas suspeitas estão certas. — Preciso da tarde livre. A minha caldeira está avariada e o canalizador ligou a dizer que pode lá ir hoje entre as 14h00 e as 18h00. A Sue diz que a tarde dela vai ser calma e que pode receber os teus pacientes e trabalhar na minha secretária. — Ele tem quatro consultas marcadas e ainda bem. Assim não tenho de me preocupar que possa aparecer em casa e apanhar-nos juntas.

Enviei uma mensagem à Adele assim que ele chegou ao trabalho esta manhã, sabendo que ela estaria sozinha e em segurança. Não lhe disse do que se tratava realmente, não queria que ficasse defensiva ou preocupada, por isso disse:

Havia uma estranha segunda porta no meu sonho de ontem à noite. Sem maçaneta. E não a podia abrir. Alguma vez te aconteceu? Tenho a tarde livre, apetece-te ir almoçar?

Leve e simples, apesar de eu ter as mãos a tremer enquanto a escrevia. Ela respondeu-me de imediato com um sim, sugerindo um pequeno restaurante com esplanada não demasiado perto da clínica e também ligeiramente fora de caminho, numa zona mais residencial. Também não quer ser apanhada.

— Com certeza — responde-me ele. As palmas das minhas mãos ficam transpiradas quando olha para mim e pela primeira vez é como se fosse um estranho. Não é o meu David, nem o David da Adele, mas talvez o *David do próprio David*, o que consegue sempre o que quer. Agradeço mentalmente pela milésima vez a Adele ter aceitado almoçar comigo. Não posso esperar até segunda-feira. Preciso de saber e ela é a única que mo pode dizer. Começo a completar o quebra-cabeças que é o casamento absurdo deles e não me agrada nada a imagem que começa a surgir.

— Espero que não seja nada muito grave — diz ele. — As caldeiras são caras. — Ele ergue o olhar. — Se precisares de...

— Eu tenho seguro. — Interrompo-o de novo. Iria mesmo oferecer-me dinheiro? De quem? Dele ou da Adele?

— Está bem. — Não diz mais nada, afetado pela minha frieza constante. Parece magoado, mas não sei até que ponto isso me incomoda.

— Obrigada. — Dirijo-me para a porta, as minhas pernas mexendo-se desajeitadamente pois sei que está a observar-me enquanto saio.

— Louise.

Viro-me para ele. Enfiou as mãos nos bolsos e isso lembra-me a primeira vez que falámos nesta mesma sala, a tensão arrebatadora entre nós. Ainda existe, puxando-me para ele, mas agora encontra-se envolta em dúvida e desconfiança. Está traumatizada como o rosto da Adele.

— Eu gosto mesmo de ti, sabes — diz ele. — A sério. Não paro de pensar em ti. Não o consigo evitar. É como se vivesse uma vida em separado contigo, na minha mente. — As palavras brotam dele e a única coisa que consigo pensar é que não preciso disto, não neste instante, não enquanto não *souber*.

— Acho que... acho que estou a apaixonar-me por ti. E sei que tenho de organizar a minha vida. Tenho de resolver esta confusão. Passo as noites acordado a tentar descobrir uma forma de o fazer, e sei que tu não compreendes isso mas também não te estou a ajudar a compreender, mas isto é algo que tenho de resolver sozinho. Mas vou começar. Hoje mesmo. E sei que tens toda a razão em estar chateada comigo. Só queria dizer-te isto. É tudo.

O sangue assoma-me às faces e aos pés e a todos os sítios entre essas duas extremidades, como se me percorresse as veias à procura de uma forma de fugir do meu corpo. Agora? Ele diz-me isto agora? Já tenho a cabeça toda lixada e ele ainda me atira isto para cima. A apaixonar-se por mim? Oh, meu Deus. Não sei o que pensar. Não sei o que sentir. Mas a Adele está à minha espera e preciso de saber pelo menos uma parte da verdade por ela antes de poder contemplar sequer isto. Preciso de saber que tipo de homem é ele, quem é *realmente*, por baixo da pele. Na sua cabeça.

Aceno afirmativamente, engulo em seco e depois deixo-o lá especado, indo buscar a mala debaixo da minha secretária e correndo para o ar fresco lá fora, sem sequer avisar a Sue de que

me vou embora.

ADELE

Sento-me ao sol, a bebericar um copo fresquinho do proibido *Sancerre*, e espero pela Louise. A Louise. É incrível o quanto esta mulher maravilhosa consegue afetar o meu estado de espírito. Ontem à noite, quando o David foi ao apartamentozinho imundo dela logo a seguir ao trabalho, fiquei tão magoada que me apeteceu matá-la, embora ela tivesse feito um esforço patético para me defender e mandá-lo para casa. Mas já foi tarde, para ser sincera, e pior do que isso foi o David ter escolhido ir ter com ela em vez de mim, depois de tudo o que fiz por ele ao telefone com o Dr. Sykes. Podia tê-lo destruído, mas ele nem sequer pensou nisso. Não houve gratidão nenhuma. Depois apareceu em casa e embebedou-se no escritório, antes de se ter ido deitar a cambalear. Nem sequer um «obrigado».

Amo o David. Verdadeira, louca e profundamente, por mais foleiro que isto soe, mas sou mais forte do que ele. Sim, as coisas vão ter de mudar, mas sou eu quem vai ver-se obrigada a sujar as mãozinhas para o fazer. Engoli a minha mágoa de ontem à noite, porém. Empurrei-a para os confins do meu ser, onde não me poderá afetar, porque não pode haver mais nenhuma discussão. Pelo menos para já. E depois, qual milagre, recebo a mensagem da Louise. A segunda porta. Sorrio enquanto bebo um trago do meu vinho, apesar de me encontrar sozinha e possivelmente aparentar um ar algo tresloucado aos olhos de quem passa. Ela viu a segunda porta. Tão cedo. Isso muda tudo. Tudo tem de estar como deve ser antes de ela a abrir. Antes de ela descobrir.

Sinto um arrepio de entusiasmo ao vê-la dobrar a esquina e descer a rua na minha direção. Está com ótimo aspeto, muito bom mesmo, e sinto orgulho dela. Até já caminha mais direita e confiante, agora que está mais magra e em forma, e as suas maçãs do rosto — apesar de jamais poderem ser tão acentuadas e felinas como as minhas — leves destaques no seu rosto bonito. Os meus próprios músculos doem-me devido à falta de exercício e

sinto as costas presas de tanta tensão. Estou a esmorecer ao mesmo tempo que ela desabrocha. Não admira que o David esteja a apaixonar-se por ela. Essa ideia magoa-me. Essa ideia irá magoar-me sempre.

— Vinho? — diz ela, com um sorriso. Está ruborizada e a mala escorrega-lhe para o chão quando tenta pendurá-la nas costas da cadeira.

— Porque não? Está um dia lindo e isto é uma boa surpresa. — Vejo os seus olhos no meu rosto, no sítio onde ainda se veem vestígios do hematoma. Está a desaparecer rapidamente, como se já tivesse percebido que o seu trabalho está feito. Faço sinal ao empregado de mesa para trazer mais um copo.

— Como é que conseguiste tirar a tarde?

— Oh, tive um problema com a caldeira — responde-me ela, com desenvoltura. — O canalizador só vem mais tarde, mas achei que mais valia sair mais cedo. Que se lixem!

Ela não tem jeito nenhum para mentir. É realmente encantador, tendo em conta que tem um caso com o meu marido desde que somos amigas. O empregado de mesa aparece com a bebida dela e duas ementas, e ambas fingimos estudá-las enquanto ela bebe vários tragos do seu vinho.

— Quer então dizer que viste outra porta? — pergunto-lhe, inclinando-me para a frente num gesto conspiratório, apesar de sermos as únicas clientes na esplanada. Quero que se sinta próxima de mim. — Onde? Como é que era?

— No lago da minha casa antiga. Eu estava lá — ela cora ligeiramente — com o Adam, a brincar, e depois quando me virei para regressar, ela apareceu por baixo da água. E estava a brilhar.

Ela não me está a contar toda a verdade sobre o seu sonho — com certeza o David apareceu também. Vejo-o no seu rubor — mas não me importo. Nem que tivesse imaginado três David em cima dela, pouco me importa. Trata-se da porta. Isso é que interessa.

— Parecia uma moeda de prata a cintilar — acrescenta ela. — E depois desapareceu. Alguma vez te aconteceu?

Abano a cabeça, estupefacta:

— Não. Que estranho. Para que servirá?

Ela encolhe os ombros:

— Talvez seja uma avaria no meu cérebro.

— Talvez. — Mas o meu coração está a bater com força. Já

estou a pensar no que tenho de fazer antes de ela a abrir.

O empregado regressa para assentar os nossos pedidos e eu explico com grande pompa que não tenho fome nenhuma, que só queria sair de casa, e depois vejo a cara dela, a expressão preocupada, e fico a saber exatamente em que sítio é que vai no caderno. Sei qual é o motivo para este almoço. Tenho de fazer um esforço para não sorrir ou rir-me perante a absoluta perfeição do dia de hoje e a constatação de que planeei tudo tão bem.

— Tens de comer alguma coisa, Adele. Estás a ficar muito magra. Além do mais — acrescenta ela, com demasiada descontração —, sou eu que ofereço.

— Oh, obrigada — digo, de forma efusiva. — Estou mesmo envergonhada, só quando cheguei aqui é que me apercebi de que tinha saído de casa sem a carteira. Sou mesmo despistada.

Ela pede dois raviólis de cogumelos, assumindo o comando como jamais teria feito quando nos conhecemos, e depois espera que o empregado de mesa se afaste para falar.

— Não trouxeste dinheiro nenhum ou é o David que controla tudo o que gastas?

Ela é direta, a Louise, lá isso é verdade. Coro, como se tentasse disfarçar algo, murmurando o quão ridícula é a sua insinuação, até ela me pegar na mão com que estou a gesticular. Um gesto de solidariedade, de amizade, de amor. Acredito mesmo que ela gosta de mim. Não tanto quanto deseja o meu marido, mas gosta muito de mim.

— Li uma coisa no caderno que me deixou um pouco preocupada — continua ela. — Estás à vontade para me mandares ir dar uma volta, sei que não é da minha conta, mas deste-lhe mesmo o controlo da tua herança? Depois do incêndio? E se sim, por favor, por amor de Deus, diz-me que foi só temporariamente.

— Oh, não te preocupes com isso — respondo-lhe e sei que mais pareço um veado ferido fitando a mira da espingarda de um caçador. A vítima típica, a defender o seu agressor. — O David percebe muito mais de dinheiro do que eu e era tanta coisa para gerir, e meu Deus, isto é mesmo embaraçoso...

Ela aperta-me a mão:

— Não sejas tonta. Não fiques envergonhada. Eu preocupo-me contigo. Ele devolveu-te o controlo, certo? Depois de teres saído de Westlands, quando já estavas recuperada?

A mão dela está transpirada. Tem um interesse direto nesta

situação, sei-o bem.

— Ele ia fazê-lo — balbucio. — A sério que sim. Mas entretanto tive outro esgotamento uns meses depois e ele decidiu, *nós* decidimos, que seria melhor se ficasse encarregado de tudo. E depois casámo-nos, por isso passou a ser o *nosso* dinheiro, de qualquer maneira.

— Caramba... — Ela recosta-se na cadeira e bebe um longo trago de vinho, ao mesmo tempo que interioriza a informação e as suas suspeitas se confirmam.

— Parece pior do que é — digo eu, numa voz calma e defensora. — Ele dá-me uma mesada e dinheiro para a gestão da casa, e seja como for o dinheiro nunca me interessou grande coisa.

— Gestão da casa? — Ela arregala os olhos. — Uma mesada? Mas o que é isto, os anos cinquenta ou quê? — Ela faz uma pausa. — Agora já percebo o telemóvel de merda.

— Também não ligo nada a telemóveis. A sério, Louise, não é importante. Sou feliz. Quero que o David seja feliz. — Posso estar a roçar o patético, mas a verdade é sempre mais credível e a verdade é que *tenho sido* patética no meu desejo de o manter feliz.

— Nem sequer têm contas conjuntas ou algo do género?

— A sério, Louise, não é importante. Não há problema nenhum. Quando quero alguma coisa ele compra-ma. É assim que funciona o nosso casamento. Não te preocupes. Ele sempre cuidou de mim. — Afasto uma madeixa de cabelo do rosto e deixo que os meus dedos se demorem momentaneamente sobre a nódoa negra. Um gesto pequeno, mas o suficiente para ela o registar e associar a nódoa negra e o dinheiro na sua mente.

— Como se fosses uma criança — diz ela. E sei que a sua mente está a ferver com a nossa amizade secreta, os telefonemas, os comprimidos, a nódoa negra e agora o dinheiro, juntando tudo num único sítio. Neste instante ela ama-me muito mais do que ao David. Neste instante acho que odeia o David. Eu jamais seria capaz de odiar o David. Talvez essa seja a grande diferença entre nós.

— Por favor, esquece esse assunto, está tudo bem. Quando é que o Adam volta? — pergunto-lhe, aproveitando o seu comentário sobre crianças para mudar de assunto. — Deves estar ansiosa para o ver. Já deve ter crescido um pouco e tudo. Eles crescem tão depressa nessas idades, não é?

A nossa comida chega entretanto e ela pede um segundo copo

de vinho, ao mesmo tempo que acrescenta silenciosamente a minha tristeza por não ter um filho à sua lista de defeitos do David. É combustível para o fogo que cresce dentro dela. O ravióli está perfeito, mas ela brinca com a comida, sem lhe tocar. Eu devia fazer o mesmo para preservar a minha aparência de nervosismo, mas estou farta de desperdiçar boa comida, por isso como — delicadamente, mas ainda assim como — enquanto ela me conta sobre as férias do Adam e o quanto ele parece estar a divertir-se.

Nenhuma de nós está realmente a prestar atenção às histórias. A cabeça dela está cheia de raiva e desilusão, e a minha de entusiasmo perante a sua descoberta da segunda porta. Emito os sons certos e sorrio, e ela força as palavras cá para fora, mas só quero que o almoço termine. Tenho coisas para fazer.

— Aquele é...? — Ela para a meio de uma frase e franze o sobrolho, olhando para algo por cima do meu ombro.

— O que foi? — Viro-me.

— É, sim. — Ela continua a olhar fixamente e soergue-se na cadeira. — É o Anthony Hawkins.

Agora vejo-o e por mais útil que ele me tenha sido, a minha irritação aumenta. Anda a seguir-me. Só pode.

— Talvez more aqui perto — replico.

— Ou talvez ande a perseguir-te. — Lá está ela, a minha grande protetora. A amante do meu marido.

— Oh, duvido. — Dou uma risada, mas os meus olhos estão fixos no Anthony e, apercebendo-se de que me está a deixar pouco à vontade, ele tem a inteligência de dar meia-volta e entrar numa pequena loja de esquina.

— Deve estar a comprar cigarros. — A adoração dele por mim tem sido útil, mas seguir-me é totalmente inaceitável.

— Talvez — responde ela, pouco convencida. Ambas observamos a entrada até ele sair e espero que a Louise não se aperceba do olhar de *desejo* que me lança ao afastar-se, mas está a semicerrar os olhos por causa do sol, pelo que não deve haver problema. Não que importe muito. Quando chegar o dia de amanhã, o Anthony será a última coisa com que ela se vai preocupar.

Assim que o nosso almoço termina e eu a despachei de volta para a sua caldeira avariada fictícia, vou para o ginásio. Fico lá só até o David fazer o seu telefonema, mas não estou a exercitar-me como lhe digo; estou a pôr em marcha a próxima fase do meu

plano. O David diz que virá diretamente para casa a seguir ao trabalho porque «precisamos de falar» e depois falo com a rececionista sobre o que preciso e alego estar demasiado ocupada para esperar, mas peço-lhes que me liguem para casa depois das 18h00 para confirmarem o meu pedido. Este é um *health club* muito exclusivo, pagamos o pacote completo, e mais do que isso, sou sempre educada e agradável. Educada e agradável é o que *sou* quando não estou em casa e compensa sempre ser simpática com os funcionários. Alguns dos membros daqui deviam aprender isso mesmo.

Estou esbaforida de entusiasmo e os meus nervos fervilham com o que está para vir. Quando chego finalmente a casa e começo a preparar o jantar, as mãos tremem-me e mal consigo concentrar-me. Tenho o rosto ruborizado, como se estivesse prestes a ficar com febre. Tento respirar fundo várias vezes, mas são fôlegos breves e trémulos. Concentro-me na dita segunda porta e recordo a mim mesma que provavelmente não voltarei a ter uma oportunidade como esta na vida.

Os meus dedos transpirados escorregam na cebola que estou a tentar picar e quase me corto. Não sei porque é que estou a ter tanto cuidado com este prato. Vai tudo acabar no caixote do lixo de qualquer maneira, mas tenho de fazer com que as coisas pareçam o mais normais possíveis e cozinhar tem sido uma surpreendente área de orgulho para mim desde que nos casámos. Fatias de cebola cortadas ao acaso podem ser um indício de que *sei* o que está para vir e o David anda muito desconfiado de mim nos últimos tempos.

Ouçõ a sua chave a rodar na fechadura e todo o meu corpo vibra de tensão, e as luzes da cozinha parecem-me subitamente demasiado brilhantes. Desta vez consigo respirar fundo. Vejo o meu telemóvel em cima da bancada, ao lado do lava-louças, pousado num espaço neutro entre o sítio onde me encontro e o telefone fixo afixado na parede. Olho para o relógio. 18h00 em ponto. Perfeito.

— Olá — digo-lhe. Ele está no átrio e sei que quer ir esconder-se no escritório. — Comprei-te uma garrafa de *Châteauneuf-du-Pape*. Vem cá abri-la para ela respirar.

Ele caminha em direção à cozinha, qual cão selvagem relutante a quem se está a oferecer restos de comida. Como é que o nosso amor chegou a isto?

— Quer dizer que continuamos a fingir que está tudo bem —

diz-me ele, numa voz fatigada.

— Não — respondo, magoada. — Mas podemos ao menos ser educados. Podemos ser amigos, penso eu, enquanto tentamos resolver os nossos problemas? Devemos isso um ao outro, não te parece?

— Ouve...

O telefone toca e, embora estivesse à espera, mesmo assim quase dou um salto e a minha mão fecha-se sobre a faca de cortar. Avanço em direção ao telefone, mas o David bloqueia-me a passagem tal como eu esperava que fizesse.

— Deve ser da clínica — diz ele. — Eu atendo.

Mantenho os olhos baixos enquanto corto a cebola, a minha pele em brasa tal é o nervosismo, e escuto. Está na altura da sua maravilhosa relaçãozinha secreta ficar tão na merda como este casamento.

— Estou? Sim, fala David Martin. Ah, como está?... Precisava de confirmar o quê? Peço desculpa, acho que não percebi. Um cartão de membro convidado?

Viro a cara nesse instante, tenho de o fazer, o meu rosto carregado do receio inocente de que ele se zangue com os meus gastos, por ter uma amiga sobre a qual nunca lhe falei. Ele não está a olhar para mim. Ainda não.

— Em nome de quem? — Está a franzir o sobrolho.

É então que o vejo. O choque enquanto interioriza a informação. A sua confusão.

— Desculpe, disse Louise Barnsley? — Nesse instante ele olha para mim, mas ainda está a tentar perceber tudo na sua mente. O seu mundo acabou de ficar virado do avesso e em tumulto. — E trata-se de uma extensão de um cartão de membro adquirido pela minha esposa?

Encolho os braços, num gesto de súplica, e murmuro:

— É uma amiga minha.

— Está bem, sim, obrigado. Está tudo bem. — Os seus olhos incidem sobre o meu telemóvel e ele deita-lhe a mão ao mesmo tempo que desliga, antes de eu ter tempo de fingir sequer ir agarrá-lo.

— Desculpa — digo-lhe. — É uma pessoa que eu conheci. É só uma amiga. Nada mais. Não te quis dizer nada. Sentia-me sozinha. Ela foi simpática para mim.

Ele não me está a ouvir, em vez disso perscrutando as

mensagens no telemóvel, o seu rosto com uma expressão furiosa. Guardei a maior parte delas. É claro que sim. Em preparação para isto.

Ele fita-me então, durante um longo momento, e segura o meu telemóvel com tanta força que acho que o vai esmagar. Qual traqueia é que ele gostaria de esmagar agora, a minha ou a da Louise?

— Peço desculpa — repito.

Ele está muito pálido, o maxilar cerrado com força, o corpo todo a tremer por causa da emoção acumulada que está a esforçar-se por conter. Só o vi assim uma única vez e foi há muito tempo. Apetece-me abraçá-lo. Dizer-lhe que vai ficar tudo bem. Que estou a fazer com que as coisas melhorem para ele. Mas não posso. Tenho de ser forte.

— Vou sair. — As palavras saem-lhe forçadas por entre os dentes. Acho que já nem sequer me está a ver.

Sai disparado em direção à porta da frente e eu chamo-o, mas nem sequer abrandando o passo, todo ele um turbilhão de fúria e confusão.

A porta bate com força e fico sozinha. No silêncio ouço o tique-taque do relógio. Fito a porta por onde ele saiu durante uns segundos e depois sirvo-me de um copo do vinho tinto aberto. Devia respirar mais tempo, mas não me importa.

Deixo escapar um longo suspiro após o primeiro trago e depois mexo a cabeça para um lado e para o outro, para libertar a tensão. Coitada da Louise, penso. Sinto-me exausta, mas tento sacudir o cansaço de mim. Ainda tenho coisas para fazer. Ver se o Anthony deixou a embalagem onde lhe pedi, por exemplo. E depois ver o que é que o David está a fazer. O meu cansaço vai ter de esperar.

Afinal de contas, tenho muito tempo para dormir quando - morrer.

ANTES

Eles vão-se embora amanhã. O mês chegou ao fim e não há razão para nenhum deles permanecer mais tempo, pacientes exemplares que são. É uma sensação estranha, mas a Adele não consegue evitar sorrir enquanto faz as malas. Longe de Westlands e o casamento com o David logo que ele termine a faculdade. Não obstante tudo o que aconteceu, o futuro dela parece risonho. A sua única preocupação é o Rob. Ele está a dizer umas piadas sobre o assunto, mas ela percebe que ele não quer voltar para junto da irmã, de modo algum. Custa-lhe vê-lo assim, quase vulnerável. E também lhe custa deixá-lo. É a única tristeza que sente, enquanto dobra as suas peças de roupa e as guarda na mala pequena, mas é muito forte.

— Queres ir dar um passeio até ao lago? — pergunta-lhe ela. Ele está sentado em cima da cama dela, vendo-a a fazer as malas, e, pela primeira vez desde que o conhece, ele parece um menino pequeno em vez de um quase adulto. O cabelo escuro cai-lhe sobre o rosto, mas ela consegue ver o brilho do aparelho nos dentes que ele tanto detesta usar. A *T-shirt* dele está passada a ferro. Ela nunca conheceu ninguém que passasse a ferro *T-shirts* ou calças de ganga. Talvez ele até passe a ferro as meias. Talvez seja um pedaço de controlo que ele tem numa vida que parece descontrolada aos olhos de Adele. Uma excentricidade no meio de toda a sua desolação.

Ele retira algo do bolso de cima e sorri. Um charro impecavelmente enrolado.

— O resto da erva. Mais vale arriscar. Pode ser que nos apanhem a fumar e nos façam ficar mais tempo.

Ela sabe que ele espera que isso aconteça. Sabe que adoraria que eles tivessem de ficar mais tempo e uma parte dela deseja o mesmo, porque não se consegue imaginar a viver sem ver o Rob todos os dias. Mas tem tido tantas saudades do David e está em

pulgas para o ver e beijar, para casar com ele sem nenhum progenitor por perto para o reprovar.

O Rob desconfia de que isto seja o fim da amizade deles, mas ela sabe que não é. Talvez o Rob possa ir morar com eles quando estiverem casados. O David iria gostar dele, quanto a isso tem a certeza. Não há como não gostar dele. O Rob é demasiado fantástico para não gostarem dele.

Ela segura-lhe a mão. Gosta de a sentir na sua. Já quase se esqueceu de como é segurar a mão do David e isso parece-lhe uma traição, mas o David não está aqui e o Rob está, e a verdade é que eles se amam à maneira deles.

— Do que é que estamos à espera? — pergunta-lhe ela.

Hoje o dia já não está tão quente, o vento que sopra sobre a água traz com ele um frio que incomoda de vez em quando, mas eles não querem saber, sentados debaixo da árvore onde se encontraram pela primeira vez a partilharem o charro. Ela vai sentir falta daquilo também. Não imagina o David alguma vez a querer ficar pedrado. Não lhe pode contar que experimentou drogas aqui. Ficaria horrorizado. Mais um segredo que é só dela e do Rob.

— Se calhar agora vou queimar o caderno — diz-lhe o Rob. — Numa despedida cerimonial. — Como de costume, o seu tom de voz é ligeiro e os seus olhos brilham, mas ela sabe que ele está triste. Aperta-lhe a mão com força.

— Não, guarda-o. Nunca se sabe, os teus sonhos podem incluir mais surpresas. — Ela inala, desfrutando a sensação relaxante, e depois devolve-lhe o charro. — E quando me fores visitar podes contar-me sobre eles. Sobre onde foste e quem viste. — Ela sorri-lhe. — É bom que me incluas em alguns desses sonhos.

— Digo-te o mesmo — responde-lhe ele. — Vais ver o chato do David vezes suficientes. Não precisas de sonhar com ele também.

Ela dá-lhe um murro afetuoso no braço e ele ri-se, embora esteja a ser sincero. As coisas serão diferentes quando eles se conhecerem. Como é que ela poderá gostar dos dois se eles não conseguirem gostar um do outro?

— Sentes-te bem em relação a voltar para casa? — pergunta-lhe ele.

— Acho que sim. — Ela não tem a certeza, mas faz parte do plano da sua terapia. Encarar as coisas, por assim dizer. Regressar

à origem do trauma. Passar lá algum tempo.

— Há imensas divisões que não foram danificadas e as que ficaram queimadas foram limpas e já se fizeram reparações temporárias. O David tratou de tudo.

— Pois, ele pode fazê-lo, agora que lhe deste todo o teu dinheiro — diz o Rob, num tom seco.

— Não, não dei — responde-lhe ela, exasperada. — Já to disse mil vezes. É só por agora. É mais fácil assim. Por causa das propinas da faculdade e isso, bem como as coisas da casa, e eu não podia tratar de nada disso estando aqui. Além do mais, é muita coisa em que pensar. Fico *contente* por ele ter assumido isso. Esquece esse assunto, Rob. E não contes a ninguém. Já tem sido complicado o suficiente para o David desde o incêndio, não precisa que isto apareça nos jornais.

— Está bem, está bem. Só estou preocupado contigo. — Não é o momento para terem a sua primeira discussão, ela tem noção disso e ele também. Ele faz uma pausa. — Vou ficar ainda mais preocupado contigo sabendo-te naquela casa velha e enorme completamente sozinha.

— Eu fico bem. São só umas semanas. Vai haver gente a visitar-me de tempos a tempos. Algumas pessoais locais, os meus solicitadores e um médico, claro. Vai inclusivamente haver alguém para me levar comida e fazer limpezas sempre que for preciso. O David diz que virá aos fins de semana, sempre que puder.

— Tens uma vida nova pela frente — diz ele, melancolicamente. — Pensa em mim, de volta à porcaria do bairro social e a ter de levar com a horrorosa da minha irmã.

— É assim tão mau? — pergunta-lhe ela. Ele ainda não se abriu em relação à sua vida pessoal, apesar de ela ter tentado sacar-lhe calmamente informação ao longo da última semana.

— É como é. — Ele tenta soprar argolas de fumo, mas o vento rompe-as antes de terem tempo de se formarem e ele desiste. — Não quero ter de pensar nisso antes de amanhã.

— Podes ligar-me, sabes — diz-lhe ela. — Eu dou-te o número do meu telemóvel. Se as coisas estiverem uma merda, liga-me. Vens passar uns dias comigo.

— Ah sim, tenho a certeza de que o David iria adorar a ideia.

— O David está na faculdade — responde ela e depois, num momento de rebeldia, acrescenta: — Além de que a casa é minha, porra.

Sorriem um para o outro e ela percebe que ele a ama, o que a faz sentir um calorzinho por dentro, ainda que seja complicado. O David é tudo para ela, mas agora também tem o Rob no seu coração. Jamais se teria sentido tão bem como se sente sem a ajuda dele. O mais certo seria ter ficado ali fechada para sempre.

— Estou a falar a sério — diz ela, acometida por um rompante de carinho. — Sempre que for preciso.

— Está bem — responde-lhe ele. — Talvez apareça.

Ela espera mesmo que sim. Espera que ele lhe ligue em vez de se deixar ir abaixo. Mas ele é orgulhoso, o Rob, ela sabe-o bem. Tão orgulhoso como o David, mas de maneira diferente.

— Prometes? — insiste ela, inclinando-se para a frente de modo a que os rostos deles fiquem muito próximos e o seu cabelo roce na face dele.

— Prometo, minha linda princesa Bela Adormecida. Prometo.

— Ótimo. — Ela beija-o no nariz. — Fica combinado então.

LOUISE

«Não o devia ter deixado entrar, não o devia ter deixado entrar» é tudo em que consigo pensar, ao mesmo tempo que assimilo o horror da confusão instalada à minha volta. Se não o tivesse deixado entrar não teria de enfrentar a situação. Pelo menos por enquanto. Apetece-me vomitar. Não sei o que dizer.

Ele treme de raiva, especado no meio da minha sala de estar, agitando o telemóvel da treta da Adele à minha frente, gritando algo sobre ter lido todas as mensagens. Estou a chorar e nem sequer sei quando é que comecei, talvez quando ele transpôs a porta da entrada e eu *soube* de imediato que ele sabia, mas desejava não estar. O meu estômago parece feito de água e sinto-me como se tivesse sido apanhada com um amante e agora estou a tentar explicar-me. Odeio-me a mim própria.

— Este tempo todo? — Ele está incrédulo, ainda sem conseguir acreditar. — Este tempo todo eras amiga da *minha* mulher e não me disseste? — A sua pronúncia escocesa é mais forte do que a sua ira, rural até, o que me surpreende. A voz de um estranho.

— Não sabia como dizer-te! — lamento-me, as minhas mãos gesticulando sem nenhum significado, exceto talvez para tentar enxotar tudo aquilo daqui para fora. — Eu não... Fui de encontro a ela na rua e ela caiu, e depois fomos tomar um café! Não fazia tenção de ser amiga dela, mas depois enviou-me uma mensagem e eu não sabia o que fazer!

— E não te ocorreu dizer-lhe que trabalhavas para mim? Não te pareceu ser a coisa *normal* a fazer?

O choque deixa-me completamente muda, o que poderá ser confundido com sentimento de culpa. Pensava que ele estava a par de tudo. Se calhar encontrou o telemóvel da Adele e veio diretamente para cá? Se calhar ainda nem sequer falou com ela? Ou se calhar ela não lhe contou essa parte. «Talvez tivesse tido demasiado receio.» Não sei o que dizer. Deverei dizer-lhe que ela já sabia? Que me pediu para guardar segredo? Mas isso poderá

causar-lhe ainda mais problemas. E de *todos* nós, a Adele é a única que não fez nada de mal. Não abro a boca.

— Mas tu és completamente louca, porra?! — A saliva sai-lhe da boca juntamente com as suas palavras. — Pensava que eras uma pessoa honesta. Tão *normal*. Tens andado a perseguir-me, é?

— Tive pena dela! — grito-lhe, apesar de as paredes serem finas e a Laura, do apartamento ao lado, decerto estar a ouvir tudo. — Ela sentia-se sozinha!

— Caramba, Louise! Fazes ideia do absurdo desta situação?

— Eu não queria ser amiga dela. A sério que não. — As minhas palavras soam ranhosas por entre as lágrimas. — Fui levada a isso e no princípio pensava que o que tinha acontecido no bar não voltaria a repetir-se.

— Mas porque é que não me contaste? Tantas mentiras, Louise. Mas quem és tu afinal?

— Eu não menti, só não... — Encolho os ombros, sentindo-me derrotada. «Só não te contei.» O meu argumento tem pouco peso e sei-o antes mesmo de ele me interromper.

— O que é que foi que me disseste... Que eras um livro aberto, não foi? — Ele sorri com desprezo e mal o reconheço. — És uma aldrabona. Pensava que podia *confiar* em ti. — Vira-me as costas e passa a mão pelo cabelo, mas parece prestes a arrancá-lo pelas raízes. — Não consigo entender. Juro que não.

— Estás preocupado com o quê realmente, David? — Aproveito o momento. A melhor defesa é o ataque e se ele achava que podia confiar em mim, então porque é que nunca me contou nada? Talvez o aldrabão aqui seja ele. — Que eu saiba coisas que não devia saber? Que talvez faça com que a Adele ganhe coragem e te ponha na ordem? Te ponha no olho da rua? E que tente recuperar a vida dela?

— O quê? — Ele vira-se e olha para mim, olha realmente para mim pela primeira vez desde que entrou aqui de rompante. Franze o sobrolho. A sua voz soa mais baixo. — O que é que ela te disse sobre mim?

— Oh, ela nunca diz nada a não ser que te ama. — É a minha vez de sorrir com desdém. — Mas eu tenho olhos na cara. Sei como a tratas. Sei o medo que ela tem de ti. Vejo como tens andado a lixar-lhe a cabeça.

Ele olha-me fixamente durante muito tempo:

— Que não te passe pela cabeça, nem por um segundo, que

sabes seja o que for sobre o meu casamento.

— Sei que tens o dinheiro todo dela. É por isso que não a deixas? O pobre filho de um agricultor salva a herdeira abastada e arranja maneira de ela lhe passar o controlo da herança e depois nunca lho devolve? Vocês mais parecem a merda de um enredo ambulante de um livro da Agatha Christie. — Agora estou zangada. Sim, talvez ele tenha o direito de estar zangado comigo e eu não sei como me sentiria se estivesse na sua posição, possivelmente desrespeitada e enganada, mas ele andava a dormir comigo nas costas da mulher, portanto esse é o meu cartão *você-está-livre-da-prisão*, pelo menos para já.

— Realmente tens uma ideia fantástica da minha pessoa...

— Ele está pálido e a tremer, mas os seus olhos estão em brasa.

— Não, isso não é verdade — respondo-lhe, odiando o facto de novas lágrimas estarem a irromper dos meus olhos. — Tenho sentimentos por ti. Estava convencida de que talvez te amasse. Ou pelo menos algo muito parecido com isso. Mas depois há toda uma série de *outras* coisas, David. Coisas que tu não me contas. Coisas sobre as quais a coitada da tua mulher tem medo de falar.

— Mas que merda é que pensas que sabes, Louise? — As suas palavras soam frias e sucintas, e uma quietude terrível instalou-se nele. Raiva contida. Aquilo será uma ameaça ou uma pergunta? Sinto mais medo agora do que quando ele estava a gritar. Penso na maneira como trata a Adele e nas suas marcas de queimaduras, bem como ele a salvou das chamas. Penso no dinheiro. O heroísmo terá sido por ela ou por ele próprio?

— O que é que aconteceu realmente aos pais da Adele? — Cruzo os braços sobre o peito, ao mesmo tempo que a minha voz cospe a acusação implícita. — Um incêndio a meio da noite e, por coincidência, tu ias a passar. Ela *contou-me* sobre isso. És o herói dela. — Bufo para acabar de demonstrar o que penso realmente sobre o assunto, embora não saiba bem o que pensar sobre o assunto.

— Eu salvei-lhe a merda da vida. — A sua voz mais parece um rosnido, ao mesmo tempo que aponta um dedo na minha direção, quase mo espetando. Dou um passo atrás.

— Pois salvaste. Mas os pais dela não. Esses morreram. As coisas resultaram muito bem para o teu lado, não foi?

Ele retrai-se, os olhos arregalados:

— Minha grande cabra. Achas mesmo que eu...?

— Eu sei lá o que pensar! — Estou aos gritos, completamente desvairada. — Estou cansada de pensar sobre isso. Os comprimidos, os telefonemas, essa merda toda! O David controlador da Adele, o meu David carinhoso mas marado da cabeça, o tentar perceber o teu verdadeiro eu nesta confusão toda. Nunca quis ter de pensar nisto! Nunca quis ser amiga dela, mas sou e gosto dela, e sinto-me uma merda! — Estou tão descontrolada que mal consigo respirar, soluçando e arfando e com falta de ar. — Sinto-me uma merda!

— Bolas, tens de te acalmar, Louise. — Ele dá um passo em frente, tentando agarrar-me os braços, mas eu afasto-o ao mesmo tempo que arquejo e soluço. Ele está chocado com a minha torrente de emoções; vejo-o no seu olhar.

— Sou a única amiga que ela tem. — Estou numa espiral de destruição e não consigo parar. Estou farta de tantas perguntas a corroerem-me por dentro. — A *única* amiga. Porquê?

— Louise, escuta...

— O que é que aconteceu ao Rob, David?

Ele fica paralisado nesse instante e quase sinto o mundo inteiro a sustentar a respiração entre nós. A minha própria respiração abrandar. — Porque é que eles já não são amigos? — pergunto-lhe. — O que é que fizeste?

Ele olha-me fixamente.

— Como é que sabes do Rob? — As suas palavras soam como um sussurro.

— O que é que fizeste? — torno a perguntar, mas algo no seu rosto faz-me questionar se querei realmente saber. Ele não parece estar a ouvir-me. Durante um longo momento não diz nada e apercebo-me de que não está a olhar para mim, mas para algo além de mim, algo que só ele consegue ver.

— Estás despedida — diz-me ele, por fim.

As palavras, frias e clínicas, não são nada do que eu esperava ouvir, pelo que não as compreendo.

— O quê? — É a minha vez de franzir o sobrolho, confusa.

— Faz-me chegar a tua carta de demissão amanhã. Por *e-mail*. Não me importa o motivo, inventa qualquer coisa. Não deverás ter grande dificuldade em fazê-lo.

Estou atónita. O meu emprego? Ele está a tirar-me o emprego?

— E se estiveres com ideias de contar ao doutor Sykes sobre o nosso caso, mostro-lhe isto. — Ele ergue o telemóvel da Adele no

ar. — E depois vais parecer uma obcecada, tal e qual o Anthony Hawkins. — Inclina-se para mim, com um ar ameaçadoramente controlado e calmo. — Porque só a porra de uma pessoa louca começaria uma amizade secreta com a mulher do homem com quem anda metida. — Ele recua ligeiramente. — Além disso, o doutor Sykes é homem. Pouco se importará que eu tenha fornicado contigo. Mas não terá qualquer respeito por ti, por te teres metido na cama comigo. Arranjará maneira de ele próprio se livrar de ti.

Estou a perder o emprego. De repente, é tudo incrivelmente real. O David odeia-me, não sei se a Adele está bem e agora perdi o emprego. Recordo aquela primeira noite no bar, em que nos rimos e bebemos e ele me fez sentir cheia de vida, e depois as lágrimas surgem fortes e rápidas e frescas, carregadas de autocomiseração. Fui eu que provoquei esta confusão e devia admiti-lo, mas essa percepção só me faz sentir pior.

— Disseste que me amavas. — Soa ridícula na minha quietude submissa.

Ele não diz nada, mas o seu rosto está contraído e encolerizado, em nada parecido com o *meu* David.

Sinto uma vontade ainda maior de chorar e o pior é que mesmo agora, mesmo depois de tudo estar a descoberto, continuo sem saber nada de nada. Não obstante todas as minhas acusações, ele não me deu qualquer resposta.

— David, diz-me uma coisa... — começo por dizer, odiando a súplica perceptível na minha voz, a necessidade de reparar *algo*.

— Afasta-te de mim. — Ele interrompe-me, a sua voz como gelo. — E afasta-te da Adele. Ouve o que te digo, Louise, é bom que te afastes de nós os dois. A nossa relação não é da tua conta, entendido?

Aceno com a cabeça, qual criança encolhida de medo, sem forças para lutar. E lutar pelo quê, afinal? Não posso voltar atrás com o que disse e também não tenho a certeza se o quero fazer. Só quero respostas às minhas perguntas e isso ele não me dá.

— Nunca mais te quero voltar a ver — diz-me. As suas palavras soam brandas, mas violentas. Um pontapé nos rins que me deixa sem fôlego ao mesmo tempo que ele dá meia-volta.

E depois ouve-se o clique da porta da entrada e eu fico sozinha.

Fico de rastos, deixando-me cair no chão, enroscando-me

sobre mim mesma, chorando qual criança, soluços longos, fortes e descontrolados.

O David está tão zangado. E nem sequer posso enviar uma mensagem à Adele a avisá-la.

ADELE

Ele vai beber um copo antes de regressar a casa. O David e a sua necessidade constante de beber, mas dessa vez não me incomoda. Prefiro que aproveite o tempo para se acalmar. Certifico-me de que quando ouço a porta da entrada a abrir-se estou sentada à mesa da cozinha, com sinais visíveis de choro. Mas não estou a chorar. Imagino que já tenha tido a sua dose de mulheres chorosas esta noite.

Mantenho a minha confusão em relação à Louise. Peço-lhe desculpa, repetidamente, por não lhe ter falado sobre a minha nova amiga, mas sentia-me sozinha e tinha medo de que ele me impedisse de a ver, além de que estava a tentar ter um comportamento normal. Achava que ela me faria bem. Pergunto-lhe onde é que foi. Pergunto-lhe que ligação é que ela tem com ele e por que motivo é que o nome dela o levou a sair de casa daquela maneira. É claro que não me conta a verdade, embora já devesse ter aprendido.

Responde-me que é uma das suas pacientes e observa-me atentamente para ver a minha reação, para me testar. Não acredita totalmente na minha inocência, conhece-me demasiado bem para isso. Abro a boca num gesto de ligeira confusão. Ah. Para ser sincera, estou algo desiludida com ele. Mesmo que ainda *não soubesse* que ele tinha andado metido com a Louise e que ela era sua secretária, decerto que esta situação me deixaria desconfiada. Por muito que adore o David, ter um paciente obcecado é credível, mas dois já é esticar um pouco as fronteiras da credibilidade. Seja como for, basta-me fingir que concordo, e assim faço.

Faço-lhe as perguntas certas e ele dá-me respostas rápidas. Não me devolve o telemóvel, mas o seu próprio sentimento de culpa transparece no facto de não me perguntar sobre a nossa amizade. Sinto pena da Louise — é evidente que despejou a maior parte da sua raiva em cima dela. Mas também não estava habituado a estar zangado com ela. Já comigo é outra história. Ele

já não tem forças para continuar zangado comigo. Deixá-lo-ia exausto.

— Devíamos ir para fora quinze dias — diz ele. Os seus ombros estão descaídos e ele fita o chão. Está cansado. Está muito, muito cansado. De tudo. De mim.

— Não podemos — respondo-lhe. E, para ser sincera, não podemos mesmo. Isso não se encaixa nos meus planos, *de todo*. — Começaste a trabalhar há poucas semanas. O que é que iria parecer? Passa a tua paciente Louise a outro médico, como fizeste com o rapaz.

— Então só por uns dias. Para podermos conversar como deve ser. — Ele olha-me de relance. Suspeita. Nervosismo. Tudo isso contido num olhar breve. — Decidir o que vamos fazer.

A boa da Louise guardou o nosso segredo, mas fez referência aos comprimidos e aos telefonemas, e ele está a interrogar-se sobre o quanto disso terá sido por acaso ou engendrado por mim.

— Não podemos continuar a fugir — digo, toda eu sensatez e delicadeza. — Quaisquer que sejam os nossos problemas, devíamos ficar aqui e enfrentá-los.

Ele acena com a cabeça, mas está a observar-me, pensativo. Foi a Louise quem o enganou, mas também não confia em mim, nem um bocadinho. Está constantemente a tentar analisar o meu estado de espírito, os meus pensamentos, as minhas ações. Não está convencido de que não sabia quem era a Louise, mas como ela também não o confirmou, não pode provar nada. Sinto as linhas de batalha a serem firmemente definidas entre nós, nos mosaicos caríssimos da nossa cozinha.

Ele é um homem à beira do precipício e em breve tomará uma medida. Divorciar-se de mim no mínimo, independentemente das minhas ameaças de o destruir. Acho que já não quer saber disso e há algum tempo que sei que o meu poder sobre ele está a enfraquecer. Ficaria aliviado se pusesse termo a tudo. Por uns tempos, pelo menos, antes de se aperceber de que lixara a sua vida perfeita por causa de algo que aconteceu há muito tempo.

Mas hei de tomar uma medida antes dele. Sou mais corajosa nesse sentido. Sempre estive um passo à frente. A minha determinação ganha força. O David jamais será feliz enquanto não se tiver libertado do passado e eu jamais serei feliz enquanto o David não for feliz.

Quando por fim saímos da cozinha, primeiro ele, indo até ao

escritório para evitar o constrangimento de caminhar em direção a quartos distintos, e depois eu, subindo ao piso superior rumo à nossa cama enorme e vazia, deito-me acordada durante uns minutos, fitando a escuridão e pensando em tudo. Mais precisamente, pensando neles, em nós, nele.

O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente.

LOUISE

Passei de sentir-me revigorada a estar completamente exausta. Mal dormi nos dois últimos dias, a discussão com o David às voltas na minha cabeça de forma repetida, e só saí do apartamento para me arrastar até à mercearia local a fim de comprar vinho e porcarias para comer, o cabelo apanhado num rabo de cavalo para disfarçar mal e porcamemente o facto de nem sequer ter tomado banho. A Sophie mandou-me uma mensagem a perguntar: «Como é que vai isso?», que apaguei sem responder. Não preciso de nenhum «Eu avisei-te» presunçoso da parte dela.

Quase vomitei quando enviei o *e-mail* com a minha demissão. Escrevi-o quatro vezes por entre lágrimas de autocomiseração, antes de finalmente carregar no enviar. Enviei-o com cópia para o David e vendo o seu nome escrito no *e-mail* deu-me vontade de chorar ainda mais. O Dr. Sykes ligou-me logo a seguir, muito preocupado, e isso fez-me chorar outra vez, o que serviu para sustentar a minha história sobre ter «um assunto familiar para resolver».

Não lhe dei pormenores e ele também não insistiu. Disse-me para reconsiderar dali a um mês e que consideraria esta minha ausência uma espécie de hiato. Iriam arranjar uma secretária temporária para me substituir entretanto. Não contestei. Talvez daqui a um mês as coisas estejam diferentes. Talvez o David já se tenha acalmado. Talvez eles se mudem de cá. Não compreendo verdadeiramente nenhum deles, pelo que não faço ideia do que irão fazer. O *e-mail* educado e cortês que recebi do David em resposta — com cópia para o Dr. Sykes — mais parecia proveniente de um estranho, não de um homem que tinha gritado comigo na minha sala de estar na noite anterior. Eu tinha razão. Não o conheço mesmo. A Adele é a única que ainda foi minha amiga. Ele fez-nos mal a ambas.

Mas estou preocupada com a Adele. Até certo ponto esperava que me aparecesse à porta, mas até agora nada e também não me

surpreende. Tem tanto medo de chatear o David que o mais certo é jamais correr esse risco. Agora também já o vi zangado. Senti aquela sua repulsa horrível. Não imagino o que será ser alvo daquilo ao longo de vários anos. Se calhar ele até está a trabalhar a partir de casa, alegando estar doente ou algo assim. Quando não estou completamente concentrada em sentir-me uma coitadinha, a minha mente não para de pensar no assunto, imaginando-o como uma espécie de monstro estilo Hannibal Lecter. Preciso muito de saber se a Adele está bem. Prometi manter-me afastada dela, mas como posso fazê-lo? O David foi tão frio no final da nossa discussão. O que é que ela terá enfrentado quando ele chegou a casa? Parece que ainda estou a ver a nódoa negra no rosto dela e, não obstante a insistência dele de que não lhe tinha batido, não é um facto que todos os maridos agressores negam os seus atos?

Estou tão cansada e emotiva que todo o pensamento lógico se sumiu. Só sei que tenho de ir ver como está a Adele e o tempo - escasseia. O Adam regressa depois de amanhã e quem sabe quando é que voltarei a ter tempo? Vou estar muito mais limitada e não quero que o Adam seja arrastado para esta confusão. Preciso de fechar a porta a este assunto. Ainda me parece irreal, o David e a Adele fora da minha vida. E eu sem *emprego*. Contenho um novo surto de lágrimas. Até eu começo a ficar farta de tanta choradeira. «Foste tu que te meteste nesta confusão», não paro de dizer a mim mesma. «Agora aguenta-te.»

Amanhã. Irei vê-la amanhã se puder, mas como, sem arriscar mais chatices para ambas? Sirvo-me de um copo de vinho, sem me importar que ainda nem sejam duas da tarde — estas são circunstâncias excepcionais — e afundo-me no sofá. Também preciso de limpar o apartamento. Não quero o Ian a julgar-me quando regressar. Contemplo a desarrumação e os meus olhos incidem sobre o meu portátil, largado no chão junto ao televisor, no sítio onde o deixei depois de ter enviado o *e-mail* ao Dr. Sykes, e é então que me ocorre.

O Dr. Sykes disse-me para tirar o mês. Não é como se tivesse sido despedida — embora me quisesses despedir, obrigadinha, senhor *sacana-do-bar* — por isso não me devem ter cortado o acesso.

Sento-me de pernas cruzadas em cima da alcatifa, o copo de vinho ao meu lado, e, com o coração a bater furiosamente como se de alguma maneira me pudessem ver, acedo ao servidor da clínica.

Tenho as palmas das mãos a transpirar e, apesar de não estar propriamente a quebrar nenhuma regra, sinto-me como se estivesse a vasculhar os *e-mails* e as mensagens de um ex-namorado. Acedo à agenda do David para amanhã. Tem a tarde completamente cheia. Só vai sair do trabalho depois das 17h00. Mesmo que vá a casa almoçar, terá de estar de volta às 13h30. Saio do servidor e bebo um trago do meu vinho, traçando o meu plano.

Amanhã de manhã voltarei a confirmar a sua agenda, para o caso de ele ter cancelado alguma consulta à última hora. Depois vou ao *Carphone Warehouse*, na Broadway, e compro um telemóvel pré-pago barato. A Adele *precisa* de um telemóvel e não sei se o David ficou com aquela porcaria que ela tinha. Pelo menos se lhe der um para esconder algures saberei que se estiver em perigo poderá ligar-me. Aí, sim, ficarei mais descansada em relação a sair da vida de ambos. Terei de ficar. Não tenho outro remédio.

Sinto-me melhor por ter um plano e enquanto levo o vinho para a varanda e para o sol da tarde, apercebo-me de que também me sinto melhor por estar a desafiar o David. «Vai-te lixar», penso. «Quem é que pensas que és, afinal?»

Tento não pensar na sensação de o ter na minha cama e a falta que sinto dessa proximidade, apesar de me odiar a mim própria por isso. Não penso no facto de ele estar sempre presente nos meus sonhos fabricados, a brincar às famílias felizes, quando transponho a primeira porta. Em vez disso, penso no quão magoada me sinto, que o culpado disso é ele e raios me partam se o vou deixar dar-me ordens como se fosse alguma Adelezinha medrosa.

Amanhã. Amanhã poderei pôr tudo isto para trás das costas.

ADELE

Só vários toques depois é que me apercebo de que se trata da campainha da porta. A princípio, no meu alegre torpor, penso que foi um pássaro exótico que entrou na casa e depois interrogo-me se estarei em casa sequer, mas depois ouço-a de novo. A campainha da porta. É sem dúvida a campainha da porta. Fico irritada e a cabeça pesa-me quando me sento direita no sofá.

— Adele? — A voz incorpórea entra na divisão e eu franzo o sobrolho. Será mesmo ela? Tenho estado a pensar tanto nela que não sei se estarei a ouvi-la realmente ou se estará apenas na minha cabeça. É tão complicado focar-me e ela parece tão intimamente ligada a mim que, neste momento, neste estado, não sei onde é que eu acabo e ela começa.

— Adele, sou eu. A Louise! Por favor deixa-me entrar. Não fico muito tempo. Só preciso de saber que estás bem.

A Louise. É *realmente* ela. A minha salvadora. Sorrio, embora mais me pareça um esgar entorpecido e é-o de facto. Sinto baba no queixo e limpo-o desajeitadamente antes de me levantar com alguma dificuldade. Sabia que ela voltaria, mas não a esperava tão cedo.

Respiro fundo para tentar limpar um pouco a minha mente, ao mesmo tempo que decido se devo abrir a porta ou não. Pode ser arriscado, mas mesmo assim escondo as coisas que tenho de esconder na pequena caixa de madeira de teca ornamentada, em cima da mesa de apoio. Não sei onde é que a comprei nem porquê, mas finalmente tem uma utilidade.

Ela chama-me mais uma vez e eu vislumbro o meu reflexo no espelho. Estou com um aspeto pavoroso. Pálido e transpirado, e tenho as pupilas tão dilatadas que os meus olhos parecem pretos. Os lábios estão meio contorcidos. Mal me reconheço. Isso faz-me dar uma pequena risada, um som súbito que quase me assusta. Deixá-la entrar ou não a deixar entrar, eis a questão. Mas depois, na parte do meu cérebro que está a funcionar como deve ser,

apercebo-me de que isto poderá ser vantajoso para mim. Ia ser obrigada a simular este comportamento um dia destes e assim já não será necessário fingir. O meu plano segue em frente. A verdade é que os meus planos seguem sempre em frente.

Cambaleio em direção à porta da entrada e abro-a, estremecendo perante a luz solar intensa. Há uma hora não teria sido capaz de me mexer sequer, mas agora que estou concentrada, os meus membros estão a obedecer-me. Sinto-me muito orgulhosa de mim própria, mas a Louise parece chocada. Demoro um segundo a perceber que sou eu que estou a balançar ligeiramente e não ela ou o pavimento lá fora.

— Merda, Adele — exclama ela, entrando rapidamente e pegando-me cuidadosamente no braço. — Estás bonita, estás. — Leva-me para a cozinha. — Estás bêbeda? Vamos lá fazer café. Tenho estado tão preocupada contigo.

— Desculpa por causa do meu telefone — balbucio. — Desculpa. — Ela senta-me numa cadeira. É um alívio estar sentada. Menos uma coisa em que me concentrar.

— Não tens de pedir desculpa — responde ela, enchendo a chaleira e procurando as canecas e o café instantâneo. Ainda bem que há um frasco pequeno «para as emergências» dentro do armário. Posso estar semifocada, mas não me sinto com energia suficiente para explicar como é que funciona a máquina do café.

— Tu tens o direito a ter amigos, Adele. Toda a gente tem o direito a ter amigos. — Os olhos dela perscrutam a divisão à procura de vestígios de álcool, mas não encontram nada. — O que é que se passa contigo? Estás doente? Ele fez-te alguma coisa?

Abano lentamente a cabeça, mantendo o mundo no lugar:

— Os comprimidos. Devo ter tomado mais do que devia.

Ela vai ao armário e ao abri-lo sei que está a calcular se seria possível ficar com um olho negro ao fazê-lo.

— A sério, não te preocupes, está tudo bem, foram-me receitados — murmuro. Mas ela não para, é claro que não. Ignora a pequena fileira defensiva de ibuprofeno e antiácidos, e alcança as embalagens imediatamente por trás, espalhando-as em cima da bancada. A chaleira desliga-se automaticamente, mas ela não se mexe do lugar. Está a examinar os rótulos. Todos impecavelmente impressos com o meu nome e as instruções de dosagem, tal como receitados pelo meu marido.

— Porra — diz ela, por fim. — O David receitou-te isto?

Aceno com a cabeça:

— É para os meus nervos.

— Isto não é para os teus nervos, Adele. Isto são antipsicóticos muito fortes. Quer dizer, mesmo fortes. Todos eles, de uma maneira ou outra.

— Não, deves estar enganada, são para os meus nervos — repito.

Ela não me responde, mas continua a olhar fixamente para as embalagens, muitas delas com *blisters* meio vazios de fora por eu ter despejado os comprimidos pelo lava-louças abaixo. Ela vasculha o interior de uma caixa.

— Não traz a bula. O David traz-te estas receitas para casa ou és tu que as vais avariar?

— É ele que as traz — respondo-lhe, em voz baixa. — Dás-me café? Sinto-me muito cansada. — Por acaso estou admirada por ter recuperado tão depressa, tendo em conta que esta é só a segunda vez que enceno isto.

Ela acaba finalmente de fazer o café e vem sentar-se à minha frente. Já não há nada de pateta na gorducha da Louise. Aliás, já não há nada de gorducho na Louise. Estes últimos dias de sofrimento amoroso deram conta do resto do peso a mais.

— Há quanto tempo é que ele te obriga a tomar isto? — pergunta ela.

Encolho os ombros:

— Há uns tempos. Mas anda sempre a experimentar novos.

Olho fixamente para o meu café, desfrutando da sensação ardente da caneca quente nos meus dedos demasiado sensíveis. — Nem sempre os tomo. Mas às vezes ele fica a ver-me tomá-los.

Encosto a cabeça à parede atrás de mim, cansada de estar a tentar mantê-la direita. A minha mente pode estar a ajustar-se, mas o resto ainda está longe disso.

— Disse-lhe que queria que me devolvesse o controlo do meu dinheiro — balbucio, como se esta semente de informação não fosse importante. — Antes de nos mudarmos para cá. Depois do que aconteceu em Blackheath. Mas ele recusou. Disse-me que primeiro teria de tomar os comprimidos durante uns tempos, para me acalmar, e que depois falaríamos sobre o assunto. Há algum tempo que ele andava a tentar que eu os tomasse e eu recusara-me sempre, mas depois de tudo achei que mais valia tentar. Por ele. Por nós.

— O que é que aconteceu em Blackheath? — A autocomiseiração dela desapareceu e voltou a sua atenção para a nossa história. Faço uma longa pausa antes de começar a falar.

— Acho que ele teve um caso amoroso. — As palavras soam como um sussurro, mas ela recosta-se ligeiramente assim que as ouve e o seu rosto fica ruborizado. «Pois, custa, não custa? Agora já sabes qual é a sensação.»

— Tens a certeza? — pergunta-me ela.

Encolho os ombros.

— Acho que sim. A mulher que tinha o cafezinho na esquina perto da clínica, ainda por cima. Chamava-se Marianne. — O nome bonito ainda tem um travo amargo na minha língua.

— Caramba.

«Pois, caramba, Louise. Engole lá esta. Já não te sentes tão especial, pois não?» Apetece-me rir e por uns terríveis instantes penso que o vou fazer, pelo que cubro a boca e desvio o olhar, como se estivesse a conter as lágrimas.

— Isto era para ser o nosso recomeço. Esta casa. Este emprego. Pedi-lhe o meu dinheiro outra vez, só para estar mais em controlo das coisas, e ele passou-se. Ele... ele... — Sustenho a respiração e a Louise arregala os olhos.

— Ele o quê, Adele?

— Lembras-te de te ter dito que a nossa gata morreu depois de nos termos mudado? — Faço uma pausa. — Bem, ele deu-lhe um pontapé. Com muita força. E depois, quando ela estava meio atordoada, pisou-a. — Olho na direção da porta das traseiras e do jardim do outro lado, onde a enterrei. — Ele matou-a.

A Louise não diz nada. O que há para dizer? Está demasiado horrorizada para falar.

— O problema do David é esse — continuo, cansada e ainda a arrastar ligeiramente a voz. — Consegue ser tão encantador. Maravilhosamente divertido e generoso. Mas depois, quando está zangado, parece outra pessoa. E ultimamente parece que estou sempre a fazê-lo zangar-se. Não percebo porque é que não me deixa, se é assim tão infeliz — digo. — Gostava tanto que ele voltasse a amar-me. — E é verdade. Gostava muito.

— Se ele se divorciar de ti será obrigado a devolver-te todo o teu património — diz ela. O seu rosto está tenso, enquanto as peças do quebra-cabeças que eu fui cautelosamente dispondo à sua frente começam a encaixar-se, e depois vasculha na mala e tira

um telemóvel.

— É pré-pago e já tem o meu número memorizado. Esconde-o algures. Mas se precisares de mim, manda-me mensagem ou liga-me, está bem?

Aceno com a cabeça.

— Prometes?

— Prometo. — Bebo um trago do meu café que começa a arrefecer, a mão ainda trémula.

— E para de tomar esses comprimidos, se conseguires. Não te fazem nada bem. Não estás doente. Sabe-se lá que efeito de merda estão a ter os químicos no teu cérebro. Anda, vou ajudar-te a deitares-te. Podes dormir para ver se isso te passa antes de ele chegar a casa.

— O que é que vais fazer, Louise? — pergunto-lhe, o meu braço à volta do seu ombro enquanto ela me ajuda a subir as escadas. — Não faças nenhum disparate, está bem? Não confrontes o David, ouviste?

Ela dá uma risada, algo amarga:

— É pouco provável, uma vez que me despediu.

— O quê?! — Finjo surpresa. — Oh, Louise, isto é tudo por minha culpa. Lamento imenso.

— A culpa não é tua. Tira essa ideia da cabeça. Não fizeste nada de mal.

O corpo dela emana energia, mais firme e em forma do que quando nos conhecemos. Eu *criei* esta nova Louise e sinto um momento de orgulho ao mesmo tempo que me deixo cair na minha cama confortável.

— Ah, Louise — digo numa voz ensonada, como se me tivesse ocorrido algo. — O vaso na porta da entrada. Do lado direito.

— O que é que tem?

— Escondi uma chave suplente, para o caso de ficar fechada na rua. É só para saberes. — Faço uma pausa. — Ele trancou-me em casa uma vez. Fiquei mesmo assustada.

— Se ele voltar a fazer isso, liga-me de imediato. — Ela quase parece rosnar, esta corajosa mulher tigre.

— Não sei o que faria sem ti — murmuro, enquanto ela me tapa com um cobertor e me afasta o cabelo do rosto. — A sério que não.

E é a verdade.

LOUISE

Ele parece uma autêntica avelâzinha, o meu menino pequenino. Talvez já não tão pequenino assim. Cresceu. Embora seja tarde e ele esteja meio ensonado, dá para ver o quão bronzado e saudável está, e quase irrompo em lágrimas quando corre para os meus braços e me aperta com força. A minha única coisa boa.

— Comprei-te isto, mãe. — Estende-me um porta-chaves com uma pequena concha presa em resina. É uma lembrança de praia simples, mas adoro-a. Adoro o facto de a ter escolhido para mim.

— Oh meu Deus, obrigada! É lindo. Vou pô-lo nas minhas chaves amanhã de manhã. Agora leva o teu saco para o quarto enquanto eu me despeço do pai, está bem?

— Até breve, miúdo — diz-lhe o Ian e depois, quando o Adam já se afastou a arrastar a sua pequena mala de viagem do *Buzz - Lightyear*, sorri para mim. — Estás com ótimo aspeto, Lou. Perdeste peso?

— Um pouco. — Fico contente por ele ter reparado, mas embora pareça mais magra, não sei se a palavra «ótimo» se aplica realmente à minha aparência hoje. Uma noite sem dormir, às voltas na cama a pensar na trapalhada que é a vida do David e da Adele, o meu próprio coração despedaçado, o sentimento de pena de mim própria e o facto de não ter emprego deixaram-me completamente de rastos.

— Ah, então se calhar não devia ter-te trazido isto. — Estende-me um saco. Duas garrafas de vinho tinto francês e vários queijos.

— É sempre bem-vindo — respondo-lhe, aceitando-o com um sorriso cansado. Não lhe digo que fiquei sem emprego. Isso pode ficar para depois, pelo que vou ter de inventar uma mentira qualquer para encobrir a verdade. De modo algum lhe posso dizer a verdade. Não quero que pense que agora nos encontramos ao mesmo nível moral. Ele traiu-me e agora eu dormi com um homem casado. Não lhe vou dar essa satisfação. Vou dizer-lhe que o meu novo chefe já

tinha a sua própria secretária ou algo do género. É algo que estou a aprender em relação aos casos amorosos. Fomentam a mentira.

— É melhor ires andando, não? — digo-lhe. — A Lisa deve estar à espera no carro, completamente estourada. — Por causa do atraso do *Eurostar*, é quase meia-noite. Deviam ter chegado a casa por volta das 21h00.

— Pois está. — Ele parece momentaneamente embaraçado e depois acrescenta: — Obrigado por isto, Louise. Sei que não é fácil.

— É na boa, a sério — respondo-lhe, desvalorizando a situação com um aceno da mão —, fico contente por ti. Sinceramente. — Não consigo decidir se estou a mentir ou não, e apercebo-me de que é em parte mentira e em parte verdade. É complicado. Mas quero realmente que se vá embora. Depois da intensidade das últimas semanas e dias, não estou capaz de fazer conversa de circunstância e este invasivo regresso à normalidade parece-me quase irreal.

Depois de ele se ter ido embora, visto o pijama ao Adam e dou-lhe um abraço muito apertado, desfrutando o seu odor maravilhoso enquanto ele balbucia, meio ensonado, histórias sobre as suas férias, a maioria das quais já ouvi ao telefone. Não me importo. Sinto que era capaz de o ouvir tagarelar a noite inteira. Pouso um copo de plástico com água na sua mesa de cabeceira e conversamos durante uns minutos, enquanto ele vai ficando cada vez mais ensonado.

— Tive saudades tuas, mamã — diz-me. — Estou contente por estar em casa.

O meu coração derrete-se nesse instante. Eu *tenho* uma vida própria. É um facto que ela se resume a este rapazinho, mas amo-o com todo o meu coração e esse amor é puro e limpo e perfeito.

— Eu também tive saudades tuas — respondo-lhe. Essas palavras não cobrem tudo o que sinto. — Amanhã podíamos ir a Highgate Woods, se o tempo estiver bom. Comer gelados. Ter umas aventuras a fingir. Gostavas disso?

Ele sorri e acena com a cabeça, mas está a deixar-se levar para o seu mundo do sonho. Dou-lhe um beijo de boa noite e observo-o durante uns minutos, antes de apagar a luz e o deixar.

Sinto-me totalmente exausta. Ter o Adam de volta acalmou-me e agora é só o peso do cansaço a pesar sobre mim. Sirvo-me de um copo do belo vinho tinto que o Ian me trouxe e isso acalma os últimos resquícios da tensão que sinto até já não conseguir parar de

bocejar. Tento esquecer a Adele e o David. A Adele tem um telemóvel. Se estiver em sarilhos pode ligar. A não ser, claro, que esteja completamente pedrada com o *cocktail* de comprimidos que o David lhe deu. Mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Pensei em ligar ao Dr. Sykes, mas em quem é que ele vai acreditar? Além de que tenho a certeza de que a Adele mentiria para proteger o David — e a si própria. Não compreendo como é que ela ainda o ama, o que é óbvio que sim, quando me parece evidente que ele só lá está por causa do dinheiro. Quanto é que ela valerá? Quanto é que ele já terá gasto? Talvez estejam juntos há tanto tempo que a Adele esteja a confundir dependência com amor.

E também me magoa que a Adele tenha dito que o David teve um caso com alguém no sítio onde eles moravam antes. O seu discurso «nunca faço isto» deixa muito a desejar. Magoa-me e não paro de rever na minha mente o quão desagradável ele foi naquela noite, tão frio nas suas palavras. Um estranho. O outro lado dele, tal como disse a Adele.

Deixo escapar um longo suspiro, como se de alguma maneira conseguisse expeli-los a ambos de mim. O Adam está em casa agora. Tenho de me concentrar nele. Nele e em tentar arranjar outro emprego. Independentemente do que diz o Dr. Sykes, não posso regressar à clínica. Mesmo que o David se fosse embora, aquele sítio já está demasiado cheio dele — cheio de tudo isto — para sequer querer voltar a trabalhar lá. Não seria a mesma coisa. Faço uma pesquisa na Net à procura de trabalho, mas não há nada indicado para mim, o que me faz sentir ainda mais em baixo. - Graças a Deus tenho umas poupanças no banco para me poder aguentar uns meses, mas não me vão durar para sempre e depois vou ter de voltar a depender da caridade do Ian. Apetece-me enroscar-me numa bola até tudo passar. Em vez disso, esvazio o copo e vou para a cama. O Adam regressou e acabaram-se as manhãs na cama para mim.

Adormeço rapidamente. Nos últimos tempos quase não tenho terrores noturnos, acontecem durante um ou dois segundos, mas depois verifico os dedos, a porta Wendy abre-se e desapareço dali para fora. Como já tem sido hábito, encontro-me no jardim junto ao lago e o Adam está lá comigo, e apesar de nos estarmos a tentar divertir, o dia está cinzento e chuvoso, como se, mesmo no sonho que eu estou a controlar, o meu estado emocional estivesse a

marcar uma posição. Sei que o sonho não passa de uma fantasia e a fantasia não é lá grande coisa só com os dois. O David não está a fazer grelhados esta noite. Não o quero aqui. Não com o seu «É bom que te afastes de nós os dois» ainda tão presente na minha cabeça.

Estou junto ao lago, mas o Adam esqueceu a quantidade abundante de girinos e peixes e está entretido a brincar com os carrinhos e camiões que se encontram espalhados pelo relvado, mal erguendo a cabeça. Sei que o estou a pôr lá — se quiser o Adam a pescar ao meu lado no lago é só imaginá-lo aqui —, mas também sei que este não é o Adam verdadeiro, apenas uma criação imaginada e esta noite isso não basta.

O verdadeiro Adam encontra-se a dormir profundamente na sua própria cama, aninhado debaixo do edredão e abraçado ao seu Urso Paddington. Penso nele, a dormir tão perto de mim, e imaginá-lo de volta ao seu quarto aquece-me o coração, apetece-me vê-lo e abraçá-lo até ele mal conseguir respirar. Sinto-o com uma ferocidade maternal e depois, de repente, lá está ela outra vez.

A segunda porta.

Está a cintilar sob a superfície do lago, como antes, mas desta vez mexe-se, erguendo-se até ficar na posição vertical, e embora os seus contornos continuem a cintilar num prateado mercurial, a porta em si é feita de água. Deixo-me ficar parada e ela vem rapidamente na minha direção, e por uns instantes parece-me ver girinos e peixes-dourados a nadarem na sua superfície, e depois estou a tocar no líquido quente e a transpô-la e depois estou...

...parada junto à cama do Adam. Sinto-me momentaneamente zonga com a mudança brusca, mas depois o mundo em redor assenta. Estou no quarto dele. Ouço-o a respirar, lenta e regularmente, a respiração dos muito idosos ou dos que dormem profundamente. Tem um braço por cima do rosto e penso em mudá-lo de posição, mas não o quero incomodar. O seu edredão está atirado para trás e ele deve ter batido no copo de água, pois está entornado por cima do desgraçado do Urso Paddington, que caiu da cama. Ainda bem que isto é um sonho. O Adam iria ficar aborrecido se o Urso Paddington tivesse de ser seco. Nem sequer me deixa pô-lo dentro da máquina de lavar roupa. Baixo-me para apanhar o urso do chão, mas a minha mão não o consegue agarrar. Mais do que isso, não vejo as minhas mãos. Olho para o sítio onde elas deviam existir. «Não tenho mãos.» Não há nada ali. Confusa, por

três vezes tento tocar no urso com os meus dedos invisíveis, mas a cada tentativa tenho a sensação de estar a atravessar o pelo macio e molhado, como se eu não estivesse lá, como se fosse um fantasma, e depois fico incrivelmente inquieta e sinto um esticão por trás, ao mesmo tempo que sou puxada para trás e, por breves instantes, sinto um medo terrível e depois...

...acordo com um arquejo, sentada na minha própria cama, - inspirando várias golfadas de ar. Sinto-me como se tivesse acordado com um sobressalto, como naqueles quase sonhos em que parece que vamos cair quando estamos quase a adormecer. Os meus olhos perscrutam a escuridão, tentando sacudir a minha completa desorientação. Baixo o olhar para as mãos e conto os dedos. Dez. Faço-o duas vezes antes de ter a certeza de que desta vez estou realmente acordada. Os pulmões ardem-me, como se tivesse feito uma noitada e fumado vinte cigarros no *pub* como antigamente, mas não me sinto cansada. Aliás, sinto-me estranhamente estimulada, tendo em conta o quão em baixo me sinto emocionalmente e o quão cansada estava quando me deitei. Mas estou cheia de sede. Com uma sede imensa. Vinho antes de me deitar. Não há maneira de aprender.

Levanto-me, vou à cozinha e bebo dois copos de água da torneira e depois molho a cara. Os meus pulmões voltam à normalidade, o ardor dissipando-se. Talvez fosse uma espécie de eco ainda do sonho.

São só três da manhã, pelo que decido voltar para a cama, apesar de não ter a certeza de conseguir adormecer, e detenho-me junto à porta do quarto do Adam, espreito para o interior e sorrio. Ele está em casa, sim. Essa parte não foi um sonho. Estou prestes a fechar a porta quando o urso no chão capta a minha atenção. O Urso Paddington. Caído da cama. Franzo o sobrolho e aproximo-me. O copo de plástico em cima da mesa de cabeceira está tombado de lado e vazio. O urso está ensopado. Desta vez *consigo* pegar no Urso Paddington e ele está completamente encharcado. Olho para o Adam, o meu coração começando a bater mais depressa. Tem o braço por cima do rosto e as suas pernas são visíveis sob o edredão meio atirado para trás.

É como um momento de *déjà vu*. É tudo exatamente como vi no meu sonho, depois de transpor a segunda porta. Mas não pode ser. Não o posso ter visto. Eu estava num sonho. Mas não tinha como saber que ele tinha entornado a água e ensopado o urso e

que tinha o braço por cima do rosto. Não podia ter imaginado essas coisas. O Adam é a pessoa que conheço que dorme mais profundamente. Não se mexe quase nada, permanecendo virado de lado a noite inteira. Nada disto é algo que teria imaginado se estivesse a pensar no Adam a dormir.

Não sei o que pensar. Não faz sentido nenhum. E depois ocorre-me. Deve ter que ver com o meu sonambulismo. É um pequeno momento de alívio, de lógica, e agarro-me a ele apesar de não o *sentir* como verdade. Nunca mais fui sonâmbula desde que comecei a ter os sonhos lúcidos. Mas só pode ter sido isso. Talvez estivesse sonâmbula e tenha acordado ligeiramente, ou algo do género. Vi o quarto, depois voltei a adormecer e transportei isso para o meu sonho.

Quando me apercebo de que nada serve estar ali espedada por mais tempo, volto para a cama e fito o teto durante algum tempo. Toda a situação me deixou perturbada, embora não saiba precisar porquê. O facto de não ter conseguido tocar no urso. A minha invisibilidade. Isso nunca acontece nos meus «novos» sonhos. Consigo comer, beber, dar quecas, tudo e mais alguma coisa. Porque é que não consigo pegar no Urso Paddington? Porque é que não tinha mãos? É estranho. E não foi nada como os outros sonhos. Não obstante a minha falta de corpo, o sonho em si pareceu-me mais sólido. Mais real.

Devo ter estado sonâmbula, digo para mim mesma vezes sem conta. Quer dizer, que outra explicação poderá haver?

PARTE TRÊS

ADELE

Somos dois estranhos na casa agora, pisando ovos em torno um do outro, e — pelo menos da parte do David — não há fingimentos de espécie alguma. Mal somos educados um com o outro. Ele resmoneia as respostas às minhas questões como se tivesse regredido para uma criatura Neandertal qualquer, incapaz de proferir frases completas, e evita olhar-me nos olhos. Talvez não queira que eu veja que está embriagado a maior parte do tempo. Acho que está a guardar a sua «normalidade» para o trabalho, e não tem energia para tal quando está em casa.

Parece mais pequeno — reduzido. Se a psiquiatra fosse *eu* diria que era um homem à beira de um esgotamento nervoso. A minha amizade com a Louise deu completamente cabo dele. Não, não é bem isso. A amizade da Louise comigo deu completamente cabo dele. Ela era o *seu* segredo especial que agora foi destruído. Ele foi trapaceado.

Agora que o choque inicial da descoberta já passou, sei que me culpa por tudo.

— Tens a certeza de que não sabias quem ela era? — perguntou-me na noite anterior, parado junto à ombreira da porta do nosso quarto, sem querer entrar. — Quando a conheceste?

— Como é que eu havia de saber que era tua paciente? — replico, toda eu inocência de olhos arregalados. Uma *paciente*. A mentira é dele, não minha. Podia estar embriagado, mas não acreditou na minha resposta. Não sabe dizer exatamente como é que eu sabia quem ela era, mas sabe que eu sabia. Contudo, o meu comportamento deixou-o confuso — isto não é o meu «habitual». Em Blackheath tive uma abordagem muito mais direta, só que a Marianne não passava de uma potencial ameaça ao meu casamento. A Louise é — bem, a Louise é a grande esperança para a nossa felicidade. A Louise é maravilhosa.

Detesto admitir os erros, mas tenho de admitir que fui provavelmente demasiado óbvia em Blackheath. Não devia ter

deixado a minha raiva apoderar-se de mim — pelo menos não de forma tão dramática —, mas isso foi diferente. E, de qualquer maneira, faz tudo parte do passado. Nunca me importei com o passado, a não ser que o possa utilizar para algo no presente e talvez Blackheath ainda acabe por me ser útil, e nesse caso já não terá sido erro nenhum. O passado é tão efêmero como o futuro — é tudo uma questão de perspectiva e ilusão. Não se pode especificar, pois não? Digamos que duas pessoas experimentam exatamente a mesma coisa — se lhes pedirmos para relatarem o acontecimento mais tarde e, embora as duas versões possam ser semelhantes, haverá sempre diferenças. A verdade varia de pessoa para pessoa.

Mas coitado do David. Está consumido pelo passado. É como se calçasse botas de cimento que o puxam para baixo, que nos afogam. Aquele *único* momento no passado transformou-o neste homem destruído. Uma noite conduziu à bebida, à preocupação, à incapacidade de se permitir amar-me, ao sentimento de culpa. Tem sido cansativo como a merda viver com isto e tentar resolver as coisas para ambos. Tentar fazer com que ele perceba que não importa. Ninguém sabe. Nunca ninguém vai saber. Como tal, em muitos aspetos, e porque ninguém sabe, é como se nunca tivesse acontecido. Se uma árvore cair em plena floresta e não estiver lá ninguém para o ouvir, blá-blá-blá.

Em breve, contudo, o nosso terrível segredo vergonhoso será arrastado para a luz e ficaremos livres dele. O David está prestes a contar tudo, tenho noção disso. Calculo que a prisão lhe pareça preferível a este inferno contínuo. Não me magoa tanto como deveria pensar que o homem que amo tanto acha que a vida ao meu lado é um inferno, mas, por outro lado, isto também não tem sido nada fácil para mim nos últimos tempos.

Mas contar tudo só lhe trará um alívio momentâneo. Ainda não percebeu isso. Contar tudo não o ajudará a conquistar a Louise. Contar tudo não lhe trará confiança e absolvição. O David merece essas duas coisas. Alguns segredos precisam de ser escavados, não apenas contados, e o nosso pequeno pecado é um deles.

Eu podia ter feito tudo isto de uma maneira muito mais simples. Podia tê-los deixado em paz e talvez o David acabasse por contar à Louise a verdade sobre o nosso casamento, e o acontecimento que o definiu, e ela teria acreditado nele, mas ele iria interrogar-se sempre se ela sentiria a mais pequena dúvida que fosse. Estaria constantemente à procura da desconfiança nos olhos dela.

Não há nada de sólido numa revelação.

Depende tudo da Louise. Ela terá de descobrir o nosso passado sórdido pelos seus próprios meios. Precisa de nos libertar a ambos com a sua crença total. Estou a esforçar-me imenso para que isso aconteça. Mesmo que ele não suporte olhar para mim, estou a fazer tudo pelo David.

Faço um bule de chá de hortelã-pimenta e depois, enquanto ele está em infusão, vou buscar o pequeno aparelho ao roupeiro, ligo-o e envio uma mensagem à Louise, o meu pequeno e bonito fantoche.

Só para te dizer que está tudo bem por aqui. Estou a tentar ser normal. Esvaziei todos os comprimidos em forma de cápsulas, por isso só estou a tomar o invólucro quando ele está presente. Não engulo os outros, guardo-os debaixo da língua e depois cuspo-os. Espreitei o escritório dele para ver se tem um ficheiro meu, mas não encontro nenhum :-(Ainda bem que sabes onde está a chave suplente. É estranho estar preocupada por causa do D — ele sempre cuidou de mim —, mas tens razão, não chega amá-lo. Se calhar vou contactar um advogado por causa do divórcio. Ah, imaginei-nos às duas no meu sonho — no Expresso do Oriente — belas férias só de mulheres — devíamos fazê-lo um dia!! Beijos, A.

É uma mensagem comprida, mas mostra o quanto preciso dela e que tenho saudades. Não arrecado o telemóvel para já — a Louise responde sempre depressa e desta vez também não foge à regra.

Ainda bem que estás bem e belo trabalho com os comprimidos! Tenho estado preocupada contigo. Tive um sonho e transpus aquela segunda porta de que te falei. Fui parar ao quarto do Adam. As coisas estavam fora do sítio. Quando acordei e fui ver como é que ele estava, estava tudo exatamente como no meu sonho. Estranho, não é? A sério que nunca te apareceu uma segunda porta? Acho que se calhar estava sonâmbula. E SIM À IDEIA DO EXPRESSO DO ORIENTE!

Respondo que é estranho e que não, nunca me apareceu uma

segunda porta, e que se calhar o seu cérebro deve funcionar de maneira diferente do meu, mas as mãos tremem-me de alegria enquanto escrevo. Mal consigo permanecer sentada com o fluxo súbito de adrenalina. Ela já o está a fazer! Ainda não percebeu muito bem o que é que está a fazer, mas é incrivelmente rápida nisto. Mais rápida do que eu alguma vez fui. Tem um dom natural. Tenho de pôr as coisas em marcha o quanto antes, agora que já não está completamente sob o meu controlo.

Vou espreitar o escritório dele outra vez, para procurar o tal ficheiro. Onde é que poderá estar? Bem, é melhor ir andando. Fica bem. Beijos, A.

Não estou com disposição para grandes conversas com ela neste momento. Sinto-me demasiado excitada. Mas já lhe dei o toque, nesta última mensagem. Mais uma semente plantada para ativar as suas sinapses, apesar de a resposta ser óbvia como a merda e só se ela fosse uma atrasada mental é que não encontraria a solução. O que pensará das minhas capacidades mentais? Coitada da Adele. Tão doce e simpática, e no entanto tão básica e burra. É o que ela deve pensar de mim.

Se ela soubesse...

LOUISE

Está a ser um dia fantástico, passado no bosque e depois no campo aventura, seguido de um almoço tardio no café, e eu e o Adam estamos afogueados por causa do ar fresco e às risadas quando regressamos ao apartamento. Ainda bem que a Adele me enviou uma mensagem esta manhã, para me dizer que as coisas pelo menos não estão piores, e agradeço a Deus por estar a tentar não tomar aqueles comprimidos. Sabe-se lá o que fariam a uma mente saudável, porra.

Ter passado umas horitas livre de preocupações fez-me maravilhas, e ainda estou a sorrir enquanto vasculho a mala à procura das chaves. Posso não ser o mesmo que França e caracóis e piscinas, mas ainda sei como fazer rir o meu menino. Brincámos ao Dr. Who no meio das árvores. O Adam era o Doutor, claro, e eu era o seu compincha. Pelos vistos as árvores eram uma raça alienígena e a princípio queriam matar-nos, mas entretanto — estou certa de que fez todo o sentido na cabeça do Adam — salvámo-las e a paz foi restaurada e pronto, estávamos prontos para levar o nosso *Tardis* em direção a outra aventura. Depois de termos parado para comer um gelado, claro. O Adam estava convencido de que gelado era o que o Doutor e o seu compincha comiam durante as viagens deles e eu não o contrariei. Foi completamente contra a minha dieta, mas com o stresse de tudo o que aconteceu enquanto o meu bebé esteve fora, os quilos têm desaparecido. E sabe Deus como me soube bem. A minha vida real *sabe* bem.

— Onde é que está o meu porta-chaves? — pergunta o Adam, ligeiramente aborrecido. — Disseste que o ias usar hoje.

— A tonta da mãe esqueceu-se — respondo-lhe. Ainda está em cima da mesinha de apoio onde o deixei na noite anterior. Com a distração do sonho estranho passou-me completamente. — Vou pô-lo assim que entrarmos. — Afago-lhe o cabelo e sorrio, mas estou irritada comigo mesma. Como é que me posso ter esquecido disso? O presente dele para mim. Uma oferta da única

pessoa que me ama incondicionalmente e eu esqueci-me.

Só quando ele está sentado em frente aos seus jogos no *iPad* antigo do pai, com os desenhos animados a darem na televisão, é que começo a trocar o meu molho de chaves e apercebo-me de que ainda tenho as chaves da clínica. O meu coração bate mais rápido. Se o David tivesse realmente um ficheiro sobre a Adele, então não o guardaria em casa. Estaria no seu local de trabalho, onde ela não o poderia encontrar sem querer.

«Mas é um sítio onde eu poderia encontrá-lo. Se me atrevesse a isso.»

Fito as chaves. Podia entrar sem ninguém saber. Sei o código do alarme. Podia fazê-lo esta noite. Sinto-me ligeiramente nauseada perante a ideia que estou a sugerir a mim própria, mas também sinto um fluxo de adrenalina. Preciso de saber. A Adele precisa de saber. E devo-lhe isso depois de tudo o que fiz, ainda que ela não faça a mínima ideia da amiga merdosa que sou realmente.

O Adam está entretido a ver o filme com um ar ensonado, ainda cansado depois das férias e de um dia passado no bosque, e eu saio de fininho e vou bater à porta da Laura, a vizinha do lado.

— Ei — diz ela, toda sorridente, o som do seu enorme televisor chegando até mim. — Louise. Precisas de alguma coisa? Queres entrar? — Simpatizo com a Laura, apesar de mal a ter visto nos últimos tempos, e sinto um embaraço momentâneo quando penso que o mais certo é ela ter ouvido a minha discussão com o David na outra noite.

— Não posso, deixei o Adam em casa. Estava a pensar, e sei que é um pouco em cima da hora, mas podias olhar-me por ele esta noite? Peço imensa desculpa, mas é uma coisa de última hora.

— Um encontro? — pergunta-me, sorrindo.

Aceno com a cabeça, o que é um disparate. Agora vou ter de me arranjar de propósito para entrar ilicitamente no meu antigo escritório. Ao pensar nisso, na realidade do ato, de repente desejo que ela me diga que não.

— Claro que sim — responde-me e eu amaldiçoo a minha impetuosidade. — Jamais me passaria pela cabeça atrapalhar um potencial amor verdadeiro ou uma bela queca. A que horas?

— Por volta das 20h00? — Vou ter de fazer tempo, mas mais tarde do que isso iria parecer estranho. — Pode ser? Ele já estará na cama por essa altura, e sabes como ele é, nunca acorda.

— Não há problema, a sério — replica ela. — Não tenho nada planeado.

— Obrigada, Laura. És um espetáculo.

E está feito. Vou avançar com o plano.

Fico mais tensa à medida que a tarde dá lugar à noite. A minha mente cheia de inquietações. A possibilidade de terem mudado o código do alarme é a principal, mas duvido que o tenham feito. O código é o mesmo desde que trabalho lá e já outros empregados saíram e entraram nesse espaço de tempo. E no que diz respeito ao Dr. Sykes, ainda posso voltar para o meu emprego. Porque é que ele haveria de se preocupar com o facto de eu ter acesso? Mas, ainda assim, por volta das 20h15, quando a Laura está instalada na minha casa e eu estou na rua, ainda estou a debater sobre se deverei avançar com o plano ou não. Se alguém descobrisse ficaria metida num grande sarilho. Penso nos comprimidos. No estado em que encontrei a Adele em sua casa. Ela poderá ter problemas maiores se eu não o fizer.

Não posso ir diretamente para a clínica, é demasiado cedo, pelo que vou a um restaurante italiano na Broadway, escondo-me numa mesa num canto e mando vir um jantar que não tenciono comer. Tenho um nó no estômago de ansiedade, mas forço-me a comer metade do risoto. No entanto, bebo um copo grande de vinho tinto para acalmar os nervos. Quase não surte efeito e sinto-me totalmente sóbria.

Por volta das 22h00 já não consigo ficar ali mais tempo e passeio pela cidade sempre a fumar o meu cigarro eletrónico até sentir a boca e a garganta muito secas. Tento concentrar-me. Penso na Adele. Sei que tenho *mesmo* de fazer isto. É importante. E não é como se fosse forçar a entrada. Não tecnicamente. Tenho as chaves. Se aparecer alguém — «por favor, Deus, que não apareça ninguém» —, posso sempre dizer que fui buscar uma coisa que lá deixei. «Sim, Louise, porque às 23h00 é a hora a que as pessoas costumam fazer coisas inocentes como essa em instalações comerciais.»

A estrada parece-me opressivamente escura enquanto a percorro e os meus passos são os únicos que se ouvem a perturbar a paz do pavimento vazio. A maioria dos edifícios é escritórios de solicitadores ou contabilistas e, embora alguns dos pisos mais altos sejam apartamentos, não se vislumbram muitas luzes por entre as cortinas pesadas e caras ou os estores de marca. Devia estar

contente por ninguém me poder ver, mas os pelos na parte de trás do meu pescoço eriçam-se como se *algo* na escuridão me estivesse a observar. Olho de relance por cima do ombro, momentaneamente convencida de que está ali alguém, mas não se vê ninguém no caminho.

As minhas mãos trémulas retiram as chaves da mala. «É entrar e sair. Não vai custar nada. Faz de conta que sou o James Bond.» Não me sinto nada como o James Bond quando as chaves me escorregam das mãos e caem ruidosamente no degrau, mas abro a porta em menos de nada e entro. Tenho o coração na boca enquanto acendo a luz e corro para o alarme, que vai continuar a soar durante trinta segundos antes de se instalar o caos.

Fi-lo centenas de vezes e, com o rosto muito ruborizado, estou certa de que desta vez irei digitar o código errado, mas os meus dedos seguem o hábito e deslizam sobre o teclado, e depois os bipes felizmente cessam. Fico ali especada, no vazio estranho e sombrio, inspirando profundamente e forçando o meu coração veloz a abrandar. Já entrei. Estou a salvo.

Dirijo-me para o gabinete do David, deixando apagadas o máximo de luzes possível. Já aqui estive sozinha e em plena escuridão durante muitas madrugadas de inverno, mas o edifício parece-me diferente esta noite. Nada acolhedor, como se o tivesse despertado do sono e ele soubesse que eu já não devia estar aqui.

Os médicos raramente trancam as portas dos seus gabinetes — os empregados de limpeza precisam de entrar e uma atmosfera de complacência típica de classe média paira sobre a clínica; uma espécie de confiança típica da velha guarda. Além do mais, em termos práticos, não é como se tivessem armários cheios de morfina que se pudessem roubar e, quanto à informação, a maioria das pastas sobre os pacientes encontra-se guardada em sistemas computadorizados protegidos por palavras-passe a que somente os médicos podem aceder. Mas se o David tiver uma pasta sobre a Adele aqui não estará inserida no sistema. Não a vai querer num sítio onde possa ser vista pelos seus colegas de trabalho, mesmo que estes não possam aceder a ela. Seriam levantadas questões, quanto mais não fosse, questões de ética.

A porta dele encontra-se efetivamente destrancada, e eu acendo a luz da sua secretária e começo a vasculhar o arquivo antigo no canto, mas está repleto essencialmente de panfletos de companhias farmacêuticas e de guias de autoajuda para dar aos

pacientes. Muita desta porcaria ainda deve ser do tempo do Dr. Cadigan. Já está mais do que ultrapassada. Tiro tudo para fora e vasculho, mas não há nada escondido no fundo de qualquer das gavetas.

Já decorreram vinte minutos quando por fim volto a guardar tudo, esperando que o tenha feito na ordem correta, mas a minha desilusão deixou-me ainda mais decidida a encontrar o que procuro. Não vou ter coragem para voltar aqui, mas também tenho de estar em casa o mais tardar à 1h00, para que a Laura não me faça - muitas perguntas. Olho em redor. Onde mais poderá estar? Ele deve ter uns apontamentos algures — anda a passar-lhe - receitas. Iria necessitar de *alguma* espécie de justificação.

A secretária dele é o único sítio que resta na divisão organizada e lanço-me a ela com fervor. A gaveta de cima contém cadernos, canetas e material de escritório — surpreendentemente desorganizada, tendo em conta o quão imaculada é a casa dele — e depois tento abrir a gaveta de baixo, maior. Está trancada. Tento de novo, mas não abre. Uma gaveta trancada. «Segredos.»

Vasculho a gaveta de cima, à procura da chave, mas não a encontro. Deve tê-la com ele. Merda, merda, merda, merda, merda. O que é que posso fazer? Fito-a por uns instantes e depois a minha curiosidade sobrepõe-se a tudo. Tenho de a abrir. Que se lixem as consequências. Ele pode ficar a saber que alguém a arrombou, mas não saberá que fui eu. Vou buscar uma faca à cozinha e enfio-a na pequena fenda no rebordo da gaveta, tentando arranjar forma de a forçar a abrir. A princípio não me parece que vá conseguir e depois, resmungando um «Vá lá, caramba!», dou-lhe um valente empurrão e a madeira parte-se. A gaveta abre-se um centímetro. Consegui.

As primeiras coisas que vejo são as garrafas de conhaque. Duas; uma meio vazia. Devia ficar chocada, ou pelo menos surpreendida, mas não fico. O problema de bebida do David é talvez o menos bem guardado dos seus segredos, pelo menos de mim e da Adele. Há também várias embalagens de rebuçados de mentol extra forte. Quanto é que ele beberá durante o dia? Parece que o estou ver — um trago aqui, um trago ali, não em demasia, mas o suficiente. Porque será que bebe? Culpa? Infelicidade? «Quero lá saber», penso. «Não estou aqui por causa dele.»

Sinto-me tentada a esvaziar as garrafas no lavatório, mas não o faço e em vez disso tiro-as para fora e vasculho por baixo. Estou

de joelhos e a transpirar por baixo da maquilhagem que fui obrigada a usar por causa da Laura, enquanto remexo em envelopes e pastas com recibos e cópias de artigos médicos escritos por ele.

Por fim, mesmo no fundo, encontro um enorme envelope castanho. No interior há uma pasta A4 grossa. Já perdeu a consistência típica do papel novo, sendo agora macia ao toque, e as várias páginas no seu interior estão presas com elásticos, uma coleção aleatória de folhas de apontamentos, em nada semelhante a uma pasta médica oficial. Contudo, é exatamente o que procuro. O nome dela está lá, mesmo na frente, escrito a marcador preto grosso. *Adele Rutherford-Campbell/Martin.*

Sento-me na cadeira dele e passo os dedos pela capa por uns instantes, antes de abrir a pasta. Não se trata de uma pasta médica convencional, lá isso é um facto, é mais uma coleção de apontamentos soltos. Rabiscos riscados por cima escrevinhados na sua horrorosa caligrafia de médico em vários tipos de papel — pelos vistos o que tinha à mão na altura. Estava convencida de que iria encontrar coisas com um ano ou mais, desde a altura em que ele começara a engendrar o seu plano. Talvez da altura em que conhecera a Marianne no café em Blackheath, um pensamento que ainda mexe com o meu orgulho. Mas não, a primeira entrada foi feita há seis anos e fala sobre coisas que remontam a dez anos antes. Ele é exasperante na sua falta de pormenor.

Um pequeno esgotamento três meses depois de sair de Westlands, durante o qual ela fez um aborto.

O que é que a Adele me tinha dito? Que no início do casamento ele quisera filhos e ela não. Como é que a decisão dela de fazer um aborto o teria feito sentir? Deve tê-lo magoado. O início do seu ressentimento, talvez? Folheio as páginas, avançando um pouco.

Suspeita de paranoia e ciúme levado ao extremo. Ela sabe coisas que não devia saber. Andará a espiar-me? Como?

«Quem é que soa paranoico agora, David?», é o que me apetece escrever por baixo dos seus apontamentos.

A Adele alega que o incidente na florista, com a Julia, não foi culpa sua, mas há demasiadas semelhanças com o passado. Não tomei qualquer medida — não há provas. Julia transtornada/receosa. Amizade terminada. Emprego acabado. Ficou assente que se acabaram os empregos. Tê-lo-á feito para poder ficar em casa?

O emprego que a Adele mencionara certa vez. Deve ser este. Mas o que é que aconteceu? Recordo os telefonemas diários. Terá o David sabotado o emprego para que ela ficasse em casa? Mas que incidente teria sido esse? O que é que aconteceu de facto? Esta pasta jamais serviria para a mandar internar. Não tem pormenores, nem avaliações oficiais ou registo de sessões. Talvez esteja a contar que a sua reputação o ajude a utilizar isto contra ela. Uma subtil incriminação dela, em vez de uma acusação direta, para ele poder parecer quase relutante. Avanço para as entradas mais recentes, os meus olhos captando frases que me provocam arrepios.

Episódio psicótico. Tendências sociopatas.

Vejo onde ele assentou receitas, mas é tudo muito vago. Meras alusões. São apontamentos em jeito de registo pessoal, mas ainda assim parece que está a falar sobre uma estranha — esta não é a Adele.

A Marianne não vai apresentar queixa. Não há provas. Decidimos mudar-nos. Outra vez.

Marianne é o nome da mulher em Blackheath, segundo a Adele. O que é que aconteceu realmente lá? É óbvio que a Adele descobriu que ele andava com ela, mas talvez tenha havido um confronto? Sinto-me acometida por uma náusea, imaginando-me nessa situação. Podia muito bem ter sido eu. Custa-me pensar que alguma vez a Adele venha a descobrir o que fiz e não por achar que ela é louca, independentemente do que o David quer que o mundo pense, mas porque é minha amiga. Não gostava nada que descobrisse como eu a traí.

Olho para o apontamento. O «Outra vez» a seguir à mudança.

Quantas vezes é que eles se mudaram? A Adele não disse e também não há quaisquer indicações sobre isso aqui. Talvez quando ele apresentar finalmente esta merda toda a alguém — ao Dr. Sykes, talvez — queira dar a ideia de que esteve sempre a protegê-la, mas que já não consegue continuar a fazê-lo. Examino as páginas mais recentes. Mas a sua letra é indecifrável. Percebo algumas palavras que quase me fazem parar o coração — «pais»... «bens» — e os meus olhos esforçam-se por entender o parágrafo de frases soltas em redor, mas não consigo. Isto foi escrito sob o efeito do álcool, estou quase certa disso. Sinto que estou a vislumbrar a mente de um louco e não a ler um relatório sobre um louco.

As duas últimas páginas estão praticamente vazias, mas o que está escrito nelas deixa-me petrificada.

*Um ataque de fúria, do nada, logo a seguir à mudança.
Pontapés na gata. Esborrachada com os pés. Morreu.
Demasiadas coincidências.*

Depois, mais abaixo na mesma página:

*Terá sido uma ameaça? Estaria a tomar uma posição?
Medicação alterada. Quantos acidentes é que podem
acontecer?? Terão sido realmente acidentes?*

Há apenas uma frase escrita na última página, mas fito-a durante imenso tempo:

A Louise. O que fazer em relação a ela?

ANTES

Ela está sozinha em casa há dois dias, antes da chegada do David, e está admirada com o facto de se sentir tão em paz. A solidão é algo estranha depois da presença constante de pessoas em Westlands, mas é também confortante para a sua alma. Mesmo à noite, no silêncio do campo, onde seria fácil acreditar ser a última pessoa no planeta, tem experimentado tranquilidade. Não que alguma vez se sinta isolada das pessoas ou dos lugares. De todo. Não com as suas capacidades.

Mas ainda assim, acha que talvez eles estivessem certos, em certa medida. Os jovens recuperaram realmente depressa. E Fairdale House agora parece uma fotocópia da sua casa. É a mesma, mas tão diferente sem os seus pais. Sentiu inclusivamente capacidade suficiente para espreitar os restos queimados dos quartos deles e embalar alguns pertences — a caixa de joias em filigrana da mãe, os castiçais de prata que tinham pertencido à sua avó, e outras coisas que contêm recordações. Algumas fotografias que estavam numa caixa na sua gaveta de baixo que, por alguma razão, sobreviveram ao incêndio. Todas tiradas com a máquina fotográfica caríssima do seu pai e reveladas na própria câmara escura dele. Um dos muitos passatempos com que ele preferia entreter-se em vez de se dedicar a ser pai. Há uma fotografia com ela por volta dos quinze anos. Outra com ela e o David sentados à mesa da cozinha, tirada não há muito tempo. Essa fora uma noite muito agradável. Os seus pais tinham estado a beber e estavam mais tolerantes em relação a ele nessa noite, um momento raro partilhado por todos. Ela guarda a primeira fotografia numa das caixas, mas fica com a segunda.

Oferece-a ao David enquanto passeiam pela herdade, o ar fresco e húmido, mas revigorante.

— Encontrei isto — diz-lhe ela, o seu braço entrelaçado no dele. Ele tem estado calado desde que chegou e o reencontro deles

foi quase embaraçoso. Antes ter-se-iam lançado nos braços um do outro e beijado, ambos cheios de alegria por estarem novamente juntos, mas o mês que tinham passado longe um do outro e o próprio incêndio instalaram-se entre eles, e ao fim de uma hora de conversa educada e formal sobre Westlands, e sobre se ela tinha tudo aquilo de que necessitava — embora fosse por de mais evidente que sim, e, de qualquer modo, sendo o David a pessoa que era, tinha trazido o porta-bagagens cheio de comida —, ela sugerira o passeio.

Acertara em cheio. Ele começava a ficar mais descontraído à medida que o tempo passava e ela estava irritada consigo mesma por não lhe ter ocorrido que estar no interior da casa poderia afetá-lo a ele também. Estivera lá na noite em questão. Tinha as cicatrizes, ainda em processo de sarar, como prova disso mesmo. E, ao contrário dela, lembrava-se do incêndio. Ela encosta a cabeça no braço dele enquanto deixam o trilho para trás e avançam por entre o bosque. Tem estado a chover e o piso está lamacento e coberto de musgo e de folhas, mas há algo de terroso e maravilhoso nisso.

— Vou levá-la comigo para a faculdade e emoldurá-la — diz ele. — Esse dia foi muito agradável.

— E havemos de ter muitos mais — responde ela, sorrindo-lhe. — Uma vida inteira deles. Quando estivermos casados. Vamos fazê-lo no Natal. Assim que tiveres férias no Natal e eu tiver dezoito anos e ninguém nos puder fazer má cara. — Ela faz uma pausa. — Não que ainda reste alguém para nos fazer má cara.

Ele aperta-lhe o braço. Fica sempre sem saber o que dizer quando se trata de assuntos profundos e ela não se importa nada com isso.

— Estava a pensar que se calhar devia interromper a faculdade por uns tempos — diz ele. — Para cuidar de ti. Enquanto tiveres de ficar aqui.

Ela dá uma risada e ainda lhe parece estranho conseguir rir-se, e depois sente uma pontada de saudades do Rob. Ama o David do fundo do coração, mas foi o Rob quem lhe devolveu o riso.

— Isso acabaria por contrariar a ideia de passar algum tempo aqui sozinha, não te parece? Além disso, não podes fazer uma coisa dessas. Isto é algo com que sempre sonhaste. E estou tão orgulhosa de ti. Vou ser esposa de um médico.

— Se eu passar nos exames — responde-lhe ele.

— Oh, vais passar. És muito inteligente. — E é. Ele possui a mente mais serenamente brilhante que ela alguma vez conheceu.

Param e beijam-se por momentos, e os braços dele são uma sensação agradável à volta dela, sente-se segura e estável, e pensa que talvez os corações deles estejam a construir fundações sólidas para o futuro.

Depois de terem caminhado durante mais tempo, ela apercebe-se de que alcançaram o velho poço. Quase não se vê no meio dos verdes e castanhos do bosque, o tijolo antigo coberto de musgo, uma relíquia de outros tempos. Uma coisa esquecida.

Ela debruça-se no rebordo e espreita para a escuridão lá em baixo, um abismo seco e vazio.

— Imaginei este poço quando estava em Westlands — diz ela. — Imaginei-me a chorar toda a minha tristeza aqui para dentro e depois a selá-lo. — É muito próximo da verdade. «Imaginei» não é a palavra certa, mas é o melhor que ela pode dizer ao David.

Ele aproxima-se por trás dela e coloca os braços à volta da sua cintura.

— Quem me dera poder fazer com que tudo fosse melhor.

— Tu fazes com que tudo seja melhor. — E é verdade, faz mesmo. Pode não ter a impetuosidade do Rob, que a faz sentir-se jovem e livre, mas é consistente. E é disso que ela realmente precisa. Apesar de sentir a falta do Rob, é o David que ela realmente quer. Ele é a sua fortaleza. O relógio dele ainda lhe pende no pulso e ela levanta-o. — Já podes usar o teu relógio?

— Posso, mas fica tu com ele. O facto de o usares faz-me sentir como se estivesse contigo.

— Tu estás sempre comigo, David Martin. Sempre. Amo-te. — Ela está contente por poder ficar com o relógio. Sabe que ele a visitará todos os fins de semana que puder, mas o relógio é como se fosse ele; de confiança. Forte. Tem um peso que ela pode sentir. Ela precisa de uma âncora. Talvez um dia lhe diga o porquê. E lhe explique sobre a noite do incêndio. Talvez. Quando eles forem velhinhos e ele vislumbrar mais mistério no mundo do que vê atualmente.

O ar da tarde arrefeceu e de repente ouve-se o bater silencioso da chuva nas folhas acima das cabeças deles. Um aguaceiro calmo e regular, em vez da força de uma carga de água, mas eles regressam à casa e fazem um piquenique com todo o tipo de comida, e bebem uma garrafa de vinho que o David trouxe com ele,

antes de se deixarem cair em cima da cama de um dos quartos de hóspedes. Ela ainda não está preparada para utilizar o seu próprio quarto. Pertence ao passado. Tanta coisa pertence ao passado.

— Devíamos vender esta casa — diz ela, depois de terem feito amor e estarem deitados cheios de sono na escuridão. Os seus dedos deslizam cuidadosamente ao longo da suavidade recente das cicatrizes no braço dele. Interroga-se o quanto ainda lhe doerão. O David nunca lho disse. — Depois de casarmos.

— Começar de novo — responde-lhe ele. Tal como ela, não se quer demorar ali, além de que para que quereriam eles uma casa enorme como esta? O pai dela só a queria para alimentar o ego.

— Começar de novo — repete ela, antes de ambos adormecerem. Nada de invocar rapidamente uma segunda porta esta noite. Não está preparada para isso. Apenas a primeira porta, para variar. Tenciona sonhar com o futuro deles juntos. Com o quão perfeito será.

LOUISE

— Uma vez que tens estado a ignorar as minhas mensagens, decidi aparecer no teu escritório à hora de almoço, para te fazer uma surpresa — diz a Sophie, entrando no apartamento a arrastar a pequena Ella atrás de si. — Mas quem teve uma surpresa fui eu, quando a Sue me disse que te tinhas demitido. Mas que merda é que se está a passar?

Era só o que me faltava agora. Mal dormi depois da aventura de ontem à noite e tenho os nervos em franja. Enviei uma mensagem à Adele esta manhã, para lhe dizer que precisava de a ver, mas não me respondeu e estou com medo de que talvez o David tenha encontrado o telemóvel. Que outro motivo haveria para não me responder, se ele está no trabalho?

A Sophie despe o casaco e atira-o para cima do sofá:

— Por favor diz-me que não te demitiste por causa *dele*. Diz-me que seguiste o meu conselho e que largaste os dois. Por favor diz-me isso.

— Tia Sophie! — O Adam surge vindo do seu quarto e abraça-se às pernas dela. — Ella! — A Ella é uma criança excêntrica e etérea que nunca parece repetir uma única palavra da linguagem colorida dos seus pais, ao contrário do Adam, à frente de quem tento não dizer asneiras, mas que às vezes consegue apanhá-las na mesma. Se um miúdo de seis anos é capaz de estar irremediavelmente apaixonado, então estou certa de que o Adam está apaixonado pela Ella.

— Estive em França durante um mês! E vou ter um irmão ou irmã! A Lisa está a fazer um bebé.

É a primeira vez que ele menciona a gravidez à minha frente — eu nem sequer tinha ideia de que ele sabia —, mas a sua cautela em relação a *assuntos-que-podem-aborrecer-a-mamã* perdeu-se no entusiasmo.

— O Ian vai ter outro filho? Não me disseste nada — diz a Sophie. Soa um pouco magoada. Encolho os ombros.

— Estavas demasiado ocupada a dar-me sermões. — A questão do bebé por nascer é ainda um assunto delicado para mim, mas não quero que ela se aperceba disso. Mandamos os miúdos irem brincar para o quarto do Adam, agarrados aos sacos com guloseimas que a Sophie trouxe, e vamos para a varanda com uma garrafa de vinho.

Ela acende um cigarro e estende-me o maço, mas aceno-lhe com o meu cigarro eletrónico.

— Deixei de fumar, mais ou menos — digo.

— Ena, parabéns. Ando farta de pensar em arranjar umas coisas dessas para mim e para o Jay. Talvez um dia. Bem — ela olha para mim, vinho numa mão e cigarro na outra —, fala comigo. O que é que aconteceu? Estás mais magra. É do stresse ou é de propósito?

— As duas coisas — respondo-lhe. E depois, contrariada, conto-lhe tudo. Estou quase a explodir por causa da ansiedade provocada por toda a situação e partilhá-la é um alívio. Ela deixa-me falar e falar, quase sem nunca me interromper, mas sei que cometi um erro quando vejo a expressão do seu rosto ficar sombria e as rugas de expressão que ela tenta disfarçar com a franja adensarem-se. Está a olhar para mim como se não conseguisse acreditar no que está a ouvir.

— Bem, não admira que tenhas perdido o emprego — diz ela, quando acabo finalmente de falar. — O que é que esperavas que ele fizesse? Tornaste-te amiga da mulher dele e não lhe disseste nada. — Ela está frustrada comigo. — Mas quem é que faz uma coisa dessas? Eu disse-te ao telefone que não podias continuar assim.

— Eu não fazia tenção de arrastar a situação — replico. — Simplesmente aconteceu.

— O quê, deixá-lo entrar em tua casa e comê-lo repetidamente depois de já seres amiga dela *simplesmente aconteceu*? Da mesma maneira que teres arrombado o gabinete dele *simplesmente aconteceu*?

— É claro que isso não aconteceu simplesmente! — respondo, zangada. Ela está a falar comigo como se eu fosse uma adolescente. Com o seu historial, esperava um pouco mais de compreensão.

— Seja como for, a questão não é essa. Estou preocupada com ela. E se ele andar a tentar livrar-se dela? O casamento deles

é muito estranho, e esta coisa toda dos comprimidos e de lhe controlar o dinheiro...

— Tu não sabes como é o casamento deles. — Ela interrompe-me. — Não estás lá. E o Jay também gere todo o nosso dinheiro, e olha que tenho a certeza de que não tem nenhum motivo sórdido para tal.

— Mas tu não vales uma fortuna — resmungo, combatendo a vontade de lhe lembrar que o dinheiro deles pertence *efetivamente* ao Jay, pois não é como se ela trabalhasse e levasse dinheiro para casa. — Isto é diferente.

Ela dá uma longa passa no cigarro, pensativa:

— Tens andado às cambalhotas com este tipo e já não andavas às cambalhotas com ninguém há imenso tempo, por isso deves ter gostado mesmo dele. Como é que estás do lado dela então? Tens a certeza de que não estás a sentir-te culpada e a tentar redimir-te de alguma maneira?

Ela conhece-me bem, tenho de admitir:

— Talvez seja isso em parte, mas há tantas provas nesse sentido, Sophie. E se a conhecesses pensarias o mesmo. Ele é tão temperamental. Tem um estado de espírito mesmo estranho. E ela tem tanto medo dele. É tão doce e frágil.

— Frágil? — Ela arqueia uma sobrancelha impecavelmente arranjada. — Ou maluca?

— Como assim?

— Bem, estás para aí a insistir na coisa dos comprimidos e tal, e a achar sinistro o facto de ele lhos andar a dar... mas e se ela tiver *realmente* um parafuso a menos? Já puseste essa hipótese?

— São comprimidos particularmente fortes.

Ela encolhe os ombros:

— Pode ser um parafuso particularmente solto.

Abano a cabeça, inflexível:

— Se ela fosse maluca, eu saberia. Seria perceptível. Passámos imenso tempo juntas.

— Sim, porque a loucura é uma característica sempre visível. Vai lá dizer isso àquelas pessoas que conheciam o Ted Bundy ou qualquer outro assassino em série. Só estou a dizer que talvez estejas a matutar demasiado no assunto. A ver coisas que não existem.

— Talvez — respondo-lhe. Não acredito nisso, nem por um instante, mas de nada serve continuar a falar com ela sobre este

assunto. Sei que tenho tendência para matutar nas coisas, mas não é o caso aqui. Quem me dera que ela não tivesse aparecido. A julgar pela sua expressão, penso que talvez esteja a pensar o mesmo. Está com pena de mim, vejo-o nos seus olhos, como se estivesse triste por eu nem sequer conseguir desfrutar do lado divertido de um caso amoroso.

— Talvez isto seja tudo por causa do Ian — diz ela, com cautela. — Por causa desta coisa do bebé. Não deve ser fácil para ti.

— Julgas que estou a inventar problemas no casamento do David e da Adele por o meu ex-marido ter engravidado a bimba da namorada? — respondo-lhe com rispidez. Mais parece um rosnido. «Vai à merda», penso, com um acesso de raiva. «Volta para a merda dos teus casos amorosos da treta. Não vou desistir da Adele. Não vou.» — Achas que inventei a pasta que encontrei? E os comprimidos? — Olhamo-nos fixamente durante longos instantes, sem falar.

— Não, é claro que não — responde-me ela, por fim. — Estou preocupada contigo, é só. Seja como for — ela finge olhar para o relógio de pulso —, tenho de ir andando. A minha mãe vai lá a casa esta noite, para mal dos meus pecados, e ainda tenho de pensar que merda é que vou cozinhar. — Ainda resta meia garrafa de vinho pousada aos nossos pés e tenho a certeza de que ela está a mentir. Não sei bem como é que isso me faz sentir. Sozinha. Sem amigos. Vazia. Zangada com ela.

— Adoro-te, Lou — diz ela quando a Ella já está pronta e elas estão junto à porta da entrada. — Mas não te metas nos assuntos deles. Nunca é bom intrometermo-nos num casamento. Passaste completamente das marcas. Sabes isso. Afasta-te. Deixa-os estar. Segue em frente.

— Vou pensar nisso — respondo-lhe. — A sério. Prometo.

— Ótimo — replica ela, esboçando-me um meio-sorriso. Parece que já estou a ouvi-la contar tudo ao Jay. «Oh, meu Deus, adivinha o que é que a Louise fez! É de loucos! A gaja não está boa da cabeça!»

Retribuo o sorriso enquanto ela e a Ella saem, mas tenho os dentes cerrados.

Guardo o resto da garrafa para quando o Adam já está na cama, apesar de ter passado a tarde a matutar no facto de a Sophie

ter feito troça das minhas preocupações em relação à Adele e ao David. Devia ter ficado calada. É a história da minha vida, sempre a deitar cá para fora coisas que devia guardar para mim. Ela ainda não me enviou uma mensagem desde que saiu daqui, nem sequer para dizer uma piada em jeito de pedido de desculpa, o que seria o seu procedimento normal. A Sophie detesta confrontos e, embora não tenhamos propriamente discutido, não há como negar a pesada nuvem de discordância e reprovação que pairara durante toda a nossa conversa. Ela tomou uma posição logo que percebeu que eu não tinha seguido o seu conselho para acabar tudo com os dois. A partir daí tudo o resto foi como ruído branco na sua cabeça. A sua mentalidade de fumadora de charros livre-pensadora e desregrada tem muito que se lhe diga...

Quando a campainha soa às 19h00, estou a servir-me do resto do *Sauvignon Blanc*, numa tentativa falhada de acalmar a minha disposição, e quase deixo cair o copo quando abro a porta. Não sei quem é que esperava que fosse. A Laura, talvez. A Sophie, até, para vir fazer as pazes.

Mas não. É ele. O David.

As noites longas de verão estão a desaparecer e o céu tornou-se cinzento. Parece uma metáfora para tudo o que aconteceu entre nós. O sangue sobe-me às faces e sei que até o meu peito ficou às manchas. Sinto náuseas. Sinto medo. Sinto um manancial de coisas que não consigo precisar. Os meus ouvidos zunem.

— Não tenciono entrar — diz-me ele. Está com um aspeto desleixado, a camisa mal enfiada dentro das calças. Os seus ombros estão descaídos. Sinto-me como se fosse uma vampira. Fiquei mais forte por ter passado a dormir melhor, e eles ficaram mais fracos.

— E eu não tencionava convidar-te a fazê-lo — replico, fechando ligeiramente a porta atrás de mim, para o caso de o Adam acordar. Além disso, sinto-me mais segura lá fora.

— As chaves do escritório. Quero-as de volta.

— O quê? — respondo-lhe, embora o tenha ouvido claramente e a minha boca tenha ficado seca de imediato.

— Sei que foste tu, Louise. Não contei a ninguém o que fizeste. Só quero as chaves de volta. Parece-me justo, não achas?

— Não faço ideia do que é que estás a falar. — Mantenho-me firme, ao mesmo tempo que o meu estômago dá mais uma volta.

— Não tens jeito nenhum para mentir. — Ele fita o chão, como

se não suportasse olhar para mim. — Dá-me as chaves.

— Também não preciso delas. — Levanto o queixo, num gesto desafiador, mas as mãos tremem-me enquanto as tiro do porta-chaves de concha e lhas estendo. Os seus dedos roçam nos meus ao aceitá-las e o meu corpo trai-me com uma sensação urgente de saudade. Será que ele a sente também? Que situação de merda esta. Como é que ainda posso ter estes sentimentos quando em parte ele me aterroriza?

— Quero-te longe, Louise. Já to tinha dito e não estava a brincar.

— E eu também já te disse que não sei do que é que estás a falar. E tenho-me mantido longe. Estou farta de vocês os dois. — Digo-o num tom zangado, mas é tudo mentira, mentira, mentira. E sou um livro aberto para ele. Detesto isso.

Ele olha-me durante um longo instante e lamento não o conseguir decifrar também. Os seus olhos azuis estão carregados, tal como o céu moribundo, e não vejo o que se passa por trás deles. O que ele está a pensar.

— Quero-te afastada de nós. Que é para ver se não te magoas.

— Isso é uma ameaça? — Apetece-me chorar e nem sei por que razão. Em que é que me fui meter? E, depois de tudo, porque é que me é tão difícil odiá-lo quando ele está assim à minha frente? O meu David.

Ele lança-me um olhar furioso. O David frio está de volta. O estranho.

— Sim, é uma ameaça. Acredita em mim, é uma ameaça. Sabes do que é que te esqueceste ontem à noite?

Fico calada, a fitá-lo. O quê? Do que é que me esqueci?

— Há uma câmara de vigilância na entrada da clínica.

Oh, meu Deus, ele tem razão. Estou a ver onde é que pretende chegar antes mesmo de ele mo dizer. E ele sabe que eu sei, mas explica-mo na mesma.

— Basta uma palavra minha para verificarem a gravação de ontem à noite e o mínimo que pode acontecer é nunca mais conseguires arranjar um emprego decente. No *mínimo*.

Ele espeta um dedo na minha direção e eu estremeço. Os comprimidos. A pasta com todos os apontamentos sobre a Adele. O episódio psicótico. As tendências sociopatas. Talvez seja ele quem sofre de tudo isso. Talvez ele não seja apenas um mercenário

a tentar sacar o dinheiro à mulher. Talvez o louco seja ele. Mas ainda assim, embora me tenha na palma da mão, também não ficaria nada bem visto se eu dissesse o que tenho para dizer. Eu também sou uma ameaça para ele.

— Afasta-te do meu casamento — termina ele. Cada palavra sua é cuspidada como se desejasse cuspir-me em cima.

— Diz o homem que fornicou comigo. Se calhar devias preocupar-te é contigo, em vez do que com o que eu faço ou deixo de fazer.

— Ah, mas eu preocupo-me, Louise — responde-me. — Acredita que sim. — Dá meia-volta para se ir embora, mas depois para. — Há uma coisa que eu gostava de saber. Uma coisa que eu *preciso* de saber.

— O quê?

— Como é que conhecestes a minha mulher, exatamente?

— Já te disse. Fui de encontro a ela. Não andava a *persegui-la*, nem a ela nem a ti. — «Não sejas convencido», apetece-me acrescentar.

— Isso já eu sei. Refiro-me a onde e quando.

Olho-o fixamente, hesitante:

— Que importância é que tem?

— Faz-me lá essa vontade, Louise. Quero saber.

— Foi de manhã. Tinha acabado de deixar o Adam na escola. Ela estava a regressar, depois de te ter acompanhado a pé até à clínica, e eu fui de encontro a ela, fazendo-a cair. — Parece que foi no dia anterior e, ao mesmo tempo, noutra vida. Tanta coisa aconteceu desde então. A minha cabeça começa a latejar. Por mais envolvida que esteja, por mais decidida a ajudar a Adele que me sinta, neste momento desejava nunca ter conhecido nenhum deles.

O David abana a cabeça e esboça um meio-sorriso:

— Claro — diz.

— O que foi?

Ele olha para mim então, mas o seu rosto está na sombra, os seus olhos dois clarões de luz na penumbra, as suas palavras imateriais:

— A minha mulher nunca me acompanhou a pé ao trabalho de manhã.

— Não acredito em ti — respondo-lhe. — Já não acredito em nada do que dizes.

Ele continua lá parado, uma figura ficando obscurecida ao

mesmo tempo que fecho a porta, banindo-o, reclamando o meu pequeno mundo, o meu espaço privado. Encosto o ouvido à porta para ver se ouço os seus passos no piso lá fora, mas a minha cabeça está cheia do som do meu coração a palpar-me nos ouvidos.

«Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus.» O que é que estou a fazer? Talvez a Sophie tenha razão. Talvez devesse afastar-me. Quanto da minha vida é que tenciono lixar por causa disto? O David tem o poder de me fazer parecer uma pessoa louca aos olhos do Dr. Sykes. Aos olhos de toda a gente. Posso nunca mais arranjar emprego. Posso ir parar à prisão. É tudo culpa minha. Culpa da minha curiosidade. Se não tivesse curiosidade em relação à Adele teria arranjado uma desculpa e não teria ido tomar café com ela naquela manhã. E o que é que ele quereria dizer com «ela nunca me acompanhou a pé para o trabalho?» Com certeza que o fez. O que é que ele está a tentar fazer-me pensar?

«Não confies nele», digo para mim mesma. «Não lhe dês ouvidos. Guia-te por aquilo que sabes. Sabes dos comprimidos. Sabes dos telefonemas. Sabes do problema dele com a bebida, do dinheiro e da pasta no consultório dele. Essas coisas são coisas sólidas. Além de que ele acabou de te ameaçar.»

A Adele ainda não me respondeu à mensagem, mas mesmo que decida afastar-me disto tudo, ela precisa de saber o que encontrei no consultório. Precisa de tomar as suas próprias decisões com base nisso. Irei ter com ela amanhã e depois esquecerei este assunto. Já o disse antes, mas agora é a sério. Tem mesmo de ser.

A minha cabeça está a latejar e sento-me no sofá, encostando o crânio às almofadas das costas. Preciso de me acalmar. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, deixando o ar entrar cada vez mais profunda e lentamente, e forçando os músculos tensos do couro cabeludo, do rosto e do pescoço a relaxar. Esvazio os pensamentos, imaginando-os a serem soprados por uma brisa noturna. Não quero pensar *neles*. Não quero pensar na minha confusão. Não quero pensar em nada. Quero deixar o meu corpo para trás, somente por uns instantes.

Acontece muito depressa. Quase entre fôlegos.

Os contornos prateados da segunda porta surgem na escuridão por trás dos meus olhos, brilhando tanto que quase semicerro os olhos, e depois, antes de sequer vislumbrar a

superfície ondulante da água, transponho-a e...

...estou parada, pairando acima de mim mesma. Mas não é possível, porque estou a ver-me sentada no sofá, a minha cabeça encostada para trás. Tenho os olhos fechados e a boca semiaberta. O copo de vinho está pousado em cima da mesa de apoio ao meu lado. Não me recordo de o ter trazido para dentro. Como é que estou a ver-me a mim própria? O que é que está a acontecer? Entro em pânico e sinto um puxão enorme no meu âmagô — *exatamente como o puxão que senti no meu sonho no quarto do Adam* — e depois os meus olhos abrem-se e estou de volta ao sofá.

Não há nada de calmo na minha respiração agora, e estou completamente acordada e alerta. Mas que merda foi esta? Olho para a mesa de apoio e vejo o copo de vinho, onde o devo ter pousado, distraída, depois de o David se ter ido embora. Mas que merda acabou de acontecer aqui?

ADELE

Observando, esperando, aprendendo e praticando. Há muito tempo que não me lembrava de ter dias tão preenchidos e é maravilhoso. Estou de saltos altos quando o David chega finalmente a casa, uns sapatos que combinam com a minha indumentária. É agradável arranjar-me de propósito e ser bela. A pele entre os dedos do meu pé direito está dorida e com crosta, mas a irritação a cada passo que dou vale bem a pena, tal como a *comichão* cada vez maior vale bem a pena. É um lembrete de que estou em controlo da situação. Mantém-me em controlo. Seja como for, já dominei isso agora. Estou preparada para essa parte do meu plano e ainda bem que agora posso enxotar o apaixonado do Anthony.

As coisas estão a começar a avançar rapidamente. A Louise é o meu pequeno *terrier*; agarrou o osso que lhe lancei e sei que não o vai largar. Estou curiosa para ver onde é que o vai levar, como é que vai levar a cabo o meu jogo. Não posso controlar por completo a forma como toda a gente se irá comportar neste conjunto de circunstâncias, mas de certa forma isso torna tudo mais interessante. Estou a apostar nas suas personalidades e até agora nem o David nem a Louise me desiludiram. O David pode ser o médico da cabeça, mas eu sei como é que as pessoas funcionam. E adapto-me.

A cozinha cheira maravilhosamente quando ele aparece e fica parado na entrada. Fiz uma *carbonara* fresca e uma salada de rúcula, que tenciono comer na totalidade mesmo que ele não o faça. Ele deixa-se ficar do outro lado do limiar, encostado à ombreira da porta. Está com um aspeto desalinhado. Não conseguirá manter a sua reputação na clínica se isto continuar por muito mais tempo.

— Estou a ver que continuas a representar o papel da mulher perfeita. — Ele esboça um sorriso enquanto fala, um humor perverso. Está a rir-se de mim; da minha roupa, da minha comida e de todo o meu esforço. Exibo um ar magoado. *Estou* magoada.

Ele já nem sequer finge amar-me.

— Devias comer qualquer coisa — digo-lhe. «Em vez de beberes todas as tuas calorias.»

— O que é que tu queres, Adele? A sério. — Ele olha para mim com uma expressão de desdém meio desfocada. — Para que serve tudo isto? Esta prisão em que vivemos? — Ele está claramente embriagado e pela primeira vez em muito tempo vejo uma agressão genuína e crua nele.

— Quero estar contigo. — É a verdade. É a minha verdade eterna.

Ele fita-me durante um longo momento, como se tentasse perceber o que se passa dentro de mim, quem eu sou realmente e que novo rótulo me poderá aplicar para tentar fazer sentido da coisa — esquizofrénica, sociopata, obsessiva, completamente pirada dos miolos — e depois deixa pender os ombros, por causa do esforço e da falta de resposta.

— Quero o divórcio — diz-me. — Quero que isto acabe. Tudo isto.

Não há necessidade de elaborar a última frase. Ambos sabemos o que é que ele quer dizer. O passado tem de ser exumado e enterrado como deve ser. O passado. O *corpo*. Ele já o tinha dito antes, mas desta vez não tenho a certeza se mudará de ideias quando estiver sóbrio, independentemente do que eu possa fazer. Independentemente de como o posso destruir, se contar a alguém.

— O jantar estará pronto dentro de dez minutos, se quiseses ir arranjar-te. — A minha normalidade perturba-o mais do que qualquer ameaça verbal.

— Tu sabias quem ela era, não sabias? — Ele odeia-me. O sentimento emana dele com mais intensidade do que a sua autocomiseração. — A Louise. Quando a conheceste, sabias?

Franzo o sobrolho, perplexa:

— De onde é que vem isso agora, David? Como é que eu podia saber que ela era tua paciente? — A sua mentira utilizada novamente contra ele.

— Tu sabes sempre. Como é que o fazes? — Ele está amargo, mas ainda assim soa fraco. Patético. Em nada parecido com o meu David.

— Não estás a fazer sentido nenhum. — Exibo uma expressão de preocupação. — Estiveste a beber? Tinha ficado combinado

reduzires. Disseste que o farias.

— Continua com os teus joguinhos, Adele. Continua com os teus joguinhos. Por mim chega. Já não quero saber. E não quero merda de jantar nenhum.

Ele grita a última frase ao mesmo tempo que desaparece para o piso de cima, e interrogo-me sobre o que terá acontecido à pessoa por quem me apaixonei. O quão fundo estará escondida nesta amostra vergonhosa de homem? Eu sei que ele foi vê-la. Para a avisar. Ele ama-a mesmo, o que por um lado me agrada, mas por outro dá-me vontade de pegar numa das nossas facas *Sabatier* e ir lá acima esquartejar-lhe aquele seu coração ingrato de merda. Suprimo essa vontade. Jamais conseguiria fazer mal ao David, sei-o bem. É essa a minha cruz.

E, seja como for, a Louise entendeu o aviso dele como uma ameaça, porque ela me pertence. Vê as *minhas* verdades. Pelo menos para já. Ainda não respondi à sua mensagem e também não o farei. Preciso que venha cá amanhã. Preciso que dê comigo. É mais uma coisa que terá de compreender antes de poder juntar todas as peças do nosso rosário de desgraças. Mostrar em vez de explicar, não é o que se costuma dizer? E é isso que vou fazer. Amanhã será mais uma migalha no rasto que estou a deixar para ela. É a minha pequena boneca de corda, caminhando em qualquer direção que eu lhe indicar.

Meu Deus, como eu amo a Louise. Amo-a quase tanto como amo o David. E depois de eu ter partilhado a minha história com ela, irá odiá-lo. Não consigo evitar achar que ele o merece.

LOUISE

Está a chover a cântaros, lençóis de água caindo do céu, e o cinzento está bem carregado lá em cima quando deixo o Adam nos Tempos Livres. O tempo seco chegou ao fim e embora não esteja frio e não haja vento outonal a soprar a chuva para cima de mim, a sensação é a de uma espécie de dobrar dos sinos pelo fim do verão. Já é quase setembro. Ele dá-me um beijo de despedida e corre para o interior, o meu menino simpático e confiante, habituado a esta rotina. Não lhe disse que não vou trabalhar. Em vez disso, expliquei-lhe que tinha tirado uns dias de folga para passar tempo com ele e agora voltámos à normalidade. Ele não presta grande atenção à questão. Tem seis anos, para ele os dias passam a correr, mas em breve estará com o pai e não me sinto preparada para a discussão do «Ah, a mamã não tem ido trabalhar».

Paro no Costa Coffee e sento-me à bancada que existe a todo o comprimento da montra, observando através do vidro embaciado as pessoas que percorrem rapidamente a Broadway debaixo de chuva, cabisbaixas, chapéus-de-chuva embatendo uns nos outros, como chifres de antílope. Tenho a boca a ferver por causa da bebida quente e observo impacientemente o relógio até achar que poderá ser seguro partir. Não faço a mais pequena ideia se o David entrou ao serviço à hora do costume. Tentei verificar a sua agenda, mas já não tenho acesso. O sacana deve ter-mo cancelado. Seja como for, vou lá a casa. Preciso de ver a Adele e ela ainda não me respondeu à mensagem, por isso estou preocupada. Que se lixe se ele estiver em casa. Talvez eu conte à Adele o que fizemos. Talvez isso a leve a fazer o que tem de fazer. Irei perdê-la a ela também, mas pelo menos ela ficará livre.

Às 10h00, preparo-me para entrar em ação e dirijo-me para lá. O carro dela encontra-se estacionado, o que significa que ainda não saiu para o ginásio, isto se ainda continuar a ir, e, com o coração na boca, toco à campainha. Ouço-a ecoar do lado de dentro, um som pesado e fiável. Fico à espera, espreitando pelo vidro à procura de

qualquer sombra de movimento, mas a casa está em silêncio. Toco mais uma vez, dessa vez durante mais tempo. Ainda nada. Onde é que ela estará? Com este tempo não deve estar no jardim e, de qualquer maneira, sei que se consegue ouvir a campainha de lá. Toco uma terceira vez, premindo o botão durante quase dez segundos. Pelo menos já sei que o David não está em casa. Se estivesse, por esta altura já estaria na entrada a berrar comigo.

A porta continua firmemente fechada à minha frente. Talvez ela tenha dado um salto às lojas locais. Mas à chuva? Com certeza teria pegado no carro e ido ao Sainsbury's, se precisasse de alguma coisa? Deixo o meu chapéu-de-chuva junto à porta e desço os poucos degraus para espreitar pela enorme janela de sacada; ponho as mãos em torno dos olhos e espreito o interior. É o escritório do David, pelo que não estou à espera de ver nada, mas a Adele encontra-se sentada numa poltrona de orelhas a um canto, junto às estantes. Tem um braço dependurado e o seu corpo deslizou para o lado, somente os rebordos da antiga poltrona de couro a ampará-la. Bato no vidro.

— Adele! Sou eu! Acorda!

Ela não se mexe. Nem um milímetro. Como é possível não me ouvir? Bato com mais força e repito o seu nome, atenta por causa de possíveis vizinhos metedidos que possam mencionar ter-me visto a bater à porta «daquele simpático médico da casa do lado». Ainda nada. Ele deve tê-la obrigado a tomar aqueles comprimidos antes de ir para o trabalho; é só o que me ocorre. Talvez ela tenha tomado demasiados. Talvez tenha tido uma reação adversa a eles. «Merda, merda, merda.»

Torno a olhar para a porta da entrada, o meu cabelo agora colado ao rosto, pingos de água gelados escorrendo-me por baixo do colarinho do casaco, fazendo-me contrair e tremer de frio. Vejo as plantas grandes. As *chaves*. Vasculho a terra até as encontrar, centímetros mais abaixo, centelhas prateadas. A fechadura de baixo está destrancada, ao menos o David não a trancou em casa, que foi a primeira coisa que me ocorreu, pelo que enfio a chave *Yale* e rodo-a. Já entrei.

Os meus sapatos deixam pegadas no chão deles perfeito ao mesmo tempo que corro para o escritório, mas não quero saber. Não me importa que o David descubra que estive aqui. Não quero mais nada com ele.

— Adele — exclamo, abanando-lhe ligeiramente o ombro.

— Acorda, Adele. Sou eu. — A sua cabeça pende para a frente e por uns terríveis instantes julgo que está morta, mas depois vejo o leve erguer da respiração no seu peito. Pego-lhe na mão — os seus dedos estão gelados. Há quanto tempo estará aqui sentada?

— Adele! — grito o seu nome. — Acorda! — Ainda nada. Estou a esfregar-lhe a mão para a aquecer e penso que talvez seja necessário dar-lhe um estalo ou algo drástico. Deverei chamar uma ambulância? Tentar que ela vomite? Torno a abaná-la, dessa vez com muito mais força, e por uns instantes acho que não vai resultar, mas depois ela senta-se muito direita na poltrona, as mãos agarradas aos braços da mesma. Arqueja ruidosamente, como se tivesse estado a afogar-se, e os seus olhos abrem-se de repente.

É tão dramático que cambaleio para trás:

— Que merda, Adele.

Ela olha-me fixamente como se eu fosse uma estranha e depois pisca os olhos. A tensão na sua coluna desaparece e ela olha em redor, a arfar, a sua respiração ainda irregular.

— O que é que estás aqui a fazer, Louise?

— Entrei com as chaves. Não estavas a ouvir a campainha e eu via-te pela janela. Estás bem?

— Estás encharcada — diz-me ela, ainda desorientada. — Precisas de uma toalha.

— Eu estou bem. Estava preocupada era contigo. Quantos comprimidos tomaste esta manhã?

— Só um. Estava a... — Ela franze as sobrancelhas, organizando os seus pensamentos. — Lembrei-me de procurar aqui outra vez, para ver se encontrava algo. Qualquer coisa. Depois senti-me muito cansada e decidi sentar-me.

— Eu pensava que estavas morta, caramba — respondo-lhe e depois dou uma risada, os meus nervos a necessitarem dessa libertação. — Bem, a pasta dele sobre ti não está aqui. — Ela foca o olhar nesse instante.

— O quê?

— Está no gabinete dele. Fui lá ver. Mas primeiro — pego-lhe no braço e ajudo-a a levantar-se da poltrona —, estás a precisar de um café.

Ficamos na cozinha, de caneca de café na mão, a carga de água que continua a cair lá fora batendo contra as janelas, enquanto lhe conto o que descobri, falando numa voz baixa e lenta, para ela poder interiorizar tudo.

— A questão aqui é — digo eu, após uma longa pausa depois de ter acabado de falar — que esses apontamentos que ele tem andado a guardar vão até dez anos antes. Primeiro pensei que estivesse a tentar arranjar maneira de seres internada para poder ficar com o teu dinheiro, mas isso seria uma coisa mais recente, não te parece? Não pode andar a planeá-lo há tanto tempo. Quer dizer, será possível que sim? Não faz qualquer sentido.

A Adele olha diretamente em frente, o seu rosto carregado de tristeza.

— Para mim faz todo o sentido — diz, por fim. — É uma apólice de seguro.

— Como assim?

— Eu tive uns problemas quando era mais nova, depois do que aconteceu aos meus pais, depois de Westlands, mas não é nada disso. Não é por isso que ele tem a pasta. É por causa do Rob.

Franzo o sobrolho, confusa:

— O que é que tem o Rob?

— É uma garantia, para o caso de eu decidir dar voz às minhas suspeitas em relação ao que lhe aconteceu. Em quem é que iriam acreditar? No médico respeitável ou na esposa demente?

— Não estou a perceber. — Isto é uma nova reviravolta na loucura que é o casamento deles. — O que é que aconteceu ao Rob?

— O Rob é o segredo sobre o qual nunca falamos — replica ela e depois deixa escapar um longo suspiro. Parece pequena sentada na cadeira, mais estreita com os ombros curvados, como se tentasse dobrar-se sobre si mesma e desaparecer. Está mais magra também. A definhar.

— Quero mostrar-te uma coisa — diz-me ela. Põe-se de pé e sigo-a enquanto me conduz escadaria acima.

O meu coração está a cem à hora. Irei finalmente ficar a saber o que é que está na essência deste casamento onde me vim envolver? Sigo-a até ao enorme quarto principal, com teto alto e muito arejado, e uma casa de banho privativa no canto. Tudo nele é elegante, desde a cama de ferro, robusta, larga e claramente proveniente de um sítio como o Liberty's e não uma cópia leve de uma cadeia de lojas de móveis qualquer, ao edredão feito de algodão egípcio, um tom castanho-escuro para contrabalançar com o verde-azeitona das paredes e a madeira rica e polida do chão. Numa parede atrás da cómoda veem-se três riscas grossas com

diferentes tons de verde, pintadas do teto ao chão. Eu jamais conseguiria ter tanto estilo.

— Era cor de magnólia quando nos mudámos para cá — diz ela. — Ou pelo menos um tom esbranquiçado qualquer. — Está a olhar para as paredes, com uma expressão pensativa e refletiva. — Escolhi estas cores para o testar. São as cores do bosque da herdade dos meus pais. Nunca lá vamos. Não depois de eu ter lá estado logo a seguir a Westlands. Não desde que o Rob me foi visitar. — Ela passa os dedos sobre as paredes, como se estivesse a sentir a casca de uma árvore em vez de estuque frio.

— Ele recusa-se a vendê-la, apesar de estar ali parada, vazia e esquecida. — Ela fala numa voz calma, tanto para mim como também para si mesma. — Penso que essa é uma das razões por que teria alguma relutância em devolver-me o controlo do dinheiro. Sabe que me despacharia dela. E isso é um risco muito grande.

— O que é que aconteceu ao Rob? — pergunto-lhe, o coração a bater furiosamente. Ela vira-se para mim, de olhos bem abertos e com um ar belo, e deita cá para fora a sua resposta como se fosse a coisa mais simples do mundo para se dizer:

— Acho que o David o matou.

Ouvi-lo proferido em voz alta, em vez de ser uma suspeita na minha mente, provoca-me uma tontura. O David. Um assassino? Mas isso será possível sequer? Retrocedo e deparo-me com a cama, sentando-me com força em cima dela.

«Acho que o David o matou.» Sinto-me tal como me senti quando o Ian me disse que a Lisa estava grávida, mas de uma maneira amplificada.

— O Rob foi lá passar uns dias — continua a Adele. — Andava chateado com a horrorosa da irmã e mandou-me uma mensagem. Insisti para que ele fosse ter comigo a Perth. Ele tinha sido tão bom para mim. Tinha-me praticamente ressuscitado. Queria retribuir essa ajuda. Talvez dar-lhe algum dinheiro para que arranjasse um sítio alhares longe daquele sítio pavoroso onde ele estava a morar. Estava toda contente por o ter lá. O Rob era assim. Fazia a pessoa sentir-se feliz. Sentir-se especial. Sugeriu ao David que talvez pudesse ficar a morar connosco durante uns tempos, quando fôssemos casados. Só até ele se orientar sozinho. O David não gostou da ideia. Tinha ciúmes do Rob. O David sempre cuidara de mim, mas em Westlands o Rob assumira esse papel. Desconfiava de que havia mais do que simples amizade, apesar de eu lhe ter

dito que não era nada disso. Eu amava o Rob, mas não dessa maneira. E também não me parece que ele me amasse dessa maneira. Éramos como irmãos.

Estou atenta a cada palavra sua, simultaneamente em antecipação e receio.

— O que é que aconteceu? — A minha boca parece serradura e mal consigo proferir as palavras.

— O David foi passar um fim de semana enquanto o Rob lá estava. Achava que quando finalmente se conhecessem tudo ficaria bem. Pensava que o facto de os amar aos dois seria suficiente para eles se amarem um ao outro, apesar de serem muito diferentes. Em retrospectiva, fui incrivelmente ingénua. O Rob estava decidido a fazer um esforço, portou-se muito bem para uma pessoa tão desregrada, mas o David queria que ele se fosse embora. No sábado o David parecia um pouco mais descontraído, pelo que o Rob me disse para me ir deitar que eles ficariam a conversar. Achava que precisavam de tempo para falarem de homem para homem. — Ela torna a olhar para as paredes, as cores do bosque, os seus olhos pairando sobre elas como se o passado estivesse lá escrito. — Quando acordei, o Rob já não estava lá — continua. — O David disse que ele tinha decidido ir-se embora e a princípio pensei que talvez o David lhe tivesse dado dinheiro para ele partir. Mas isso não fazia qualquer sentido. Eu já tinha oferecido dinheiro ao Rob e ele jamais teria aceitado um suborno para não ser meu amigo. Ele não era desse género. Ter-se-ia rido de uma coisa dessas. Às vezes, quando revejo tudo na minha mente, interrogo-me se ele terá decidido confrontar o David por causa do meu dinheiro. Talvez lhe tenha dito que devia devolvê-lo. Disse-me que não falaria sobre esse assunto, mas quem sabe? Talvez o tenha feito. Talvez isso tenha feito o David perder as estribeiras. Talvez tenham discutido e a situação tenha ficado descontrolada. Uma coisa sei, o Rob jamais teria partido sem se despedir de mim.

— Tens a certeza? — pergunto-lhe, tentando encontrar alguma racionalidade nisto que não envolva o meu ex-amante casado ter matado um rival. — Quer dizer, talvez tenham discutido, ou brigado, e o Rob tenha decidido que seria melhor ir-se embora. É possível, não achas?

Ela abana a cabeça:

— O Rob tinha escondido as drogas dele e o caderno no celeiro. Só os encontrei depois de eu e o David nos termos casado,

mas o Rob nunca teria deixado lá as drogas. Não se estivesse zangado. Ter-lhe-ia apetecido ficar pedrado.

— Alguma vez confrontaste o David em relação a isso? Perguntaste-lhe?

— Não. Casámo-nos rapidamente, talvez um mês ou isso depois de ter visto o Rob pela última vez, e o David já estava diferente nessa altura. Estava mais reservado. Mais frio comigo. Depois descobri que estava grávida. — Os seus olhos enchem-se de lágrimas que não chegam a cair, ao mesmo tempo que eu a acompanho na interiorização do terror da situação.

— Fiquei tão feliz. Tão feliz. Mas o David obrigou-me a fazer um aborto. Disse que não tinha a certeza de que era dele. Depois disso tive um pequeno esgotamento; acho que não conseguia encarar os meus receios em relação ao Rob e ainda estava a recuperar da morte dos meus pais, e depois, para rematar, o aborto, foi tudo demais para mim. Mudámo-nos para Inglaterra e pronto. O David ficou mais carinhoso e cuidou de mim, mas recusou-se a vender a herdade.

— Achas que o Rob ainda lá está, não é? — digo eu, perdida no passado deles e aterrorizada com o nosso presente. — Algures nos terrenos?

Ela fica imóvel durante um longo momento e depois acena com a cabeça.

— O Rob nunca se iria embora daquela maneira. Nunca. Eu era tudo o que ele tinha. Já teria entrado em contacto comigo entretanto. — Ela senta-se ao meu lado em cima da cama. — Se ainda estivesse vivo.

Nenhuma de nós diz uma palavra durante imenso tempo depois disso.

ADELE

Ela insiste em ficar mais algum tempo e em conversar mais um pouco sobre o assunto, como seria de esperar. Está transtornada, vejo-o bem, mas a sua mente não para. Aquela cabecinha curiosa e ativa. *Tique. Tique. Tique.* Sempre a trabalhar. Quando me pergunta porque é que nunca procurei o Rob, faço o meu patético encolher de ombros e respondo que não queria saber. Amava o David e tinha casado com ele. Era jovem. Ele era o meu porto de abrigo. Admira-me que não me dê um valente estalo e não me diga para abrir os olhos para a vida. Se eu estivesse no seu lugar queria fazê-lo, depois de ter ouvido as minhas baboseiras. Digo-lhe que me sinto cansada e que não quero falar sobre o assunto, e vejo-a ficar com pena de mim. Cala-se.

Não é preciso muito para a fazer ir-se embora. Menciono que o David vai ligar e que depois me vou deitar um pouco, e ela acena com a cabeça e abraça-me, apertando-me com muita força naqueles seus braços mais magros e firmes, mas percebo que já está a pensar no que fazer a seguir. Como é que me poderá ajudar, ou ajudar-se a si mesma, ou seja lá o que for. Desde que o resultado final seja o mesmo, que importa isso?

O David não telefona à hora combinada; mais uma pista de que ontem à noite estava a falar a sério. Está a lavar as mãos do meu assunto. Talvez até a desafiar-me a levar a cabo a minha ameaça. Coitado. Está completamente nas últimas.

Faço um chá de hortelã-pimenta, subo ao piso de cima e deito-me em cima do edredão fresco, fitando o teto. Estou incrivelmente calma, tendo em conta a situação. Há ainda umas pontas soltas e estou a contar que a Louise encontre e junte as peças do quebra-cabeças que estou a dispor à sua frente. No momento certo precisará de entender a importância desta manhã. Se não o fizer, terei de arranjar outra maneira de lho mostrar. Ainda assim, a vida é melhor quando é interessante. Sinto-me muito satisfeita.

Contarem-nos algo nunca é suficiente. Eu *contei* à Louise o

que acho que o David fez todos aqueles anos antes, mas as palavras não têm grande peso. Momentâneos sons no ar não possuem qualquer solidez. As palavras escritas talvez tenham um pouco mais, mas mesmo nessa situação as pessoas nunca confiam o suficiente umas nas outras para não terem dúvidas. Nunca ninguém pensa o melhor sobre os outros.

Para acreditar na veracidade de uma coisa é preciso sofrer essa coisa. É preciso sujar as mãos com lama e ficar com lixo debaixo das unhas. É preciso escavar. Pelo menos no caso de uma verdade como a minha e do David. Não pode ser compreendida pelo simples ato de ser contada. Preciso de levar a Louise a entrar no fogo antes de ela poder emergir do outro lado, pura e limpa e cheia de confiança. Para o David ficar finalmente livre e aliviado do fardo, ela terá de carregar o fardo primeiro. A verdade terá de ser *dela*. Ela terá de levar a verdade até ele.

E depois deixar que a verdade os deslinde.

LOUISE

... Vou esperar até que a Ailsa esteja a dormir, ou completamente embriagada com o atrasado do Gary, e depois vou. Bardamerda para eles e para o seu apartamentozinho de merda e as suas vidinhas de merda neste bairro social de merda. Pilton Cheira a Mijo. Como se o mundo fosse esta merda. Se calhar até é, para eles. Mas não vai ser assim para mim. Não admira que me tivesse apetecido ficar completamente pedrado assim que voltei para cá. O que é que eles pensavam, que depois do centro de reabilitação e tudo o mais, a treta de Westlands iria resultar, como por milagre? São uns idiotas. Uns merdas. São todos uns merdas e sinto a merda deles a tentar colar-se a mim. Nem sequer se vão importar quando me for embora. Vão ficar aliviados. E também vão ficar «aliviados» de todo o dinheiro que houver no apartamento, ah-ah-ah! Preciso de alguma coisa para levar comigo para casa da Adele e hoje foi dia de receberem os subsídios. Perdem eles, mas ganho eu.

Nem acredito que a vou ver em breve. É como se o mundo cinzento tivesse ganhado novamente cor. Quase não lhe enviei a mensagem. Não queria correr o risco de ela dizer que não. E como isso me iria fazer sentir. Não estou acostumado a gostar de alguém desta maneira e a desejar que esse alguém também goste de mim. Não estou habituado a gostar de ninguém. Se não fosse a porta dos sonhos que me tem permitido vê-la imaginada por mim acho que já teria dado em doido. Ri-me e disse piadas quando nos despedimos, mas ela percebeu que estava a custar-me. E estava a custar-lhe a ela também, mas apesar de o ter tentado disfarçar para eu não me aperceber, estava entusiasmada por poder sair de lá. Ela tem uma vida, tem dinheiro, tem o David. Eu tenho um quarto minúsculo a precisar de uma pintura, num merdoso apartamento de habitação social em Edimburgo que pertence à cabra da

minha irmã.

Mas agora estou livre! Apanho boleia ou vou às escondidas do pica no comboio até Perth, e ela disse-me para depois apanhar um táxi que ela paga. Tem saudades minhas, deu para perceber. E é isso que me deixa tão contente. Eu faço-a rir. Ela é diferente quando está comigo. Diz que vou poder conhecer o David porque ele a visita alguns fins de semana. Acha que nos vamos dar bem, mas eu acho que a única coisa que eu e o chato do David temos em comum é que nenhum de nós está convencido disso. Ele não me vai querer por perto. Eu próprio não me iria querer por perto. Mas vou tentar, por causa dela. Não é como se ele fosse estar sempre lá. Posso fingir gostar dele durante dois dias de cada vez, se isso fizer a Adele feliz. Posso inclusivamente tentar não ficar pedrado enquanto ele lá estiver. Não me vou deixar abater por essa coisa do David. Amanhã estarei novamente com a Adele! Vai-te lixar, vida antiga, olá, vida nova! Adele, Adele, Adele! A passagem para o meu futuro risonho.

Não há mais nada no caderno; o que quer que o Rob tenha escrito depois disso foi arrancado. Terá sido o David? Será que essas páginas continham coisas que o poderiam incriminar? A minha mente está em polvorosa, trabalhando com tanto fervor que tenho o couro cabeludo quase a arder. Será mesmo possível que o David tenha matado o Rob? Talvez tenha sido um acidente. Talvez tenham brigado e as coisas se tenham descontrolado e ele tenha batido com a cabeça ao cair ou algo assim?

Ou talvez o Rob não esteja morto. Talvez a Adele esteja a preocupar-se sem motivos e ele se tenha *efetivamente* ido embora. Ela diz que ele jamais se deixaria subornar, mas ele roubou o dinheiro do subsídio de desemprego da irmã, por isso quem sabe? A julgar pelo caderno é óbvio que a amava, mas vinha de uma família pobre e talvez a promessa de vários milhares de libras na mão tenha sido demasiado aliciante para recusar? Mas então por que motivo é que o David se recusa a vender a herdade, se não há nada a esconder?

Perguntas, perguntas e mais perguntas. Parece que desde que o David e a Adele entraram na minha vida que tenho andado cheia de perguntas. São como limos na água. Sempre que penso que

posso nadar para longe, outro limo emaranha-se-me nas pernas e arrasta-me para baixo.

Preciso de saber o que é que aconteceu ao Rob. Preciso de o encontrar. Já não tem nada que ver com a Adele ou o David, preciso de saber por *mim*. Não posso ficar com esta coisa do *não saber* na minha cabeça para sempre. Só tenho de ir buscar o Adam às 17h15, pelo que preparo um café forte — embora já tenha os nervos em franja — e abro o meu portátil. Hoje em dia é possível encontrar toda a gente. Se o Rob era apenas uns meses mais velho do que a Adele, então ainda não tem trinta anos. Com certeza que, mesmo sendo ele um drogado a viver algures, haverá algum vestígio dele? Espreito a primeira página do caderno, onde o nome completo dele se encontra impecavelmente escrito, e digito-o no Google: *Robert Dominic Hoyle*.

Aparece-me uma lista de resultados; várias contas LinkedIn, algumas páginas de Facebook e algumas notícias. Com o coração a bater com força, perscruto todos eles, mas nenhum coincide. São demasiado velhos, americanos, demasiado novos e o único cuja fotografia de perfil do Facebook parece corresponder à mesma idade diz que a pessoa é de Bradford, e depois tem uma lista de escolas frequentadas, nenhuma delas na Escócia. Tento pesquisar o nome acrescentando as palavras «desaparecido ou falecido», mas obtenho os mesmos resultados. Tento «Robert Dominic Hoyle Edimburgo» e nada.

O meu café permanece intacto, e frio, ao meu lado e nem sequer estou a fumar o cigarro eletrónico. Porque é que não há quaisquer resultados sobre ele? Se o David o tivesse *realmente* subornado, então pelo menos por uns tempos teria estado bem na vida. Com certeza teria comprado um portátil e arranjado acesso à Internet? Acho que toda a gente tem Facebook. Mas, a julgar pelo caderno, não parece que tivesse muitos amigos ou qualquer desejo real de os ter. Somente a Adele e provavelmente alguns drogados. O Facebook talvez não fosse propriamente a sua cena. Talvez esteja a morar nalguma casa ocupada ilegalmente algures e tenha gastado o dinheiro todo em droga? Mas isso não parece fazer grande sentido. Os drogados são peritos a arranjar estratégias — todos os drogados o são, a condição de que padecem torna-os assim. Se o Rob precisasse de dinheiro, teria arranjado maneira de voltar a aparecer na vida da Adele para tentar sacar algum — quer dela, quer do David. Talvez o tenha feito. Talvez o David ainda ande

a pagar-lhe, de tempos a tempos, sem dizer nada à Adele. Mas porquê dar-se a esse trabalho? Além de que a pergunta principal continua por responder — porque é que ele não vendeu a herdade? Ou não a arrendou? Porque é que ainda lá está completamente às moscas, quando podia estar a render dinheiro?

Olho fixamente para o monitor, desejando ver aparecer uma resposta, e depois decido tentar outra coisa. Ailsa, a irmã do Rob. Digito o nome dela e começo a separar o trigo do joio. Tal como aconteceu com o Rob, há várias pessoas com o mesmo nome espalhadas pelo país e pelo globo, e depois um registo eleitoral dá-me uma listagem com sete Ailsas, em que apenas uma delas mora em Edimburgo.

Bingo.

Não consigo obter uma morada nesse *site* sem pagar, o que até estou preparada para fazer, que se lixe o facto de estar desempregada, mas na página seguinte deparo-me com um pequeno artigo sobre um Festival das Artes de Lothian. Menciona uma série de lojas locais que foram estabelecidas com a ajuda de subsídios e que vão ter bancas nesse festival. Uma delas chama-se *Candlewick* e aparece também o nome da proprietária — Ailsa Hoyle. *Candlewick* tem um *site* na Net e uma página de Facebook. Encontrei-a. Pelo menos espero que seja ela. Fito o número de telefone que quase parece querer saltar do monitor. Tenho de ligar para ele. Mas e o que é que hei de dizer? Como é que vou começar esta conversa sem parecer uma doida varrida? Vou ter de mentir, sei isso, mas que tipo de mentira?

Olho para o velho caderno e ocorre-me de repente. Westlands. É com base nisso que a vou abordar. Utilizo o telefone fixo para poder ocultar o meu número, mas ainda assim caminho de um lado para o outro na sala durante uns minutos, fumando o meu cigarro eletrónico, antes de ganhar coragem para carregar na tecla para ligar. «Muito bem», penso por fim, o meu corpo fervilhando de nervosismo. «É agora. Liga-lhe. O mais certo é ela nem lá estar.»

Mas está. O coração sobe-me à boca quando a empregada da loja a chama ao telefone.

— Daqui fala a Ailsa, em que é que posso ajudá-la? — A sua pronúncia é carregada. Consigo imaginar aquela voz, livre da cordialidade classe média reservada para falar ao telefone, a gritar com o Rob.

— Boa tarde — respondo, falando numa voz mais profunda e

agradável, tal como fazia quando atendia as chamadas na clínica. — Peço desculpa por estar a incomodá-la no trabalho, mas queria saber se seria possível roubar uns minutos do seu tempo. Estou a escrever uma dissertação sobre a eficácia da Clínica Westlands — de repente apercebo-me de que não faço ideia onde era a clínica, nem sei o nome de nenhum dos médicos, e que estou vergonhosamente mal preparada para levar a cabo este logro, caso ela comece a questionar-me —, e julgo que o seu irmão esteve lá durante uns tempos. Robert Dominic Hoyle? Ando a tentar localizá-lo, mas o nome dele não me aparece em registo nenhum. Queria saber se por acaso tem o contacto de telemóvel dele ou se lhe poderia dar o meu.

— Westlands? — Ela dá uma gargalhada seca. — Sim, lembro-me bem. Uma perda de tempo. O Robbie voltou a usar dias depois de ter saído de lá. Depois roubou-me o dinheiro da carteira e pirou-se a meio da merda da noite. Desculpe a linguagem. — Ela faz uma pausa, talvez perdida nas suas próprias recordações exasperadas. — Mas infelizmente não a posso ajudar. Nunca mais tive notícias dele. Deve estar morto ou perto disso, num beco algures.

— Lamento sabê-lo. — Tenho o coração na boca.

— Oh, não faz mal — responde-me ela. — Foi há muito tempo. Além de que ele era um merdas, era mesmo. Para isso não há cura.

Peço desculpa por a ter incomodado e murmuro uma despedida educada, mas ela já desligou. Vou despejar o café velho e preparo um novo, só para me ocupar enquanto interiorizo a conversa. É realmente possível. Aquilo de que a Adele desconfia pode ser verdade. Só agora começo a ver isso mesmo. Não obstante todas as minhas dúvidas, no fundo estava praticamente certa de que o Rob ainda estava vivo. Estas coisas não acontecem na vida real. Homicídio. Cadáveres escondidos. Só nas notícias, e em filmes e livros. Não na minha existência mundana e desinteressante. Ignoro o café e encontro uma garrafa de *gin* esquecida por ocasião do Natal na parte de trás do armário. Não tenho água tônica, mas acrescento *Coca-Cola Diet* a uma quantidade generosa de *gin* e bebo um longo trago para me acalmar, antes de pegar numa folha de desenho do Adam e ir buscar uma caneta. Preciso de organizar as ideias. Começo por fazer uma lista:

David — Quer o dinheiro ou estará a proteger-se da Adele? Ou as duas coisas?

Rob — Desaparecido. Ainda na herdade, algures? O que é que estava escrito nas páginas que foram arrancadas? Provas de uma discussão? Oferta de dinheiro?

O caderno faz-me lembrar uma das suspeitas do Rob, e acrescento-a:

Os pais da Adele. Terá sido realmente um acidente? Quem beneficiou com isso — DAVID.

Os pais da Adele. É claro — porque é que não me lembrei disso antes? Deve haver alguma coisa sobre o sucedido na Internet. O incêndio deve ter sido uma notícia grande. Olho para o relógio — 16h45. Tenho de ir buscar o Adam, o que quase me faz gritar de frustração, e depois odeio-me a mim própria por isso. Tantas vezes que quis que ele voltasse rapidamente das férias e agora estou a largá-lo nos Tempos Livres quando nem sequer é preciso, e a ficar ressentida com o facto de ele estar a atrapalhar a minha... a minha quê? Investigação de *homicídio*? Quase rio em voz alta perante a absurdidade de o admitir a mim própria. Porque é isso que estou a fazer. Estou a tentar juntar as peças de um homicídio.

Vou ter de ir comprar uma garrafa de vinho.

— Mas ainda não quero ir para a cama.

Adoro o meu menino, mas detesto quando ele se põe com choraminguices e a verdade é que o faz com mais frequência desde que regressou de França.

— Não estou cansado.

— Está na hora de dormir e acabou-se a conversa. Vai vestir o pijama.

— Só mais um jogo.

— Eu disse agora, Adam! — Ele sai de rompante em direção ao seu quarto, a bufar e a choramingar o caminho todo, mas um único olhar para o meu rosto diz-lhe que o assunto está encerrado. Ajudei-o a colorir o trabalho de casa dos Tempos Livres, ele já

jantou e jogou uns jogos, e agora estou ansiosa para que vá dormir, para eu poder regressar à minha caça ao tesouro na Internet. Não o posso fazer enquanto ele estiver acordado — passaria o tempo todo a espreitar por cima do meu ombro e a fazer-me perguntas. — E lava os dentes! — grito-lhe. Um segundo depois, a porta da casa de banho fecha-se com força. Os anos da adolescência vão estar repletos de cenas destas, apercebo-me. Disposições amuadas e rebeldes, entremeadas com pequenos momentos que farão tudo valer a pena.

Esse pensamento entristece-me, pelo que me levanto para ir ler com ele e persuadi-lo a voltar a ser o meu menino feliz. A Internet pode esperar mais dez minutos.

Por volta das 19h30 já ele está a dormir profundamente e eu estou de volta ao meu portátil, com um copo de vinho branco grande ao meu lado.

Esta pesquisa é fácil. Fui buscar o nome de solteira da Adele ao caderno do Rob e a pesquisa «incêndio Rutherford-Campbell» faz aparecer imensa informação, essencialmente artigos de jornal do rescaldo, tanto nacionais como locais. Há páginas e páginas. Confrontada com tanta informação, custa-me a entender que não tenha pesquisado nada disto antes, quando ela me contou. Quando me deu o caderno.

A princípio fico totalmente absorta nas fotografias. É difícil não ficar, enquanto abro *link* atrás de *link*, deixando cerca de quinze páginas abertas no meu *browser*. Há uma vista aérea do antes e depois da herdade, e a Adele não estava a brincar quando disse que se tratava de um sítio grande. Na segunda imagem vejo o sítio onde uma parte do edifício se encontra escurecida e chamuscada, mas ainda assim o que resta é do tamanho de três ou quatro casas normais. A construção é feita de pedra clara e parece existir há duzentos anos ou mais. Edificada numa época de aristocracia rural. Há bosques e campos a toda a volta da habitação, criando uma espécie de santuário para o edifício ficar afastado dos olhares curiosos. Tento imaginar como será atualmente. Haverá alguém para fazer manutenção dos terrenos? Ou estará tudo cheio de ervas daninhas e completamente deixado ao esquecimento?

Há uma fotografia dos pais da Adele e olhar para a mãe dela é exatamente como ver o reflexo do seu rosto num espelho de água. Quase iguais, mas ligeiramente diferentes. A Adele é mais bonita, com feições mais elegantes, mas a sua mãe tinha o mesmo cabelo

escuro e pele morena. O pai, originalmente um banqueiro de investimentos com uma fortuna pessoal estimada em vários milhões, assim como um portefólio de investimentos de grande envergadura segundo estes artigos, aparece com um ar grisalho e sério numa das fotografias — claramente tirada no tempo em que trabalhava na City —, mas há outra dele envergando um casaco *Barbour* e uns botins de borracha, sorrindo diretamente para a objetiva. A sua pele está mais rosada, do tempo passado ao ar livre ou talvez devido à fartura de bom vinho e boa comida, e ele parece feliz.

Há fotografias da Adele também — a filha lindíssima e trágica que ficou para trás. Um rosto ligeiramente mais cheio e com o brilho da juventude, mas mesmo assim é a Adele que eu conheço. A *herdeira*, como lhe chama um dos jornais. Quanto dinheiro valerá? Uma fortuna, ao que parece. Os seus olhos brilham com uma alegria descontraída numa fotografia dos três, tirada num Natal.

Noutra, desfocada e tirada à distância típica dos jornalistas dos tabloides, ela surge com a cabeça baixa e uma mão a cobrir-lhe o rosto, e está mais magra, as calças de ganga largas nas suas ancas enquanto percorre os terrenos da casa danificada. Em sofrimento. Vê-se um homem ao seu lado, com uma mão pousada na base das costas dela e o rosto virado quase de frente para a longa lente da máquina fotográfica, como se de algum modo pressentisse a sua presença. O seu outro braço está enfaixado e pendurado ao peito. O David. O rosto está desfocado, mas é ele. Aparenta um ar desconfiado, protetor e fatigado. Ambos parecem tão *jovens*. São eles, mas ao mesmo tempo não são. Fito a imagem durante um longo instante e depois perco-me na quantidade infindável de artigos de jornal, juntando todas as peças da história a partir de vários ângulos.

Há comentários sobre as festas dos pais da Adele, sobre a sua fortuna e a mudança de Londres depois do nascimento da filha. Os mexericos do costume por parte de vizinhos a fingirem uma tristeza chocada ao mesmo tempo que fazem pequenos juízos de valor. Segundo parece, a Adele era uma criança solitária. Os pais não tinham muito tempo para ela. É dado grande destaque ao romance entre o pobre rapaz do campo e a filha bonita, e ao facto de ele a ter salvado do incêndio. Há a indicação de que algumas fontes alegam que a Adele fez terapia em criança.

Em seguida encontro algo que faz com que o meu coração pare de sangrar pela história deles da qual eu não faço parte, pelo amor do David por ela naquele momento, pelo quão interligados eles estão, fazendo com que a minha ligação a eles pareça incrivelmente superficial em comparação. Quatro palavras que ficam gravadas na minha cabeça. Pesadas botas calcando o meu sentimentalismo. Um lembrete da razão por que estou a fazer isto, antes de me deixar engolir pela minha investigação à relação deles.

Suspeita de fogo posto.

Ali, nos relatórios posteriores, depois de o festim emocional dos tabloides ter cessado, essas palavras infiltram-se de uma forma ardilosa. Um agente da Polícia, Angus Wignall, surge numa fotografia a examinar os danos causados pelo incêndio. Um homem atarracado, talvez na casa dos trinta. Um comentário sobre a velocidade a que o fogo se alastrou. A referência ao facto de haver gasolina guardada em latas no celeiro, para as motos-quatro. Não se pode excluir a hipótese de fogo posto.

O detetive Angus Wignall foi visto a sair da enfermaria do Perth Royal onde David Martin se encontra a receber tratamento para queimaduras de terceiro grau nos braços. Fontes indicam que o inspetor, acompanhado por um sargento, passou duas horas a falar com o estudante, que tem sido apelidado de herói após ter resgatado a namorada, Adele Rutherford-Campbell, de 17 anos, do incêndio em que ambos os pais dela faleceram. O Inspetor Wignall recusou-se a comentar a natureza da sua visita, exceto para dizer que faz parte de uma investigação que ainda está a decorrer.

Perscruto os relatórios, os meus olhos movendo-se rapidamente pelas várias linhas de texto, à procura de mais dados. Há informação sobre um gestor da herdade ressentido e também uma referência posterior às dificuldades financeiras do pai do David. Comentários sobre o facto de os pais da Adele serem contra a relação. São tudo acusações mais ou menos veladas, mas há uma clara mudança nas referências feitas ao David, passando de herói a outra coisa qualquer.

Então, na terceira página de pesquisas, onde a Internet começa a resvalar para territórios mais vagos, encontro um artigo sobre o casamento deles. Uma cerimónia simples na aldeia de

Aberfeld. O artigo não vem acompanhado de imagens, e eu penso nas suspeitas da Adele e na possibilidade de, entre os relatórios anteriores e este, ter sido cometido um crime terrível e um rapaz ter perdido a vida. Ocorre-me que talvez esse não tenha sido o *primeiro* crime terrível. Com que intensidade é que o David desejava mudar de vida, de rapaz do campo pobre a médico abastado? O suficiente para pegar fogo a uma casa a meio da noite?

Bebo o meu vinho e fito a distância durante uns minutos, interiorizando tudo. Não posso simplesmente ir à Polícia com as minhas suspeitas em relação ao Rob — iria parecer uma amante louca e ressabiada se tentasse explicá-las. Mas e se já existisse alguém que suspeitasse do David — este Angus Wignall, por exemplo — então talvez dessem atenção a uma carta anónima e pelo menos fizessem uma busca à herdade?

Insiro o nome dele no motor de busca Google e descubro que continua em Perthshire e que é agora detetive inspetor-chefe sediado na Esquadra da Polícia de Perth. Assento a morada. Levaria ele a sério uma carta anónima? Ou ela iria parar à pasta dos maluquinhos? Penso que dependerá do quanto ele suspeitava do David naquela altura. Se achava realmente que o David tinha tido algo que ver com o incêndio, mas não tinha conseguido prová-lo, então talvez a carta despertasse o seu interesse. É melhor do que não fazer nada. É melhor do que deixar que todas essas perguntas me atormentem para todo o sempre.

Talvez não haja cadáver nenhum. Talvez a Ailsa esteja certa e o Rob não passe de um drogado a morar isolado algures. Talvez o David esteja inocente — pelo menos disto —, mas no mínimo porá tudo a descoberto e livrará a Adele de todas as suas dúvidas. Deverei contar à Adele o que estou a pensar fazer? Decido não o fazer. Ela tentaria dissuadir-me, tenho a certeza. Não obstante todos os seus medos e preocupações, teria medo de estar a agitar as águas. É demasiado subserviente ao David e é-o há tempo demais. Não iria gostar nada de saber que eu estava prestes a revelar as suas suspeitas ao mundo.

E, seja como for, isto já não tem nada que ver com eles. Não tem que ver com eles, comigo ou com uma combinação de nós três. Tem que ver com o Rob. Trata-se de justiça para ele. Embora me sinta algo nauseada quando penso nisso, vou escrever a carta agora e enviá-la antes que mude de ideias. Há limites para tudo. E

depois ponho um ponto final neste assunto.

ANTES

É uma espécie de calor, essa é a melhor expressão que ela encontra para o descrever. O Rob está aqui e ela sente um calor por dentro. Incandescente. Ele é amigo dela e está de volta. Por muito que o tempo sozinha lhe tenha feito bem — foi surpreendentemente positivo para ela —, há uma alegria pelo facto de o Rob estar aqui. A casa parece ter ganhado novamente vida. O Rob não tem recordações deste lugar como ela ou o David. Não há aqui nada que o afete e isso é libertador para ela. Não é obrigada a estar *triste* na presença do Rob.

Ele farta-se de rir enquanto ela lhe mostra a casa. Já lhe tinha dito que era do tamanho de Westlands, se não maior ainda, mas é óbvio que não acreditara nela e, quando a visita guiada chega ao fim, até ela sorri perante a absurdidade de uma só família ter tanto. A única pausa silenciosa ocorreu quando ela lhe mostrou os quartos chamuscados onde os pais tinham falecido. Ele abriu muito os olhos e ambos ficaram em silêncio por uns instantes, até por fim ele dizer:

— Vamos pirar-nos daqui, porra. Isto fede. — Ela adorava-o por isso. A falta de necessidade de explorar os sentimentos dela ou de se certificar de que ela estava bem. O Rob fá-la sentir-se forte porque está convencido de que ela é forte.

Não trouxe muita coisa com ele, apenas algumas peças de roupa, o caderno, umas cervejas e um saco com drogas. Tiram um pouco de erva e depois a Adele obriga-o a esconder o resto num dos celeiros.

— Vêm cá pessoas a casa — explica-lhe ela. — Uma mulher vem fazer a limpeza e trazer comida duas vezes por semana. Às vezes o meu solicitador também aparece por cá. Preocupa-se com o facto de eu estar aqui sozinha. Diz que acha que é uma terapia *desapropriada*. — Ela revira os olhos. A sua vida tem sido muito mimada quando comparada com a do Rob.

— Pois, pois — responde-lhe ele. — Como se fosses pegar

fogo à casa ou algo parecido.

Ela arregala os olhos, chocada com as palavras dele, e depois desata a rir-se.

— Meu Deus, és mesmo parvo. — Enfia o seu braço no dele.

— Sim, mas façó-te rir. — Segue-se uma pausa. — Sinceramente, tens medo que essas pessoas encontrem o meu material ou o teu problema é o David?

Ela não diz nada por uns instantes e depois suspira.

— Sim, se calhar é mais o David. Ele não é propriamente contra as drogas — ela apercebe-se da expressão incrédula no rosto do Rob —, a sério que não, mas duvido que ache que apanhar mocas seja bom para mim nesta altura. Iria achar que estou a utilizar isso como uma muleta.

— Deve ser tão difícil respirar com tanta gente sempre preocupada contigo — diz o Rob. — Se ao menos te vissem com os meus olhos.

— E como é que os teus olhos me veem? — pergunta-lhe ela.

— Como uma fénix erguendo-se das chamas, claro.

Ela gosta disso. Gosta e muito. Lembra-lhe que agora tem o mundo nas mãos. Continuam de braço dado enquanto caminham pela propriedade em direção ao poço onde pedem desejos silenciosos, apesar de a Adele não ter bem a certeza se um poço seco poderá realizar desejos.

À noite cozinham pizzas congeladas e bebem latas da cerveja forte e barata que o Rob trouxe, e depois apanham uma pedrada sentados diante da lareira na sala de estar. Sentam-se em almofadas no chão e conversam, e riem, sobre tudo e sobre nada. A Adele inala o fumo do charro de erva com força, desfrutando o torpor descontraído e divertido que este lhe provoca. Tinha sentido falta disso. Assim como tinha sentido a falta do Rob.

Ela viu o saco do material e sabe que ele também trouxe um pouco de heroína, embora não o tenha mencionado e ela também não o faz. É um assunto dele. Não quer que a consuma, mas também não quer parecer uma das terapeutas de Westlands. Quer que o Rob seja feliz e se ele precisa disso para se aguentar durante uns tempos, então não irá discutir com ele. Seja como for, é mais do que óbvio que não é completamente viciado. Se fosse estaria aos caídos e não alerta e, de qualquer modo, ela não lhe viu nenhuma marca de agulha recente nos braços. Talvez a snife às vezes, ou lá como é que as pessoas consomem aquela coisa.

Talvez a tenha trazido para o caso de ter um dia mais sombrio. Com um pouco de sorte, já ambos tiveram a sua dose de dias sombrios.

Há dois quartos de hóspedes devidamente preparados, mas eles acabam na cama dela, vestidos apenas com *T-shirt* e roupa interior, deitados lado a lado fitando o teto. Ela interroga-se se o David encararia aquilo como uma traição, estar outro homem na cama dela, mas por mais próximos que ela e o Rob sejam, não existe nada de sexual. A relação entre eles é quase pura.

— Estou tão contente por teres vindo — diz-lhe ela. — Tive saudades tuas.

— E eu estou contente por me teres deixado vir. — Ele faz uma pausa. — Isto aqui é tão silencioso. E está tão escuro lá fora. É como se fôssemos as últimas pessoas no planeta.

— Se calhar até somos. Se calhar deu-se um apocalipse.

— Desde que não seja a merda de um apocalipse *zombie* — resfolega o Rob. — As pessoas já são desinteressantes o suficiente quando estão vivas.

— Achas que é errado não sentir assim tanta falta dos meus pais? — pergunta-lhe ela. É um pensamento que a tem atormentado. O que é que isso dirá sobre ela. Se haverá algo de errado com ela.

— Não — responde-lhe o Rob. — Não há certo nem errado no que toca aos sentimentos. As coisas são como são.

Ela medita sobre isso. As coisas são como são. Isso fá-la sentir-se melhor.

— O que é que queres fazer da vida? — pergunta ela.

— Pareces uma terapeuta de Westlands.

— Não, a sério. — O Rob tem imenso jeito para dar respostas divertidas, mas desta vez ela não quer deflexões. — Deve haver alguma coisa.

— Não sei. — Ele fita o teto. — Nunca pensei muito nisso. Não venho propriamente de uma família com inclinação para *carreiras*. O estilo deles era mais inscreverem-se no desemprego e não fazerem nenhum. E tu? Sem ser casar com o desenxabido do David e fazer Davids pequeninos.

Ela dá-lhe uma palmada e ri-se, mas por dentro interroga-se se isso será assim tão mau. É *exatamente* isso que ela quer fazer. É o que ela sempre quis fazer.

— Devias ficar aqui connosco uns tempos. O tempo que quiseses. Enquanto decides sobre o teu futuro.

— É uma ideia agradável, mas não me parece que o David me queira aqui em casa quando vocês estiverem casados.

— Não o devias julgar sem antes o conheceres. Está a estudar para ser médico. Ajudar os outros é a cena dele.

— Hum.

As suas vozes são incorpóreas na escuridão, mas ela pega na mão do Rob e aperta-lha:

— Seja como for, agora sou rica e vou ajudar-te.

— Detesto ter de to recordar, querida, mas a não ser que te tenha sido restituído o controlo, tecnicamente o rico aqui é o David.

— Oh, deixa-te de coisas. — Ela precisa de resolver esse assunto, mas não está preocupada. O David não anda por aí a comprar carros potentes ou a viver à grande na faculdade. A mera ideia fá-la rir-se e, se for sincera, o mais certo é ele ter mais jeito para gerir o dinheiro dela — *deles* — do que ela. Toda a vida foi obrigado a contar os tostões, ao passo que ela nunca teve de pensar nisso.

Ela falar-lhe-á sobre esse assunto quando ele regressar dali a duas semanas. Amanhã irá contar-lhe que o Rob está aqui. Está certa de que não se importará por ela não estar a seguir o plano terapêutico à risca e, de qualquer modo, o Rob tem sido a melhor terapia que ela já teve.

— Adoro-te, Rob — sussurra, quando a conversa deles dá lugar a um silêncio sonolento. — És o meu melhor amigo.

— Eu também te adoro, Adele — replica ele. — Minha trágica Bela Adormecida transformada em fénix. Muito, mesmo.

ADELE

Os dias arrastam-se, cada dia mais parecendo uma semana, apesar de ainda só terem decorrido quarenta e oito horas desde a minha *grande revelação* à Louise. Dói-me o corpo por passar tanto tempo deitada, mas observar e aprender é tudo o que posso fazer neste momento. Escondo-me no quarto quando o David chega a casa, alegando dores de cabeça ou cansaço, e ele mal fala, em vez disso acena com a cabeça com uma expressão de alívio mal disfarçada. Deixo-lhe comida no frigorífico que às vezes depenica mas que não come, como se achasse que talvez pudesse estar envenenada ou *contaminada* de alguma maneira. Devia preocupar-me mais com o facto de ele não estar interessado em passar tempo comigo, mas estou tão envolvida na vida da Louise que se o fizesse agora seria um estorvo.

Quem me dera que trabalhasse até mais tarde, algo que nunca desejei antes. Mas estou à espera de um momento. O momento quando poderei virar tudo do avesso. Não o posso deixar passar.

E se o David decidir que quer a minha atenção no momento em que eu precisar de estar *lá*? O que faço? Quero *saber* quando todas as peças do quebra-cabeças tiverem sido atiradas ao ar.

Tranco a porta do quarto, por precaução, mas ele não bate. Também não voltou para ela, portanto essa parte resultou. Duvido que neste momento a Louise lhe abrisse a porta sequer. Não agora, que enviou aquela carta. E agora, depois das nossas mensagens às escondidas de ontem à noite, ela encheu-me de alegria, apesar de nem sequer ter noção disso. Sei que se sente culpada em relação à carta que não sabe que eu sei que ela enviou. As suas acusações sobre o David. Quando lhe enviei uma mensagem a dizer que ele estava a ser muito atencioso, que se calhar eu estava a exagerar e que o melhor seria esquecermos tudo, mudou de assunto. As pessoas mudam sempre de assunto quando se sentem mal em relação a algo. Mas desta vez mudou de assunto para falar sobre os seus sonhos. Falou-me sobre «a estranha segunda porta» e

sobre como deu por si a flutuar por cima do seu próprio corpo na sala de estar, por escassos momentos. Sobre como não estava a dormir, apenas a tentar aliviar uma dor de cabeça com a ajuda de exercícios de respiração, e como aquilo simplesmente aconteceu.

Apesar de isso me ter deixado a rebentar de alegria, repliquei que tal nunca me tinha acontecido, mas que como andava a tomar comprimidos para dormir já nem sequer transpunha a primeira porta. Digo-lhe que estou a gostar desse esquecimento. Da sensação do nada. Da não-existência. Digo-lhe na mensagem que às vezes penso que gostava de ser nada. Interrogo-me sobre como ela se sentirá ao ler essas palavras. Um indício do que está possivelmente para vir. Palavras que a irão atormentar mais tarde.

Ela terminou a nossa conversa por mensagens depois de eu ter mencionado novamente o David. Sente que agora me traiu duas vezes, calculo eu. Sabe que a pobre e frágil Adele jamais iria querer que os seus segredos fossem revelados ao mundo. Não quando o perigoso do David está presente nesta casa. Mas, ainda assim, ela pensa que é forte o suficiente por ambas. Pensa que sabe o que é melhor. Questiono-me se a Polícia virá antes ou depois de as suas dúvidas se terem instalado, ou se virá de todo. Quase estou à espera de ouvir a campainha a qualquer momento, apesar de saber que a Polícia demorará mais tempo do que o que já passou para se organizar e decidir se irá levar a carta dela a sério ou não. Talvez a desvalorizem. Talvez eu própria devesse enviar uma carta. É um pensamento obscuro delicioso, mas opto por não o fazer para já. Primeiro tenho de ver como é que as coisas se desenrolam.

Segredos, segredos e mais segredos. As pessoas estão cheias até acima de segredos, se prestarmos atenção. E a Louise está a amontoar a sua própria coleção, sendo esta carta o seu segredo mais recente. Sinto-me ligeiramente traída por não me ter dito nada sobre a carta. Por não ter tido em consideração os meus sentimentos nos seus atos, quando deveria ser a minha melhor amiga, mas guardo a minha irritação para outra altura. Está a fazer exatamente o que pretendo dela, ao fim e ao cabo.

Os meus sentimentos já não importam, tal como manter a minha beleza e forma física já não importa.

Afinal de contas, de que serve? Não tarda nada estarei morta.

LOUISE

Não sei porque é que me sinto tão nervosa; não é como se a Polícia fosse aparecer-me à porta, acenando com a carta a exigir que me justifique. Inclusivamente fui de autocarro até Crouch End e pu-la no correio lá, não obstante o facto de possivelmente utilizarem a mesma secção de triagem de correspondência da minha zona. Mas queria criar algum distanciamento entre mim e a carta. O envelope estava húmido por causa das minhas mãos transpiradas quando por fim o enfiei na caixa do correio.

Mesmo assim, sinto-me constantemente agoniada e depois o David enviou-me uma mensagem ontem à noite. Disse que queria encontrar-se comigo para conversarmos. Fitei as suas palavras durante cerca de uma hora, com a cabeça a latejar, mas acabei por as ignorar. O que é que ele queria dizer com «conversar»? Fazer-me mais ameaças? De qualquer modo, estava bêbedo; até o corretor automático tinha desistido de uma parte da sua ortografia. Para ser sincera, não quero falar com nenhum deles. A Adele enviou-me uma mensagem com umas tretas quaisquer sobre ele estar diferente e talvez ela estar a exagerar. Aposto que já se arrependeu de me ter contado tudo sobre o Rob. Partilhar um segredo sabe sempre bem na altura, mas depois torna-se um fardo por si só. Esse corroer na boca do estômago por algo ter sido revelado e já não ser possível contê-lo, e agora outra pessoa ter esse poder sobre o nosso futuro. É por isso que sempre detestei segredos. São impossíveis de guardar. Detesto saber os segredos da Sophie, vivo com medo de um dia estar meio alegre do vinho e deixar escapar algo à frente do Jay. Agora estou metida numa confusão de segredos e ainda por cima apoderei-me do da Adele. Ela iria detestar saber que enviei aquela carta e não é como se a pudesse criticar por isso. Mas o que mais poderia ter feito? No fim, acabei por mudar a nossa conversa nas mensagens para a questão dos meus sonhos. Contei-lhe sobre a sensação estranha de ter saído do meu corpo quando transpus a segunda porta. Parecia-me

um assunto mais seguro do que a estranheza do casamento deles e a possibilidade muito real de o David ser um assassino.

Ainda me dói a cabeça, um latejar constante que não consigo ignorar, e nem mesmo o facto de sair para a rua, para ir buscar o Adam a uma festa de aniversário no centro social, acalma as náuseas. Ainda nem sequer dormi como deve ser. Deito-me em cima da cama, exausta, mas assim que as luzes se apagam, as luzes do meu cérebro acendem-se. Acho que se calhar preferia os terrores noturnos a esta insónia total. No tempo em que a vida era simples. No tempo antes do *tipo-do-bar*.

O Adam está empanturrado com sandes e guloseimas, pelo que guardamos no frigorífico a sua fatia de bolo de aniversário embrulhada num guardanapo, para mais tarde, e ele corre para o seu quarto para ir examinar o conteúdo do saquinho de oferta ridiculamente caro. Nem quero ver o que lá está dentro — o aniversário do Adam está quase aí e será a minha vez de gastar dinheiro que não tenho em porcarias caras para miúdos que não precisam delas para nada. É um pensamento injusto. O Ian vai contribuir. Ele é sempre generoso no que diz respeito ao Adam, mas estou cansada e stressada e preciso que tudo fique mais calmo.

— Estou com dor de cabeça — digo-lhe, enfiando a cabeça pela abertura da porta do seu quarto. — Vou deitar-me um pouco. Está bem? — Ele acena com a cabeça e sorri, hoje o meu menino perfeito, e recordo o quão felizarda sou por o ter.

— Acorda-me se precisares de alguma coisa.

Não me parece que vá dormir, só quero fechar as cortinas e deitar-me num quarto escuro, à espera de que esta dor de cabeça se vá embora. Tomo dois comprimidos e vou para o meu quarto, desfrutando da sensação da almofada fresca sob a cabeça, e deixo escapar um longo suspiro. Uma meia hora em sossego é tudo o que preciso. A dor de cabeça é demasiado invasiva para conseguir pensar sequer, por isso concentro-me em respirar profunda e descontraidamente. O meu batimento cardíaco e a dor de cabeça latejam em unísono, como amantes desvairados. Tento libertar a tensão nos meus ombros, mãos e pés, como nos ensinam a fazer naqueles vídeos de ioga interminavelmente entediante. A cada exalação esvazio o meu corpo do ar e esvazio a mente do lixo. A dor diminui ligeiramente à medida que me descontraio e os meus braços estão pesados ao meu lado, como se se afundassem na

cama abaixo de mim. Escapar por uns instantes. É tudo o que preciso.

Mal vejo a porta dessa vez, de tão depressa que surge. Um clarão prateado. Feixes de luz e depois...

...estou a olhar para mim, lá em baixo. A minha boca está entreaberta. Os meus olhos estão fechados. Se ainda estou a respirar em fôlegos profundos, não se nota. Pareço morta. Vazia.

«Estou vazia.» Esse pensamento é como água fria percorrendo o meu ser, seja lá o que *eu* for neste momento. «Estou aqui em cima. Aquilo ali é apenas... um corpo. Uma máquina. A minha máquina. Mas sem ninguém a comandá-la. Não está lá ninguém dentro.»

Pairo por uns instantes, resistindo ao meu pânico da última vez. Não me dói a cabeça. Não tenho sensação de nada: nem braços, nem pernas, nem tensão, nem respiração. Talvez isto seja um sonho. Um tipo diferente de sonho. *Alguma* coisa é. Avanço na direção do meu corpo e sinto o puxão imediato por parte dele, depois forço-me a parar. Posso voltar para trás se quiser — mas será que quero?

Vejo a camada de pó no rebordo superior do quebra-luz, esquecida, cinzenta e espessa. Recuo ligeiramente, em direção à porta, apesar de estar cheia de receio de perder o meu corpo de vista, como se de alguma maneira fosse perder por completo a minha forma de regressar. No espelho vejo a minha figura assustadoramente imóvel em cima da cama atrás de mim, mas *eu* própria não tenho reflexo. «Podem tratar-me por Conde Drácula.» Devia ficar petrificada de medo, mas é tudo tão surreal que me sinto estranhamente divertida.

Agora que o meu medo começa a dissipar-se, sinto outra coisa. Liberdade. Libertação. Não tenho peso. Quase vou ao quarto do Adam, mas tenho receio de que, de alguma maneira, ele consiga *ver-me*. Onde é que posso ir? Quão longe posso ir?

À casa do lado. Ao apartamento da Laura. Quase estou à espera de aparecer lá de repente, como se fosse alguma fada-madrinha a acenar com a varinha mágica, mas nada acontece. Concentro-me mais. Procuro a *sensação* do apartamento da Laura. A totalidade dele. O televisor demasiado grande que ocupa praticamente uma parede inteira. Os seus terríveis sofás de pele falsa cor-de-rosa que eu devia detestar, mas que me fazem sorrir. O tapete bege, do tipo que só quem não tem filhos pequenos pode ter.

O sofá, o tapete, a combinação de cores em tons *marshmallow*. *Vejo-me* nela. E depois, como se levada por uma rajada de vento, estou lá.

A Laura encontra-se sentada no sofá, vestida com calças de ganga e uma camisola polar larga verde, a ver televisão. A repetição de episódios da série *Friends*. A Laura parte um pedaço de chocolate *Fruit and Nut* e enfia-o na boca. Tem uma caneca de café ao seu lado — uma caneca com umas florinhas bonitas. Fico à espera de que se aperceba da minha presença, que erga a cabeça, chocada, e me pergunte como é que apareci na sua sala de estar, mas não o faz. Inclusivamente posiciono-me — embora não seja esta a melhor palavra para o descrever — diante dela e nada. Apetece-me rir. Isto é de loucos. Talvez eu seja louca. Talvez o David devesse dar-me alguns daqueles comprimidos que anda a tentar dar à Adele.

O David e a Adele. A cozinha deles. Seria possível ir assim tão longe? Concentro-me e, por um momento, enquanto visualizo as bancadas de granito e os azulejos caros, o calendário por utilizar discretamente pendurado no lado oposto do frigorífico, para não perturbar as linhas da divisão, sinto algo mudar, o sopro de vento erguendo-se para me transportar até lá, mas nada acontece.

No centro deste estranho eu invisível, sinto-me como se - estivesse na extremidade de um elástico esticado. Tento mais uma vez, mas já não consigo avançar mais, é como se o meu corpo me estivesse a puxar para trás, qual criança pequena. Mexo-me com mais cuidado desta vez, indo para a cozinha da Laura, onde reparo na louça por lavar em cima da bancada, não muita, mas o suficiente para perceber que está a ter um dia de preguiça, e depois transponho a porta até à passagem exterior que separa os nossos apartamentos. Não sinto qualquer mudança de temperatura, apesar de estar frio na rua quando fui buscar o Adam à festa.

«Não o sentes porque não estás realmente aqui», digo para mim mesma. «Acabaste de transpor uma porta.»

Sinto-me maravilhosa, como se todo o stresse e tensão tivessem ficado para trás e eu estivesse completamente liberta. Nada de hormonas, nada de cansaço, nada de químicos a ajustarem o meu estado de espírito; sou simplesmente eu, seja lá o que isso for.

Tento mais uma vez ir a casa da Adele, para me certificar de que ela está bem, e embora dê por mim na extremidade da

passagem dessa vez, não consigo ir mais longe. O elástico parece esticado a ponto de se partir e está a puxar-me lentamente para trás, não obstante a minha resistência. Retrocedo, desfrutando da altura, da sensação de estar praticamente a *voar*, em direção à minha porta da frente, e depois estou no interior da minha casa.

— Mamã! — ouço-o antes de o ver.

No meu quarto, o Adam encontra-se ao lado da cama, puxando-me o braço, com o meu telemóvel na mão.

— Acorda, mamã! Acorda! — Ele está quase em lágrimas enquanto me abana. A minha cabeça pendeu para o lado e a minha mão está frouxa na dele. Há quanto tempo é que ele está aqui? Quanto tempo é que estive ausente? Dez minutos, no máximo, mas o suficiente para preocupar o meu menino que está a tentar acordar-me. Fico alarmada ao vê-lo tão perturbado e entro em pânico e...

...sento-me muito direita na cama, arquejando profundamente, e os meus olhos abrem-se de repente. Sinto o peso súbito de cada célula do meu ser e o meu coração desata a bater com força por causa do choque. O Adam cambaleou para trás e eu deito-lhe a mão, as minhas mãos frias em contraste com o seu calor.

— A mamã está aqui — digo-lhe, várias vezes, quando o mundo e o meu corpo se instalam novamente em redor de mim. — A mamã está aqui.

— Não te conseguia acordar — diz ele, a boca encostada ao meu ombro. Um tremor passou pelo seu mundo seguro, uma quase morte que ele não compreende. — Tu não acordavas. O teu telemóvel estava a tocar. Era uma senhora.

— Está tudo bem — murmuro. — A mãe está aqui. — Não sei quem é que estou a tentar convencer; se a ele se a mim própria. Sinto a cabeça ligeiramente à roda enquanto me habito novamente ao peso dos meus membros, e embora o seu lábio inferior ainda esteja a tremer um pouco, ele estende-me o telemóvel. Atendo-o.

— Estou?

— Louise?

É a Adele. A sua voz soa doce ao meu ouvido, mas faz-me regressar ao presente. A Adele nunca me liga.

O Adam continua a observar-me, quase desconfiado de que eu esteja realmente viva e bem, pelo que sorrio e digo-lhe para ir buscar um sumo e ir ver os desenhos animados. Ele é bom miúdo e faz o que lhe dizem, apesar de não estar muito convencido.

— Estás bem? — pergunto à Adele. Estou a tremer, cheia de frio devido à falta de movimento.

— Queria... bem, queria que esquecesses aquelas coisas que te disse no outro dia. Foi um disparate. São só pensamentos parvos. Expulsa-os da tua cabeça. — Ela soa mais fria, o tom de voz de alguém arrependido de ter partilhado um segredo e que agora quer uma certa distância.

— Não me pareceu disparate nenhum. — Penso na carta a escorregar-me dos dedos para a caixa do correio e o meu estômago contorce-se de culpa. Agora já não lhe posso dizer nada sobre isso.

— Pois, mas foi. — Austera. Nunca a tinha ouvido falar naquele tom. — Desculpa ter-te envolvido nos meus problemas matrimoniais. Mas a sério, está tudo bem entre nós. Agradecia que nunca mais falasses sobre esse assunto.

— Aconteceu alguma coisa? — Isto não parece nada dela. Nem sequer soa como a mesma pessoa. Ela foi sempre tão meiga. Terão discutido? Ele tê-la-á ameaçado?

— Não aconteceu nada, eu é que tenho uma imaginação muito fértil.

— Mas olha que eu não imaginei aquela pasta que ele tem sobre ti. — Quase digo a última parte em tom de desdém. Ainda estou meio zozza por causa do que acabou de acontecer e é a primeira vez que ela me parece um tanto ou quanto patética. — E a questão do Rob?

— Esquece o Rob — responde-me ela. — Esquece tudo. — Ela nem sequer se despede, desligando de imediato. Toma, é para aprenderes. Devia sentir-me magoada ou zangada, mas não é o caso. Quando muito, sinto-me confusa. Ter-lhe-á o David feito alguma coisa?

Olho fixamente para o telemóvel por uns instantes. O que é que eu poderia ter visto se tivesse conseguido ir a casa dela em vez da casa do lado? Uma discussão? Ameaças? Lágrimas? Aqui sentada, a ideia de me transportar invisivelmente até lá parece uma loucura. Terei realmente ido a casa da Laura? Enquanto estava deitada na minha cama? Como é que isso é possível sequer?

Vou dar com o Adam no seu quarto, com um ar encolhido e triste, sentado em cima da cama a brincar com os seus dinossauros de plástico, parecendo pouco entusiasmado.

— Porque é que não acordavas? — pergunta-me. — Abanei-te

durante muito tempo.

— Mas agora já estou acordada! — Sorrio e tento aligeirar a situação, mas juro a mim mesma que isto, seja lá o *isto* que for, não voltará a acontecer enquanto ele estiver em casa. A minha dor de cabeça desapareceu, apercebo-me, enquanto lhe vou buscar um sumo e lhe digo que podemos ir ver desenhos animados para o sofá. Já não sinto qualquer tensão, mesmo depois do telefonema da Adele. Já enviei a carta. Não posso voltar atrás. Sinto até um certo alívio por ela ter sido fria comigo. Talvez isto seja o corte que eu preciso de fazer a fim de pôr a minha vida em ordem e, deste modo, se por acaso a Polícia decidir realmente investigar a herdade, não me sentirei tão culpada. Sinto-me desperta e alerta pela primeira vez em vários dias, como se o facto de ter saído do meu corpo lhe tivesse dado tempo para se recuperar sem ter de se preocupar com o seu habitante.

Terá sido isso que eu fiz? A sério? Sair do meu corpo? A ideia só por si é de loucos. Mas não é a primeira vez que acontece. Agora percebo-o. Houve aquilo com o quarto do Adam. E a outra vez em que flutuei acima do meu corpo. E agora isto. Tudo através da porta prateada. Mas será real ou estive a sonhar?

Quando os desenhos animados começam a dar, esgueiro-me pela porta da frente e vou ao apartamento da Laura. Estou a tremer quanto bato à porta. Isto é de loucos. Eu estou louca.

— Ei. — Ela enverga calças de ganga e uma camisola polar verde. — Tudo bem? — Fito-a por uns instantes e ela franze o sobrolho. — Estás bem?

— Sim! — Forço um sorriso. — Queria saber se podia dar uma olhadela ao teu televisor? Ando há imenso tempo a prometer ao Adam que lhe compro um maior e estou a ver o catálogo da *Argos online*, mas não tenho jeito nenhum para visualizar os tamanhos na sala. É só um segundo. Desculpa chatear-te.

— Não custa nada, só não olhes para a desarrumação. — Ela deixa-me entrar e sigo atrás dela pelo apartamento. Veem-se pratos em cima da bancada da cozinha, tal como eu os vi, os restos de uma torrada ou uma tosta de *bacon* dentro de um deles.

— Isto é demasiado grande para esta sala — diz ela —, mas adoro-o. É um ecrã de 46 polegadas, o que significa que pelo menos posso ver televisão sem ter de usar os óculos. — Ela ri-se e eu imito-a, mas não estou a prestar-lhe atenção. A barra de chocolate *Fruit and Nut* está pousada em cima do braço do sofá. A

caneca às flores está em cima da mesa. *Friends* está a dar na televisão.

— Obrigada — murmuro. — Foi uma grande ajuda.

— De nada, sempre às ordens. — Ela tenta conversar comigo sobre encontros amorosos e se há indícios de amor verdadeiro no horizonte, mas eu mal posso esperar para sair dali. Tenho a cabeça a zunir, o telefonema da Adele praticamente esquecido. Eu tinha *realmente* estado ali. Eu tinha-a visto *realmente*. Da mesma maneira que tinha *realmente* estado no quarto do Adam naquela noite em que ele entornara a água.

Regresso ao meu próprio sofá onde o Adam se enrosca no meu peito, ainda a sentir os resquícios do susto que apanhou quando não me conseguiu acordar, e eu fito os desenhos animados enquanto ele volta a concentrar-se neles. Como é que o que fiz é possível sequer?

Só mais tarde, à noite, quando estou sozinha na minha cama às escuras, é que me ocorre um pensamento terrível. O sangue gela-se-me.

O Adam a não conseguir acordar-me. A abanar os meus braços frios. Convencido de que se passava algo de errado. Eu, a sentar-me muito direita na cama, a arquejar. Uma forma nada natural de acordar.

Exatamente como quando tentei acordar a Adele.

Ela mentiu-me em relação à segunda porta.

ADELE

O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente. Sei isso melhor do que ninguém. Mas ainda assim acredito nele, a sério que sim, mesmo depois de tudo. Às vezes o amor verdadeiro precisa de uma mãozinha. E eu sempre tive jeito para isso.

LOUISE

Às 9h30 de segunda-feira já deixei o Adam nos Tempos Livres e estou à espera de apanhar um comboio para Blackheath. Devia estar exausta — praticamente não durmo desde sábado —, mas o meu cérebro está cheio de perguntas e de um formigueiro de incertezas. Se a Adele mentiu em relação a ter a segunda porta, então isso muda tudo. Sobre o que mais terá ela mentido?

Duas perguntas sobressaem na minha mente, enquanto me sento num lugar junto à janela, as minhas costas hirtas de tensão, os dedos descarnando a pele em torno das unhas. Se a Adele tem a segunda porta e consegue sair do seu corpo, quão longe conseguirá ir e o que é que ela *sabe*? Isto soa como um poema e anda às voltas na minha mente, em sintonia com o ritmo regular do motor que me leva aos solavancos a atravessar a London Bridge.

É claro que a pergunta mais importante é o que é que ela sabe sobre mim e o David? *Saberá* alguma coisa sobre mim e o David? Se souber, bem, então... Sinto-me nauseada só de pensar. Não consigo interiorizar que tudo aquilo em que acreditei possa estar errado. O quão burra posso ter sido. O que *fiz*. A carta. Todos os pormenores que nela incluí sobre o Rob e o David e a Adele: toda a culpa a apontar para ele. Meu Deus, é tudo tão potencialmente terrível. Penso na Sophie sentada na minha varanda. O que foi que ela disse? «Frágil? Ou maluca? E se ela tiver *realmente* um parafuso a menos?» Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

Em vez de pesquisar uma lista de cafés em Blackheath, a maioria dos quais não deve ter página na Net, pesquisei os psiquiatras e encontrei apenas três, o que equivaleu a uma onda de alívio no meio do meu tsunami de pânico. Mas mesmo que fossem cinquenta, estou decidida a encontrar a Marianne e a falar com ela. Preciso de saber o que é que aconteceu entre ela e o David, e entre ela e a Adele. Os apontamentos na pasta do David eram muito vagos. «A Marianne não vai apresentar queixa» — apresentar queixa contra quem? Ele ou ela? E porquê?

Foi preciso muita força de vontade para não comprar um maço de *Marlboro Lights* na estação. Porque é que eles hão de fazer-me voltar a fumar? Não lhes vou dar esse prazer. *Eles*. Neste momento não posso confiar em nenhum deles. O emaranhado à minha volta parece arame farpado. Talvez o meu novo pânico seja em vão. Talvez o David seja *efetivamente* o mau da fita, tal como a Adele disse. Talvez a Adele não tenha a segunda porta e mesmo que a tenha, talvez ainda não saiba tudo. Talvez, tal como eu, não consiga ir muito longe. Para todos os efeitos, ainda estaria a dizer a verdade.

Esse pensamento parece-me vazio. Recordo a sua mão fria e o arquejar quando acordou na poltrona no escritório do David. Se não consegue ir muito longe, então por que motivo usa a segunda porta? Não imagino passar horas a observar a Laura e não conseguir ir além do passeio no nosso quarteirão. Seria estranho. E seria entediante, em especial quando a primeira porta só por si já nos permite sonhar tudo o que quisermos.

Ela tinha transposto a segunda porta no dia em que a encontrei no escritório do David. Tenho a certeza. Mas onde é que se encontrava? O que estaria a observar? E porquê mentir-me? Bato o pé no chão até chegarmos finalmente a Blackheath e eu sair a correr do comboio, como se tentasse fugir de mim mesma.

Caminho rapidamente pelas ruas do subúrbio abastado, murmurando pedidos de desculpa sempre que vou de encontro a carrinhos de bebé e pedestres em modo de passeio, mas sem abrandar o meu passo. Há imensos cafés e restaurantes aqui, mas concentro-me nos mais próximos das clínicas. Se pudesse ter acedido ao servidor do trabalho, provavelmente teria confirmado de que clínica é que o David tinha vindo, mas ele cortou-me essa via e se alguém alguma vez mo disse, o meu cérebro esqueceu-o.

Num restaurante que se revelou ser um beco sem saída, mando vir um folhado de *bacon* que não quero comer e quando descubro que não existe lá nenhuma Marianne vou-me embora e deito-o no caixote do lixo na rua. Seguem-se dois cafés com serviço de *take-away* e ainda nada de Marianne. Apetece-me chorar de frustração, apesar de ainda mal ter passado uma hora desde que aqui estou. Já não tenho paciência nenhuma.

Por fim, encontro-o. Um café e casa de chá pequeno e piroso, mais a roçar no amoroso do que propriamente na falta de bom gosto, ao fundo de uma calçada que em tempos fora uma antiga

estrebria e que passaria completamente despercebida caso não se soubesse da sua existência. Percebo o que levou o David a frequentar este lugar. Tem um ar caseiro. Acolhedor. Sei que se trata do sítio certo antes mesmo de entrar. Sinto-o. Da mesma maneira que sei, assim que vejo a mulher de aspeto natural atrás do balcão, que a resposta dela à pergunta «Você é a Marianne?» vai ser positiva.

E assim é. É mais velha do que eu, talvez perto dos quarenta, e tem a pele rija e bronzada de alguém que faz férias num país de sol três ou quatro vezes por ano e que passa várias horas junto à piscina. É atraente, mas não é bela, e não usa aliança. Contudo, tem uns olhos meigos. Percebo-o de imediato.

— Preciso muito de falar consigo — digo-lhe, com o rosto corado. — Sobre o David e a Adele Martin. Julgo que os conheceu? — O café não tem muita gente, somente um casal de mais idade num canto e bem na vida a desfrutar de um pequeno-almoço completo e dos jornais, e no outro um homem de negócios a bebericar um café e a trabalhar no portátil. Não pode desculpar-se com excesso de trabalho.

Ela fica tensa.

— Não tenho nada a dizer sobre eles — responde-me. A amabilidade desapareceu-lhe do olhar. Agora vejo dor e uma postura defensiva e raiva por alguém estar a forçar a recordação de algo que se quer esquecido.

— Por favor — peço-lhe. — Não teria vindo procurá-la tão longe se não fosse importante. — Espero que ela perceba o desespero total no meu próprio olhar. De mulher para mulher. Talvez de vítima para vítima.

Ela apercebe-se. Após uns instantes de hesitação, deixa escapar um longo suspiro e diz:

— Sente-se. Chá ou café?

Escolho uma mesa ao lado da montra e ela junta-se a mim com duas canecas de chá. Começo a tentar explicar-me, para lhe dizer a razão que me traz aqui, porque preciso de ouvir a sua história, mas ela interrompe-me.

— Conto-lhe o que aconteceu, mas não quero saber mais nada em relação a eles. Em relação a *ela*. Está bem?

Aceno com a cabeça. «Ela. A Adele.» Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

— Nunca houve nada entre mim e o David. Para já, ele era

demasiado novo, e era um homem simpático e sossegado. Aparecia aqui de manhã, bebia um café e sentava-se a olhar lá para fora. Sempre achei que tinha um ar triste e como detesto ver pessoas tristes, comecei a meter conversa com ele. No início muito pouco, uma coisinha aqui e ali como costume fazer, mas aos poucos começámos a conversar mais e ele era divertido e encantador. Eu tinha acabado de me divorciar e estava muito fragilizada, e aquilo foi quase como fazer terapia à borla. — Ela esboça um sorriso quase melancólico. — Costumávamos brincar com isso. O facto de eu lhe pagar em cafés. E pronto, foi assim. Ela apareceu também uma ou duas vezes, antes de eu saber quem era. Logo no início. Fiquei deslumbrada com a beleza dela. Era o tipo de mulher que não se esquece.

— Tipo estrela de cinema — murmuro e ela diz que sim com a cabeça.

— Sim, exactamente. Quase demasiado bonita. Não sabia que ela era mulher dele. Não mo disse. Limitava-se a beber o seu chá de hortelã-pimenta, sentada a estudar o espaço. Fazia-me sentir ligeiramente desconfortável, como se estivesse a ser inspecionada pelas autoridades sanitárias. Mas isso foi no início e ela nunca mais voltou. Pelo menos aqui ao café.

Parece tudo tão inocente, não imagino o que possa ter corrido mal. O meu coração, não obstante tudo o resto, bate de alívio por não ter havido caso nenhum. O David nunca tinha feito antes o que fez comigo. A Adele estava enganada, pelo menos em relação a esta mulher. Eu acredito na Marianne. Não tem motivos para mentir.

— Então o que é que aconteceu?

— Ele começou a abrir-se mais comigo. Ele podia ser o psiquiatra, mas quando se trabalha neste ramo há tanto tempo como eu, desenvolve-se uma maneira especial de lidar com as pessoas. Digo que ele se abriu, mas na verdade andou ali *às voltas* do assunto, se é que me entende. Eu disse-lhe que por baixo do seu exterior espirituoso me parecia sempre ligeiramente infeliz e conversámos sobre o amor. Uma vez perguntou-me se seria possível amar tanto alguém a ponto de ficarmos cegos em relação a essa pessoa. Respondi-lhe que, no fundo, o amor é isso mesmo. Ver apenas o lado bom da outra pessoa. Disse-lhe que o amor era um tipo de loucura por si só, pois eu só podia estar louca para ter ficado com o meu John tanto tempo como fiquei.

— Acho que *você* é que devia ser psiquiatra — digo-lhe.

Estamos a começar a simpatizar uma com a outra. Um grupo de apoio composto por duas pessoas.

— Depois disso começou a aparecer meia hora antes de o café abrir e eu preparava o pequeno-almoço para os dois. Sondava-o mais um pouco e, por fim, ele disse-me que no passado tinha feito uma coisa má. Na altura pensava que estava a proteger a mulher que amava, mas o incidente estava sempre muito presente entre os dois e, ao fim de uns tempos, começou a recear que houvesse algo de errado com ela. Não era quem ele pensava que ela era. Queria sair de casa, mas ela ameaçava-o com a tal coisa que ele tinha feito no passado. Para não ficar sem ele. Ela disse que o arruinaria.

Ela está a olhar pelo vidro da montra, em vez de para mim, e sei que está a recordar esses tempos, os momentos que a estou a fazer reviver.

— Eu disse-lhe que mais valia deitar a verdade cá para fora do que guardá-la dentro dele e que devia encarar esse seu erro, fosse ele qual fosse. Ele respondeu que tinha pensado imenso nisso. Que não pensava noutra coisa. Mas receava que caso o fizesse, e se tivesse de ir para a prisão, não haveria ninguém para impedir que ela magoasse outra pessoa.

O meu coração bate furiosamente e mal sinto as mãos muito quentes que seguram a caneca cálida.

— Ele alguma vez lhe disse que erro foi esse? — O Rob. Tem que ver com o Rob. Sei que sim.

Ela abana a cabeça:

— Não, mas fiquei com a sensação de que era algo muito grave. Talvez ele acabasse por mo revelar, mas depois *ela* apareceu-me à porta de casa.

— A Adele?

A sua boca contorce-se num esgar amargo perante a referência ao nome, mas ela acena com a cabeça:

— Foi a minha casa. Deve ter-me seguido um dia. Disse-me para não me meter no seu casamento. Disse que eu não podia ter o David e que ele lhe pertencia. Fiquei chocada e tentei explicar-lhe que não se passava nada, e que depois de o meu próprio marido me ter enganado eu jamais faria o mesmo a outra mulher, mas ela não me deu ouvidos. Estava furiosa. Para lá de furiosa.

«Jamais faria o mesmo a outra mulher.» A Marianne é melhor pessoa do que eu. É a minha vez de desviar o olhar, apesar de a

estar a escutar atentamente, assimilando cada palavra sua para estudar mais tarde.

— Disse-me para deixar de falar com ele — continua ela, alheada do meu forte sentimento de culpa. — Que se tivesse juízo deixaria de lhe dar conselhos. Disse que ele nunca a iria deixar e que a amava, e que o que existia no passado deles só a eles dizia respeito. — Ela faz uma pausa e bebe um trago do seu chá. — Senti-me pessimamente. Estarrecida, apesar de não ter feito nada de mal. Disse-lhe que éramos amigos e nada mais. Ela respondeu que eu era uma velha miserável só com um gato por companhia e que nunca nenhum homem alguma vez olharia para mim. Foi um insulto tão infeliz que até me ri. Foi do choque, penso eu, mas a verdade é que me ri. Foi aí que meti a pata na poça.

— Contou ao David?

— Não. Para ser sincera, fiquei surpreendida quando ele apareceu no café na manhã seguinte. Partira do pressuposto de que ele lhe tinha falado sobre as nossas conversas, caso contrário, como é que ela teria conhecimento delas?

Boa pergunta. «Quão longe conseguirás ir, Adele?» Parece que estou ver a Adele a pairar por cima deles, invisível, enquanto eles conversavam. O quão zangada deve ter ficado. Essa imagem leva-me imediatamente à de ela a pairar por cima da minha cama, vendo-me a foder com o marido. «Oh, meu Deus.»

— Mas ele comportou-se como se nada tivesse acontecido. Parecia cansado, sim. Infeliz, sim. De ressaca, provavelmente. Mas não me pareceu que tivesse contado à mulher sobre as nossas conversas. Criei a oportunidade para lhe dizer que falasse com a mulher sobre os problemas entre eles. Ele respondeu que já tinham passado essa fase e que ela nunca tinha compreendido. Era óbvio que me estava a sentir pouco à vontade com a situação, por isso disse-lhe o que pensava realmente. Que ele devia deixar de falar comigo sobre esse assunto e que se era infeliz então que a deixasse e depois arcasse com as consequências. Por essa altura já estava zangada com ela, depois do choque de ela ter aparecido em minha casa ter passado. Achava que ela era uma espécie de harpia. O tipo de mulher para quem nunca nada é suficientemente bom. Ele estaria melhor sem ela.

Simpatizo com esta mulher. Não tem meias-medidas. Duvido que tenha segredos ou que acolha os segredos dos outros ou que seja fantástica a guardá-los. Sinto falta de ser essa pessoa. *Frontal.*

— Aquilo que eu não percebi, contudo — diz ela em surdina —, é que eu é que iria arcar com as consequências. Ou, mais precisamente, o *Charlie*.

Ela apercebe-se da minha expressão de perplexidade:

— O meu antigo gato. Ela matou-o.

O meu mundo começa a andar à roda.

Mais um gato morto. Coincidência? Os meus pensamentos soam como os apontamentos do David. O David, que a Adele diz que matou a gata deles e eu acreditei nela em detrimento dele. «Oh, Louise, minha grande burra.»

— Como? — consigo balbuciar.

— Uma noite ele não voltou para casa e fiquei preocupada. Tinha quinze anos e os seus dias de caçar ratos para trazer para casa há muito que tinham terminado. Passava a maior parte do tempo a dormir no sofá enquanto eu estava no trabalho e depois dormia em cima de mim quando eu chegava a casa. Por muito que me custe admitir, numa coisa ela tinha razão: desde o divórcio que o *Charlie* era a minha única companhia. É difícil adaptarmo-nos à vida de solteiro depois de termos feito parte de um casal.

Sei exatamente a que é que ela se refere. Essa sensação de termos sido deixadas para trás.

— Seja como for — continua ela —, acho que primeiro o envenenou. Não o suficiente para o matar, mas para o domar. Ele era um grande guloso e muito dado. Ia ter com qualquer pessoa que lhe oferecesse um pedaço de frango. Eu não consegui dormir, preocupada sem saber onde é que ele estava, e depois de madrugada ouvi um gemido lá fora. Era um som patético. Fraco. De aflição. Mas era sem sombra de dúvida o meu *Charlie*. Tinha-o desde pequenino, conhecia todos os seus sons. Saltei da cama e fui à janela e lá estava ela. Parada na estrada, segurando o meu gato doente e frouxo nos braços. A princípio fiquei mais confusa do que alarmada. Não fazia ideia do que ela estava ali a fazer tão cedo, mas a minha ideia inicial foi que ele tinha sido atropelado e ela o tinha encontrado. Mas depois vi o rosto dela. Nunca vi uma pessoa com uma expressão tão fria como aquela. Completamente desprovida de sentimento. «Eu avisei-te.» Foi tudo o que me disse. Em voz baixa. Calma. Antes de eu ter tempo para reagir, antes de me aperceber do que estava a acontecer, ela largou-o no chão e quando ele começou a rastejar em direção à porta da frente, ela... ela pisou-lhe a cabeça.

Enquanto ela me olha nos meus olhos arregalados, vejo o reviver do horror nos dela e depois o ligeiro movimento na sua garganta, quando engole.

— Estava de saltos altos — conclui. Não há necessidade de elaborar depois disso.

— Meu Deus.

— Pois. — Ela respira fundo e exala lentamente o ar, como se conseguisse expulsar tudo da sua cabeça com um mero suspiro. — Nunca tinha visto nada assim na minha vida. Aquele nível de raiva. De demência. E também nunca mais o quero ver.

— Ligou para a Polícia?

— Oh, estive para o fazer. Mas primeiro queria que o David visse o que ela tinha feito. Estava quase na hora de vir abrir o café, por isso pensei em mostrar-lho, dar-lhe um choque curto e forte, e só depois chamar a Polícia. Estava zangada e com o coração feito em mil pedaços, mas também estava com medo. Com medo por ele e por *mim*. Embrulhei o meu pobre *Charlie* numa manta e levei-o comigo. Não fazia qualquer tenção de ir trabalhar nesse dia, só queria ver o David e depois ir para casa chorar. Se calhar soa um pouco ridículo, por causa de um gato.

— Não, não soa nada. — Estou a ser sincera e estendo a mão para lhe apertar o braço. Sei o quanto custa estar sozinha e eu pelo menos sempre tive o Adam. Nem imagino como é que ela deve sentir-se.

— A reação do David foi interessante. — Ela está pensativa, agora que o pior da sua história já está despachado. Talvez a minha visita seja uma terapia inesperada para ela. — Na altura não o vi dessa maneira, mas agora sim — continua ela. — Ficou horrorizado, lá isso é verdade. E repugnado e perturbado. Mas não ficou chocado. O choque é algo que não se finge. Pelo menos não devidamente. Acho que até ficou aliviado por ela só ter feito mal ao gato. Isso foi o que mais me assustou nisto tudo. O alívio dele. O que é que ele julgava que ela era capaz de fazer, se matar um gato era motivo para alívio?

As minhas mãos estão a tremer tanto que tenho de as esconder debaixo da mesa. «Oh, Adele. Que jogos é que andaste a fazer comigo?»

— Ele convenceu-me a não apresentar queixa. Disse que conhecia a Adele e que seria a minha palavra contra a dela, e que ela conseguia ser muito convincente. A beleza dela funciona

a seu favor. Mas ele disse-me que nunca mais teria de me preocupar com ela. Iria certificar-se disso mesmo. Disse que tinha feito um donativo à Liga de Proteção dos Gatos. Basicamente suplicou-me que não chamasse a Polícia e eu estava demasiado cansada e emotiva para o contrariar. Só queria que os dois desaparecessem da minha vida.

— Quer dizer que não fez queixa dela?

Ela abana a cabeça:

— Não. Fechei o café durante uns dias e fiquei em casa, desconsolada e também a saltar sempre que a campainha soava, com medo de que fosse ela. Mas não voltou e também nunca mais o vi.

— E ficou por aí? — pergunto-lhe. — Eles foram-se embora?

— Recebi uma carta do David umas semanas depois, enviada para o café. Dizia que tinha arranjado um emprego novo e que se iam mudar. Agradeceu-me pela amizade e disse que lamentava imenso que esta me tivesse sido tão prejudicial, e que jamais se perdoaria por isso. Até fiquei agoniada quando a li. Deitei-a logo no lixo. Queria esquecer tudo o que dissesse respeito àqueles dois.

— Peço desculpa por tê-la feito lembrá-los — digo-lhe.

— E lamento imenso o que aconteceu ao seu gato. Mas obrigada por ter falado comigo. Por me ter contado. Foi uma grande ajuda. Mais do que possa imaginar.

Ela levanta-se da mesa e eu imito-a, as minhas pernas a quererem ceder.

— Não sei em que medida está envolvida com eles e também não me interessa — diz-me ela. — Mas afaste-se. O mais longe possível. São pessoas com muitos problemas e só a vão magoar.

Aceno com a cabeça e esboço um ténue sorriso, apressando-me a sair para o ar fresco. O mundo parece-me demasiado garrido, as folhas demasiado verdes nas árvores, os seus contornos demasiado nítidos contra o céu. Preciso de um sítio onde possa pensar.

Peço um copo grande de vinho e levo-o para uma mesa de canto, ligeiramente afastada da visão dos homens de negócios e dos primeiros clientes para almoçar que aos poucos começam a encher o *pub* de Blackheath com risos e conversas. Mal os ouço. Só depois de ter bebido metade do meu vinho é que o ruído branco

do pânico na minha mente diminui, e resta-me encarar a dura realidade que já não tenho como ignorar.

Acreditei em tudo o que a Adele me disse com tanta facilidade. Engoli tudinho. E era tudo mentira. De repente vejo as minhas discussões com o David com outros olhos. Havia *medo* na raiva dele. Quando me mandou afastar de ambos, não me estava a ameaçar, estava a *avisar-me*. A sua agressividade foi para me proteger. Será que afinal de contas gosta realmente de mim? Estaria a ser sincero quando disse que estava a apaixonar-se por mim?

Oh, meu Deus, tenho sido uma burra, uma grande burra. Apetece-me chorar e o vinho também não ajuda. Eu e uma psicopata fomos melhores amigas. Amigas? Penso melhor nessa palavra. Não fomos amigas, de todo. Eu sou uma mosca que ela apanhou na sua teia e agora anda a brincar comigo. Mas porquê? Se sabe o que se passou entre mim e o David, porque é que não me fez mal?

Preciso de falar com ele. Preciso de falar com ela. Mas quanto é que ela saberá de facto? Saberá que vim aqui e que falei com a Marianne? E porque é que me ensinou sobre os sonhos se tinha conhecimento do que se passava entre mim e o David? Porquê ajudar-me dessa maneira?

Sem conseguir obter respostas, viro os meus pensamentos para o David. Os comprimidos, os telefonemas, o dinheiro. Será tudo uma forma de controlo? Tentar manter o mundo a salvo dela? Ou estará a proteger-se tanto a si próprio como também a ela? Ainda não sei o que aconteceu ao Rob. Ele cometeu um erro no seu passado. «Não», corrijo-me. Não foi isso que ela disse. «Ela disse que ele tinha feito uma coisa má a pensar que estava a proteger a mulher que amava.» Uma coisa *má* é mais grave do que um erro.

Tiro o telemóvel da mala e procuro o número da clínica nos meus contactos, o meu dedo pairando sobre a tecla para marcar. E se ele matou realmente o Rob e eu lhe digo sobre a carta que enviei à Polícia, e depois? O que é que ele irá fazer? Deverei confiar nele e contar-lhe tudo? O meu coração bate a cem à hora perante essa ideia. «Que se lixe», penso. «Segue o teu coração. Por uma vez que seja, confia no David. Lidas com a Adele mais tarde.»

Primo a tecla para marcar e encosto o telemóvel ao ouvido. A Sue atende e eu tento disfarçar a voz. Digo-lhe que o meu nome

é Marianne e que preciso de falar com o Dr. David Martin com urgência. Ela diz-me que vai ver se ele está disponível e eu fico à espera.

Ele há de aceitar encontrar-se comigo. Tem *mesmo* de o fazer.

ANTES

— Porra, quando esta visita terminar nem acredito — diz o Rob, descascando relutantemente as batatas e pondo-as dentro de uma panela com água fria. — Encera isto, limpa aquilo, deita fora isto, esconde aquilo. — Ele olha para o sítio onde ela está a verter água a ferver no recheio moído. — É só um tipo, não é a merda do Papa. — A Adele deita-lhe a língua de fora e ele atira-lhe uma casca de batata molhada.

— Não te preocupes, eu apanho-a! — exclama ele, fazendo troça dela mais uma vez.

— Quero que esteja tudo como deve ser — responde-lhe ela. — Para todos nós. — Ela está tão entusiasmada com a vinda do David que mal dormiu durante a noite, apesar de terem apanhado uma valente pedrada. O Rob, no entanto, está cada vez mais rabugento em relação à visita, apesar de ter prometido ser simpático. Ela está quase certa que é do nervosismo. As pessoas não são a cena dele e, por mais que ela lhe diga que ele irá simpatizar com o David, percebe que ele não está minimamente convencido.

— Vai correr tudo bem — diz-lhe ele, o seu cabelo escuro caindo-lhe sobre o rosto enquanto retoma a sua tarefa. — Quer dizer, se não nos envenenares a todos com esse frango. Certifica-te de que esfregas manteiga suficiente na pele.

As últimas vinte e quatro horas mantiveram-nos ocupados. - Limparam todos os resquícios das suas vidas loucas — não há vestígios de comida de plástico, de charros ou de tabaco espalhados em lado nenhum — e as divisões cheiram a cera e a ambientador. Uma casa de adultos a sério. Inclusivamente o Rob prometeu não mencionar drogas nem ficar pedrado durante o fim de semana. A Adele não acredita nem por um instante que ele não fumará um charro quando estiver sozinho no quarto dele, mas o Rob é esperto o suficiente para abrir uma janela e a casa é

suficientemente grande para não se notar o cheiro.

Quando o frango está finalmente recheado e no forno, ela consulta o relógio — o relógio do David que agora é dela, uma ligação constante a ele — pela milésima vez nesse dia.

— Ele está a chegar não tarda nada — diz ela, com um sorriso. Está radiante, é mais forte do que ela. David, David, David. A cabeça dela está cheia dele. — Dez minutos, ou isso, acho eu.

— Olha que bom! — exclama o Rob. — Já podemos beber um copo?

Ela serve um copo de vinho aos dois, sentindo-se muito crescida com o seu assado no forno e a beber nos melhores copos de cristal dos seus pais. Provavelmente deveriam esperar pelo David, mas um copo irá ajudar o Rob a descontraí-lo. Encostam-se à mesa da cozinha e ela entrelaça o braço no dele.

— O David tem tendência para ser um pouco calado e reservado a princípio — explica ela. — Mas não leves isso a peito. É só a maneira de ele ser. É um pouco tímido. Mas é muito engraçado, quando está descontraído.

— Engraçado como eu? — O Rob olha-a de esguelha e ela dá-lhe uma cotovelada nas costelas.

— É um engraçado diferente. Seja como for, tenho a certeza de que vais gostar dele. Isto se conseguires ultrapassar essa coisa terrível que é ele *preocupar-se* comigo. Quer dizer, que grande lata a dele, depois de tudo.

— Pronto, está bem, já percebi. E *tu* para de te preocupares também, já te disse que vou ser *simpático*.

Ambos sorriem então e ela sente uma certa tensão a sair do braço rijo dele.

— Anda daí — diz-lhe ela. — Vamos esperar por ele.

Pegam nos respetivos copos de vinho e vão sentar-se nos amplos degraus de pedra, e enquanto a Adele observa impacientemente o caminho de acesso à casa, o Rob encosta-se a uma das colunas junto às enormes portas de carvalho e bebe. Tem um ar muito descontraído, o que só reforça a suspeita da Adele de que está uma pilha de nervos.

Por fim, o ronco de um motor trespassa o silêncio, e a Adele deixa escapar um gritinho e corre para o caminho de gravilha, aos saltos.

— Já chegou! Já chegou! — Está incrivelmente entusiasmada.

É como se a sua pequena família estivesse agora completa. Já não precisa de sentir a falta do Rob quando está com o David, nem sentir falta do David quando está com o Rob.

O carro demora cerca de um minuto a percorrer o longo caminho desde os portões, mas assim que ele estaciona, a Adele já está junto à porta, à espera de que ele saia. Olha para trás para o Rob e sorri, e do sítio onde ele se encontra, ainda nos degraus, ele retribui com um meio-sorriso, como se se sentisse subitamente pouco à vontade e deslocado. Ele parece-lhe pequeno e jovem ali parado, e ela quer muito que ele acredite que tudo vai correr bem.

O David sai do interior do carro, alto e corpulento, vestido com calças de ganga e *T-shirt*, um pulôver com decote em bico azul-claro e fino por cima, e, tal como acontece sempre que o vê, a visão dele deixa-a sem fôlego. Ele é um homem crescido. O homem *dela*.

— Ei — diz ele, puxando-a para si para a beijar. — Tive saudades tuas.

— Eu também tive saudades tuas. — Ela não consegue parar de sorrir. Pega-lhe na mão. — Anda.

— E as coisas que tenho no carro?

— Isso pode esperar.

Puxa-o na direção da casa, para o sítio onde o Rob se encontra a mudar o peso de um pé para o outro, de ombros descaídos, como se desejasse que o chão o tragasse por inteiro. Ela compreende. A amizade deles baseou-se sempre única e exclusivamente nos dois. Subitamente acometida por uma onda de solidariedade, larga a mão do David e sobe as escadas a correr até alcançar o Rob, dando-lhe o braço e puxando-o para longe das sombras.

— David, este é o Rob, o meu melhor amigo. Rob, este é o David, o meu noivo. Ordeno-vos que gostem um do outro de imediato. — Ela sorri, sentindo-se perfeitamente feliz. Mesmo depois de tudo, e mesmo aqui nesta casa, seria impossível sentir-se mais feliz do que isto.

Por volta das 22h30 de sábado já todos eles beberam demasiado, mas pelo menos o ambiente está menos carregado do que antes. Fora maravilhoso ter o David nos seus braços, na sua cama e dentro de si ontem à noite, e eles riram e fizeram planos e deram risinhos, mas ela sabia que o David não tinha ficado particularmente impressionado com o Rob.

— Ele é tímido — dissera-lhe ela, enquanto estavam aninhados juntos, posicionados em concha entre os lençóis transpirados.

— Não diz muita coisa. É um bocado estranho — fora o veredicto do David. — Não percebo porque é que gostas tanto dele.

Mas hoje tem sido diferente e ela sente-se aliviada. Quando desceu à cozinha esta manhã, o Rob já tinha começado a cozinhar o pequeno-almoço e em vez de fitar o David com uma expressão carrancuda como tinha feito no dia anterior, tinha estado a fazer uma demonstração de culinária engraçada, alegando ser um chefe francês chamado François des Oeufs e fazendo rir o David com a sua representação exagerada, acrescentando sal aos ovos e fritando as salsichas como se fosse o chefe principal do Ritz. Entretanto o David decidiu alinhar na brincadeira, fingindo ser um emzproado entrevistador da BBC a interrogá-lo sobre as suas técnicas e a coisa descambou rapidamente para uma farsa, com ambos a esforçarem-se para se fazerem rir um ao outro e depois a Adele. Enquanto comeram, o Rob tinha feito algumas perguntas sobre a faculdade e estava claramente a tentar ser simpático, apesar de não ser nada fácil para ele fazê-lo sem ser a representar uma cena disparatada qualquer. O David respondeu a todas as perguntas e apesar de também ele ainda parecer algo hesitante, o pequeno-almoço fora efetivamente um ponto de viragem.

Em seguida tinham ido dar um longo passeio pelo bosque e tinham brincado junto ao poço, e tudo corra bem. Ela tinha adorado o passeio com os dois, o pequeno e magricelas Rob e o seu corpulento e bem-parecido David. É uma sortuda em ter ambos. O Rob estava claramente a fazer um esforço e isso estava a dar frutos. Ela vê o pouco à-vontade do David desaparecer aos poucos.

Sente-se muito satisfeita, sentada diante da lareira, levemente atordoada pelo vinho zunindo-lhe na cabeça. Pode não ter sido o fim de semana perfeito por que ela tanto ansiara, mas aos poucos está a ficar melhor. Ambos são muito protetores dela, é só isso, o que os torna algo desconfiados um do outro. Na verdade, ela é uma sortuda.

O David levanta-se para ir à casa de banho e ir buscar mais uma garrafa de vinho, esfregando-lhe a cabeça ao passar por ela. A sensação dos dedos dele é agradável e ela sorri-lhe, ficando a vê-lo afastar-se. O Rob, deitado em cima do tapete do lado oposto dela, senta-se.

— Que tal é que me estou a comportar? — pergunta-lhe ele. — Melhor do que ontem?

Ela esboça-lhe um sorriso. O seu outro homem:

— Lindamente. Parabéns.

— Se calhar devias ir deitar-te — diz-lhe ele. — Para nos deixares ter uma conversa de homens.

— Para criarem laços afetivos? — Ela dá uma risada.

— Qualquer coisa assim do género. — Ela retribui o sorriso. Um dia há de ser atraente, pensa ela. Quando já não tiver borbulhas, não usar aparelho nos dentes e tiver um corpo mais cheio. Parece ser tão novo em comparação com o David.

— Talvez seja bom para nós podermos conversar sem tu estares presente. Sem ofensa.

— Não fiquei ofendida. — Ocorre-lhe algo. — Mas não fales sobre o meu dinheiro, está bem? — pede-lhe ela. — O David iria ficar chateado por te ter contado. Por favor não digas nada. — As palavras saem-lhe rapidamente ao mesmo tempo que os passos do David anunciam o seu regresso.

— De modo algum — responde-lhe o Rob, fitando as chamas hipnotizantes. — Nem sequer me tinha passado pela cabeça.

LOUISE

Ele está com péssimo aspeto, mas eu também não devo estar muito melhor. Tem os olhos raiados de sangue e, apesar de envergar fato e gravata, tem a camisa amarrotada. Não fez a barba. Desistiu, é a sensação que tenho. Parece um morto-vivo. Os olhos dele desviam-se para o bar.

— Mande vir café para os dois — digo-lhe. — Acho que precisamos de manter a cabeça limpa neste momento.

— Louise, seja lá o que isto for, seja lá o que pensas que sabes em relação à Marianne — ele está de pé junto à mesa e mal olha para mim —, não tenho tempo para isto.

— Senta-te, David. Por favor. — Pego-lhe na mão, de forma carinhosa mas firme, agarrando-a com mais força quando ele tenta libertar-se. É bom tocar-lhe. — Por favor. Preciso de te dizer umas coisas. Coisas que precisas de ouvir.

Uma empregada de mesa traz-nos um tabuleiro com café quente, pousando as canecas à nossa frente e servindo-o com um sorriso bem-disposto, e a cortesia natural típica do David entra em funcionamento, pelo que lhe largo a mão para ele poder sentar-se no lugar em frente ao meu.

— Disse-te para te afastares de nós — diz ele, assim que a empregada se afasta.

— Eu sei. E agora sei que estavas a avisar-me e não a ameaçar-me. Sei o que é que aconteceu com a Marianne. Fui visitá-la.

Ele olha-me fixamente.

— Meu Deus, Louise. Mas a que propósito? Porque é que fizeste uma coisa dessas? — Percebo o medo na sua resposta torta. Agora vejo-o com clareza e sinto-me completamente envergonhada.

— Porque tenho sido uma idiota — replico. — Mais do que idiota. Tenho sido... — Não tenho as palavras certas para o descrever. — Fui enganada e fui uma parva. Fiz uma coisa muito

má e preciso de te dizer. — Ele está atento agora, uma atenção desconfiada. Uma raposa durante a caçada. — Mas primeiro vou dizer-te o que sei, está bem?

Ele acena lentamente com a cabeça. Isto não é o confronto por que esperava e está a demorar algum tempo a interiorizar essa percepção. Quanto é que terá bebido hoje? De quanto é que necessitará para entorpecer o pavor que é a sua vida?

— Continua — diz-me ele.

— Está bem. — Respiro fundo. — Acho que a tua mulher é louca, sociopata ou psicopata, algo do género. Acho que lhe dás os comprimidos porque *sabes* que é louca. Acho que quando o percebeste pela primeira vez tentaste ajudá-la, mas agora estás a tentar controlá-la. Acho que é por isso que ligas para casa com tanta frequência, para saberes onde é que ela anda. Acho que a Adele sabe que dormimos juntos e por isso tornou-se minha amiga, para me virar contra ti, ainda não percebi muito bem porquê, mas a verdade é que tem andado a brincar comigo; comigo e *conosco*. Matou a vossa gata da mesma maneira que matou o gato da Marianne, e tu não podes fazer nada quanto a isso porque ela tem-te na mão e ameaça contar à Polícia o que aconteceu ao Rob. O facto de ele estar morto, algures na herdade dela. Ela disse-me que tinhas matado o Rob...

Ele inclina-se para a frente, para dizer algo, mas eu ergo as mãos no ar, para o silenciar.

— Deixa-me terminar. — Ele recosta-se na cadeira, aceitando a acusação. — Ela disse-me que mataste o Rob — repito —, mas *eu não acredito*. — Ele ergue o olhar, um primeiro cintilar de esperança. — Acho que o que quer que tenha acontecido ao Rob foi obra *dela* e se calhar tu protegeste-a depois do incidente porque a amavas e porque ela tinha acabado de perder os pais. Acho que cometeste um erro terrível e estúpido, e que ela tem usado isso contra ti, para te manter junto dela. — De repente apetece-me chorar e mordo os lábios para conter as lágrimas.

»E eu fui terrível e acreditei nela porque tu não te abrias comigo. Mas devia ter percebido. Devia ter *confiado* nos meus sentimentos por ti, mas depois do lan acho que deixei de conseguir acreditar num homem e acabei por transportar isso para a nossa relação.

»Além de que não é fácil acreditar num homem que anda a enganar a mulher. — Ele parece ficar envergonhado e eu não quero

que percamos tempo com esse pormenor agora. Não neste momento. Não é importante.

»Quando ficaste muito zangado, ameaçando-me para me afastar de vocês, devia ter percebido que estavas a tentar proteger-me dela. Mas não percebi. E ela foi *muito* convincente ao fingir ser uma pessoa frágil. Foi muito ardilosa ao cativar-me. E eu lamento *imenso* ter permitido que ela o fizesse. — Debruço-me sobre a mesa e pego-lhe na mão. — Preciso que me contes tudo, David. Estou do teu lado. Tenho sido uma parva, mas agora preciso mesmo de ouvir da tua boca o que é que se passa realmente, porque estou tão cansada das mentiras da Adele e vou acabar por dar em doida se não souber a verdade.

Ele fita-me durante imenso tempo e eu tenho esperança de que veja a confiança nos meus olhos e os sentimentos que nutro por ele.

— Seja o que for, David. Eu acredito em ti — digo-lhe. — Mas preciso que me expliques tudo. O dinheiro, o que aconteceu ao Rob. Preciso de saber. Porque depois tenho de te contar sobre a coisa má que fiz e o mais certo é passares a odiar-me por isso.

— Jamais poderia odiar-te — responde-me ele e então sinto mesmo que estou prestes a desatar a chorar. Que confusão esta em que me meti. Em que *nos* metemos. Como é que me pode ter passado pela cabeça que ele era um assassino? Ele bebe um trago do seu café e limpa a garganta, os seus olhos desviando-se para o bar. Estará a tentar não chorar também?

— Conta-me — peço-lhe. Um de nós precisa de ser forte agora e essa pessoa sou eu.

— É tudo tão sórdido. — Ele baixa o olhar para o seu café. Tenho a sensação de que não vai erguer o olhar até o quisto infetado que é a história que existe dentro dele rebentar e deitar cá para fora todo o veneno. — A minha vida toda. Mas não começou assim. No início era... bem, era maravilhoso. Meu Deus, eu amava-a. A Adele era a rapariga mais linda que alguma vez tinha visto. Mas não era só isso. Era carinhosa e divertida. Os pais dela não aprovavam a nossa relação. Eu era o rapaz pobre do campo cujo pai tinha gasto tudo o que tinha na bebida, e era quase nove anos mais velho do que ela, além de que a conhecia praticamente desde sempre. Ela costumava seguir-me para todo o lado, enquanto eu estava a trabalhar nos campos à volta da escola, às vezes contando-me sobre os seus pesadelos.

— Ela é a tal menina a quem ofereceste o livro sobre os sonhos.

Ele acena com a cabeça:

— Não que isso tenha ajudado muito.

Se ele soubesse... Deve ter sido esse livro que ensinou a Adele sobre sonhos lúcidos e a segunda porta. Quero mencioná-lo — devo mencioná-lo —, mas primeiro quero ouvir o resto da sua história, antes de o distrair com algo tão difícil de acreditar.

— Mas à medida que ela foi crescendo — continua ele —, bem... parecia... parecia fazer tanto sentido. Ela era aquela criatura etérea que não se importava com as minhas mãos ásperas e o meu pai merdoso; via-me apenas a *mim*. Tinha fé na minha pessoa. Se não fosse ela, jamais teria conseguido frequentar a faculdade de Medicina. Estávamos tão apaixonados. É impossível de descrever. Daquela maneira que só se ama alguém tão perdidamente quando se é jovem. — Ele faz uma pausa. — E depois deu-se o incêndio.

— E tu salvaste-a — digo eu. — Tens as cicatrizes.

— Sim. Pois salvei. Nem sequer senti as queimaduras na altura. Lembro-me do calor intenso. Lembro-me de pensar que os meus pulmões estavam a ficar cheios de bolhas ao mesmo tempo que respirava, mas essencialmente lembro-me de pensar que ela estava morta. Tinha perdido os sentidos. Por causa dos vapores ou da inalação do fumo, algo assim. Não a conseguia acordar.

Recordo ter pensado o mesmo quando tentei acordar a Adele. A sua mão fria. O ter de a abanar. «Há quanto tempo é que ela terá a segunda porta?» Aceno com a cabeça, para que ele continue.

— Foi ela que começou o incêndio? — pergunto-lhe.

— Não faço ideia. Na altura nem sequer pus essa hipótese, mas desde então... — A sua voz perde-se no ar. Imagino que se interroga imenso em relação a isso. — Falava-se em fogo posto. A Polícia achava que podia ter sido eu. E embora achasse que poderia ter sido posto por alguém, nunca me passou pela cabeça que pudesse ter sido ela. Talvez um ex-empregado ressentido qualquer; e havia vários. A Adele era demasiado nova para compreender a natureza dos pais, mas o pai dela não fez propriamente fortuna sem prejudicar umas pessoas pelo caminho. Mas nunca pensei que tivesse sido ela. Ela quase morrera. Se foi *realmente* ela, correu um enorme risco.

— Acho que ela gosta de correr riscos — respondo-lhe.

— Talvez. Mas ficou tão abalada. Não conseguia dormir. Era como se estivesse a desaparecer. Talvez fosse o sentimento de culpa. Dizia que devia ter acordado. Que podia tê-los salvado.

Sono. Sonhos. Estaria a Adele realmente presente quando os pais morreram? Teria ela deitado fogo à casa e transposto a segunda porta para se certificar de que o David apareceria para a salvar? Ou terá sido apanhada pelo fumo e desmaiado antes de conseguir sair do corpo?

— E depois ela conheceu o Rob — digo eu. — No centro de terapia?

— Em Westlands, sim. Gostava muito dele e a amizade entre ambos ajudou-a imenso. Durante uns tempos não me agradou muito a ideia, porque estava convencido de que quem tinha obrigação de cuidar dela era eu, mas estava a recuperar das minhas queimaduras e ainda tinha a faculdade. A Adele insistiu para que eu regressasse; inclusivamente, assim que lhe foi possível, pediu aos advogados para tratarem de todas as minhas questões financeiras, o que me deixou pouco à vontade, mas a verdade é que estávamos a planear casar, e ela disse que eu estava a ser palerma. Bem, ter conhecido o Rob foi muito bom para ela. Eu tinha noção disso. Ele estava presente e eu não. Mas não me agradava o facto de ele ser um ex-toxicodependente e, embora nunca o tivesse dito, acho que ela o sabia. Calculei que a amizade deles terminasse quando deixassem Westlands, mas depois ela convidou-o a ficar em casa dela. Naquela altura ela era assim. Queria ajudar as pessoas. Ou pelo menos assim parecia.

— Então o que é que aconteceu? — «Rob.» O rapaz do caderno. Vou finalmente saber qual foi o destino dele.

— Só estive com ele uma vez. Quer dizer, fui lá passar um fim de semana, por isso é mais correto dizer que estive com ele durante dois dias. Era um miúdo magricelas e borbulhento que usava aparelho nos dentes. Nada de especial. Nem sei do que é que estava à espera. De mais carisma, penso eu. Parecia-me muito miúdo, para quem tinha dezoito anos. Não falava muito, pelo menos durante a maior parte do fim de semana. Limitava-se a olhar fixamente para mim e a balbuciar respostas às minhas perguntas, e depois tinha uns momentos em que se esforçava demasiado para agradar. Certa manhã fez uma imitação pavorosa de um chefe de culinária e eu alinhei na brincadeira, mas para ser sincero fez-me sentir pouco à-vontade. A Adele disse que ele era tímido.

Que não tinha jeito para pessoas, mas eu achei-o estranho, embora não lhe tivesse dito nada a ela. Acabámos por ficar à conversa umas horas no sábado à noite, depois de a Adele se ter ido deitar, mas não havia meio de eu conseguir simpatizar com ele. Não parava de fazer perguntas sobre a nossa relação. Eu tinha a certeza absoluta de que ele tinha ciúme de nós. Quando me vim embora no domingo, desejei que a amizade entre eles acabasse naturalmente em breve. — Ele faz uma pausa e engole em seco. — O meu desejo tornou-se realidade, só que não foi propriamente de forma natural.

— O Rob morreu — digo.

Por fim, ele acena com a cabeça:

— Eu não estava lá quando aconteceu. Foi dez dias depois.

Ele ergue o olhar pela primeira vez, fitando-me diretamente nos olhos:

— Sei onde é que está o Rob, mas não fui eu que o pus lá.

O Rob está morto. E pronto, está dito. Um facto simples. Não é surpresa nenhuma para mim e apercebo-me de que há já algum tempo que estava convencida disso mesmo.

— Eu sei — respondo-lhe e é a verdade. Acredito plenamente nele. Demasiado tarde, talvez, mas acredito. — Eu sei que não foste.

— Ela ligou-me em pânico uma manhã — continua ele, a história agora jorrando de si. — Disse que tinham estado a tomar drogas e que achava que o Rob tinha tomado uma *overdose*, pois quando veio a si ele estava morto. Eu disse-lhe para chamar a Polícia e uma ambulância. Ela estava a chorar. Respondeu-me que não podia. Quando lhe perguntei porquê, disse que tinha entrado em pânico e empurrado o corpo dele para o interior do velho poço seco no bosque, nos terrenos da herdade. Estava praticamente histérica. Eu mal podia acreditar. Era simplesmente... de loucos, penso eu. Meti-me no carro e fui para lá de imediato, a achar que conseguiria convencê-la a contar a verdade à Polícia. Mas ela recusou-se. Disse que tinha medo que depois do que tinha acontecido com os pais e agora aquilo eles a trancassem numa instituição. Iriam pensar que tinha tido alguma coisa que ver com os incidentes. Ela disse que tinha entrado em pânico, mas que não havia como voltar atrás. Disse que ninguém à exceção de nós sabia que o Rob tinha lá estado sequer. Mais ninguém o tinha visto. Nem sequer a família dele sabia. Suplicou-me para que não contasse a

ninguém. Disse que podíamos mudar-nos para longe daquela casa e que nunca ninguém saberia o que tinha acontecido.

— Mas tu sabias — respondi-lhe.

Ele diz que sim com a cabeça.

— No início julgava que o conseguiria fazer; guardar o segredo dela. Protegê-la. E tentei. A sério que tentei. Casámo-nos rapidamente, mas já havia indícios de que as coisas estavam a correr mal. Eu abominava o que tínhamos feito, mas acho que até teria sido capaz de viver com isso se achasse que era algo que a incomodava também, mas ela parecia perfeitamente normal, como se já tivesse esquecido tudo. A vida inteira daquele rapaz. Acabada. A sua morte escondida. Achava que a reação dela era um mecanismo de defesa, para o tentar apagar da sua mente, mas não era o caso. Ela tinha simplesmente esquecido o assunto. Estava *rejuvenescente* no dia do nosso casamento. Como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Depois descobriu que estava grávida e eu pensava que iria ficar ainda mais feliz, mas ela passou-se completamente e insistiu em fazer um aborto; para tirar aquela «coisa alienígena» de dentro dela. — Ele faz uma pausa e a sua respiração está irregular. Isto é duro para ele. Encarar tudo isto. *Partilhá-lo*. — O amor não morre com facilidade, sabes? — Ele olha para mim e eu aperto-lhe a mão com força.

— O meu amor demorou muito tempo a morrer — diz ele. — Inventava desculpas para ela, e precisava de terminar a minha formação e especialidade, pelo que nem sempre via o quanto é que ela tinha mudado. Mas mudara. Andava a gastar rios de dinheiro; mesmo com a sua fortuna...

— Por isso é que agora és tu que controlas o dinheiro?

Ele acena com a cabeça.

— Tinha-lhe devolvido o controlo do dinheiro no final desse fim de semana que passei na casa na Escócia; nunca tinha desejado gerir o dinheiro dela. Mas também não queria que o estourasse todo. E se acabássemos por ter filhos? E se aquilo fosse uma reação emocional a tudo o que ela precisava de ultrapassar? E se mais tarde se arrependesse desses gastos? Ela aceitou deixar-me controlar o dinheiro. Disse que sabia que tinha um problema e precisava que outra pessoa o gerisse. Em retrospectiva, acho que essa decisão foi mais um nó no laço que ela tinha a postos para pendurar à volta do meu pescoço. Bem, continuámos assim durante três ou quatro anos, fingindo que estava tudo bem, mas eu não

conseguia esquecer o Rob. O corpo dele no poço. Até que por fim percebi que o nosso amor tinha morrido com ele naquela noite. Eu não era capaz de esquecer o Rob e não conseguia aceitar o facto de ela ser como é. Disse-lhe que o nosso casamento tinha terminado. Que me ia embora e que já não a amava.

— Calculo que ela não o tenha aceitado muito bem — respondo e, pela primeira vez, ele esboça um meio-sorriso. É desprovido de humor, mas está lá. O *meu* David está lá.

— Pode dizer-se que sim. Ficou histérica. Disse que me amava e não era capaz de viver sem mim. Disse que me tiraria o dinheiro todo e que eu ficaria sem um tostão. Respondi-lhe que não estava interessado no dinheiro dela e que nunca tinha estado. Não a queria magoar, mas também não conseguia continuar a viver daquela maneira. Ela ficou muito calada depois disso. Uma quietude que me assustou. Que *ainda* me assusta. Passei a reconhecê-la como um sinal de algo perigoso dentro dela. Ela disse que se eu a deixasse contaria à Polícia o que tinha realmente acontecido ao Rob. Fiquei confuso. Não percebi o que é que ela queria dizer com aquilo. Depois disse que a verdade era relativa. Que a verdade acabava por ser a versão mais credível dos acontecimentos. Disse que contaria à Polícia que eu e o Rob tínhamos discutido, e que eu o tinha matado e depois atirado para dentro do poço. Fiquei chocado. Aquilo não era verdade. Ela disse que não importava. Que a Polícia iria pensar que tinha sido por ciúmes e como já desconfiavam de mim por causa do incêndio dos pais dela, o mais certo seria darem-lhe ouvidos.

Penso na minha carta. No que tenho para lhe dizer quando ele terminar. «Oh, meu Deus, Louise, o que é que foste fazer?»

— E depois jogou o seu trunfo. A prova que deixaria a Polícia firmemente do seu lado. Algo que ela tem usado contra mim durante o que já me parece ser uma eternidade.

— O quê? — O que poderia ser?

— O meu relógio — responde-me ele, simplesmente. Apercebe-se da minha expressão confusa e continua. — Quando tinha as queimaduras não o conseguia usar. Dei-o à Adele para usar, como uma espécie de lembrança. Mesmo no fecho mais apertado ficava-lhe demasiado grande, mas ela gostava de o usar e eu gostava que o usasse. Não me apercebi de que nos uniria neste inferno para todo o sempre.

— O que é que aconteceu ao teu relógio?

— Quando ela atirou o Rob para o poço, o meu relógio escorregou-lhe do pulso. Ficou preso na roupa dele. — Faz uma pausa e olha para mim. — O meu relógio está dentro do poço juntamente com o corpo.

Olho-o fixamente.

— Oh, meu Deus. — Sinto-me levemente nauseada. Quem é que vai acreditar na versão do David com uma prova como aquela no local?

— O que mais me custa é que a deixei chantagear-me desta maneira. Fui demasiado fraco. A ideia de ir para a prisão, pior ainda, de ninguém *acreditar* em mim, de toda a gente ficar a pensar que cometi este ato terrível, deixou-me sem reação. E se a morte do Rob não tivesse sido um acidente como ela me disse? Tê-lo-ia ela matado por algum motivo? Iria parecer homicídio se o corpo fosse trazido acima? Não me sentia capaz de encarar nada disso. Estava encurralado. Ela prometeu-me que iria portar-se bem. Prometeu-me que poderíamos ser felizes, que eu conseguiria voltar a amá-la. Disse que queria ter um filho. Todas as coisas que achava que me fariam felizes. Parecia-me uma loucura. Não me imaginava a criar um filho no nosso casamento. Já não. Acabei por fazer as pazes com a ideia de que o castigo pelo meu erro e pela minha fraqueza iria ser ficar preso no meu casamento sem amor.

Meu Deus, devem ter sido uns longos anos que ele passou ao lado da Adele, a viver no fio da navalha. Apetece-me uma bebida. Tenho a certeza de que a ele também, mas os nossos dias de bebida estão suspensos para já. Ele não pode continuar a esconder-se no fundo de um copo e eu preciso de ter a cabeça limpa.

— Mas ela não conseguiu controlar a sua doença mental por muito tempo. Fazia o papel da dona de casa perfeita, mas depois tinha uns acessos de raiva incontroláveis por causa de coisas triviais.

— Como o que aconteceu com a Marianne — digo eu.

— Sim, como isso, mas começou há muito tempo. Eu tinha a certeza de que ela andava a espiar-me. Sabia coisas que era impossível saber. Ligava para colegas minhas de trabalho com quem achava que eu me dava demasiado bem e deixava-lhes mensagens desagradáveis. Teve um emprego durante uns tempos, mas depois quando eu me tornei amigo da mulher que geria a florista deu-se lá um incêndio. Nada que pudesse ser atribuído

especificamente a ela, mas o suficiente para eu saber que tinha sido ela. Mudava de trabalho a cada dois anos por causa de alguma coisa que ela tinha feito. Fazíamos *pactos*. Eu prometia ligar-lhe pelo menos três vezes por dia e ela desistia dos seus cartões de crédito. Eu ia diretamente para casa depois do trabalho e ela deixava de utilizar telemóvel. Tudo o que a impedisse de dar cabo das nossas vidas, ou da vida de outra pessoa, com a sua demência. Ela é uma sociopata agressiva incapaz de sentir empatia, disso estou certo. Tem noção do que é certo e do que é errado, mas não como as outras pessoas, e a única pessoa que ela ama, se se pode chamar amor a isto, é a mim. Fará tudo para impedir que alguém se intrometa entre nós dois e é incrivelmente convincente. Quem é que iria acreditar em mim? — Ele olha para mim. — Tu não acreditaste. Engoliste as histórias dela, isco, linha e chumbo.

— Peço imensa desculpa, David. Odeio-me a mim própria por isso. — Preciso de lhe contar sobre os sonhos. Sobre a forma como a Adele o espiou. Como ela sabia as coisas. Tenho de ser sincera com ele. Abro a boca para falar, mas ele está lançado e interrompe-me.

— A culpa não é tua. Ela representou o papel dela na perfeição, e eu fui um traidor embriagado. Nunca devia ter metido conversa contigo naquele bar. Só queria... Só queria ser feliz. Caramba, eu devia ter percebido. — Ele quase bate com a mão no tampo da mesa, num gesto de frustração, mas em vez disso agarra-se ao rebordo de madeira. — Devia tê-lo percebido logo quando ela era miúda. Aquelas coisas dementes que ela dizia.

— Como assim? — Fico muito tensa enquanto pergunto. Vai ser sobre os sonhos. Tenho a certeza. Ela amava o David. É claro que tentaria partilhá-los com ele.

— Quando estivemos juntos pela primeira vez bebemos imenso e ela contou-me que conseguia fazer umas merdas esquisitas quando estava a dormir. Foi muito vaga, mas aquilo soou-me completamente demente. O pior é que a culpa foi provavelmente minha, pois ao que parece tinha tirado essas ideias de um livro *hippie* sobre sonhos que eu lhe tinha oferecido e depois inventou uma série de coisas ainda mais malucas. Limitei-me a rir e a achar que ela estava a gozar comigo, mas quando ficou aborrecida por eu não ter acreditado nela devia ter percebido que aquelas ideias fantasistas eram um indício de algo mais. Ela era demasiado crescida para serem fruto da imaginação infantil. Estava

claramente a exibir sinais de distúrbios graves em desenvolvimento. Quer dizer, quem é que acredita que é possível sairmos do nosso corpo enquanto estamos a dormir? É o tipo de coisa que as pessoas que consumiram demasiado LSD diriam. Por isso sim, devia ter-me apercebido dos sinais. Ou pelo menos devia ter-me lembrado deles quando éramos mais velhos. — Ele olha para mim. — Por isso é que fiquei tão contente por te conhecer. És tão normal. — Ele agarra-me novamente as mãos, como se eu fosse uma espécie de tábua de salvação. — Tens os pés assentes na terra. Os teus pesadelos são só pesadelos e aprendeste a conviver com eles. Jamais acreditarias numa coisa daquelas. Tu és *sã de espírito*.

Oh, meu Deus, se ele soubesse... Agora já não lhe posso dizer nada, não é? «Por acaso tudo o que ela te disse é verdade. Como é que achas que te anda a espiar?» Não lhe posso fazer uma coisa dessas. Não posso fazer uma coisa dessas a *mim própria*. Não agora. Não quando ainda tenho de lhe contar sobre a carta que enviei à Polícia. Ele precisa de factos e de realidade. Não vai conseguir lidar com mais nada.

— É óbvio que ela tem problemas. — É tudo o que consigo dizer. — Lá isso é verdade.

Seguramos as mãos com força e ele fita-me.

— Acreditas mesmo em mim, não acreditas? — pergunta ele e eu aceno com a cabeça.

— Sim, acredito em ti. — De qualquer maneira, isso é visível na expressão do meu rosto. Acredito inteiramente nele. Não matou o Rob.

— Não fazes ideia o bom que é ouvir isso. Mas não sei o que fazer. Já lhe disse que quero o divórcio. Sabe-se lá o que ela fará a seguir. É óbvio que não me vai deixar sair de casa. E eu tenho receio do que te possa fazer. Meu Deus, que grande confusão.

E agora é a minha vez de partilhar com ele o que fiz de errado.

— A confusão é ainda pior do que pensas — digo-lhe. O meu coração bate furiosamente. — Eu tornei-a ainda pior.

— Não vejo como é possível tal coisa — responde-me ele, com um sorriso meigo. — Se ainda consegues gostar de mim depois de tudo o que te contei, se consegues *acreditar* em mim, então as coisas, pelo menos para mim, já estão muito melhor. — Ele está com melhor cara e tudo. Os seus olhos têm mais luz; um fardo pesado tirado de cima dele, ainda que somente por breves instantes.

Então começo a contar-lhe. Que fiz uma pesquisa *online* e enviei a carta ao Angus Wignall da Esquadra da Polícia de Perth, referindo todos os motivos por que achava que o Dr. David Martin se encontrava implicado na morte de um jovem rapaz chamado Robert Dominic Hoyle, e que o corpo deste ainda estaria possivelmente algures na propriedade da Adele. É a minha vez de manter os olhos fixos na caneca de café, enquanto o meu rosto ferve de tão ruborizado. Nem sequer é como a Adele me disse para fazer. Isto é tudo obra minha. Quando termino, ergo finalmente o olhar.

— Como vês, piorei *realmente* a situação — digo-lhe. — Talvez eles a ignorem como sendo a carta de um fanático qualquer. - Talvez o tal de Wignall nem sequer a veja. — Oh, por favor, Deus, que seja esse o caso.

O David recosta-se na cadeira e deixa escapar um suspiro.

— Não, acho que ele vai lê-la. Parecia um *terrier* sempre atrás de mim, tentando arranjar maneira de me atribuir as culpas do incêndio.

— Deves odiar-me — digo. Quero que o chão se abra, me engula e nunca mais me deixe sair de lá. Porque é que estrago sempre tudo? Porque é que sou tão impulsiva?

— Odiar-te? — Ele senta-se muito direito, a expressão do seu rosto uma mistura entre um semblante carregado e um sorriso. — Não ouviste nada do que eu disse? Eu não te odeio. Eu... bem, é mais o oposto. Até gosto de ti pela maneira como acreditaste na Adele. Essa tua ânsia em queres ajudá-la. É algo que eu compreendo bem. Mas não, não te odeio por isto. Em certa medida, o que tu fizeste é um alívio. Tornou tudo mais claro.

— Como assim? — Ele não me odeia. Graças a tudo por isso, porra. Ainda estamos juntos nesta confusão.

— A Adele não sabe que enviaste essa carta? — pergunta-me ele.

Abano a cabeça.

— Não me parece. — Não posso ser mais precisa do que isto. É difícil de dizer o que é que a Adele sabe e não sabe, mas não lhe posso dizer isso, não depois do que ele acabou de me dizer. — O que é que vais fazer?

— Vou até lá — responde-me ele. — Vou lá contar tudo à Polícia. Toda a verdade. Vou resolver este assunto de uma vez.

Não é o que eu esperava, pelo que fico momentaneamente

estupefacta, mas sei que é a coisa certa a fazer.

— Eles vão acreditar em ti — digo-lhe, apesar de eu própria não estar totalmente convencida disso. — Eu acredito em ti. E posso testemunhar a teu favor. E a Marianne também, de certeza.

Ele abana a cabeça, sorrindo ligeiramente.

— Acho que vai ser preciso mais do que isso para contradizer a versão da Adele. Não te esqueças de que o meu relógio está lá.

— Então porquê fazê-lo? — Receio perdê-lo antes sequer de o conquistar. — Com certeza haverá uma alternativa. Porquê ir até lá se achas que te vão prender?

— Para pôr um fim a isto — replica ele. — De uma vez por todas. Devia tê-lo feito há muito tempo. Estou saturado de carregar este sentimento de culpa. Está na altura de aquele rapaz ter um funeral decente.

— Mas não podemos permitir que ela saia disto impune — digo eu. — Ela é perigosa. Porque é que não há de ser ela a arcar com as culpas? A culpada aqui é ela!

— Posso não ser culpado — diz ele —, mas também não sou inocente. E isto é um castigo perfeito para ela.

— Como assim?

Olho fixamente para os seus lindos olhos azuis. Estão serenos e lípidos.

— Eu sou tudo o que a Adele sempre quis — diz ele. — À sua maneira deturpada e louca, ela ama-me. Sempre amou e sempre amará. É obcecada por mim. Se me prenderem, ficarei finalmente livre dela. Não terá mais poder sobre mim. Estarei *livre*.

Sinto as lágrimas a surgirem de novo e dessa vez não as impeço.

— Não podes esperar um pouco? Não podemos passar uns dias juntos primeiro?

Ele abana a cabeça.

— Se não o fizer agora nunca mais o farei, e passar tempo contigo só irá dificultar ainda mais as coisas. Para mim basta-me saber que *acreditas* em mim.

— Quando é que estás a pensar ir? — Não quero saber da Adele. Sei defender-me dela. Agora conheço os seus segredos. Sinto uma pontada de culpa. Não foi intencional, mas tenho um segredo que jamais poderei partilhar com ele, tal como ela também não podia,

— Hoje. Agora. São só 14h30. Não posso ir a casa primeiro,

ela saberá que algo se passa, mas posso já estar a meio caminho da Escócia quando ela finalmente descobrir que parti. Ligo-te quando lá chegar esta noite.

— Não achas que é melhor pensares bem sobre isto? — Estou a ser egoísta, quero mantê-lo aqui comigo, fora da prisão. — Isto está a acontecer tudo tão depressa. É tão...

— Olha para mim, Louise.

Obedeço-lhe.

— Sinceramente... não achas que o que estou a fazer é o mais correto? Manter os sentimentos que temos um pelo outro separados deste assunto?

A julgar pela tranquilidade na sua expressão, sei que ele já sabe a resposta e aceno com a cabeça. É *realmente* o mais correto a fazer. Mesmo que o resultado seja o errado e ninguém acredite nele, a verdade tem de ser dita.

— É tão injusto — digo. Estou em brasa por dentro, a necessitar de fazer alguma coisa. — Talvez devesse ir ter com ela e...

— Não. Não podes fazer isso. Ela é perigosa.

— Mas eu preciso de...

— Ela é uma sociopata, Louise. — Ele agarra-me a mão com força. — Estás a perceber? Não te podes aproximar dela. Promete-me que não te aproximas dela. Aliás, preferia que pegasses no Adam e saíesses de Londres até eu ter feito o que tenho de fazer. Mas pelo menos promete-me que te manterás longe da Adele.

— Prometo — resmungo. Não é justo que ela se safe depois de ter destruído a vida dele. Não é justo que se safe depois de ter dado cabo da minha também.

— Ótimo. Não aguentaria se algo te acontecesse e não quero ter de me preocupar contigo enquanto estou a lidar com uma coisa destas. Amo-te, Louise. A sério que sim.

Ele levanta-se, aproxima-se de mim e começamos a beijar-nos. Ele sabe a álcool velho, rebuçados de mentol e café, mas não me importo. Ele é afetuoso e forte e meu, e novas lágrimas enchem-me os olhos.

— Vai correr tudo bem — sussurra-me quando nos afastamos. — A sério que sim. — Sorri-me. — O que pensas sobre visitas na prisão?

Dou uma risada por entre as lágrimas que teimam em correr.

— Sou muito recetiva a novas experiências.

Ele paga o café, um gesto mundanamente rotineiro que faz

com que tudo o resto pareça ainda mais irreal, e depois saímos para a rua, onde choro mais um pouco no seu peito, sem me importar com quem nos possa ver.

— Vai correr tudo bem — diz ele.

Mas não vai. Não vai correr nada bem, mas aceno com a cabeça e beijamo-nos mais um pouco; lágrimas e ranho e cansaço e álcool velho. Que belo par fazemos. Aninho o rosto no seu pescoço e inalo o seu odor quente, e depois há apenas ar fresco e fumos do trânsito e ele vai-se embora. Fico a vê-lo dirigir-se para a estação de metro. Não olha para trás. Acho que não se atreve a fazê-lo com receio de mudar de ideias.

Isto é tudo culpa minha, penso pela milionésima vez, ao mesmo tempo que me encosto à parede e vasculho a minha mala à procura do meu cigarro eletrônico. Eu e a porcaria da carta. Nem acredito que ele partiu tão rapidamente para fazer frente a tudo. Quão terrível deve ser a sua vida para se sentir aliviado por ir a um sítio que culminará certamente na sua detenção. O fim da sua carreira. A sua vida e reputação em frangalhos, e rotulado de assassino. Limpo as lágrimas do rosto e deixo que a brisa me arrefeça as faces. A culpa não é minha nem do David. Somos meros peões. A culpada é a Adele. A Adele é culpada de tudo.

Penso no segredo que me vi obrigada a esconder do David — os sonhos. As portas. A loucura que é tudo isso. Porque será que ela me ensinou sobre isso se me odiava tanto? Sinto uma raiva imensa dela que se sobrepõe à minha tristeza por causa do David e à pena que sinto de mim própria por ir perdê-lo. Tenho de lhe preparar uma armadilha. Arranjar forma de lhe extrair a verdade. Talvez quando perceber que faça o que fizer perdeu o David ela diga alguma coisa, *qualquer coisa*, que o possa ajudar. Deve haver uma maneira de a fazer *ver* o que está a fazer. Que ninguém ficará a ganhar. E, quanto mais não seja, preciso de lhe dizer exatamente o que penso dela. Está na altura de ter uma conversa sincera com a minha suposta melhor amiga. Eu não menti ao David. Não vou a casa deles. Não vou vê-la cara a cara. Mas também não prometi não *falar* com ela, pois não?

ADELE

Estou sentada na cozinha silenciosa, somente com o tiquetaque regular do relógio como companhia. É um som estranhamente reconfortante. Às vezes interrogo-me sobre isso, a multiplicação de relógios ruidosos no mundo, cada um assinalando incansavelmente a nossa falta de tempo. Devíamos ter pavor deles e no entanto aquele tiquetaque repetitivo tem o dom de apaziguar a alma.

Não sei há quanto tempo estou aqui sentada. Estou a ouvir a batida dos segundos, sem olhar para os minutos ou para as horas. Sinto-me posta de parte da minha própria vida. Redundante. Está quase a acabar, e sinto-me vazia e triste.

Dizem que se amamos alguém devemos deixá-lo ser livre. Bem, eu vou finalmente libertá-lo. Há maneiras mais simples de o fazer do que aquela por que optei, mas não se pode fingir confiança e também não se pode fingir crença ou a constatação de uma verdade. Tem de ser *fresco*. Ele precisava de ver tudo isso claramente nos olhos da Louise. O choque de ter interpretado mal toda a situação. A inocência dele. Eram tudo coisas que eu não lhe poderia dar.

Ele ama-a mesmo. Não posso continuar a ignorar esse reconhecimento. Enfim, *c'est la vie*. Foi bom enquanto durou. Sinto-me meio à deriva, sentada enquanto espero e ouço a minha vida a desaparecer. Sim, concluo, ao mesmo tempo que o toque agudo do telemóvel de pouca qualidade me desperta do meu devaneio com um sobressalto, podia ter feito tudo de maneira diferente, mas desta forma foi muito mais interessante. Pelo menos resta-me isso como o meu canto de cisne.

A Louise, toda ela é energia e raiva e transtorno do outro lado da linha, a antítese da minha calma. Zune-me pelo ouvido dentro, irradiando como calor.

— Há quanto tempo é que sabes? — pergunta-me. Dá para perceber que está a controlar-se imenso para não proferir as

palavras aos gritos. — Quero saber que merda de brincadeira é a tua!

Ela transborda de raiva e isso contagia-me.

— Quem devia perguntar isso era eu, não te parece? Afinal de contas, tu é que tens andado metida com o meu marido.

— O que eu não consigo compreender — diz ela, ignorando a minha investida — é porque é que me contaste sobre os sonhos. Porque é que me ajudaste quando havia o risco de eu encontrar a segunda porta? E que, se o fizesse, iria descobrir isto tudo?

Que cabra ingrata.

— Na altura ainda não sabia. — Contenho a minha própria raiva súbita. — Pensava que eras minha *amiga*. Estava a tentar ajudar-te. Nunca tinha conhecido ninguém como eu e tu fizeste-me sentir menos sozinha. — A sua desconfiança é quase palpável. Um leve susto da respiração do outro lado da linha.

— Só podes utilizar a segunda porta para ir a sítios que conheces. — Falo devagar, certificando-me de que ela assimila tudo. — Se nunca estiveste no sítio, não consegues *ver* nada do que lá se passa. Tens de visualizar os pormenores. — Recosto-me na parede fria. — Foi só uma noite em que estava sozinha e com saudades tuas e transpus a porta para o teu apartamento. Queria *ver-te*. Mas em vez disso vi-o lá contigo. — Faço uma pausa e tento forçar as lágrimas. — Foi então que descobri. Foi *então* que percebi.

Ela é um livro aberto, a Louise. Sei que está a verificar a lógica por trás do que acabei de lhe dizer. Tem demasiada coisa naquela sua cabecinha neste momento para se recordar da conversa que eles tiveram no gabinete, naquela primeira manhã a seguir à sua indiscrição motivada pelo álcool. O gabinete que eu tinha visitado no dia anterior. Mas eu lembro-me. De cada palavra e ato. O nervosismo dela. O pânico dele. E também o calor que emanava de ambos ao encontrarem-se novamente. Lembro-me da raiva imensa que fui obrigada a conter até ter forçado o nosso encontro e ela me ter contado sobre os seus terrores noturnos. Depois disso a minha fúria transformou-se em alegria pura. Uma potencial inimiga transformada em dádiva dos céus em tão poucos segundos. Mas para já, pelo menos, o que eu disse faz sentido na cabeça dela. Também lhe dei uma informação vital. *É preciso visualizar os pormenores*. Olhem bem para mim, mesmo agora, sempre pronta a ajudá-la.

— Porque é que não *disseste* nada? Porque é que me contaste aquela merda toda sobre o David? Fazendo-me pensar aquelas coisas todas em relação a ele? Aquelas *mentiras*.

Sempre à procura de respostas. Sempre a precisar de saber. Ela devia ter seguido a carreira de detetive.

— Mentiras e verdades são apenas perspetivas. E porque é que achas que o fiz? — Concentro-me na tarefa em mãos e levanto ligeiramente a minha voz, zangada e magoada. Ela quer uma confissão, de certeza absoluta, mas eu ainda não acabei de jogar. — Tu eras a minha melhor amiga. A minha primeira amiga a sério em muitos anos. Queria que o odiasses. Queria que me escolheses a *mim*! Porque é que haveria de ficar sem os dois? Parece-te justo? Eu não tinha feito nada de mal!

Essa última frase talvez seja esticar um pouco a corda, tendo em conta o que ela sabe, e devo parecer uma louca a falar. É claro, tanto quanto ela sabe, eu *sou* louca.

— Queria que gostasses mais de mim do que dele. — A minha voz soa mais calma agora, como se a minha explosão de energia tivesse sido um exagero. — Mas tu amava-lo a ele e a única coisa que sentias por mim era pena. Pena e culpa foram as únicas coisas que sentiste por mim, enquanto andavas toda contente a dormir com o homem que eu amo. — Posso não ter grande moral para falar, mas não abduco da minha posição de mulher enganada.

— Isso não é verdade e tu sabe-lo. — Um timbre defensivo na sua voz. Imagino que o seu rosto esteja ruborizado. É tão previsível. — Eu *era* tua amiga — continua ela. — E achava que tu também eras minha amiga, por isso tentei acabar tudo. Tinha começado antes de te ter conhecido. Não fazia ideia de que ele fosse casado. Tentei terminar tudo. E a verdade é que terminou.

É a sua vez de omitir elementos da verdade. Terminou sim, mas só quando eu intercedi e ele tomou conhecimento da nossa amizade. A Louise teria continuado a abrir as pernas para ele, ainda que com um sentimento de culpa, por trás das minhas costas caso ele não tivesse entrado em pânico e posto um ponto final na situação. Para a proteger de mim. O David é mesmo assim. Sempre a salvar mulheres. É claro que essa versão dos acontecimentos não encaixa na visão que ela tem de si mesma, pelo que gosta de pensar que o seu sentimento de culpa teria levado a melhor e que ela teria terminado a relação de qualquer maneira. Mas eu conheço as pessoas. Conheço-a a *ela*.

— Pois, mas agora ficaste sem os dois — diz-me ela, num tom desafiador.

— Não, não fiquei. Ele não me vai deixar. Ele jamais irá deixar-me.

— Não tens mesmo noção nenhuma. — Ela está a falar comigo como se eu fosse uma criança. — Eu acreditei em ti. Acreditei em tudo o que me contaste. E passei essa informação à Polícia.

— Tu o quê? — Emito um quase arquejo. Surpreendida. Ou pelo menos uma boa imitação.

— Escrevi-lhes uma carta. Dirigida ao agente da Polícia que investigou o incêndio que matou os teus pais. O que achava que o David estava implicado. Conteí-lhes tudo sobre o Rob e sobre como achava que o corpo dele ainda se encontrava na tua herdade.

— Fizeste o quê? Porque é que fizeste uma coisa dessas? Nunca te disse para o fazeres.

— Fi-lo porque sou burra e na altura não sabia que eras doida varrida!

— Eles não vão acreditar em ti — murmuro, andando de um lado para o outro no átrio, a minha cabeça baixa ao mesmo tempo que penso a cem à hora. Ela não me pode ver, mas consegue ouvir os meus passos. Pressentirá a minha preocupação. — Não vão acreditar em ti.

— Pois — responde ela —, talvez não. — Uma exalação. — Mas vão acreditar *nele*.

Estaquei de repente.

— O quê? — digo.

— Ele vai a caminho da Escócia, para ir falar com eles. Vai contar-lhes tudo. Vai dizer-lhes toda a verdade.

Um longo silêncio instala-se entre nós, somente o tiquetaque implacável do relógio quebrando o sossego.

— Mas ele não pode! — digo, por fim. — Eles não vão... Ele não pode... Ele não faria...

— Pois, mas fez. E não, não vão acreditar nele. És demasiado boa para isso. Vão prendê-lo.

Ouçó a sua alegria momentânea perante a minha estupefação. Perante o facto de agora ambas estarmos a sofrer. Vejo o potencial amor que ela sente por ele e o qual se negou durante tanto tempo a arder intensamente dentro dela.

— Ambas sabemos que ele não matou o Rob — diz-me ela.

— Porque é que não admites isso mesmo?

— Vão mandá-lo para a prisão — digo, numa voz tão baixa que mais parece um sussurro. — Vão levá-lo para longe de mim. — Lágrimas começam a jorrar pelos cantos dos meus olhos. A mera ideia de me separar do David é capaz de provocar uma reação física em mim, mesmo agora.

— Porque é que não te limitaste a odiá-lo? — É a minha vez de gritar. — Porquê? Porque é que fizeste uma coisa destas?

Ela não me responde, pelo que dou um gemido, qual animal, e deixo-me cair no chão.

— A ideia era passares a odiá-lo — choro ao telefone. — A ideia era escolheres-me a mim. — Encosto os joelhos ao peito ao mesmo tempo que limpo lágrimas ranhosas na minha manga de seda, completamente entregue ao meu papel. — O que é que eu vou fazer agora? Ele não me pode deixar. Não pode. Não vai fazê-lo.

— Já o fez — replica ela, a Louise agora a pessoa calma, agora em controlo. — Mas tu podes impedir isto, Adele. Só tu podes impedir isto. Conta a verdade. Pelo menos a mim, aqui e agora.

«Ai não, minha espertinha», apetece-me responder-lhe numa voz sibilada. «Não vai ser assim tão fácil.»

— Tu és doente, Adele.

«Oh, abençoada Louise, sua tristeza de mulher, ladra de maridos. Ambas sabemos que a palavra em que estás realmente a pensar é “louca”.»

— Os comprimidos que não andas a tomar vão ajudar-te — continua ela. — Se fores à Polícia e lhes contares a verdade, se o que aconteceu com o Rob foi um acidente e tu entraste em pânico, então eles vão ter isso em consideração. A única coisa que fizeste foi esconder o corpo. No caso do David vão achar que foi homicídio. Podem pensar que ele matou os teus pais também.

Reparo que ela tem o cuidado de evitar insinuar que talvez tenha sido eu a matar os três — *a doida psicótica da Adele*.

— Eles vão ser brandos contigo. Circunstâncias atenuantes. Tinhas ficado sem a tua família e tinham andado a fazer terapia. Não te vão mandar para a prisão, quase de certeza.

Oh, ela sabe-a toda. Certo, podem não me mandar para a prisão, mas ouvi dizer que Broadmoor não tem propriamente um ambiente leve, obrigadinha.

— Porque é que ele fez isto? — gemo. — Porquê?

— Ele não te ama, Adele. Há já muito tempo. Está só a tentar cuidar de ti. Fazer o que é melhor para ti.

Apetece-me dar-lhe um soco na cara pela sua compreensão falsa e a sua presunção de que percebe tanto sobre o nosso casamento. Em vez disso, cravo as unhas nos joelhos ao mesmo tempo que ela continua a falar.

— Porquê fazê-lo sofrer? Se realmente o amas, e eu acho que sim, podes salvá-lo desta situação. Não podes ficar com ele, Adele. Não o podes obrigar a ficar contigo. Isso não é vida para ninguém, nem para ti nem para ele. Mas se contares a verdade, se o protegeres agora que ele precisa de ti, então talvez possas corrigir as coisas.

— Tiraste-me tudo o que era meu — torno a sussurrar. Não vou admitir qualquer culpa. Não nesta fase final do jogo. — O que é que vou fazer sem ele?

— Podias fazer o que é correto — responde ela. — *Provar* o teu amor por ele. Acaba com esta merda. Pelo menos talvez assim ele não te odeie. E talvez *tu* não te odeies a ti própria.

— Vai-te lixar — sussurro, desfrutando da palavra grosseira nos meus lábios. Deixo-me ficar sentada por uns instantes, até a raiva explodir de dentro de mim numa saraivada de saliva. — Vai-te lixar! — grito-lhe mais uma vez e depois irrompo em lágrimas.

Ouçõ um clique e o sinal do fim da ligação no meu ouvido, e fico novamente sozinha com o tiquetaque interminável do relógio. «Meu Deus, ela às vezes consegue ser mesmo uma cabra condescendente», penso, enquanto me levanto do chão, enfiando o telemóvel no bolso e limpando as lágrimas. Mas tem razão. Está *realmente* na altura de corrigir a situação.

LOUISE

Estou toda a tremer quando desligo.

Terá ela interiorizado alguma coisa do que eu disse? O que irá fazer agora? Ligar para a clínica? Partir a casa toda quando perceber que eu não estava a mentir? Penso no quão destroçada ela me soou. Não. Ela acreditou em mim. Sabe que ele se foi embora. Tento ligar para o David, mas passa logo para as mensagens. Já deve estar no comboio e não deve haver muito sinal. Praguejo entredentes, mas depois deixo uma mensagem para lhe dizer que estou em segurança.

Em segurança.

O Adam. Tenho de o ir buscar dentro de uma hora. Como é que conseguirei brincar às famílias felizes com ele esta noite? Com tudo o que se tem passado? Oh, meu menino, amo-o tanto, mas não consigo lidar com ele hoje. Estou demasiado distraída. Além do mais, há a questão da Adele. Ela sabe onde é que eu moro. E se a tristeza dela se transformar em fúria? «Sociopata.» Foi assim que o David a descreveu. E se ela vier atrás de mim assim que tiver interiorizado toda a situação? Ponho a hipótese de ir com ele para um hotel, como o David sugeriu, mas isso implicaria muitas explicações ao Ian quando o Adam estiver com o pai. Além disso, uma parte de mim tem curiosidade em saber o quão desvairada a Adele irá ficar. Se ela vier atrás de mim, quero estar preparada. Acho que ela vai perder o controlo agora que o David não está presente. Quase desejo que isso aconteça. Isso ajudaria a dar peso à versão do David sobre os acontecimentos.

Ligo para o Ian, jurando a mim mesma que, aconteça o que acontecer, amanhã levarei o Adam num passeio especial de mãe e filho.

— Ei — digo-lhe assim que ele atende, num tom algo preocupado. Nunca lhe ligo para o trabalho. Esses dias já lá vão. — Não aconteceu nada. Era só para saber se tu e a Lisa me podiam fazer um favor. Mas sei que é um pouco em cima da hora.

— Do que é que se trata?

— Podem ficar com o Adam esta noite? Ir buscá-lo aos Tempos Livres? Tive um imprevisto e já estou atrasada, além de que também me convidaram para jantar logo à noite.

— Claro que sim! — responde-me ele. — Eu ligo à Lisa, para ela o ir buscar.

Percebo o entusiasmo na sua voz. Está convencido de que tenho um encontro amoroso. Finalmente, a sua ex-mulher está a seguir com a vida dela.

— Obrigada — replico. — És cinco estrelas.

— É na boa. E diverte-te!

Despedimo-nos e desligamos. É tão estranho o amor ter capacidade para se transformar em ódio e depois nesta amizade moderada.

Resisto à tentação de comprar uma garrafa de vinho pelo caminho. Por mais que diga a mim própria que só iria beber um copo, com o estado de espírito em que me encontro a garrafa já estaria vazia quando o David ligasse, e não sei se seria capaz de evitar suplicar-lhe para que mudasse de ideias se estivesse embriagada.

E depois, claro está, há a questão da Adele. Se ela aparecer e eu tiver estado a beber, não terei qualquer hipótese contra ela.

ADELE

O tempo nunca para, não é o que se costuma dizer? *Tique, tique, tique*. Hoje também não parou. Este último dia. Não estava nada à espera de que fosse esta noite. Não esperava estar sozinha quando chegasse a hora final. Planeara fazê-lo no fim de semana em que o Adam estivesse fora e o David estivesse aqui. Drogado e a dormir, talvez, mas aqui. Mas os astros conjugaram-se a meu favor, e o Adam está em casa do pai e o David, bem, o David está a caminho da Escócia, na sua missão de autodestruição. De volta à terra natal para limpar a consciência. É muito melhor assim. Por um lado é menos complicado e, ao fim e ao cabo, isto só a mim e à Louise diz respeito. O David é apenas o *prémio* num jogo da corda. E já ambas estamos cansadas de puxar. Está na altura de acabar o jogo. Há que decidir o vencedor e o vencido.

O palco está montado e está tudo a postos. Preparo o quarto, depois escrevo a minha carta e deixo-a dentro de um envelope branco fechado em cima da secretária do David. É um papel de carta novo — caro. Só tem as minhas impressões digitais. Não vão poder dizer que foi o David que me convenceu a fazê-lo. Pensei em tudo e tudo tem de estar perfeito. De *parecer* certo.

Ainda faltam umas horas e uma vez que já ensaiei tudo várias vezes até já não conseguir repeti-lo mais nenhuma vez, percorro a nossa casa vazia para me despedir dela. O meu coração bate com muita força e sinto a boca seca. Não paro de ir à casa de banho. Pela primeira vez, apercebo-me de que estou com medo.

A chuva parou de cair, pelo que saio para o anoitecer fresco lá fora, desfrutando da sensação da pele de galinha. Acalma-me. Preciso de ganhar coragem e sei que não irei fracassar. Os ramos das árvores pendem baixo sobre o relvado e os canteiros de flores, mas estão cobertos de folhas e cheios de vida, e o outono que se acerca ainda não reclamou as folhas para si. É como uma versão mais sensaborona do bosque na herdade. Se ninguém o tratasse, quanto tempo demoraria até toda esta natureza aparada e podada

ficar completamente selvagem? Sinto-me como este jardim. Uma coisa selvagem podada. Deixo-me ficar durante algum tempo, deliciando-me com os odores e a brisa e a visão de tudo aquilo, e depois, quando o fim do dia dá lugar à noite e a minha pele está a tremer do frio, volto para dentro.

Tomo um duche quente e demorado, quarenta minutos, talvez mais. O tempo parece avançar mais rapidamente agora, como se estivesse ciente do meu terror crescente e fizesse troça disso. - Respiro fundo várias vezes no vapor, para acalmar os nervos. Estou em controlo da situação. Sempre estive em controlo. Não me irei tornar uma mulher chorosa, lamurienta e medrosa agora, no fim.

Seco o cabelo, satisfeita com a sua espessura brilhante e depois examino-me no espelho antes de ir buscar o meu melhor pijama de seda. Apetece-me chorar, embora isso seja um absurdo e me faça ficar ligeiramente aborrecida comigo própria. Confirmo que está tudo onde deve estar, apesar de ter preparado o quarto há duas horas e *saber* que está tudo onde preciso que esteja. Pareço o David, sempre a verificar constantemente o paradeiro do seu passaporte, nas raras ocasiões em que fomos passar férias fora do país. Sorrio perante essa recordação. Pensar no David acalma-me. Isto é tudo para ele. Foi sempre tudo para ele. Amo-o tanto, mas tanto.

Olho para o relógio. 22h00. Daqui a mais ou menos meia hora será o momento. Deito-me em cima da cama e fecho os olhos.

LOUISE

Ele só me devolve a chamada depois das 22h00 e por essa altura já estou quase a trepar pelas paredes. Começo a interiorizar a realidade do que ele está a fazer. É possível que a próxima vez que o vir seja do outro lado da mesa de visitas de uma prisão. Estou agoniada e uma pilha de nervos por ter bebido demasiado café forte, por isso ouvir a sua voz é um grande alívio. Está num hotel em Perth à espera do Wignall, que irá de carro ter com ele. Ainda bem que não bebi. Se ele consegue ser forte, então eu também. Falo-lhe sobre o meu telefonema para a Adele, deitando tudo cá para fora num chorrilho de palavras.

— Não consegui que ela o admitisse. Soou-me culpada e ficou muito perturbada, mas não disse que tu eras inocente. Lamento. Queria fazer com que ela visse o que tinha feito. Estava a contar que ela fosse sincera. Queria tentar convencê-la a dizer a verdade sobre o relógio, sobre o que aconteceu.

— Tudo bem, Lou — responde-me ele. Não me parece nada zangado, apenas cansado e resignado. Gosto do som do meu diminutivo nos seus lábios. Implica uma certa intimidade. — Ela não sabe *como* dizer a verdade. Mas tu agora tens de ter cuidado. Não me parece que tenhas a noção de como ela é. Eu não iria aguentar se te acontecesse alguma coisa.

— Não me vai acontecer nada. Prometo. Vou estar exatamente aqui, onde tu precisas que esteja. — Toda eu sou clichês, mas não me importa.

— Acho que é ele que aí vem — murmura o David ao telefone, alguém a centenas de quilómetros daqui captando a sua atenção do outro lado da divisão. — Ligo-te assim que puder — diz ele. — Prometo. E, por favor, não fiques no teu apartamento esta noite, está bem? Vai para casa de uma vizinha, pelo menos.

— David, eu... — Não sei o que dizer. Amo-te? Algo com esse potencial, pelo menos. Nunca tive tanta certeza de amar alguém como com o David. Mas não tenho tempo para concluir a minha

meia declaração de amor. Ouço um clique no meu ouvido, o agente da Polícia exigindo toda a atenção dele.

A tensão sai do meu corpo de imediato. Agora não há como voltar atrás. Já não há tempo para mudar de ideias. Sinto-me oca e vazia, e desejo, algo egoisticamente, que o Adam estivesse aqui para ir ao quarto dele observá-lo a dormir, para recordar a mim mesma que até tive alguma sorte na vida. Em vez disso, vou à cozinha e vou buscar a garrafa de *gin* e o sumo de laranja que tenho no armário. Será melhor do que nada. Estou a meio de me servir de uma quantidade estupidamente grande quando ouço o meu telemóvel. Uma mensagem.

Corro para a sala de estar, o coração na boca. Será o David? Ter-lhe-á o polícia dito para ir para casa e ir tratar da sua própria mente? Tê-lo-ão mandado embora sem sequer o ouvirem? Convencidos de que os estava a fazer perder tempo?

Não é o David. É a Adele. Estava tão convencida de que seria ele que fito o telemóvel por uns instantes antes de perceber realmente de quem se trata e depois sinto um aperto no estômago de nervosismo. E agora? O que é que ela vai fazer agora? Primo a tecla para ler a sua mensagem.

Tinhas razão. Tenho de corrigir a situação. Ser sincera em relação a tudo o que aconteceu. Não posso viver sem o David e eles vão levá-lo para longe de mim. Mas também não posso ser internada. Não posso fazer isso. Não quero estar enfiada num sítio horroroso qualquer com gente doida. A cabeça é minha. Não quero que interfiram com ela. Não sou suficientemente forte para isso, nem para viver sem o David ao meu lado. Por isso vou optar pela solução mais fácil para o salvar. Talvez não seja propriamente fácil, mas é a minha única opção. Parece-me a mais correta também, depois de tudo. Espero que estejas feliz agora. Talvez ele fique feliz agora, sem mim. Eu fui tua amiga, Louise, por uns tempos. Por favor não te esqueças disso.

Fito a mensagem, tentando percebê-la. O que é que ela vai fazer? O que é que ela está a insinuar? Optar pela solução mais fácil? O que é que isso quer dizer? A verdade dos factos está a gritar algures dentro de mim, ao mesmo tempo que o resto do meu cérebro está a tentar acompanhar o raciocínio. É tão longe do

que eu estava à espera que ela fizesse. Mas depois recorro como ela estava ao telemóvel, destrocada e a chorar. Ela pode ser louca, mas ama realmente o David. Nunca esteve sem ele.

«Optar pela solução mais fácil.» Ela vai suicidar-se. Recorro a quantidade de comprimidos no armário deles. Será que os vai tomar todos? Será essa a ideia?

Tento ligar-lhe, mas ninguém atende. Merda, merda, merda. Os meus ouvidos zunem de tensão. O que é que faço? Ligo para a Polícia? E digo o quê? E se nem sequer for verdade? Trata-se da Adele, afinal de contas. Será uma espécie de teste? Um truque? Mas e se não for? Mesmo depois de tudo, não quero o peso na consciência de que poderia tê-la salvado. Como é que posso ter a certeza?

Há uma coisa que posso experimentar, apercebo-me. A minha própria loucura que ela estimulou em mim. A minha nova - capacidade.

Deito abaixo metade do *gin* com sumo de laranja e sento-me no sofá. Se a conseguir *ver* então saberei. Desacelero a minha respiração. Descontraio o pescoço. Não penso em nada a não ser na porta. Concentro-me mais do que nunca e lá está ele, o prateado cintilante. Penso na casa da Adele. No seu quarto. Na cama de ferro cara. A parede de destaque com as três riscas verdes. A sensação da roupa de cama de algodão debaixo de mim. As tábuas do soalho. Por uns instantes julgo que consigo ir até lá, mas depois a porta empurra-me e desaparece. É demasiado longe. Não consigo ir tão longe. Não para já.

Rogando pragas a tudo e a todos, sento-me por fim e pego no telemóvel. Clico na aplicação da Uber. Carros no espaço de dois minutos.

«Eu fui tua amiga, Louise, por uns tempos.»

Que se lixe. Porra, merda, porra! Tenho de lá ir. Tem mesmo de ser. Não tenho alternativa. Nem sequer pego no casaco antes de sair disparada para a noite fria.

O táxi cumpre com a palavra, chegando quase ao mesmo tempo que saio para a rua e depois de gritar a morada ao motorista, deixo uma mensagem no telemóvel do David a dizer-lhe onde é que vou e porquê. Se for uma armadilha e alguma coisa correr mal, pelo menos ele saberá o que é que me aconteceu. *Quem* é que me aconteceu. Tento novamente o número dela. Continua sem atender. Bato o pé de nervosismo e inclino-me para a frente no assento,

como se instigasse o motor a ganhar mais velocidade.

Quanto tempo é que decorreu desde que recebi a mensagem? Dez minutos no máximo, penso eu. Mas talvez sejam minutos a mais. Será que já vou chegar tarde?

Saio do carro antes de este ter parado por completo, entoando as boas-noites para o ar. Subo as grossas escadas de pedra a correr e, com a mão trémula, toco à campainha com força. Ouço a campainha do lado de dentro, mas não vejo luzes nenhuma no piso de baixo. Toco novamente à campainha, premindo-a durante cerca de cinco segundos ou mais, mas nada.

Baixo-me e espreito pela caixa do correio.

— Adele? Sou eu! — Um cheiro acre atinge-me as narinas. Fumo? Ao fundo do corredor, do interior da cozinha, vislumbro um tremeluzir alaranjado.

Oh, merda. Oh, porra! Um incêndio.

O que é que foi que a Adele disse? Que ia corrigir a situação? Estaria a referir-se mais aos pais do que propriamente ao Rob? Um incêndio tinha matado a sua família e houve um incêndio na florista onde ela tinha trabalhado. Será essa a sua cena? Suicidar-se com fogo será a maneira de a Adele equilibrar de alguma forma as coisas? Toco à campainha mais uma vez, o meu rosto ruborizado do pânico, e depois lembro-me da chave e começo a vasculhar no vaso, revirando a terra bem fundo até concluir que não está nada. Ela tirou-a. Não há maneira de eu entrar.

Não sei o que fazer. E se ela não estiver lá dentro? E se estiver a tentar arranjar maneira de me prenderem por fogo posto? Mas, por outro lado, e se estiver lá em cima no quarto, drogada e à espera de arder ou sufocar ou seja lá o que raio for que acontece às pessoas que morrem em incêndios em casa? Bato à porta com força. Ela está tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

«Tão perto.»

Penso na segunda porta. Agora estou perto. Talvez o consiga fazer a partir daqui. Sento-me no degrau de cima e encosto-me ao alpendre, apoiando-me no canto. Respiro fundo várias vezes, a princípio algo trémula, mas depois acalmando. Limpo a mente, concentrando-me na porta prateada. Estou a ganhar o jeito a isto, agora que já não tenho medo. Agora consigo *invocá-la*, em vez de ela me aparecer de forma espontânea.

Quando os contornos estão a cintilar claramente na escuridão atrás dos meus olhos, visualizo o quarto da Adele. A imagem é

nítida. As cores das paredes, o verde de bosques carregados de culpa. A casa de banho privativa no canto. A frescura do ar preso entre paredes antigas, o espelho na parte de trás do roupeiro. Vejo-o com tanta clareza e depois de repente transponho a porta e...

...estou lá, a pairar no quarto. Está escuro, mas vejo a Adele, deitada em cima da cama, imóvel e perfeita, vestida com um pijama bege de seda. Não há sinais de comprimidos ou da água para os tomar, mas sinto um vazio terrível a emanar dela, como se já estivesse morta. Uma inatividade pardacenta paira no ar em redor do seu corpo, ao mesmo tempo que os primeiros vestígios de fumo surgem vindos do átrio lá em baixo.

Ela foi-se, apercebo-me. Não está morta, mas saiu do seu corpo. Não se quer sentir a morrer. Não quer estar presente quando acontecer. Terá receio de mudar de ideias? De entrar em pânico no último instante? Foi isto que aconteceu aos pais dela?

Acerco-me dela ao mesmo tempo que ouço crepitar no piso inferior. Os incêndios não são silenciosos enquanto se espalham e, a julgar pelos sons que ouço, este está a espalhar-se rapidamente. Devia ter ligado para os bombeiros. Devia ter ligado para a Polícia. Devia ter feito *alguma coisa* prática. Não tarda muito um vizinho qualquer irá aperceber-se das chamas, mas já será tarde demais. Seja lá como for que a Adele começou o incêndio, está a aguentar-se. Preciso de a tirar da casa. Num gesto automático estendo a mão para ela, mas não a consigo agarrar, não tenho substância, não sou mais do que energia. O que é que posso fazer? Como é que a posso tirar daqui?

Ocorre-me uma ideia, fresca e límpida, como se a ausência das reações químicas do corpo tivesse reprimido o meu pânico. É uma ideia arrojada e não sei se é possível sequer, mas talvez seja a minha única hipótese de a salvar.

O corpo dela está vazio. E eu estou aqui. Bastariam três ou quatro minutos para descer as escadas a correr e sair da casa, e depois ficaríamos ambas a salvo. É tudo o que me resta. Em breve as escadas vão deixar de ser transitáveis. Há soalhos de madeira em toda a casa. Envernizados. Com que rapidez irão arder?

Fito o corpo dela, ainda ligeiramente surpreendida com a sua beleza, e depois penso nos seus olhos. Cor de avelã. Imagino ver através deles. Como seria estar dentro daquela pele, tonificada e firme e tão magra. Imagino *ser* a Adele, deslizar para dentro daquele corpo, controlá-lo, e depois — ao mesmo tempo que sinto

um safanão terrível algures no meu âmago, uma sensação de que algo está *muito, muito errado* — estou dentro dela.

DEPOIS

— Ela não menciona o incêndio na casa dos pais na carta que deixou — diz o inspetor Pattison —, mas o relatório indica que teve início na caixa de fusíveis. — É um homem gordo e atarracado, cujo fato que enverga já viu dias melhores, mas possui um conhecimento do mundo no seu olhar típico de polícia de carreira. É de confiança. As pessoas confiam nele. É sereno.

— O incêndio que ela deflagrou em vossa casa, doutor - Martin — continua ele — também teve início no armário da caixa de fusíveis na cozinha, por isso talvez seja indício de culpabilidade.

— Fazem ideia do que é que ela utilizou? — pergunta-lhe o David. Está pálido e com o ar abatido típico das pessoas em estado de choque, mas também muito mais leve de espírito. É claro que está. *Ding Dong, a bruxa morreu.*

— Terebintina e panos da louça encharcados.

O David acena com a cabeça:

— Faz sentido. Ela andava a decorar a casa.

— Encontrámos a carta que ela escreveu, a confissão digamos, em cima da sua secretária. Nela confirma tudo o que o doutor disse na declaração que prestou ao detetive inspetor Wignall, em Perth. Pôs o corpo do Robert Hoyle dentro do poço da sua herdade e na altura estava a usar o seu relógio. Recebemos confirmação da Escócia de que o corpo foi recuperado. É evidente que está num estado extremo de decomposição, mas estamos à espera de obter registos dentários por forma a confirmarmos a identidade. Além disso, tendo em conta a forma como a sua esposa morreu, uma *overdose* de heroína, a mesma causa de morte que ela atribuiu ao senhor Hoyle, parece que estava a tentar corrigir os erros dela. Talvez a sua consciência lhe tenha dito para corrigir as duas situações, os seus pais e o Hoyle.

— Mas onde é que ela foi buscar a heroína? — pergunta-lhe o David. — Ela podia ser muita coisa, mas não era esse tipo de

pessoa, de todo.

— O Anthony — digo eu, como se o pensamento tivesse - acabado de me ocorrer. A minha garganta ainda está sensível por causa do fumo e a minha voz soa rouca. — O Anthony Hawkins. Vi-o com ela umas quantas vezes. Talvez lhe tenha pedido para a arranjar?

— Hawkins? — O inspetor assenta o nome.

— É um paciente meu — responde-lhe o David. — Ou melhor, um ex-paciente meu. Toxicodependente e obsessivo. Apareceu lá em casa. — Vejo a luz acender-se então. — A Adele abriu-lhe a porta. Talvez a obsessão dele por mim tenha sido transferida para ela. A Adele é, era, muito bonita.

— Iremos falar com ele. Quanto à carta da sua esposa, a caligrafia é a dela e tinha apenas as impressões digitais dela, por isso não há dúvida de que foi ela quem a escreveu. — Ele ergue o olhar. — O que é uma excelente notícia para si. Embora tenha muita sorte por a carta não ter ardido no incêndio.

— Típico da Adele — diz o David, um meio-sorriso amargo no rosto. — Mesmo nos últimos momentos de vida não foi capaz de me largar.

Mal o estou a ouvir. Só consigo pensar no facto de o David me estar a dar a mão, apertando-ma com força. Não sentia isso há imenso tempo. Ontem à noite, embora fosse o terceiro dia deste purgatório policial, fizemos amor e rimos e sorrimos e abraçámo-nos com força. Tenho a sensação de que estou num sonho.

— O David vai ter de ir para a prisão? — pergunto, - preocupada.

— Não lhe posso responder a isso até a investigação estar concluída. Depois, se forem apresentadas queixas formais, o seu solicitador será informado. Há circunstâncias mitigantes, contudo. Ela estava fragilizada na altura da morte do senhor Hoyle e ele estava a tentar protegê-la. No entanto, mesmo que a morte tenha sido accidental, há ainda a questão de a Adele ter escondido o corpo e o David ter sido cúmplice.

— Eu sei — diz o David. — Não vou refutar quaisquer acusações nesse sentido.

— E calculo que também não possa exercer psiquiatria por uns tempos, certo? — O Pattison exhibe uma expressão solidária. Com tanto criminoso com quem deve ter lidado ao longo dos seus anos na Polícia, o David deve ser o menos provável.

— Não — replica o David. — Imagino que não. Isso é outra resposta da qual estou à espera. Mas não me chateia muito. Talvez esteja a precisar de uma mudança. — Olha para mim e sorri, e eu retribuo o sorriso de forma tão efusiva que penso que o meu rosto vai explodir. Não há necessidade de escondermos os nossos sentimentos do polícia. O caso amoroso, o *amor*, estava bem patente na carta.

Eu sei. Fui eu que a escrevi.

Afasto do rosto uma madeixa do cabelo louro pouco familiar quando saímos da esquadra. O corpo da Louise — o meu corpo — ainda me parece estranho. Carregar de repente mais seis quilos em cima torna-me mais lenta para já, mas estou a gostar de ter mais curvas e se o David gosta delas, então vou deixá-las como estão. Mas ela precisa de óculos para ver à distância. Acho que ainda não se tinha apercebido disso.

Oh, Louise, quão perfeita ela era. Quão maravilhosamente bem representou o seu papel. Mas eu também estou de parabéns. O meu plano correu na perfeição. Após a minha tentativa falhada de comprar heroína naquela passagem inferior pavorosa que resultou num olho negro e em quase ter ficado sem a minha mala, o Anthony Hawkins tinha-me caído no colo e ficou *tão* contente por haver algo que podia fazer por mim. Drogas, seringas, tudo o que eu precisava ele arranjou.

Pratiquei com a heroína, pelo que sabia exatamente com que quantidade devia injetar-me — entre os dedos dos pés e longe dos pontos típicos das picadas de agulha — sem ficar pedrada de imediato. Tinha estado a praticar naquele dia em que a Louise aparecera e depois atribuíra o meu estado à ingestão dos comprimidos. Um bónus inesperado.

Preparei o incêndio, mas não o deflagrei. Quando ficou tarde o suficiente, enviei-lhe a longa mensagem com a minha intenção de me ir suicidar. *Observei-a*. Vi-a a tentar *ver-me* e a desistir. Pouco antes de o táxi ter chegado, ateei as chamas e corri para o piso de cima. Ao som do primeiro toque de campainha, injetei heroína suficiente e depois escondi o resto das drogas debaixo da cama, onde já tinha guardado um par de luvas cirúrgicas do David. Transpus a segunda porta. *Vi-a* lá fora. E eis aqui a parte mais complicada: escolher o momento certo depois de ela estar vazia para entrar nela. Esperar pelo primeiro tremor de que algo estava errado. Uma vibração no ar atrás de mim que me dissesse que ela

ia entrar no meu corpo. Se ela tivesse recuado para o seu corpo, então eu tinha a certeza de que seria expulsa.

Mas a sorte protege os audazes e a pele dela tornou-se a minha. Peguei na chave que estava no lintel da porta, onde eu a tinha escondido, e subi as escadas a correr, por entre o fumo cada vez mais espesso. Ela estava a gemer ligeiramente em cima da cama, os seus olhos vidrados. A heroína inesperada faz isso a uma pessoa. Ela focou levemente os olhos assim que me viu. A Louise ali, por trás dos meus olhos, a ver-me dentro do seu corpo. Ficou com medo então, não obstante a pedrada. Acho que tentou dizer o meu nome. Gargarejou algo, pelo menos. Nem sequer parei para me despedir. Não havia tempo para isso. Calcei as luvas e fui buscar o resto que estava na seringa. Injetei-a/me entre os dedos dos pés. Depois disso foi: boa noite, minha linda e está mais do que feito.

Larguei a seringa no chão, enfiei as luvas no bolso para me descartar delas mais tarde e depois peguei nela em braços, dando graças a mim mesma por ter ficado tão magrinha e dando graças a ela por pelo menos ter ido um pouco ao ginásio. Em seguida, carreguei-a escadas abaixo e saí para a noite. Por essa altura já se ouviam sirenes ao fundo e a senhora de idade baixinha da casa ao lado encontrava-se parada na rua, vestida de roupão e agarrada ao seu cão irritante.

E pronto. Quando os bombeiros apareceram, falei-lhes sobre a mensagem e expliquei-lhes que tinha vasculhado o vaso à procura da chave e depois tinha entrado para tentar salvá-la. Mas por essa altura já ela estava morta. Deve ter morrido a meio das escadas.

Adeus Adele, olá Louise.

Se amamos alguém devemos deixá-lo ser livre. O tanas.

ANTES

— Estava a fazê-lo quando os meus pais morreram — diz a Adele. Estão deitados em frente à lareira, o livro de Shakespeare que ela tem estado a ler para ele posto de parte. — A voar algures. Como se fosse o vento ou algo assim. A pairar por cima da natureza. — Ela devolve o charro ao Rob, não que ele precise. Tem estado a «perseguir o dragão», como ele diz. A fumar mais heroína. Pelo menos não está a injetar. Já é alguma coisa.

— Começou quando eu era pequena — continua ela. — Li sobre sonhos lúcidos num livro antigo que o David me deu e depois de já o conseguir fazer, começou outra *coisa* completamente diferente. No início só o conseguia fazer quando estava a dormir. Talvez fosse uma coisa hormonal ou isso. Talvez não tivesse esse controlo mental em criança. Mas meu Deus, era sempre tão maravilhoso. Esta capacidade secreta. No início eram só sítios que eu conseguia visualizar. E no início não conseguia ir muito longe. Mas depois, à medida que os anos foram passando, fui ganhando cada vez mais jeito. Ou pelo menos passou a ser mais natural. Agora faço-o sempre que me apetece e voo. Tentei contar ao David uma vez, mas ele riu-se de mim. Pensava que estava a brincar. Na altura percebi que jamais acreditaria em mim. Por isso guardei-o para mim. Até te ter conhecido.

— Por isso é que não conseguias dormir — responde-lhe o Rob. Ele pega-lhe na mão e aperta-lha, o que sabe muito bem. Sabe bem poder *conversar* sobre isto com alguém. Partilhar *tudo*.

— Sim — replica ela, em surdina. — Foi por minha culpa que os meus pais morreram. O incêndio foi um acidente, independentemente do que digam, mas se lá *estivesse*, mesmo que estivesse a dormir como seria normal, teria acordado. Podia ter feito alguma coisa. Mas não estava lá. Andava a voar por cima das árvores, a ver as corujas e o bosque e toda a vida que desperta à noite.

— As coisas acontecem — diz o Rob. — Tens de pôr isso para trás das costas e seguir com a tua vida.

— Concordo — replica ela. E depois, mais sinceramente: — E acho que não conseguiria desistir, mesmo que tentasse. Faz parte de mim. De quem eu sou.

— Então a segunda porta é isso — diz ele. — Já me apareceu umas vezes, mas assustou-me um pouco. Escrevi sobre isso no meu caderno.

— Porque é que só me estás a contar isso agora?

— Não queria que pensasses que sou um maluquinho.

Ela aperta-lhe a mão também. Ela ama o Rob, ama-o mesmo. E o David pode não ter gostado muito dele — ela apercebeu-se disso, mesmo que ele não lhe tenha dito nada — mas ela tem a certeza de que virá a gostar.

— Bem, se fores um maluquinho, então eu também sou uma maluquinha — diz ela e depois desatam a rir-se. Ela sente-se feliz. Ele sente-se feliz. E o David é maravilhoso. O futuro dela parece tão risonho. — Adoro o facto de tu também o consegues fazer. É fantástico.

— Ei — diz o Rob, virando-se de lado e soerguendo-se apoiado no cotovelo. — Devíamos experimentar uma coisa. Uma coisa mesmo de loucos.

ROB

Estamos parados junto à sepultura, de mãos dadas. Estamos a deixar o passado para trás ao estarmos ali. A despedirmo-nos. Não há muito para ver, somente um nome e duas datas. O que mais poderia o David ter gravado naquela lápide de mármore preto? Esposa dedicada? Não me parece. E, seja como for, o corpo pode ser o da Adele, mas é a Louise quem está realmente sepultada neste pedaço de terra.

Pobre, doce Adele. A minha trágica Bela Adormecida. Tão doce e generosa, e contudo tão ingénua. Mas eu amava-a à minha maneira, a sério que sim. Mas foi como o Romeu e a Julieta. O Romeu pensava que amava a Rosalinda até ter visto a Julieta. Há amores tão poderosos que fazem esquecer tudo e todos.

Lembro-me bem do momento em que vi o David pela primeira vez. A Adele no caminho de gravilha, entusiasmada como uma criança, e eu, parado na sombra nos degraus, cheio de ressentimento perante a invasão iminente dele ao nosso paraíso.

E depois ele saiu do interior daquele carro velho e foi... uma *revelação*. Por uns instantes deixei de conseguir respirar. Senti-me simultaneamente cego e iluminado. Foi amor à primeira vista — um amor que jamais poderia morrer. A Adele e a sua generosidade serena ficavam muito aquém. O que eu sentia por ela era apenas poeira ao vento. Desapareceu num ápice. O David era forte. Inteligente. Eu adorava a sua personalidade introspetiva. Toda aquela tranquilidade. Acabei por perceber porque é que a Adele o amava tanto, mas também percebi nesse momento como ela o poderia impedir de crescer. Ela era demasiado problemática para uma pessoa tão inteligente como o David. Ele precisava de alguém que fosse seu par. Precisava de *mim*.

Mal consegui falar o fim de semana inteiro, limitando-me a murmurar respostas às perguntas dele ou a fazer figura de parvo tentando ser engraçado, e desejando que a Adele desaparecesse

de vez com as suas merdas e nos deixasse a sós para eu poder desfrutar da presença dele. Nessa altura eu estava certo de que ele tinha de ser meu. Tinha mesmo. Era o destino.

Fiquei acordado as duas noites, a ouvi-los rir e foder, e isso deu cabo de mim. Queria sentir aqueles braços fortes de agricultor na minha pele. Recordei o sexo oral que tinha feito ao enfermeiro de Westlands para obter a erva e pensei no quão fantástico seria fazer o mesmo a alguém como o David. Alguém que eu adorasse. Queria acariciar as cicatrizes do David e recordar-lhe que se não fosse por *ela*, ele ainda estaria intacto. Transpus a segunda porta e observei-os durante um bocado, torturando-me a mim próprio perante a visão das suas costas largas por cima dela, enquanto investia dentro dela. Queria sentir aquele desejo. Aquele amor. Aquele corpo a investir o seu desejo dentro de mim.

Quando ele regressou à faculdade, foi como se me tivessem arrancado a alma. Senti-me vazio. Não queria continuar a viver se não o pudesse ter para mim. Por que razão haveria a Adele de ficar com ele? A Adele dengosa e fraca, que não valorizava nada? Que tomava o amor dele como um dado adquirido? Que tinha todo aquele dinheiro e não se importava com ele? Se eu tivesse isso, e o David, certificar-me-ia de que a vida dele seria *espetacular*.

E foi então que me ocorreu. O meu plano simples e aterradorizador.

— Vamos? — pergunto-lhe, pondo-me em bicos dos pés para o beijar com os lábios carnudos da Louise.

Ele acena com a cabeça:

— O Adam já deve estar a apanhar seca.

Caminhamos sob o sol de fim de tarde de regresso ao carro e eu reflito no quão maravilhosa é realmente a vida quando se está apaixonado.

É mais fácil fazer algo pela segunda vez. Foi mais fácil com a Louise. O meu medo residia na planificação em si. Nas variáveis. No caso da Adele, o meu receio era que não resultasse mesmo depois de ela ter aceitado alinhar na minha ideia louca. «Vamos tentar trocar de corpo! Só por uns instantes! Nunca tiveste curiosidade em saber qual é a sensação de ter uma pila?»

A Louise jamais teria alinhado numa coisa dessas, claro, mas a Adele era jovem e os jovens são notoriamente burros, além de que estava pedrada e satisfeita por ter finalmente alguém com quem partilhar o seu segredo. E, claro, gostava de mim. Uma combinação

perfeita. Eu tinha consumido heroína suficiente, mas não a ponto de ela se aperceber desde que me concentrasse. Saímos para o bosque às gargalhadas — o que é que foi que ela tinha dito? «Se vamos fazer magia vudu o melhor é ser numa clareira à noite.» Foi isso.

E depois trocámos. Deixámos os nossos corpos, contámos até três e entrámos no corpo um do outro. Ela nem teve tempo para se aperceber. Fumar um charro de vez em quando não era a mesma coisa que a potência de uma pedrada de heroína. E no espaço de poucos segundos a agulha estava a entrar. *Overdose* levada a cabo. Tal como fiz para matar a Louise.

Adeus Rob, olá Adele.

Foi muito cansativo levar o corpo para o poço. Os corpos das mulheres são tão frágeis e eu não estava preparado para isso. Tinha as calças de ganga empapadas em folhas secas e lama, e o meu corpo fraco doía ao mesmo tempo que a minha transpiração arrefecia no ar frio e húmido. Esperava que o mundo fosse diferente depois, mas estava tudo na mesma. A única coisa diferente era eu. O relógio ter caído juntamente com ela foi um acidente. Não fiquei particularmente preocupado. Ele tinha-lho dado a *ela*, não a mim. E também não me incomodou muito deixar o meu corpo ali a apodrecer. Nunca tinha gostado dele. Nunca ilustrara bem o que eu era por dentro. Eu era muito mais magnífico do que a minha carapaça pálida e borbulhenta. Mas guardei o caderno. A minha única ligação à minha vida antiga. Rasguei as páginas que mencionavam a segunda porta — não podia dar-me ao luxo de o David descobrir sem querer — e depois escondi-o na caixa dos pertences que restavam da vida dos pais da Adele. Vou continuar a guardá-lo. Quem diria que me seria tão útil? Talvez volte a acontecer.

Não lidei muito bem com o resultado da troca com a Adele. Devia ter demonstrado mais remorsos em relação ao corpo dentro do poço. Esse foi o primeiro indício para o David, acho eu. E depois, claro, a descoberta horrenda de que estava grávida. Estava a ter tantas dificuldades em adaptar-me a todas as outras questões relacionadas com o corpo feminino que nunca mais me lembrei de que devia ter tido o período, e de modo algum estava preparado para ter outra pessoa a crescer dentro de mim. Além do mais, era o filho da Adele, não meu. E eu não queria nenhuma parte dela na minha nova e maravilhosa vida com o David. Também não sabia o

suficiente sobre a Adele. Sobre a história deles. Nada disso me valeu para fazer com que o David me amasse. Fui obrigado a simular vários esgotamentos para o agarrar e depois, claro, recorri a ameaçá-lo.

Desta vez é diferente. O David não conhecia a Louise tão bem como isso, e eu observei e aprendi e memorizei a vida dela; as suas manias, os seus gostos, o seu sentido de humor. Mas ele agora ama-me, vejo-o nos seus olhos. Está liberto do passado. Talvez lhe dê um bebé desta vez. Fazer de nós uma família a sério.

— Onde é que queres ir passar a nossa lua-de-mel? — pergunta-me ele, quando estamos novamente dentro do carro. — Escolhe o destino que quiseses.

Casámos há uma semana, só os dois num registo civil. No dia em que a Adele dentro do meu corpo original foi a sepultar num cemitério da treta em Edimburgo. Mas só agora que estamos ambos oficialmente livres para fazermos o que nos apetecer é que começámos a pensar no que vem a seguir. Finjo pensar na sua pergunta por uns instantes.

— No *Expresso do Oriente* — respondo-lhe. — E depois talvez um cruzeiro.

— Mas tu odeias barcos. — A vizinha soa do banco de trás e não preciso de me virar para ver a expressão sombria no olhar do Adam. Ele sabe que se passa alguma coisa de errado comigo, mas não consegue precisar o quê. — Estás sempre a dizer que detestas barcos — insiste ele.

— Ele está só a ser palerma — respondo, apertando a coxa do David. — Acho que está com medo que me leves para longe dele.

Os meus dentes estão cerrados por trás do sorriso. Há ainda um pequeno obstáculo a ultrapassar para que a nossa felicidade fique completa. O David pode não ter conhecido a Louise muito bem, mas o Adam sim e o Ian também. Essas ligações precisam de ser cortadas. Foi fácil terminar a relação de amizade com a Sophie — uma pequena referência ao marido dela sobre as suas possíveis infidelidades deu conta desse assunto —, mas a saída do Adam da minha vida terá forçosamente de ser mais dramática. Não deverá ser muito complicado de realizar. Toda a gente sabe que as crianças são dadas a acidentes. E, seja como for, a dor tem o poder de aproximar as pessoas, não é verdade?

— Amo-te, Louise Martin — diz-me o David, ligando o motor e arrancando com o carro, deixando o passado para trás.

— Eu também te amo, David Martin — respondo-lhe. — Mais do que alguma vez te possa passar pela cabeça.

AGRADECIMENTOS

Oh, meu Deus, é tão difícil saber por onde começar isto, pois a lista de pessoas a quem tenho de agradecer é longa. No Reino Unido, agradeço à minha fabulosa agente e amiga Veronique - Baxter, da agência David Higham, e também a toda a equipa que fez um trabalho fantástico a vender direitos deste livro em territórios estrangeiros. E, claro, um muito obrigada também a todos os editores que os adquiriram! Estarei para sempre grata a Natasha Bardon, a minha editora na HarperFiction, por me ter dado a oportunidade de lhe falar sobre o meu livro e depois por ter sido fantástica ao fazer com que ele fosse publicado. O mesmo se aplica às equipas de publicidade e *marketing*, ao departamento gráfico e a todas as pessoas que têm sido tão entusiásticas. Estou muito feliz por ter uma casa junto de todos vós.

Nos Estados Unidos, um agradecimento enorme a Grainne Fox, da Fletcher & Co, por fazer um trabalho fantástico e por ter mantido a cabeça fria enquanto eu dava guinchos e risinhos durante todo o processo, e estou encantada pelo facto de a Flatiron Books ser a minha nova casa editorial nos Estados Unidos. Muito obrigada à Christine Kopprasch, minha editora, por ter tido interesse no livro e por ter acreditado nele, e também a Amy Einhorn por todo o seu apoio. Mais uma vez, como aconteceu com a HarperFiction, foi um prazer trabalhar com toda a equipa da Flatiron — eu não podia ter contado com melhores pessoas. Espero que o meu livro faça justiça a todos vós. Sou uma felizarda por ter editores tão fantásticos que me deram excelentes conselhos. Este livro resultou muito melhor graças ao vosso contributo.

Tenho de agradecer também a Baria Ahmed, a minha amiga que, quando o leu, depois de já termos feitos várias revisões, reparou que eu tinha feito referência a um hospital em Perth, na Austrália, em vez de Perth, Escócia. Bem apanhado!

E, obviamente, por último mas não menos importante, muito obrigada a todos os leitores que escolherem este livro. Espero mesmo que ele vos agrade. São vocês que fazem este trabalho valer a pena.

